

LEVANTAMENTO DE PARTICIPAÇÕES NO FÓRUM

Jessica Clementino da Costa

Monitora

Fórum de discussões do Tópico 2

Conteúdo

| | |
|--|------------|
| Tema 1: Definindo Bolo: reflexões sobre as descrições extencionais e intensionais | 2 |
| 1.1 Questionamentos acerca das definições..... | 70 |
| Tema 2: Ambiguidade estrutural..... | 76 |
| 2.1 O papel do contexto e da estrutura sintática | 76 |
| Tema 3: A recursividade: propriedade intrínseca das línguas naturais? Uma questão de estilo?..... | 111 |
| Tema 4: Questões iniciais sobre a teoria X-Barra. | 126 |
| 4.1 A posição do especificador na árvore e seu papel como argumento externo..... | 126 |
| 4.2. Os sintagmas flexionais | 129 |
| 4.3 Noções de constituição e sintagma | 130 |
| 4.3.1 O núcleo do sintagma..... | 132 |
| 4.4 Adjunção e complementação..... | 141 |
| 4.5 Os níveis SS e DS..... | 144 |
| 5. Gramaticalidade e agramaticalidade | 147 |
| 5.1 O uso dos pronomes no PB..... | 147 |
| 6. Dúvidas e questionamentos iniciais sobre a Gramática Gerativa e a Teoria Minimalista..... | 152 |
| 7. Relações entre a teoria gramatical tradicional e gerativa..... | 156 |
| 7.1 O uso da vírgula..... | 156 |
| 7.2. O ensino de Gramática na escola..... | 161 |
| 8. Proximidade entre núcleo verbal e argumento interno: o caso das expressões idiomáticas | 166 |
| 9. Os Papéis Temáticos | 168 |

Tema 1: Definindo Bolo: reflexões sobre as descrições extencionais e intencionais

Pensando na atividade proposta pela professora (descreva um bolo), pensei que ela não estava apenas pedindo para que a gente olhe nos dicionários todas as definições existentes para essa palavra, mas que pensemos em representações. Lembrei do famoso quadro do Magritte: "Isto não é um cachimbo" aqui está ele (ou a representação dele):

http://4.bp.blogspot.com/_SK6wf9tNLiE/SM0KQgL6RYI/AAAAAAAAACA/8_y-sHC_v2Q/s320/Magritte+1929+Isso+n%C3%A3o+%C3%A9+um+charuto.jpg

Quando olhamos para ele, observamos um charuto comum, normal, "puro", tal como o conhecemos e está representado no nosso imaginário, sem estilizações. Logo abaixo, vem a frase: "isto não é um cachimbo".

Uma pessoa que não conheça esse quadro e olhe para ele rapidamente pode pensar: "Como assim não é um cachimbo, claro que é, estou vendo!". Magritte quis justamente passar a ideia de que não é, porque é apenas a representação dele, não um cachimbo real.

Bem, estou pensando nessa viagem toda, porque quando a professora digitou no google ontem a palavra "bolo", apareceram várias imagens de bolo, mas não um bolo real. É claro que isso é óbvio, ninguém iria esperar que um bolo de verdade surgisse do computador dela, mas acho que quando ela nos passou essa tarefa, era para que a gente pensasse em definições, nomenclaturas, categorizações, como ocorre na gramáticas das línguas.

Então, pensei no filme "O enigma de Kaspar Hauser". Resumindo rapidamente, trata-se de um homem que foi aprisionado numa torre, vivia apenas de pão e água, colocados por um homem pela porta, sem ter contato com pessoas ou coisas, apenas com um cavalo de madeira. Logo, a única palavra que ele sabia falar era: "cavalo". Quando ele consegue sair dessa torre, foi aprendendo a falar, como uma criança. Nesse momento, podemos perceber que ele não foi privado apenas da língua, mas também de conceitos, raciocínios.

(aqui tem um trequinho do filme:)

Tudo isso me fez pensar, assim como o exemplo do cachimbo, em nomenclaturas. Para que elas servem? A partir delas é que criamos conceitos ou a partir do conceito é que as criamos? O que vocês acham?

Paula Lage Fazzio - Turma 111

Ai, eu acho que eu passei a noite inteirinha ontem tentando diferenciar, através de algum sema, uma torta de um bolo e a única conclusão à qual eu cheguei é a de que o primeiro tem necessariamente que ter um recheio. Mas isso não é uma grande diferença. Quando ela propos a questão, eu não imaginei que iria ser tão difícil de definir um "bolo", mas quando eu parei para pensar, lembrei que um bolo não precisa ter necessariamente nem farinha, nem ovos, nem leite, nem fermento, e não precisa nem ao menos ser doce (pensando no caso do bolo de carne). Acho também que ele não precisa ter uma forma específica. No começo estava pensando que um bolo necessariamente precisasse ter um determinado tamanho, mas aí lembrei dos Cup cakes. Assim a definição foi ficando cada vez mais difícil. Perguntei para alguns amigos que definição eles darim e só conseguimos chegar nos semas [+cometível], [+cozimento]e [+mais de um ingrediente]. Mas admito que isso de forma alguma consegue definir um bolo, pois esta definição pode abarcar diversos tipos de alimentos.

Acho muito engraçado o fato de eu saber fazer bolos, mas não saber definir o que é um bolo.

Bom, só tentei fazer esta reflexão, pois penso que a professora, além de querer que trabalhemos com nomenclaturas, também que que nós realmente pratiquemos este tipo de reflexão tentando definir este bendito "bolo".

Alguém tem algum sema a acrescentar? Ou discorda de algo que eu apresentei?

Marina Nakai Witt – Turma 111

Só mais uma coisinha: eu penso que as nomenclaturas não criadas a partir dos conceitos numa tentativa do ser humano de categorizar o mundo a sua volta e que, após criada a nomenclatura o conceito vai, muitas vezes, se ampliando ou se modificando e também adquirindo subcategorias na tentativa de abarcar uma maior e diferente gama de coisas novas que vão surgindo e que as pessoas se sentem na necessidade de classificar.

Marina Nakai Witt – Turma 111

Paula, eu já assisti esse filme e achei bem interessante, é um bom exemplo. Eu acredito que vivemos numa época em que tudo é rotulado e há nomenclaturas para tudo, porém é como a Maria Clara mostrou na imagem do pássaro: aquele não é um pássaro, é apenas uma imagem que é no fundo uma série de matrizes interpretadas por um sistema computacional e convertidas em pontos coloridos (eu não quero nem entrar em discussões filosóficas sobre representação porque penso que nos afastaríamos do âmbito deste fórum, mas recomendo a leitura de Schopenhauer - o mundo como vontade e representação.)

Agora com relação ao que a Marina escreveu, quando a professora falou para conceituarmos bolo, eu imediatamente pensei nas outras concepções que a palavra bolo pode apresentar - João levou um bolo da namorada, João é um bolo fofo, etc. Temos que nos fixar na palavra bolo no sentido usual da palavra ou temos que procurar uma definição mais ampla que abarque todos os sentidos possíveis?

José Eduardo da Silva – Turma 111

José e Marina,

Vou listar aqui o significados segundo dois dicionários. Acho que ajuda:

Dicionário da academia brasileira de letras:

1. Iguaria feita de massa de farinha de trigo, gordura, ovo, leite, açúcar etc., cozida ao forno e geralmente de forma arredondada. 2. Dinheiro de apostas coletivas em certos jogos. 3. fam. Palmada: *apanhou meia dúzia de bolos*. 4. Aglomerado, confusão de gente. Dar o bolo: faltar a um compromisso ou encontro.

Aurélio:

bolo: Jogo do solo em que o feito deve fazer todas as vazas.

bolo1: 1. Bola. 2. Iguaria doce feita com massa e que, em geral, se adicionam ovos, gordura, açúcar, etc., e que é assada em fôrma. 3. Iguaria salgada feita de batata cozida, ou carnes moídas, reduzidas a pasta, e então assada ou frita. 4. Ajuntamento confuso de gente. 5. Confusão, desordem. 6. Palmatoada. 7. Quantia formada por entradas, apostas, multas e perdas dos parceiros no jogo. 8. Turfe. Modalidade de aposta incluída entre os concursos. 9. aposta conjunta de diversas pessoas. *bolão*. 10. peso de barro cozido nas redes de pesca. 11. Logro, burla, engano. 12. Dar bolo.

Paula Lage Fazzio – Turma 111

Acho que o que a professora pediu foi uma definição "de máquina" para bolo, isso é, como explicar pra um computador que um bolo é um bolo sem que ele confunda com torta ou pão.

Grosso modo, os traços que eu encontrei foram:

[+massa]

[+fermento]

[+/-doce]/ [+/-salgada] (uma anula a outra)

[+/-cobertura]

[+/-recheio entre duas massas]

| [-recheio na própria massa] (torta = [+recheio na massa])

| [-"buraco" pra recheio] (torta = [+buraco])

| [+forma] (pão = [-forma]) | [-firmeza quando cru] (pão = [+firmeza])

| [+/-massa úmida] (pão = [-umidez])

(só pra esclarecer: no último, me refiro àquelas massas de bolo molhadas com calda)

Charles Igor Bandeira – Turma 111

Acho que justamente a instabilidade de uma definição última e concreta de "bolo" é o que a professora está tentando demonstrar, da mesma forma que um **bolo** (enquanto não estivermos falando de figuras de linguagem) é uma realização do âmbito da realidade, algo feito, e não uma conceitualização formal que se traduz literalmente em um referente externo à língua. Assim como aquela equação matemática assustadora é uma configuração de um pequeno pixel, "bolo" é apenas uma junção de letras, convencionadas em uma forma única, "bolo"), que gerou esse mesmo léxico e que assim se estabeleceu entre nós, com seu conceito aproximado em relação à coisa de fato.

Um "bolo" não é um **bolo** (notaram o negrito jocoso pra tentar diferenciar um do outro?), mas apenas um simulacro linguístico, da mesma forma que as fotos que ela mostrou para gente eram apenas simulacros imagéticos. Não seria "bolo" uma representação formal de **bolo**? Ou seja, usando os termos do Ataliba no texto da bibliografia: o nosso "bolo" (dos estudiosos da língua) seria um objeto interno de contemplação (teórico-gramatical, incompleto), ao passo que o **bolo** seria um obj. externo (completo), como aquilo que um

doceiro/padeiro/cozinheiro faz. O "bolo" seria uma junção de propriedades teóricas ou pontos de vista (gr. *theoría*, meditação, consideração, especulação, ver, observar). Eu gostei também da ideia "+/- traço" do Charles. E essa abordagem justamente exemplifica o que eu acabei de dizer: o "bolo" vira um formalismo do **bolo**. Ah, e Kaspar Hauser é muito bom.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Charles, vendo o teu post eu percebi que é mais complicado do que pensamos e, esperando que você não considere uma ofensa, consigo pensar em "n" formas de um computador (se for para seguir seu objetivo de explicar para uma máquina) se confundir com os traços.

Massa: Pão, torta, cimento...

Fermento: biológico, também em pães, tortas...

Massa úmida: torta, pão doce, etc.

Aparentemente para um computador, ou um site como o google estarem aptos a identificar objetos que parecem tão simples, o caminho é mais complexo do que pensava.

Agora se sairmos no âmbito da máquina e pensarmos numa conversa entre pessoas, por exemplo, numa mãe ajudando um filho a falar, poderíamos definir bolo como: um doce, uma sobremesa, um monte de ingredientes? A criança compreenderia... Mas como? Se nós, estudantes universitários temos tantas dificuldades para definir, o que nos faz compreender? Como é possível "saber o que é e não saber definir" (quem nunca passou por um momento "eu sei o que é, mas não sei falar") não sei quanto a vocês, mas isso me deixa incomodada!

Por fim, aproveitando o gancho de alguns colegas, de onde veio essa nossa "mania" de conceituar tudo? Paula, se eu tivesse que responder tua última pergunta, acho que a conceituação veio depois, meio o ovo e a galinha essa tua pergunta, bem difícil de responder, mas eu arriscaria o conceito vindo depois, creio que com a filosofia, principalmente, que tentando entender a vida tudo separava em partes, definia, explicava, e ensinava a imitar. Acho que a moda pegou!

Caroline Ferreira Battistini – Turma 111

Pensando no sentido literal mesmo, um bolo é uma junção de diversos ingredientes, sendo os básicos ovo, farinha, fermento e leite. O bolo pode ser preparado de diversas formas e aí entram as receitas, a cada receita diferente temos um bolo diferente. Penso que a receita é a chave principal para a existência do bolo, precisamos da medida exata de cada ingrediente para que aquela comida tenha a aparência, gosto e assim possa ser chamada de "bolo".

Eu me limitei ao sentido da palavra bolo apenas como comida, mas no PB sabemos que o termo bolo pode ser aplicado a diversos sentidos distintos. Exemplos: "um bolo de roupas", "vamos participar do bolão da sena?", "ali tinha um bolo de gente", ou ainda mesmo "Caramba, ele me deu um bolo!".

Gabriela Ribeiro Martins Neta – Turma 111

Concordo com sua visão, Pedro. Não sei se estou fazendo confusões, mas a ideia de "bolo" como simulacro linguístico não se encaixaria na ideia de "bolo" como sendo o significante, e **bolo** como sendo o significado? (Lembrando das aulas de EL...).

O que eu queria dizer sobre o assunto você resume em: "*O 'bolo' seria uma junção de propriedades teóricas ou pontos de vista (gr. *theoría*, meditação, consideração, especulação, ver, observar).*", pois pensei que a imagem (ou melhor, o significado) correspondente ao significante "bolo" é construído a partir de um senso comum sobre o assunto: Acho que, como eu, a maioria das pessoas, ao tentar imaginar o que é "bolo", chega numa imagem bem parecida, que é a descrita no dicionário, conforme Paula Lage postou ("*Iguaria doce feita com massa e que, em geral, se adicionam ovos, gordura, açúcar, etc., e que é assada em fôrma.*"). E esse significado, creio, é construído devido ao número de ocorrências, ao longo dos anos em que adquirimos a linguagem, em que "bolo" é associado a esta "iguaria doce feita com massa" etc., talvez até com forte influência das festinhas infantis...

Beatriz Fuser – Turma 111

Acho que a criança entende o que é um bolo pela assimilação imagética de alguém tendo apontado para ela um **bolo** antes e falando "Isto é um bolo", como uma intuição comparativa. Nós, por outro lado, temos dificuldades para definir, porque qualquer definição (conceito, abordagem à coisa) é incompleta. Nós sabemos o que é por uma intuição conceitual-relacional ("bolo" = **bolo**), agora, quando tentamos sair do intuitivo, nós estagnamos, porque, no final das contas, nós só sabemos, pois passamos pelo mesmo processo da criança.

Aliás, Caroline, de acordo com Saussure, a conceituação teria vindo antes da coisa. Não que ele seja necessariamente a palavra apodítica, mas só trazendo referências para a conversa mesmo; de acordo com Platão, por exemplo, haveria a Ideia, absoluta, então os graus de participação nessa Ideia-Verdade, e daí os nossos conceitos, que seriam mais ou menos partícipes disso, e se exprimiriam conforme a nossa língua aborda o mundo; há em Platão e Saussure certa concordância. Mas não entendi a sua reclamação quanto à "'mania' de conceituar tudo". Sem exceção, tudo que você disse, noética ou metalinguisticamente, foi conceituação.

E me desculpem: eu tenho que parar com essa coisa de falar em Platão num tópico sobre bolos. Isto, sim, é mania, e das ruins mesmo.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Poderia, talvez, estar faltando algum traço que faça referência à característica quantitativa do bolo? Ou seja, algo como [+para mais de uma pessoa]? É claro que existem bolos individuais, mas em geral eles levam alguma subclassificação como "mini-bolo". Não consigo desassociar a imagem de bolo de algo coletivo, e as definições de "bolo" (no sentido não literal) dos dicionários também parecem remeter a algo numeroso ("um bolo de gente"), talvez derivadas da ideia de bolo, no sentido literal, como algo grande/volumoso.

Beatriz Fuser – Turma 111

Concordo, Caroline. O erro tá na minha expressão.

Mas o que eu quis mostrar ali é partindo do pressuposto que a máquina saiba o que é cada um daqueles traços. Se eu fosse descrever cada um até a exaustão, viraria atomística, daí o "grosso modo" no meu post.

Charles Igor Bandeira – Turma 111

Aproveitando a referência: A descrição do filme "O enigma de Kasper Hauser" (o qual ainda não assisti), feita pela Paula, me pareceu em parte ligada/inspirada no Mito da Caverna (ou Alegoria da Caverna), de Platão. Acho que não cabe discorrer muito sobre o assunto aqui, então fica só a observação.

Beatriz Fuser – Turma 111

Aliás, Beatriz e Charles, quão legal seria se a Palmirinha desse as receitas dela assim, por traços?

"Nesse bolo de cenoura vai (acompanhem aí na telinha!):

+ massa;

+ fermento;

- salgado;

3 colheres de + margarina;

2 + cenouras;

..."

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Caroline,

eu acho que Saussure explica muito bem o porquê de conceituarmos tudo. Ele diz em seu livro "Curso de Linguística Geral" que **"a língua é também comparável à uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som é o verso; não se pode cortar um sem cortar o outro; assim tampouco na língua se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som..."**

Assim conseguimos pensar na ideia de "valor linguístico" e, logo, em significado e significante.

Ao ouvir "bolo" meu conceito é um bolo de chocolate enorme, molhadinho, com uma calda de brigadeiro maravilhosa caindo pelas bordas e com uns granuladinhos espalhados sobre a superfície...(meu Deus, como eu sou gorda)

Joice Rodrigues - Turma 111

Como vocês, a primeira coisa que fiz foi procurar no dicionário (Aurélio) as definições para BOLO, já relacionado por outro aluno neste Fórum.: Mas fiquei surpresa de ter encontrado duas palavras BOLO:

1ª vem de BOLO : significa uma espécie de jogo de solo com cartas.

2ª vem de BOLA : vários significados, a maioria já conhecemos. O termo vem de BOLA, por motivo da forma arredondada dos bolos.

Achei interessante a variedade de significados vinculados a "BOLA", o que me levou a lembrar do texto que a professora nos cedeu de Foucault, que mencionava "uma certa enciclopédia chinesa" que dava uma relação impossível para nosso pensamento sobre o assunto "os animais se dividem em". O único vínculo que une a relação desconexa da divisão dos animais é a série alfabética que os descreve. Temos coisas como: embalsamados, sereias, cães em liberdade... Se pararmos para pensar , temos também uma relação de significados

no dicionário, vinculados ao termo BOLA, com a diferença que fazem sentido em nosso pensamento estarem relacionados (na enciclopédia chinesa a distorção é tamanha que nos impede de achar uma coerência na reunião dos itens).

Ainda pensando sobre isso, me lembrei de um filme ("Nell"), no qual uma jovem foi criada totalmente isolada do mundo, por uma mãe que tinha uma paralisia facial. Ao aprender a falar adquiriu toda a pronúncia fonética da mãe. Quando a mãe faleceu, acabou sendo introduzida na sociedade, mas descobriu que não conseguia se comunicar. Ela falava e pensava na linguagem do modo como aprendeu durante toda sua vida. Ninguém a entendia e ela também não entendia nada. O que me levou a pensar que apesar disso ela usava uma gramática..

Gramática (abordagem generalista), "não se vincula a esta ou àquela língua em especial, senão a todas. Contém o germe estrutural de todas, realizando a conexão essencial de uma com as demais."

Logo semanticamente, BOLO tem o mesmo significado para nós e para "Nell", e ela usava também regras de gramática normativa para construir suas frases.

Anexei um trecho do filme " NELL" para vocês observarem como ela falava:
<http://www.youtube.com/watch?v=jiW6wxkCX1E&feature=related>

Debora Valery Ruiz – Turma 111

Pessoal, boa noite!

Vou pelo caminho da Debora Valery Ruiz. Creio que a definição irá de acordo com o conhecimento ou informação que temos. Por exemplo, para mim bolo é definido como algo "de chocolate, com recheio e gostoso". No entanto, para minha mãe que é boleira, a definição de bolo é "ovos + manteiga + farinha + leite + chocolate + recheio + açúcar + fermento". Imagino que para um químico bolo é outra coisa, e assim por diante. Quero dizer que o conhecimento sobre o que é bolo varia de acordo com as informações que cada ser tem a respeito, e essa irá interferir na definição ou conceito do que é bolo. Penso nisso porque ao olhar para a foto da cacatua notei que meu vizinho de dois anos ao ver aquela imagem diria, "passarinho", eu digo, "que foto bonita", um biólogo diria, "uma cacatua", o programador que criou aquela imagem diria outra coisa.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Creio que, inevitavelmente, ao tentarmos descrever "um bolo" (ou qualquer outra coisa), vamos repetir um conjunto de informações socialmente partilhadas à luz de nossa experiência pessoal a respeito de "bolo" (ou do que mais estivermos falando). Alguém seria capaz, afinal, de descrever algo de maneira absoluta? Me parece que o objeto de investigação da sintaxe gerativa, nesse caso, seria a descrição do sofisticado aparato de que dispõe nosso cérebro para representar essas relações de sentido. (Se, de fato, consegue, aí já é outra história...)

Aline de Oliveira Santana – Turma 111

1. Iguaria feita de massa de farinha de trigo, gordura, ovo, leite, açúcar etc., cozida ao forno e geralmente de forma arredondada.

Com relação à primeira definição que você nos apresentou ("1. Iguaria feita de massa de farinha de trigo, gordura, ovo, leite, açúcar etc., cozida ao forno e geralmente de forma arredondada"), acho que ela se dá de forma bem restrita, pois há diversas receitas de bolos sem farinha (eu mesma já fiz um que com certeza era um bolo. rs), como este <http://www.receitas.com/maisvoce/bolo-sem-farinha-4d50bcc452e0b252bc005f3e>, há também bolos veganos, ou seja, sem leite e sem ovos, e também bolos sem açúcar, como bolos de carne ou bolos diet. Já com relação à forma arredondada, eu não acho que faça muito sentido, todos os bolos que eu já vi minha avó fazer são de formas quadradas e quem é um dicionário contra um bolo de avó????

Já com relação à segunda afirmação, além de não haver nada que diferencia um bolo de uma torta ou de um pão, não há muitas afirmações categóricas à respeito nem dos constituintes e nem da coisa em si.

Marina Nakai Witt – Turma 111

Acho que isso fica especialmente claro quando consideramos outras línguas (ou seja, outras culturas, outros recortes de mundo). Os orientais, por exemplo, que não partilham de nossa visão cristã-racional-linear-baseada-na-causalidade, não têm um tempo verbal futuro como temos no português, posto que entre eles não há essa demarcação entre presente, passado e futuro como há para nós (o presente seria produto do futuro, mas isso já são questões filosóficas totalmente off-topic...). Se um determinado prisma cultural é capaz de promover diferenças tão drásticas entre os *sistemas* das línguas, que diremos então do léxico, que ocupa senão posição periférica numa língua?

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Com relação à isso eu já não sei, pois eu assiti a aula no segundo horário ontem e ela nos pediu para definir apenas "bolo" e não a máquina.

Marina Nakai Witt – Turma 111

Observando a figura abaixo, vê-se uma analogia do conteúdo do bolo e os ingredientes independentes com a construção de frases. Seus ingredientes se associam de modo a formarem uma massa de cor única e perfeitamente associados.

Um bolo se assemelha a uma frase, pois possui ingredientes distintos que tem seu valor,mas quando unidos fazem uma deliciosa massa. Uma palavra tem seu significado, mas uma união de palavras pode criar uma fábula, uma poesia...

O bolo e o arco-íris

A massa saboreio

E no céu busco um meio

De 7 gatos encontrar a sorte

Aquele que pronto o bolo olhasse

De ponto em ponto a voz lhe abrace

No mundo pudesse trazer um enlace

Um nome a poder definir

Sem de 7 cores fugir

O bolo a bola gira

No bolo o povo se anima

De qual de duas em 7 se faz um nome

Qual bolo lhe tem

A sorte de engolir o bolo que lhe vem

Debora Valery Ruiz – Turma 111

<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/47201-bolo-sem-fermento.html>

<http://www.suareceita.com.br/receitas/1929-bolo-sem-fermento>

Lá se vai o [+fermento]

Agora, o que você quer dizer com "buraco" para recheio? Nessa torta, por exemplo, <http://www.dicaslegais.net/torta-de-liquidificador-uma-delicia/>, não tem buraco.

E por que o seu pão tem [-forma]? Onde você classifica o pão DE forma?

E por que o pão tem [-umidez]? E o pão doce? <http://mdemulher.abril.com.br/culinaria/receitas/pao-doce-creme-coco-402271.shtml>

Pra mim só sobrou o [+massa]

Marina Nakai Witt – Turma 111

Alexander,

Concordo com você que qualquer definição, de qualquer coisa, depende da cultura em que se insere, e os exemplo dos tempos verbais é bem claro; e esta diferença não se dá apenas nas culturas de língua oriental, mas também nas africanas e até em linguas do tronco indo europeu, como o grego, que embora tenha um passado, um presente e um futuro, tem uma visão temporal diferente da nossa, dando enfase sobretudo ao aspecto (ou seja, pontualidade ou durabilidade da ação) em vez do tempo, como nos entendemos - ou seja, mesmo em uma cultura racional-linear as definições variam. Enfim, como você mesmo disse, se um conceito que parece tão universal, como o tempo, pode ter diversas interpretações, o que dizer da definição de uma palavra (como bolo), que varia dentro de uma mesma cultura, e até mesmo de pessoa para pessoa. Por fim, só pondero se o léxico ocupa mesmo uma posição "periférica" na língua, embora entenda que talvez você queira dar a entender que o léxico é mais volúvel do que outras estruturas e níveis da linguagem, e podem variar mais que outras.

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Concordo com Daniel sobre cada um ter um conceito diferente de bolo. Para o químico, o conceito vai se ligar à matéria, para a criança, ao sabor, para um boleiro, à receita, ao sabor, recheios e aparência. E para mim, que cresci num outro país com uma cultura bem diferente do Brasil, acabo imaginando um bolo com morango e

chantily, cortado na forma triangular.
Acho que esse conceito de bolo deve variar mesmo entre os que compartilham da mesma cultura, já que "a mesma realidade, a partir de experiências culturais diversas é categorizada diferentemente", como está no livro "Introdução à Linguística".

Erika Tiemi Hirata – Turma 111

Aliás, essa questão toda sobre representações implicaria que os sistemas propostos pelas teorias linguísticas, mesmo os que atingem maiores níveis de abstração, sejam eles mesmos representações de um correlato indescritível e talvez incompreensível. Não?..

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Só pra ratificar, não vi que esta questão social-cultural começou com a Aline, e por isso coloquei como remetendo o Alexander. Só pra constar mesmo.

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Sim, em outras palavras, é isso mesmo. Eu quis dizer que o léxico é a parte mais efêmera da língua, posto que as mudanças sempre começam por ele. Não lembro exatamente qual linguista disse uma vez que "o léxico é a franja da língua", por isso usei a palavra "periférico".

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Bom, ainda não li todos os textos indicados, mas vou arriscar já alguma participação antes que o "bolo" de postagens aumente...

O que nos foi pedido em aula não foi apenas uma definição de bolo, mas uma definição CONCEITUAL de bolo. Ou seja: a questão de o que seja uma DEFINIÇÃO CONCEITUAL, nesse caso, pode ser tão ou mais importante que o bolo. Na verdade, poderíamos estar aqui tentando definir qualquer outra coisa e estaríamos no mesmo enroscado. O problema não é o bolo, é a questão de como definir algo conceitualmente. Será que existe apenas uma forma pela qual definir algo conceitualmente?

A definição de conceito no dicionário é vasta. Mesmo se pensarmos filosoficamente, há várias escolas filosóficas e o significado de conceito não é igual para todas elas.

Vou colocar aqui uma definição [do Houaiss] que me pareceu boa para o debate: "noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar, de modo generalizado e, de certa forma, estável, as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas [Um conceito possui: *extensão*, que é o número de elementos da classe em questão (o conceito de 'animal' tem maior extensão do que o de 'vertebrado'); e *compreensão*, que é o conjunto dos caracteres que constituem a definição ('vertebrado', que não inclui todos os animais, tem compreensão mais detalhada do que 'animal').]

Vou arriscar encaixar um bolo no parágrafo acima: No caso da extensão, por exemplo, eu colocaria uma gradação que em um extremo teria algo como "massa coesa" (podendo passar por massa coesa de gente, de barro, de farinha com algo para dar liga, de cimento, de átomos, de carne, de massinha, de coisas mais abstratas como problemas, sensações etc., enfim...) e no outro extremo poderia ter algo como "bolo finlandês de damasco com chocolate e cobertura nevada com mix de amêndoas". No caso da compreensão, bolo de chocolate tem compreensão mais detalhada que bolo doce, por exemplo.

Betina Leme – Turma 111

O debate chegou a um ponto importante, e eu gostaria de sugerir algumas leituras sobre a noção lógica de "extensão", que aqui interessaria contrapor a "intensão" (com "s", mesmo - outra noção da lógica formal).

Para quem quiser explorar esta seara, seguem links para três entradas sobre o assunto em enciclopédias:

http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Intension_and_Extension

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/289860/intension-and-extension>

<http://plato.stanford.edu/entries/logic-intensional/>

Boa sorte!

Maria Clara Paixão de Sousa

Olá, professora, pra mim faz sentido essa noção de extensão e intensão. Pelo que compreendi dos links, intensão seria uma descrição conceitual do bolo enquanto a extensão seria o bolo em si, o objeto real denotado pela palavra bolo e que pode tomar milhares de formas, inclusive as citadas neste tópico pelos colegas (com farinha, sem farinha, de chocolate, de morango, triangular, redondo, etc..)

Achei bastante esclarecedor o trecho "intension is generally discussed with regard to extension (or *denotation*). For example, the intension of a car is the all-inclusive concept of a car, including, for example, mile-long cars

made of chocolate that may not actually exist. But the extension of a car is all actual instances of cars (past, present, and future), which will amount to millions or billions of cars, but probably does not include any mile-long cars made of chocolate."

Pelo que entendi por esse exemplo do carro isso quer dizer que nossa definição de bolo, sua intensão, ainda que se mantenha na concepção de bolo como algo comestível e não suas outras interpretações, deve enquadrar tanto os bolos de chocolate, os quadrados, os sem farinha, etc, até o bolo de barro que uma criança faz com seus brinquedinhos na areia ou possibilidades ainda não realizadas, como um bolo do tamanho de uma torre. E já sua extensão será todos os bolos possíveis, já feitos ou que ainda serão produzidos. Será que interpretei corretamente? O que os colegas pensam?

José Eduardo da Silva – Turma 111

Eduardo:

"nossa definição de bolo, sua intensão, ainda que se mantenha na concepção de bolo como algo comestível e não suas outras interpretações, deve enquadrar tanto os bolos de chocolate, os quadrados, os sem farinha, etc, até o bolo de barro que uma criança faz com seus brinquedinhos na areia ou possibilidades ainda não realizadas, como um bolo do tamanho de uma torre."

Vamos por aí então. Mas vamos nos restringir (por exercício) ao bolo comestível, enquadrando "tanto os bolos de chocolate, os quadrados, os sem farinha, etc. " - e mais: não enquadrando pães; e chegando num acordo entre os participantes - algo como o que a Marina Nakai estava buscando, alguns posts atrás.

Conseguimos?

Maria Clara Paixao de Sousa

Certo, então eu diria que o bolo é no mínimo:

comestível - ainda que seja feito de barro as crianças fazem na intenção de ser algo que se coma ou que pareça comestível

fabricado - ele não é algo pronto mas necessita de uma mistura mínima de ingredientes para que seja considerado um bolo

possuí uma forma - todos os bolos que eu consigo pensar possuem um formato definido, tanto formas geométricas como formatos diversos como estrelas, rostos de personagens de desenho animado, etc.

pode ser repartidos - por menor que o bolo seja, acredito que ele mantém a idéia de uma comida coletiva, para ser compartilhada

é servido como sobremesa - existe bolo de arroz, mas eu acredito que o bolo não é feito pra ser a refeição principal de um almoço ou jantar mas é algo para ser apreciado como uma sobremesa - porém eu não conheço todas as possibilidades de bolo do mundo então talvez este traço não se enquadre.

Ainda estou pensando se há algum outro traço a ser mencionado...

José Eduardo da Silva – Turma 111

José Eduardo, esta sua última definição parece a melhor para a minha percepção de bolo. Concordo com todas as características, então se fosse formular um enunciado para "bolo" seria:

Massa comestível sólida, porém macia, preparada a partir de ingredientes primários, de formato definido, que pode ser dividida em pedaços menores e é, normalmente, servida como acompanhamento.

Será que um estrangeiro conseguiria visualizar qualquer coisa parecida com um bolo se ouvisse isso em sua língua natal?

Daniela Souza de Urquidí - Turma 111

José,

vou tentar acrescentar mais algumas características:

possui uma receita: pois acho que nenhum bolo é feito aleatoriamente, mistuando ingredientes sem uma ordem e uma lógica.

deve ser assado: pensando em bolos comestíveis, excluindo o exemplo do de barro, não consigo pensar em um bolo cru, frito ou refogado, ou seja, que não seja preparado levando ao forno. Isso considerando "o bolo" e não "um bolo" de algo, como um steak tartare, que parece "um bolo" de carne crua - enfim, acho que deu pra entender né?

tô pensando em mais alguma característica genérica que nos aproxime ao máximo do que seria um bolo "ideal"...

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Alexander

Gostei da definição de léxico como "franja da língua", e se você lembrar qual linguista a mencionou, responda por favor.
valeu.

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

A princípio, quando a professora pediu uma definição de bolo, imediatamente, pensei em outros sentidos para a palavra. No entanto, como foi pedido um sentido literal para “bolo”, conceituei o bolo algo como o que a Joice disse: “um bolo de chocolate”, por ser chokolatra, mas acredito que o conceito modifique de cultura para cultura, de pessoa para pessoa, como o Alexander citou.

Mas vendo as definições que os colegas chegaram, acredito que uma definição que pode abranger os “bolos”, em geral, é a empregada pelo Eduardo e sintetizada pela Daniela: **“Massa comestível sólida, porém macia, preparada a partir de ingredientes primários, de formato definido, que pode ser dividida em pedaço(es) menores e é, normalmente, servida como acompanhamento.”**

José, como você mesmo disse, não sei se **“é servido como sobremesa”** pode ser uma boa característica, pois se pensarmos que o “bolo” pode ser servido entre as refeições, como em horários de cafés e lanche (lanche da tarde ou café da manhã, por exemplo). Não o vejo como uma sobremesa, mas talvez como um prato principal ou acompanhamento, muito embora, alguns colegas possam dizer que o prato principal do café ou do lanche, seja o próprio pão. Por isso, a colocação da Daniela **“é, normalmente, servida como acompanhamento”, pode definir melhor essa característica.**

Felipe, discordo quanto a colocação de **“possui uma receita”**, pois não necessariamente os ingredientes do bolo devam ter uma ordem, sua modificação nem sempre altera o resultado final. E, não acho que o conceito de bolo pressuponha uma receita.

Modificar sua definição de **“deve ser assado”, para deve ser submetido a uma temperatura (calor/fogo)**, pois se pensarmos no bolo de arroz, ele é frito (pelo menos minha vó assim o faz). Temos também o bolo de frigideira, que é submetida a calor, mas não é assado.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Creio que o principal em nossa definição de bolo é que não tem como um bolo (o doce, parecido com o que ela mostrou nas fotos na última aula) não ser formado de vários ingredientes, ingredientes esses que segundo suas próprias características podem alterar as características do próprio bolo. (será que viajei?)

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

Pedro, você se enganou, não reclamei de forma alguma da tal "mania", pelo contrário, não fosse por gostar de entender, explicar e aperfeiçoar tudo, crei que ainda estaríamos na isade da pedra.

Você citou Platão, não pare não! Acho que a ideia contida no Fedro sobre a psicagogia, apesar de não ter nenhum cunho científico, seria um aspecto válido na discussão, afinal, estamos aqui quebrando a cabeça para tentar chegar neste tal "mundo das ideias".

Voltando à discussão...

Talvez seja um regresso, mas aproveitando as questões postas pela Aline, não acho que alguém, seja capaz de criar uma descrição definitiva de bolo a não ser, talvez, apenas para si mesmo. Mas isto é um tanto óbvio e temerária a discussão de maneira bem boba. Acho que antes de **descrever**, ganharia-se mais definido-se o objetivo da descrição, afinal, o que pretendemos com todas estas considerações?

Betina, achei muito boas as suas considerações e faço minhas as suas palavras, a questão do conceito é a grande questão!

Bom, agora que eu vi as indicações da professora, melhor dar uma estudada pra poder contar comentando...

Caroline Ferreira Battistini – Turma 111

Aline, eu concordo com o Felipe no sentido de que *alguma receita* tem que ter; e o conceito de bolo deve pressupor uma receita justamente porque todos aqui aceitaram a definição de **“preparada a partir de ingredientes primários”**, logo, esses ingredientes não são aleatórios mas prescritos; as receitas podem variar, mas é necessário que haja uma, sim.

E eu também concordaria que o bolo **“deve ser assado”**, mas a cada hora aparecem alguns com conhecimentos culinários muito mais vastos do que os meus, e me chegam com um bolo que é, sei lá, preparado com vinho e feito na frigideira, então, quanto a esse tipo de coisa, eu calo.

Aliás, a terminologia intensista e extensista é muito próxima da que eu citei ontem do texto do Ataliba: obj. interno (intensista, incompleta, noética) e obj. externo (extensista, completa, factual). Apenas observando. Concordo com a Betina de que isso não é um problema de bolo, isso é um problema de definição, de conceito. (Hahaha: "problema de bolo". Sou criança, desculpem.)

Agora, continuo com a ideia de que estamos apenas definindo e nunca chegaremos ao **bolo**, só ao "bolo" mesmo, mera aproximação, flecha paralela ao alvo (que nem aquela imagem do Octavio Paz).

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Muito interessante esse paralelo com a pintura, acho que é isso mesmo, quando alguém fala a palavra bolo, por exemplo, a maioria das pessoas cria uma imagem do que seja isso, mas a imagem não é a mesma: algumas pessoas pensam num bolo de chocolate, outras em um bolo de limão etc, então, o meu bolo não é o mesmo que o do meu colega e ao mesmo tempo não posso dizer que a imagem que eu tenho de bolo é a verdadeira, ou pelo menos a única possível. Dentre a infinidade de possibilidades e tipos de bolos há alguma coisa que os coloca em uma mesma classificação, algo que nos faz chamar aquele "objeto" de bolo e não de torta, por exemplo. Só o conceito é capaz disso porque o conceito não é uma imagem, nem um símbolo mas uma descrição e explicação da essência de alguma coisa, é uma compreensão intelectual da coisa e não a coisa em si (é uma representação formal e racional fruto do pensamento científico).

Eu acho que definir "bolo" é completamente diferente de conceituar "bolo", porque quando digo "todo bolo é feito de farinha" isto é uma das definições possíveis mas ao mesmo tempo é também uma generalização. Quem não se lembra da velha "definição de ilha" do ensino primário? "Uma extensão de terra cercada de água por todos os lados", agora vai conceituar isto, dá assunto para uma tese de mestrado!

Então definir bolo fica fácil:

CULINÁRIA massa de farinha, ovos e outros ingredientes, geralmente doce, cozida no forno ou frita

Fonte: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/bolo>

Já o conceito de bolo demoraria muito mais tempo para ser formulado e não me atreveria tentar fazer isso aqui.

Kelli Renata Goncalves Correa Marcomini – Turma 111

Achei interessante o que o Pedro disse sobre ser assado ou ser feito em uma frigideira. Pensando nisso acho que dá pra agregar o sema [+calor] para fazer um bolo certo? Não me lembro de bolo, nos moldes que conhecemos, feito sem ser "esquentado". Podemos pensar em bolos salgados feitos com pão de forma, mas eu não considero isso um bolo bolo e sim um sanduiche recheado.

Isabela Dantas Norberto – Turma 111

Conceituar de uma forma absoluta é mesmo tão importante assim? Eu fico com sérias dúvidas...

Conceitos mudam, variam, se renovam.

O que é um bolo (farinha+ovo+fermento+manteiga+leite) vai ser diferente em todos os pontos de vista, como foi citado mais acima.

O bolo não se diferencia apenas pela sua composição, mas "seu momento específico" também é relevante. Como assim? O que quero dizer é que aquele bolo de fubá, redondo com furo no meio não se enquadra em uma festa de aniversário, da mesma forma em que um bolo com pasta americana fica mais "à vontade" em um casamento.

Cada conceito de bolo vai pedir uma ocasião mais específica, assim também como um conceituador específico. O que é um bolo para nós, pode não ser para alguém que esteja em algum lugar isolado da terra, ou que more do outro lado da nossa rua.

Suellen Martins de Oliveira Barbosa – Turma 111

Pensando no conceito de intensão, fiz uma experiência e procurei a definição de bolo em três dicionários de três línguas diferentes: português (Houaiss, "bolo"), inglês (Collins Cobuild, "cake") e francês (Le Robert de poche, "gâteau"). O que achei em comum nos três foram alguns ingredientes básicos - farinha, manteiga, ovos e açúcar - e o que deve ser feito com eles: misturá-los e assar a mistura no forno. Ou seja: a definição de dicionário comum às três línguas não passa de uma receita básica de um bolo simples. As variações ficam por conta de cada cultura, imagino eu, desde que a estrutura básica continue de alguma forma reconhecível. E aí fico na dúvida com relação ao conceito de extensão: se poderíamos classificar todas as variações possíveis que citamos aqui (bolo de chocolate, bolo de caneca, bolo vegano, bolo de etc.) nesse conceito de extensão.

Betina Leme – Turma 111

Há diversos cup cakes de microondas também...

Débora, achei interessante o caminho de sua definição. Bolo é quando se mistura vários ingredientes para formar algo único e sólido. E parece que praticamente todas as ideias associadas à palavra bolo estão ligadas a isso.

No caso do bolo na culinária, poderia se dizer que é quando se mistura vários ingredientes para formar algo único, sólido e comestível. Sim, mas aí várias outras coisas, como torta salgada e quibe, poderiam ser chamadas de bolo. God!

Alguém aí tem um dicionário de etimologia???

Heloisa Schiavo – Turma 111

Volta no parafuso, Betina! Bacana.

A Joice, então, poderia dizer que ela construiu uma definição conceitual de "bolo" considerando as propriedades e características associadas à palavra bolo na memória afetiva dela? Mais ou menos isso? Eu poderia colocar como um traço do bolo, em uma definição conceitual que levasse em conta também minha memória emotiva, [+lembrar cheiro de café no cozimento da massa]?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Eu não entendi exatamente a razão de excluir os bolos que não são doces, como os bolinhos de arroz.

Se for para excluir os bolos salgados, é importante lembrar que bolo de chuva da vovó também é frito.

Heloisa Schiavo – Turma 111

Pedro, concordo quando diz “**preparada a partir de ingredientes primários**”, o que é diferente de “**alguma receita**”, pois no meu conceito de receita não inclui apenas os ingredientes, mas também o modo de preparo e outras características, como: utensílios utilizados, tempo de preparo e etc.

Com relação ao “**deve ser assado**”, uma pequena modificação de termo para “**deve ser submetido a calor**”, já incluirá todas as formas de preparo com calor direto ou indireto.

Heloisa, acredito que não devemos colocar a memória emotiva em uma definição conceitual, pois se considerarmos teremos uma lista enorme de traços que abrangem o emotivo, já que cada um possui uma experiência de “Bolos” diferente. (rsrs)

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Meu deus, é muito bolo.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Peraí, deixa eu ver se entendi:

- A ideia de intensão é similar a de significante de Saussure: o conceito ou ideia que o signo evoca;

- A extensão da palavra "cachorro" é o conjunto que inclui todos os cachorros do mundo (do passado, presente e futuro).

Então a gente teria de captar as características de "bolo" que representam a essência da ideia que esse signo evoca para então, a partir disso, definir o que entra no conjunto de coisas que terão as essas características estabelecidas, não é? Nesse caso, um dos caminhos não poderia ser partir da etimologia da palavra (já que precisamos considerar também o que foi bolo, o passado)?

Outra coisa: se estamos pensando em conjunto, então é possível que um elemento incluído nele faça parte também de outro conjunto. Sendo assim, eu posso dizer que o bolo de casamento faz parte do conjunto de "bolo" mas também do conjunto "refeição", por exemplo.

Meus deuses! Acabei de pensar nas palavras "nada" e "utopia". Como seria esse raciocínio para esses tipos de palavras?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Suellen, creio que a situação na qual o bolo apareça não seja tão importante. Seja ele um bolo de fubá, um bolo de aniversário, um bolo de casamento e etc, ele ainda é um bolo, independente de ter pasta americana ou de aparecer mais em certas ocasiões que em outras. E nada impede alguém de comemorar o próprio aniversário com um bolo de fubá (aí vai do contexto socio-econômico-etc de cada um e do gosto da pessoa...minha mãe, por exemplo, preferiria muito mais comemorar o aniversário dela com um bolo de fubá do que com um de chocolate, afinal, fubá é o sabor predileto dela). Há algo que é 'inerente' eu diria, a todos os tipos de bolo. E acredito que seja justamente isso que estamos tentando conceitualizar aqui. E quanto as diversas formas de preparo, frito, micro-ondas e etc, eu preferiria deixá-las um pouco de lado. Acredito que no inconsciente (ou subconsciente, não sei) de cada um, a primeira ideia que vem à mente é dele ser assado (no caso do micro-ondas,

temos que lembrar que nem sempre eles foram feitos desse modo), tanto é, que foi um dos modos de preparo mais lembrados aqui no fórum, pelo que pude perceber.

Juliana dos Santos Andrade – Turma 111

Daniela, concordo com seu enunciado de bolo, apenas com ressalva ao **é, normalmente, servida como acompanhamento**. Estamos pretendendo buscar uma intensão que por definição enquadre todas as possibilidades de bolo, então ao dizer que pode ser servido como acompanhamento você está dizendo na verdade que tanto pode ser quanto pode não ser, então não é algo que define, ainda que uma das possibilidades seja mais frequente do que a outra.

Eu sintetizaria então como: **Massa comestível sólida, porém macia, preparada com um mínimo de método sob a ação de calor a partir de ingredientes primários, de formato definido, com a propriedade de ser repartida em diversos pedaços para ser comida coletivamente.**

O preparo com um um mínimo de método enquadra a necessidade de uma receita como propôs o Felipe apoiado depois pelo Pedro, mas sob ressalvas como disse a Aline. Dessa maneira ainda que se altere os ingredientes ou a quantidade deles ou a ordem em que são adicionados, um mínimo de utensílios e método é necessário para que um bolo de chocolate se torne uma bolo de chocolate e um bolo de casamento um bolo de casamento.

Eu acredito que essa definição separe o bolo da pizza, por exemplo, que mesmo sendo quase idêntica na descrição não é necessariamente uma comida coletiva porque alguém pode pedir uma pizza para comer sozinho como prato principal. Já o bolo se difere de pão nesta definição na medida em que o pão não é nem uma comida coletiva, nem possui necessariamente uma forma definida - nunca vi dois pães franceses iguais um ao outro.

José Eduardo da Silva – Turma 111

Caros, talvez possa ajudar.

Pesquisei em um livro sobre história da alimentação, a origem do prato “bolo”. Parece que o surgimento do bolo está associado ao surgimento do pão, que por sua vez está associado a cultura e cozimento de cereais (trigo e espelta) no Antigo Egito por volta de 4.000 a.C. Pelo que andei lendo, os bolos eram preparados como oferendas nos rituais sagrados. Eles tinham formas variadas (humanas e animais) com nomes e ingredientes que mudavam com o tempo, gosto, e moda. Dióscórides (Sobre a medicina II, 92) refere-se a um cozido de cereais, prato egípcio típico e destinado às crianças . Heródoto e o botânico Teofrasto explicam que havia no Egito um pão preparado com farinha de grãos de lótus, parecido com grão de milho miúdo, misturada com leite e água. Segundo o livro, Plínio o velho, acrescenta que esse pão de lótus, comido quente, era de fácil digestão. Este tipo de pão poderia ter, enriquecido à sua massa, gordura e ovos ou adoçado com mel ou frutas colocados entre dois discos de massa. Uma espécie de marmelada de tâmaras e de mel, também poderia ser colocada sobre os bolos de trigo.

Não sei, mas se o bolo surgiu do pão, acho que a principal diferença está não nos ingredientes, mas na consistência/textura da massa (a massa de bolo é mais líquida), o que nos leva a pensar na proporção dos ingredientes. Outra coisa que está relacionada a isso é a idéia de ser um alimento de “fácil digestão” justamente pelo fato da massa ser mais leve que a do pão.

Para quem tiver interesse o nome do livro é “*HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO*” de JEAN - LOUIS FLANDRIN / MASSIMO MONTANARI Ed. *ESTACAO LIBERDADE*

Kelli Renata Goncalves Correa Marcomini – Turma 111

BOLO.

Várias acepções. Dentre elas a mais conhecida (universalmente): algo comestível. Bolo, cake, Kuche... Agora, quanto às outras definições, "bolo de gente", "bolo de roupas" etc, nos remete à idéia de confusão. No entanto, creio que esses outros significados da palavra "bolo" podem não ser iguais em outras línguas, por exemplo, um falante de japonês pode considerar outra palavra que dê a idéia de confusão, não necessariamente "bolo" também.

Isso vai ao encontro do que o Daniel e a Erika disseram. Cada individuo tem a sua representação de bolo, ou seja, cada lugar tem o seu bolo próprio ou podem também compartilhar alguns tipos de bolo. Resumindo, bolo é a união de conceito e imagem, dentro do conhecimento de mundo de cada um.

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

Eu acho que bolo é também passível de idealização, pois em desenhos animados geralmente vemos um bolo com cobertura seja branca (acho que chantily) ou marrom (chocolate) e uma cereja. Creio eu que essa seria

a imagem genérica de bolo passada para todos, isto é, claro, de acordo com cada cultura, não sei se uma tribo lá do extremo sul da África tenha essa imagem de bolo ou tenha acesso à essa imagem de bolo ou se bolo faz parte de sua alimentação, ou seja, se para eles existe bolo! Enfim, como já foi dito por várias colegas, cada povo tem o seu bolo, e dentro de um mesmo povo há culturas com seus diferentes tipos de bolo ou não tem bolo. Conceituar, para mim, varia de acordo com cada povo, portanto não se tem uma definição definitiva para todos. Eu tenho o meu bolo, vocês tem o bolos de vocês...

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

De fato, cada povo e cada um com seu bolo. Só tava querendo dizer que a ocasião na qual ele aparece não é importante (ao menos na minha opinião) e não o torna menos bolo por isso.

Juliana dos Santos Andrade – Turma 111

Ah, Heloisa...

Acho que me equivoquei, se a atividade era para fazer uma definição conceitual de bolo, eu acho que não se deve mesmo levar a memória afetiva em consideração, já que como a Aline Benevides disse iríamos nos estender muito e não chegaríamos a lugar nenhum...

A princípio, eu pensei que era para descrever o conceito de bolo de uma ótica subjetiva e daí a explicação do meu bolo de chocolate com granulados. =/

Joice Rodrigues - Turma 111

Gente pára TUDO!

Será que nós não estamos indo muito para o lado da semântica lexical não? Quando começamos a análise do campo semântico (bolo, no caso), e apontamos os semas (traços distintivos) e os sememas (conjunto de semas) parece que estamos nos distanciando tanto da sintaxe... Sei lá!

O pior é que foi a professora que nos intrigou com este tal de **conceito de bolo**... Aonde vamos parar? Ela já explicou ou sou eu quem está comendo bola?!

bjunda até segunda!

Joice Rodrigues - Turma 111

Kelli, thanks! História deixa as coisas tão interessantes... Muito legal a ideia de ter procurado sobre o bolo nesse livrão ótimo sobre a história da alimentação.

Bem, então depois de ler quais os ingredientes básicos encontrados no bolo (aquele organograma enorme sobre alguns alimentos que vão ao forno que está no artigo que a professora Maria Clara nos enviou) e a história do bolo que a Kelli encontrou no livro "História da alimentação", parece ser possível cruzar as informações históricas com as informações do artigo e dizer que as características comuns a todos os bolos (do passado e do presente) são:

- como **ingredientes básicos** ter farinha (não importa se de trigo ou outro tipo de farinha), fermento (natural ou artificial) e água.

- necessariamente precisa ser **assado**.

Um dúvida: esses critérios poderiam fazer com que incluíssemos também parte do conjunto dos pães (há muitos anos não era usado fermento nos pães, mas agora é). Realmente é necessário pensar em critérios que considerem o que foi bolo **no passado (extensão)** ou entendi tudo errado?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Eu concordo contigo, Joice. Por isso que nem opinei quando estava discutindo os semas de bolo. Acho que semântica lexical não seria o caminho...embora também eu não saiba dizer qual o caminho certo.

Juliana dos Santos Andrade – Turma 111

A definição que encontrei no meu Aurélio (3ª edição, ano 1993) é:

bolo (ô) *sm* **1.** Bola (2). **2.** Tipo de pastelaria, de formas variadas, feita, em geral, de farinha, ovos, açúcar e gorduras. **3.** *Fam.* Pancada com palmatória. **4.** Quantia formada por entradas apostas, multas e perdas dos parceiros no jogo. **5.** *Bras. Pop.* Aposto conjunta de diversas pessoas; **6.** *Bras.* Logro, burla.

Mas para mim, bolo é aquele que a minha mãe fazia, além de usar os ingredientes já citados, ela utilizava uma forma quadrada para assá-lo, desenformava e o partia ao meio, passava doce de leite e colocava uma parte sobre a outra.....hum.....era uma delícia. Essa é a minha definição memorativa de bolo.

Eliana Aparecida Valadao Mancilha – Turma 111

Confesso que fiquei um pouco decepcionada quando a professora afirmou que deveríamos definir "bolo" em seu sentido literal, já que achei que era para pensar na palavra em todos os sentidos que pode possuir de acordo com o contexto.

Então o que seria um bolo em seu sentido literal?

Primeiramente, pensemos o "bolo" como o resultado de processos químicos e físicos, já que, para prepará-lo, faz-se uma mistura de certos ingredientes, considerando a quantidade necessária de cada um deles, que é levada a uma determinada temperatura, resultando na massa que denominamos "bolo".

Assim, independente se o bolo é redondo ou quadrado, sabor farinha de trigo, banana ou chocolate, ao ouvirmos essa palavra, inicialmente imaginamos no resultado final do processo "do saber fazer".

Dessa forma, as crianças, ao brincarem de comidinha e prepararem um bolo de barro, com exceção das que forem muito pequenas, possuírem anemia, lombriga ou, infelizmente, estiverem morrendo de fome, não irão comê-lo, embora a intenção delas seja a de representar, por meio da mistura de barro a qual dão certa forma, o bolo que a mãe e/ou avó fazem em casa.

Jaqueline Martinho dos Santos – Turma 111

Olá!

Eu li os posts dos colegas, não consegui comentar antes, porém estive pensando na minha definição de bolo, antes e depois de entrar no fórum. Acho que acabei corrompendo um pouco o que tinha pensado antes. Lembro da Maria Clara ter pedido pra não olhar a definição do dicionário, então fiquei com a minha representação de bolo.

E cheguei mais ou menos ao que a Eliana comentou bem acima: bolo, pra mim, é o que minha mãe fazia, e mesmo podendo ver sentido em todas definições dos colegas, prevaleceu a primeira opinião. Depois fiquei pensando sobre a questão conceitual, de existir uma forma de conceituar "bolo" e o rumo disso na discussão.

Li sobre "extensão" e "intensão". A expressão bolo refere-se a um objeto, que por consequência nos expressa um conceito, um conteúdo conceitual. Pensei que a intensão pode ser uma função de valores possíveis, como as diversas representações mencionadas para bolo, e então expressões com a mesma intensão não podem apresentar extensão tao distinta para o que queremos representar, por exemplo pensar no bolo em sentido não literal. Hoje até sonhei que estava fazendo um bolo comum, com ingredientes básicos, e era o bolo que pensei da primeira vez, na aula, quando tentei achar uma primeira definição. Gostaria de saber o que estão achando da discussão, o que está fazendo mais sentido ou qualquer opinião! Bom final de semana!

Karina Roberta de Camargo – Turma 111

"Na mesa interminável comíamos o bolo interminável

e de súbito o bolo nos comeu.

Vimo-nos mastigados, deglutidos pela boca de esponja.

No interior da massa não sabemos o que nos acontece mas lá fora

o bolo interminável

na interminável mesa a que preside sente falta de nós

gula saudosa."

(O Bolo - Drummond)

Pedro de Castro Magalhaes Gomes – Turma 111

quem são os (as) cientistas do bolo?

Eu usei um percurso que vai dos sentidos à razão para refletir sobre a pergunta feita em sala: "o que é um bolo". primeiro peguei o caminho da subjetividade e lembrei que um bolo pode ser gostoso, cheiroso, mole, duro, seco, molhado ou que ele pode ser: bonito, colorido, feio, murcho, velho, com aparência de fresquinho.

Terminada essa leve jornada, me aventurei em não mais 'sentir' o bolo, mas me perguntar: do que ele é feito? como ele é feito? usei os mecanismos da análise e destrinchei esse objeto quando pensei que ele é feito de uma mistura de ovo, farinha, fermento. Ou seja, montei a receita do bolo.

Depois me aventurei a definir o bolo e cheguei a conclusão de que ele é "um alimento feito dos ingredientes que citei acima".

Nesse percurso, meio infantil até, eu brinquei de ser cientista, pois as qualidades que me afetam a subjetividade são muito gerais, ou seja, muitos objetos são bonitos, gostosos. Já a definição que surgiu pelo efeito da análise já restringe mais o meu universo de explicação e define com mais precisão o que seja o bolo.

É como se eu pensar nos raios: todos aqui já viu um brilhando no céu, como também sabemos que uma pessoa acertada por ele morre eletrocutada, mas isso não significa que com esses conhecimentos vamos conseguir medir a carga elétrica ou a velocidade com que ele vem. Isso quem sabe são os físicos especializados nesse assunto.

Ou seja, o cientista do bolo não é o filho que come o bolo da mãe e que acha gostoso ou ruim, mas a mãe, que com sua técnica conhece todos os ingredientes e as etapas para o bolo ficar pronto

obs.: tudo que está escrito aqui foi inspirado depois da leitura da introdução do novo manual de sintaxe.

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Acho que os colegas chegaram numa boa definição de bolo e a minha é igual a deles: "um alimento feito da mistura (ou uma massa) de ingredientes primários (ovo, leite, chocolate) que fica com o formato geométrico do recipiente em que essa massa foi despejada e levada ao forno."

Nessa minha definição o bolo se diferencia do pão e da torta porque ele, antes de ser assado, é uma massa desforme que vai endurecer e tomar forma depois de assado. Já o pão e a torta vão ao forno com um formato mais próximo do resultado final.

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Li aquele texto ("Cakes") que a Maria Clara anexou aqui e, depois de digeri-lo, cheguei a duas interpretações:

1) Sobre as possibilidades de definições conceituais de bolo.

O texto em si, da forma como está apresentado, traz vários exemplos de definições conceituais.

Uma das definições que ele apresenta é construída em texto corrido, com vocabulário cotidiano e acessível, apresenta a ideia do que é considerado um produto feito à base de farinha e assado (o bolo sendo uma das possíveis variações), as características e o papel dos ingredientes, as interações entre os ingredientes, os processos de transformação da matéria por aquecimento etc.

Além do texto escrito em inglês comum, há outro tipo de linguagem conceitual: as fórmulas que descrevem as reações químicas. É um tipo de linguagem que também representa, porém exige um conhecimento teórico específico prévio e restringe a compreensão ao grupo daqueles que dominam tal conhecimento. Essa linguagem abre um campo específico de compreensão e ação. Por exemplo: conhecendo a estrutura química dos ingredientes e as reações necessárias para atingir certos objetivos (como a ação do fermento), pode-se pensar em substituir ingredientes ou processos por outros que deem conta de chegar aos mesmos resultados (como criar um novo produto, com nova fórmula, que cumpra a função de fermento).

Há ainda um outro tipo de representação no texto: aquele gráfico em que vemos as diferentes proporções dos ingredientes e os diferentes produtos resultantes. É um tipo de linguagem diferente do texto corrido e da fórmula química. Será mais ou menos interessante dependendo do objetivo de quem lê o texto - pra mim parece ter uma vocação claramente voltada para a prática (gráfico super útil pra um padreiro, por exemplo).

O que ficou pra mim foi que um bolo pode ser definido conceitualmente por meio de várias linguagens, e que cada uma dessas linguagens vai permitir o acesso (compreensão e ação) a diferentes níveis de conhecimento - do meu ponto de vista, complementares.

2) Do bolo como metáfora da sintaxe.

Já escrevi muito, deixo este tópico apenas com o título que se autoexplica.

Betina Leme – Turma 111

“Bolo” segundo a “Grande Enciclopédia Larousse Cultural”:

(Do lat. *bolus*.) 1. Massa de farinha, quase sempre com açúcar, ovos, leite, além de outros ingredientes, geralmente assada em forma. 2. Soma de dinheiro formada mediante rateio, ou pelas apostas de parceiros de jogo. 3. Ajuntamento de pessoas, confusão. 4. *Fam.* Golpe de palmatória dado como punição. II. Dar o bolo,

faltar a compromisso ou encontro marcado. **Agric.** Preparação medicamentosa em forma de grande cápsula, destinada aos animais. – **Med.** Bolo alimentar, massa de alimentos após a deglutição.

Quando a profa. nos pediu para definirmos *bolo*, o primeiro que me veio à cabeça foi o da massa com ovos, leite, manteiga, fermento, etc, que também pode ter caráter comemorativo, típico de festas, reuniões.

Mesmo pensando nos outros significados de “bolo”, acho que pelo menos a maioria envolve + aglomerado, ou + conjunto (conjunto de ingredientes, conjunto de dinheiro, conjunto de pessoas), e talvez também possa ter o traço + compacto (o caso de “bolo” como ajuntamento de pessoas, não envolve um +aglomerado de forma “organizada”. Podemos dizer que essa definição teria o traço -organizado, porém não podemos dizer que este traço seja presente nas outras significações de “bolo”, por isso pensei no “+compacto”. Acho que + compacto se aplica tanto no “bolo desorganizado” de pessoas, como no “bolo organizado” de ingredientes). Acho que esse caráter pode implicar numa conotação de grandeza, e intensidade, que caracterizam os outros significados de bolo (“golpe”, ou “dar o bolo”).

Ah, não podia pesquisar no dicionário? Não lembro dela falando isso... bom, mesmo assim, bolo pra mim é o significado da tal massa que pensei primeiro, principalmente... assada no forno, com alguns ingredientes básicos (ovos, leite, manteiga, fermento, farinha) e outros opcionais (ou chocolate, baunilha, laranja, abacaxi, (frutas em geral?), ou cobertura, recheio). Não que os outros não sejam “bolos” - como os bolinhos de chuva, ou de arroz mencionados aqui - mas, não sei, desses eu não lembro primeiro.

E juro que depois de tudo isso fiquei com vontade de comer bolo.

Beatriz Marina Agnelli – Turma 111

Também não me recordo de restrições quanto à utilização de dicionários. Mas utilizando ou não o dicionário, me parece que o sentido comum de bolo não se altera, todos parecem ter a mesma imagem do bolo da vovó. Embora tenhamos muita dificuldade em explicar uma classificação ou uma rotulação, elas existem aos montes e o curioso é como os signos se formam, como as pessoas os “percebem” e a associação que se é feita entre o significante e a criação de um significado, que vai ganhando ou perdendo traços de acordo com o contexto. Como foi dito na primeira aula do semestre “para conhecer as relações é necessário conhecer o léxico”, mas este entendimento passa a ser individual, é uma conclusão a qual o sujeito chegará apenas para si, como se chega ao senso comum?

Voltando ao bolo, a definição é a de farinha, leite, ovos, açúcar, etc e para se comer com outras pessoas, pois o bolo é algo socializante (ao menos familiar).

Marcelo Silva Farias – Turma 111

Pessoal, gostaria de ressaltar um dado interessante do texto sobre o fermento. O Felipe citou, anteriormente, que há uma ordem lógica dos ingredientes; discordei e afirmi que a ordem dos ingredientes não faria diferença para o produto final, mas me recordei ao iniciar a leitura do texto e como nele mesmo está descrito, queria fazer uma retificação.

O único (pelo que me lembro) ingrediente que pode alterar algum processo, ou seja, adiantá-lo, é o fermento. Esse deve ser o último ingrediente a ser colocado no bolo e não deve ser batido, apenas misturado ao demais, pois se o colocarmos no início, o seu processo de fermentação começa antes de ser levado ao forno. Isso faz com que o bolo, muitas vezes, não cresça ou obtenha uma textura indesejada. Claro, que esse é apenas um dos fatores que podem alterar as características sensoriais esperadas.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Olá,
Parecem moscas rondando o tal bolo.
Não chegaremos a nenhuma definição satisfatória, a não ser que transformemos tudo isso em uma fórmula matemática. Então, acabaremos nos perdendo nos números e coeficientes, perdendo o contato com o objeto. No melhor dos casos, encontraremos uma boa definição, que ficará esquecida no dicionário.

Bom, qualquer definição que se dê será *uma* definição; chega uma hora em que teremos que convencionar, depois separar as exceções. Ou englobar tudo, sem exceções, mas da maneira dos antigos chineses, como vimos no texto do Borges.

Não que eu seja cético quanto à atividade, mas estava quase me perdendo em meio a tantas definições e me esquecendo pra que elas servem.

Thiago Teixeira Lopes – Turma 111

Olá pessoal,

Este fórum sobre bolo cresceu bastante (mas eu resistirei bravamente, e não farei piadinhas sobre fermento)... Gostaria de fazer uma pausa para discutir um pouco a atividade, que me pareceu caminhar muito bem. Essa intervenção tem dupla intenção: dar um retorno aos debatedores, e localizar um pouco no tempo e no espaço aqueles que, eventualmente, estiverem se perguntando por que cargas d'água surge, no meio do curso de sintaxe, uma discussão sobre bolos...

A idéia dessa atividade era provocar dois movimentos de reflexão.

Primeiro: fazer surgir um debate sobre a dificuldade da própria tarefa apresentada - como de fato aconteceu. O objeto escolhido para ser definido é absolutamente banal e familiar para todos: todos conhecemos "bolo", temos memórias de "bolo", e a maioria de nós sabe, até, produzir um "bolo" - mas nos vemos em grande dificuldade para elaborar um bom conceito ou definição para este objeto conhecido e familiar. Essa observação sobre a dificuldade do definir é bastante trivial; mas, ainda assim, o exercício de passar por ela é sempre útil - quando menos, para nos assegurar aquele grãozinho de humildade que está na essência de qualquer atividade pensante que valha a pena.

Segundo: fazer com que vocês refletissem sobre os diferentes caminhos que poderiam tomar para definir "bolo", como também aconteceu. Mais tarde podemos até discutir filosoficamente esses diferentes caminhos; agora, eu gostaria apenas de destacar um aspecto importante. Muitos de vocês optaram pela busca de uma definição abstrata formalizada - como disse um colega bem no início, uma definição "de máquina". Nesse caminho surgiram diferentes idéias, como a de identificar os "traços abstratos" do bolo (+macio, -líquido, etc); ou a de estabelecer a definição pela receita do bolo - um algoritmo do bolo, no fundo. Foi neste ponto que eu interferi, trazendo a questão das definições extensionais e intensionais - este era um aspecto essencial do exercício, e me parece que vocês chegaram a ele muito bem. Destaco este aspecto uma vez que, no ponto em que estamos do curso, vai ser importante vocês terem muita clareza sobre este estilo "intensional" de pensar nos conceitos. Falaremos sobre isso na próxima aula.

Bem, era isso por enquanto.

Por fim, não resisto, e coloco aqui o link para um videozinho que eu encontrei sobre... bolos, no canal "Periodic Table of Videos" do You Tube (é um canal de divulgação científica feito por químicos, muito interessante). Vejam vocês como tinham razão: cada qual nesse mundo escolhe seu bolo!

Maria Clara Paixao de Sousa – Turma 111

Olá pessoal!

Infelizmente não participei de todo processo da atividade de definição da palavra "bolo", mas quando a professora pediu isso na aula, logo veio a minha mente, é claro, tanto aquela receita que faço em casa a qual utilizo vários ingredientes: farinha, ovos, açúcar, fermento, etc; como também aqueles que são vendidos produzidos por confeitores que dá água na boca só de olhar (muitas vezes verdadeiras obras de arte).

Bom, para mim, esse é meu conceito de "bolo". Mas quando li o texto do "cake", postado pela professora vi uma série de fórmulas de composição química de determinados ingredientes que vão no bolo, ou seja, esse possa ser o conceito de "bolo" de um químico no cotidiano de sua profissão.

Resumindo cada falante tem sua perspectiva de mundo e sua particular intensão quando produz sentenças.

Ah! Gostaria de dizer, que através do Fórum, cada vez mais aprendemos uns com os outros através de reflexões e análises empíricas e mas me convenço que a linguagem é realmente uma ciência que deve ser explorada e estudada tanto quanto outras ciências das áreas de exatas.

Sueli Rafael – Turma 111

Olá,
O que eu quis dizer simplesmente é: não dá pra definir, tanto o bolo quanto o belo, a literatura, o homem. É a conclusão a que cheguei com o exercício. Por trás da definição há um ponto de vista, uma visão de mundo, um recorte.

A minha parte nesse exercício é que, ao ler todas as definições (e tendo eu também as minhas) o que se passa pela minha mente é que as definições são reducionistas e incompletas.

Thiago Teixeira Lopes – Turma 111

Então, o que é bolo? Se eu entendi bem a questão devo dar o meu conceito de bolo. Bem, bolo é um doce feito de uma mistura de ingredientes, normalmente ovos, manteiga, açúcar e leite. O que pode variar é o tipo de bolo, por exemplo, se de fubá, acrescenta este ingrediente na receita, se de cenoura, em vez de fubá coloque a

cenoura. Essa "mistureba" obedece a uma ordem de colocação dos ingredientes, untada a fôrma é só assar no forno por determinado tempo. Já estou na dúvida se respondi o que é bolo ou como se faz um...

Juliaray Sadala Mendonça - Turma 113

Bolo é um prato preparado em geral com farinha, açúcar, fermento, ovos, leite e mais algum outro ingrediente (mas não necessariamente) para dar sabor, como chocolate, cenoura ou frutas, e que deve ser levado ao forno por algum tempo para poder ser ingerido. Há ainda a possibilidade de bolo salgado, onde se substitui o açúcar pelo sal e o ingrediente doce por um ingrediente salgado, como carne, peixe, etc.

Laura Cristhina Fiore Ferreira - Turma 113

Bolo é uma comida, pode ser doce ou salgada e é preparado de diferentes formas e com diferentes ingredientes. Mas o importante é ter algum tipo de massa. Exemplos: bolo de carne e bolo de chocolate.

Posso pensar também em bolo de outra forma que não a culinária. Por exemplo, bolo pode ser ser deixado esperando. Exemplo: Esperei a menina no cinema por 45 minutos, mas ela me deu o bolo.

Abraços

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Bolo é uma mistura de ingredientes que pode resultar em um prato doce ou salgado, com cobertura ou não.

Pode também ser uma mistura de alimentos, conhecida por alguns também como gororoba, ou bolo de comida.

Outra hipótese é quando há uma certa quantidade de qualquer coisa, exemplo, bolo de cobertas, de roupas, essa definição descende do verbo "embolar", que significa tornar um bolo.

Além do bolo de de atraso de outrem em encontros que já foi citado acima.

Erika Araujo Pereira – Turma 113

Bom, os colegas já definiram bolo semanticamente, ou seja, delimitaram seu significado em vários sentidos. Fui até o dicionário Aurélio buscar todas as acepções semânticas possíveis:

"Jogo do solo em que o feito deve fazer todas as vazas";

"Bola";

"Iguaria feita com massa, a que, em geral, se adicionam ovos, gordura, açúcar etc., e que é assada em forma";

"Iguaria salgada feita de batata cozida, ou carnes moídas, reduzida a pasta e então assada ou frita";

"Ajuntamento confuso de gente";

"Confusão, desordem";

"Palmatoada";

"Quantia formada por entradas, apostas, multas e perdas dos parceiros no jogo";

"Turfe Modalidade de aposta incluída entre os concursos";

"Aposta conjunta de diferentes pessoas; bolão";

"Peso de barro cozido nas redes de pesca";

"Logro, burla, engano";

"Saber mais do que, ser mais competente que (alguém)";

"Faltar a uma entrevista, encontro marcado, a um compromisso";

"Dar um desfalque";

"Massa informe, torrão";

"Pílula volumosa geralmente de consistência mole";

"Bolo alimentar Massa de alimentos que se forma desde o início do processo digestivo a partir, portanto, da orofaringe";

"Bolo histérico Sensação de opressão que ocorre em caso de histeria ou em outras perturbações psicológicas".

Laura de Azevedo Guimarães – Turma 113

Pelo que entendi, era para pensarmos na nossa definição pessoal de "bolo", por isso eu evitei ler as definições já postadas para não me deixar influenciar, portanto peço desculpas caso a minha colocação seja redundante.

Bolo – é um alimento que deve ser preparado através da mistura de certos ingredientes, geralmente ovos, leite, farinha e fermento (em oposição a alimentos naturais já prontos para o consumo, como uma fruta, legumes, verduras ou carne) seguindo etapas que resultam numa mistura final que, colocada dentro de uma fôrma, deverá ser assada (em oposição a outros procedimentos, como fritar, cozinhar, que resultariam em bolinho de chuva, por exemplo), sendo sua textura macia (em oposição a crocante, pois aí se trataria de outra coisa, uma torta ou biscoito, por exemplo), podendo ser recheado ou não, decorado ou não, servido quente ou gelado, de sabor doce principalmente, mas podendo ser salgado também (por exemplo, bolo de carne), de formatos variáveis

(predominando o circular, retangular e circular com orifício), de tamanho variável (mas não tão pequeno a ponto de não se poder parti-lo em fatias), amplamente apreciado pelas pessoas (as crianças veementemente) e de presença marcante em festas comemorativas.

Na elaboração da definição, imaginei uma situação em que teria de explicar o que é "bolo" para uma pessoa que nunca viu um bolo. Esse exercício me fez lembrar dos exercícios de semântica, onde identificamos os semas. Mas será que é esse tipo de resposta que é esperado? O que será que há por trás desse exercício misterioso?

Eliana Junko Takara – Turma 113

Na minha concepção, bolo é um tipo de comida que pode ser doce ou salgado. Sendo que os bolos doces são divididos em bolos simples e bolos recheados, este pode ser considerado uma sobremesa.

Já o bolo salgado pode ser de carne, frango, etc. e pode ser considerado uma refeição completa do dia.

Esse bolo é no sentido denotativo, já no sentido conotativo o sentido para bolo é quando marcamos algo com alguém e não cumprimos esse compromisso, faltamos a este.

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

Também podemos definir "bolo" morfologicamente, dependendo do discurso (frase, sentença, fala) na qual se apresenta, do contexto da frase:

- Substantivo (masculino singular);
- Verbo (de bolar) conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo;

Outra possibilidade é analisar sua posição dentro de uma frase, a análise sintática. Aí as possibilidades são inúmeras:

- Sujeito;
- Objeto direto;
- Objeto indireto;
- Verbo transitivo direto;
- Predicativo do sujeito etc.

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

Bolo????

Bolo é um aglomera de qualquer coisa. Pode ser física ou não.

Por exemplo:

- 1- Estou com um bolo de ideias na cabeça.
- 2- Havia um bolo de gente querendo entrar na loja.
- 3- Os torcedores se atacaram em bolo, não dava para separar.

ou o mais tradicional:

- 4-Bolo: mistura de ingredientes inseparáveis para o preparo de massas.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Há também a possibilidade de "bolo" poder ser definido também como:

- Gíria (do português brasileiro popular): quando se emprega uma palavra já existente (ou inventada) para designar palavras já existentes na "norma culta" (no caso da definição semântica "logro, burla, engano" e "dar o bolo");
- Termo da farmacologia: no caso da definição semântica "pílula volumosa geralmente de consistência mole";
- Termo fisiologia: no caso da definição semântica "Bolo alimentar, (...)";
- Termo da medicina: no caso da definição semântica "Bolo histérico, (...)".

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

Acho que alimento baseado em massa fermentada quase que é o suficiente para definir bolo. O problema é que essa definição serve para pão também. Acho que o fermento é essencial para diferenciar da torta.

Bolo de carne, não acho que seja literalmente bolo, igual um lobo-guará não é um lobo de verdade.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Sobre esse nosso exercício de definir "bolo", será que estamos experimentando um procedimento, tal qual os matemáticos? Explico-me:

Nesse exercício de definição, nós estamos partindo de nossas intuições e estamos tentando colocar as idéias num esquema, formatando-as em linguagem. O bolo é algo empírico que estamos tentando representar em nossa linguagem. Poderíamos pensar numa analogia em relação à ação dos matemáticos de utilizar a linguagem matemática para traduzir dados da realidade empírica para o meio abstrato? Ou será que estou viajando muito?

Eu defino bolo como um alimento que pode ser doce ou salgado e que se constitui pela mistura de ingredientes, tais como farinha, leite, ovos, manteiga, fermento e outros.

Pensando que a definição de bolo pode ser também extra culinária, percebe-se que na maioria das vezes as outras definições são geradas a partir de misturas. Mas, e no caso de algumas definições postadas pela Laura que mostram bolo como engano ou como saber mais do que, ser mais competente que (alguém) ?

Eliana, penso que as analogias que se possam fazer em relação a matemática é que essas definições são representações feitas por nós de aspectos da realidade, não sei se era isso exatamente que você estava perguntando ou se eu estou complicando mais.

Juliana Aparecida Costa Silva – Turma 113

A minha definição de bolo é a seguinte: mistura de ingredientes cuja base é normalmente um tipo de farinha e seu preparo exige cozimento no forno. Esta definição abrangeria os bolos no sentido mais tradicional da palavra, pois eu vejo que um bolo de carne, por exemplo, recebe esse nome por se assemelhar a um bolo... deixe-me tentar ser mais clara: quando alguém diz "fiz um bolo" imediatamente penso em um bolo doce feito com farinha de trigo - seria minha imagem acústica do "bolo" - porém, se fosse um bolo de carne, normalmente, a pessoa que o fez falaria mais especificadamente "fiz um bolo de carne". Logo, as outras acepções seriam "derivadas" do sentido original ou por se assemelharem a um bolo (conforme definição acima) como em bolo de carne ou por se assemelharem à noção de mistura intrínseca ao sentido de bolo como em bolo de gente (aglomeração) e bolo alimentar (fisiologia). Ainda teríamos, afastando-se totalmente do sentido original, a acepção de "leve um bolo" no sentido de "fiquei esperando alguém que não apareceu", que é o caso mais distante da definição mais tradicional de bolo que eu conheço e encerra uma conotação.

Wanda Maria Ramos de Almeida – Turma 113

Acho que o que diferencia o bolo da torta é que a torta pode ser feita de diversos tipos de massa (como de biscoito ou de sorvete, por exemplo) e não necessariamente uma massa a base de alguma farinha e a torta se serve normalmente gelada... não sei se tem algo a ver com o fermento... essa dúvida já está na área da culinária... rrsrs

Na verdade, essa questão, colocada pelo Marciano, de a definição de bolo também valer para pão me deixou um tanto atordoada... talvez a definição de bolo deva incluir o açúcar ou outro elemento adoçante, já que a imagem que se forma em nossas cabeças ao ouvir "bolo" seja uma imagem de um preparado doce e as outras acepções de bolo seriam derivadas dessa acepção original... será?

Wanda Maria Ramos de Almeida – Turma 113

Então nesse caso podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?

Na verdade isso me faz pensar na semântica da palavra pois de acordo com o contexto poderemos chamar de "bolo" muitas outras coisas que escapam ao nosso conceito pré definido do que é um bolo!

Henrique Guilherme Santos da Silva – Turma 113

Só reinterando minha linha de pensamento: posso estar enganada, mas acho que o principal é acharmos novas "definições" de bolo e não acepções semânticas, como está acontecendo. Que ingrediente diferencia a torta do bolo, ao meu ver, não muda muito a acepção "culinária".

As outras que encontrei no dicionário, como bem disse a Juliana, fogem da acepção mais comum, que seria a acepção "referencial", "literal" (coloco entre aspas por não saber ao certo se os termos técnicos estão corretamente empregados). Existem outras "conotativas", que citei num dos meus posts anteriores.

Encontrei também a definição morfológica e a sintática (acima citadas).

No caso de uma locução adjetiva vir atrelada a "bolo", teríamos também inúmeras possibilidades de variação.

Ex: bolo de casamento, de aniversário - adiciona um propósito especial, uma situação social a qual o bolo está atrelado

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

Vamos lá...

Eu definiria bolo como um alimento, normalmente doce e com muitas variações do ingrediente que dará o sabor principal, feito a partir da mistura de ingredientes sólidos e líquidos que, após ganhar textura pastosa, vai ao forno em formas que podem lhe dar diversos formatos e tamanhos e, depois de assado, ou seja, já tendo perdido o aspecto de pasta e ganho uma aparência mais sólida mas macia, está pronto para ser consumido (e o modo de preparo acabou entrando na definição...).

O problema é que, se numa situação hipotética, um estrangeiro nos perguntasse o que é "bolo" por ter ouvido alguém dizer "marquei um compromisso mas acabei levando bolo" e respondêssemos com a definição acima, imaginem a confusão que se instauraria na cabeça do indivíduo... Mas, se perguntássemos como foi exatamente a situação em que ele ouviu esse termo (minha mãe utilizava este artifício comigo quando eu era criança...), saberíamos que a definição teria de ser outra e então poderíamos dizer que, naquele caso, "bolo" seria o descumprimento de um compromisso firmado, normalmente um encontro, sem qualquer aviso prévio. Poderíamos ainda ouvir alguém dizer, por exemplo: "depois da queda, meu pé virou um bolo" e então a diríamos que é algo que adquiriu aparência inchada, etc.

Mayara da Silva Neto – Turma 113

Muitos de nós pensamos nas diversas nuances da palavra "bolo" para defini-la. Assim, mesmo que não queiramos listar aqui as acepções possíveis de "bolo", como falantes, sabemos que este termo pode atuar de maneiras diversas e por isso precisamos de informações que nos permitam selecionar a definição mais adequada (até onde lembro, a professora não especificou que tipo de bolo deveríamos definir...). Por isso, saímos com coisas tão diversas...

Viajei um pouco, mas no fim acabei achando que definir algo ou um termo, depende de conhecermos seu sentido, o que o constitui (às vezes morfológicamente, às vezes quanto ao tangível) e suas relações, ou pelo menos parte de tudo isso...

Mayara da Silva Neto – Turma 113

Pelo que eu entendi do que foi dito em aula, a idéia seria apresentar nossa definição de bolo, e não "procurar", "pesquisar" ou "buscar" nada. Não sei se mais alguém concorda comigo.

Laura Cristhina Fiore Ferreira – Turma 113

Pessoal,

A idéia é mesmo cada um tentar construir a sua definição de bolo (como fizeram já alguns colegas acima). Além disso: pensem no sentido mais imediato de bolo que lhes venha à mente.

Bom trabalho,

Maria Clara

Maria Clara Paixao de Sousa

Bolo: alguns ingredientes (que podem variar muito conforme a receita) misturados ou batidos formando uma massa, que vão ao forno com o intuito de "crescer", até que a massa atinja um ponto específico. Pode ser recheado ou não, salgado ou doce, e a base da massa pode ser diversa, indo desde o trigo tradicional, à fécula de batata, ou de arroz.

O bolo transforma-se em uma unidade alimentícia, ou seja, um alimento relativamente homogêneo, mas que pode ser partilhado e consumido por várias pessoas, em fatias. Pode ter vários "acessórios", como frutas, recheios, coberturas, etc.

O "bolinho", não consigo deixar de pensar, pode ser um tipo específico de bolo, mas que conta como unidade que deve ser comida por inteiro por uma única pessoa (por mais subjetiva que essa definição soe).

Carolina Carbonari – Turma 113

Bom, se for pra pensar no sentido imediato de "bolo", inevitavelmente, fico com o de alimento e, portanto, com a definição com que comecei meu primeiro post. Afinal de contas, é mesmo a mais utilizada...

E, bem lembrados pela colega foram os "acessórios" do bolo...

Mayara da Silva Neto – Turma 113

Pensar em uma definição de bolo, ao meu modo já penso de imediato como alimento, seria dizer que é uma mistura harmônica de ingredientes de determinados gêneros e classes que possam, ao gosto de cada um, ter um determinado sabor, sendo doce ou salgado e servindo para diversas ocasiões, como festas de aniversários, uma simples sobremesa ou como proteína para nutrir o corpo. Entretanto, definir desta maneira é fácil porque já temos uma noção empírica e moldamos na mente o modo de confeccioná-los, seus formatos, objetivos e podemos até, às vezes, "sentir" (rememorar) sabores e odores. Mas pensando na mesma (minha) definição é curioso que estou elucidando de acordo aos meus anseios e da maneira como o vejo no mundo. Agora, definir exatamente como é esta "coisa" não é tarefa tão fácil porque caímos no campo das classificações e isto é algo que pode variar, tanto de cultura para cultura como o mundo pode ser para cada um. No nosso caso, temos até certa homogeneidade, como o que já foi dito neste fórum, mas uma definição precisa não. Pensar deste modo, também é querer dar uma finalidade as "coisas" e nos indagamos por que é que estamos realmente definindo

bolo? (claro que poderia ser outro objeto). Talvez esta seja a uma máxima do pensamento humano que sempre haverá alterações e nuances para um consenso: não em querer dar finalidade as "coisas", mas na maneira de refletir diante do mundo.

Eduardo Santos da Silva – Turma 113

Mayara, gostei da sua observação! Faz sentido pensar que para definirmos algum termo, temos que pensar no contexto, ou seja, no discurso.

É parecido com as frases que necessitam de um tópico discursivo. Os diferentes sentidos para a palavra "bolo", só será válido se um contexto for dado.

Se tivéssemos que explicar essa palavra para um marciano, teríamos que antes pensar em que contexto explicar. Igual, a mãe da colega fazia quando ela era pequena, segundo nos conta acima.

Foi isso que entendi. É isso mesmo Mayara?

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Acho que o bolo, como alguns colegas disseram possui várias concepções distintas, depende de todo um contexto que antecederá a palavra.

Ele me deu um bolo. (Ele não veio)

Eu comprei um bolo de chocolate. (doce)

Ele fez um bolo de caca de nariz (rs... monte)

Então, comparo bolo ao Chover, que aceita vários significados, depende do contexto e do possível complemento.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

BOLO, além de todas as definições que foram dadas acima (como massa fermentada, mistura de ingredientes, massa doce/salgada, com/sem cobertura, com/sem recheio, etc...) pode trazer também algo além da própria palavra.

Minha primeira impressão de bolo é a mais óbvia: a da sobremesa - e logo me vem a imagem de um bolo de três andares com glacê branco e enfeites rosas. Mas após esse primeiro choque e alguns segundos de salivagem, logo penso em bolos de aniversário, casamentos... enfim, comemorações em geral, o que me leva a pensar que bolo pode significar mais do que o próprio substantivo. Ele nos remete às tradições, culturas e datas importantes em nossas vidas; talvez uma das razões pelas quais temos tanta dificuldade em descrevê-lo é a de que ele já está presente em nosso inconsciente e experiências, pois não é apenas o sabor do bolo, ou a cor, ou a altura, mas a lembrança.

Isabel Deak Serapiao – Turma 113

Minha definição de bolo, pensando na ideia mais imediata da palavra...

Bolo: prato culinário geralmente assado em forno e feito à base da mistura de farinha, ovos, açúcar e fermento e de sabores variados, como chocolate, cenoura, brigadeiro, fubá, coco, entre os mais comuns. Pode ser simples (apenas a massa) ou ter cobertura, recheio e camadas. A receita é bastante adaptável tanto no quesito ingredientes como no preparo, que pode ter diferentes níveis de complexidade. Servido por excelência em festas de aniversários como doce-símbolo da comemoração, também acompanha cafés, sobremesas, chás da tarde e momentos de escapada da dieta. Pode ser industrializado, comprado pronto em comércios como supermercados, padarias e confeitarias, preparado em casa ou, ainda, encomendado para cozinheiras especializadas, as boleiras.

Tatiana Napoli – Turma 113

Bolo é uma massa de ingredientes misturados, geralmente incluindo algum tipo de farinha, que se transformem em uma massa que será então levada ao forno.

Ao meu ver, todo bolo necessita de um pouco de fermentação, para que sejam criadas bolhas de ar dentro dele. Entretanto, isso também ocorre com pães!

Assim, acrescentaria que bolos precisam ser assados em formas! Mas também temos pães de forma. Talvez o que diferencie os bolos destes pães seja o fermento vivo!

Mark Damian Ament – Turma 113

Quando penso em bolo, a primeira coisa que me vem à mente é: uma massa de mistura homogênea, feita de ingredientes básicos como farinha, ovos, leite, açúcar, fermento, acrescida de algum outro ingrediente que dê um sabor específico, como chocolate em pó, milho, fubá... e que é assada. O resultado dessa sequência de mistura mais o ato de assar é o bolo.

Para mim, só depois disso aparecem todos os outros tipos de bolo que já foram ditos aqui: o bolo salgado, o bolo de carne, o "levar um bolo"...

Cristina Silveira Mendonca – Turma 113

Sim, eu estava pensando nesse tipo de analogia, mas desenvolvendo um pouco mais essa idéia, cheguei ao seguinte paralelo: se por um lado a equação é a expressão que sintetiza a essência de uma observação empírica, por outro lado a definição também deverá corresponder à síntese da idéia de bolo, a qual sempre partirá de nosso universo empírico particular, aproveitando a observação feita por alguns colegas (de que a nossa definição de algo sempre partirá do recorte que fazemos da realidade que nos cerca e que compartilhamos com nossos pares).

Sintetizando a definição que postei anteriormente, que na verdade agora me parece mais uma caracterização do que definição, bolo seria: massa assada, avolumada, que serve como alimento, de sabor geralmente doce.

Eliana Junko Takara – Turma 113

Quando penso em bolo, a primeira coisa que me vem à mente é aquilo que fica embaixo da vela em uma festa. Basicamente, isto: um objeto de desejo gulosístico, todo decorado, a que só temos acesso em determinadas situações (de preferência ao final, quando ninguém mais agüenta esperar), especificamente festividades, como aniversários e casamentos.

Agora, se for começar a pensar no conceito de “bolo”, aí sim diversas idéias me vêm à mente: primeiramente, um alimento doce em formato cilíndrico, curto e largo, com uma ou mais camadas, feito de farinha, ovo, leite e açúcar, utilizado mais com finalidade social que propriamente alimentar.

Thiago Surkus Forni – Turma 113

Outras coisas que se chamam também bolo: o bolo alimentar que se forma durante a mastigação para a adequada deglutição; o bolo como gíria, quando não vamos a um encontro que marcamos e até mesmo Bolo Yeung, ator chinês que filmou com Bruce Lee, Chuck Norris e Jean Claude Van-Damme e que fugiu de seu país a nado.

Thiago Surkus Forni – Turma 113

Caros,

Relendo as mensagens todas, acho que seria interessante neste ponto pensarmos um pouco no que o Henrique disse mais acima:

Então nesse caso podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?

Como responderíamos a isso?

E por que isso importaria para definirmos "bolo"?

Maria Clara Paixao de Sousa

Mas este bolo de definições seria capaz de encerrar a significação? Ou, como no episódio do “quem é você?”, um bolo tem diferentes respostas para cada contexto? Podemos encarnar o Jack Nickolson e fazer o mesmo exercício:

“- Bolo, quem é você?

- Sou um doce consumido em festas.

- Não, você me disse a sua ocupação. Eu quero saber quem é você.

- Sou um objeto feito de farinha, leite, açúcar, fermento...

- Bolo, Bolo, simplifique... Eu não quero saber a sua composição. Eu quero saber quem você é. Só isto.

- ...”

Thiago Surkus Forni – Turma 113

A primeira coisa que também me vem em mente é pensar em bolo como um aglomerado de coisas, normalmente em formato arredondado. Essas coisas podem ser ingredientes culinários ou não. Então podemos ter bolo de chocolate ou um bolo de arroz/feijão, bem como um bolo de gente, por exemplo.

O que vai definir o caráter do bolo é o discurso. Se ficarmos aqui enumerando, bolo terá milhares de definições, pois estamos pensando em sua funcionalidade e portanto usando de concepções funcionalistas. Utilizando-se de uma idéia mais ampla, ou talvez gerativa, temos que pensar na concepção de bolo como um "coringa" que servirá como meio básico de explicação para qualquer tipo de definição da palavra.

Laysi Praxedes Nobre – Turma 113

Creio que não podemos dizer que seja "qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno" pois temos coisas como "panqueca de forno", que leva farinha também, mas que não é um bolo!

Recentemente em uma conversa, disse que a perspectiva é muito importante.

Por exemplo: Um médico que toma o câncer como uma doença que precisa ser eliminada vai estudá-la e tentar tratá-la de forma diferente que um médico que considera a doença incurável e que o melhor tratamento é o controle dos sintomas e a melhor convivência com eles.

Creio que o que importa é a forma que vemos a coisa.

Para os americanos, uma pizza é uma torta "pizza pie", mas muitas vezes comparei pizzas com tortas e as pessoas torceram o nariz para mim!!!

Mark Damian Ament – Turma 113

Acho que além da perspectiva também é necessário um nível mínimo de detalhamento ou especificação. Porque indo pro macro daria para descrever bolo simplesmente como "alimento comestível". Para ser possível diferenciar a descrição de bolo, pão, paqueta e afins com farinha precisamos elencar elementos particulares suficientes de cada um que os tornem "classificáveis".

Tatiana Napoli – Turma 113

Você está procurando os "merismas" do bolo!!!

Mark Damian Ament – Turma 113

Respondendo à pergunta do Henrique:

Então nesse caso podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?

R: Não. Bolo de carne ou bolo de arroz são fritos (não vão ao forno) e, até onde sei, não levam mistura a base de trigo.

Abs

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Ahahahahahahahahaha... "merismas do bolo" foi ótimo!

Acho que são os traços distintivos, sim, mas traços distintivos no conjunto. Porque não dá para falar que é a farinha, o fermento ou o açúcar que faz do bolo um bolo, já que dá para encontrar vários outros pratos com esses mesmos elementos. São eles agrupados num certo contexto que fazem a massa ser de um bolo e não de uma panqueca.

Tatiana Napoli – Turma 113

Definir "bolo" como qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno é se restringir demais em apenas uma concepção dessa palavra.

Estava lendo uma biografia de Aluísio de Azevedo quando vi um comentário datado do século XIX, abaixo reproduzido:

"Os pais ignorantes elogiavam-lhe a rigidez (do professor de Aluísio), recomendavam-lhe sempre que 'não passasse a mão pela cabeça dos rapazes e que, quando fosse preciso, dobrasse por conta deles a dose de bolos' (Mérian, 1988 p45).

O "bolo" desse contexto me parece com a ideia de "cascudo", que é juntar os dedos, formando um aglomerado meio arredondado, para dar uma pancada na cabeça de alguém.

Isso nos leva a pensar "qual é o elemento (ou elementos) comum aos bolos de farinha de trigo, de arroz, de gente e de pancada, como no caso acima exemplificado?"

Creio eu, que realmente seja um aglomerado (de ingredientes, de gente, de dedos) que formam algo, na maioria da vezes, com formato arredondado.

Laysi Praxedes Nobre – Turma 113

Eu não penso na definição de bolo pelos ingredientes, mas sim pelo contexto.

A primeira definição de bolo que vem a minha mente é o principal doce de uma festa de aniversário.

Claro que existem outros tipos, mas é neste que penso quando alguém fala de bolo.

Estela Gomes Marinotti – Turma 113

Pra mim "bolo" também depende do contexto. Pois se formos nos focar nos ingredientes para a constituição deste, sempre terá a visão do "geralmente".

Agora a visão da Laysi é interessante, com a concepção geral de que bolo seria esse aglomerado de coisas, só discordo um pouco do formato arredondado, diria que tem uma noção física massuda mesmo.

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

"Então nesse caso podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?"

Acho que a resposta para essa pergunta é não! Porque nem todo "bolo" é uma mistura a base de trigo, e para isso há vários exemplos: bolo de gente; bolo de ideias, bolo, no sentido de faltar a um compromisso...etc Mas se pensarmos no contextos no qual "bolo" costuma ser usado, me parece que sempre há uma ideia de aglomerado, de mistura. E me parece também que a palavra "bolo" é extremamente versátil, muda de sentido facilmente, assumindo diversas funções sintáticas, e até mesmo morfológica, dependendo do contexto.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

É verdade Ariane, parece que "massudo" é mais abrangente que "redondo".

Mas aí, temos que definir "massa", que pode ser tanto de farinha quanto de gente, por exemplo. Porém, no caso de "cascudo" fica mais difícil. Porque seria uma "massa" de dedos...E isso me soa estranho.

Laysi Praxedes Nobre – Turma 113

Muitas mensagens desde ontem... vi que realmente fui pelo caminho errado no início, entendi muito mal a proposta e peço desculpas aos colegas por tentar insistir em um ponto de vista equivocado...

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

Seguindo então a proposta que foi colocada, acho que "bolo" pode ser melhor definido se colocado em comparação/oposição a outro doce (ou salgado) preparado com os mesmos ingredientes e do mesmo modo.

É mais fácil definir algo primeiramente, na minha opinião, distinguindo o que ele não é. Nesse caso, bolo não é uma torta, uma pizza, uma panqueca... Mas, de qualquer forma, existem bolos salgados? Sim, como o tão citado bolo de carne. Mas acho que a primeira coisa que pensamos quando ouvimos a palavra bolo é mesmo no doce...

Então fico pensando que é preciso também delimitar que tipo de bolo é esse que queremos definir... Ou simplesmente, ao defini-lo, contar com essas duas possibilidades...

Bolo é um alimento preparado com ingredientes base (farinha, açúcar, ovos, manteiga, leite, fermento etc). A massa geralmente é doce e assada em forno. Pode ter recheio e cobertura também. Pode ser comido tanto café-da-manhã quanto numa festa de aniversário... Existem também bolos salgados.

Enfim... é mesmo difícil de se chegar a uma definição que não soe genérica...

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

De fato, fiquei pensando no sentido de "aglomerado de coisas". Parece fazer sentido também se analisarmos o aumentativo "bolão" - um amontoado de gente fazendo apostas. Interessante.

Carolina Carbonari – Turma 113

A definição da Renata me pareceu realmente interessante: "me parece que sempre há uma ideia de aglomerado, de mistura". Sobre a pergunta da Laysi, no caso de ter que se definir "cascudo", poderíamos pensar num golpe de um aglomerado de dedos, uma mistura de dedos, não?

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

Acho que responder a "podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?" e por que isso importaria para definirmos "bolo" está ligado ao que eu entendi do que o Anderson diz no texto dele sobre funcionalismo e formalismo. Pelo menos foi o que eu pensei quando li esse trecho abaixo, que traduzi meio rapidinho porque a hora do almoço já acabou:

It seems to me that in its attempt to treat "Language" in the most comprehensive sense as a unitary object of study, the functionalist view systematically confounds these effects in a way that results in a considerable amount of intellectual confusion. It is far from obvious that the intersection of all these factors actually constitutes a coherent object of study in its own right. In the natural world, for example, the wind is certainly a phenomenon we can identify, but would it make sense to try to develop a unitary science of wind? Surely "wind" results from the interaction of a wide range of climatic, geographic, atmospheric and other factors, and the way to understand it is as the product of their interaction — not as a unitary object of study on its own. Similarly, I see no reason to abandon the assumption that an extensively modular approach is the best way to attack the problem of finding the order and coherence in language through scientific inquiry.

Parece-me que, na tentativa de tratar "Linguagem" no sentido mais abrangente como um objeto unitário de estudo, a visão funcionalista sistematicamente confunde esses efeitos de um modo que resulta em considerável confusão intelectual. É mais do que óbvio que a intersecção de todos esses fatores realmente constitui por mérito próprio um objeto coerente de estudo. No mundo natural, por exemplo, o vento é um fenômeno que nós certamente conseguimos identificar, mas faria sentido tentar desenvolver uma ciência unitária do vento? Decerto o "vento" resulta da interação de uma variedade de fatores climáticos, geográficos, atmosféricos e

outros, e a maneira de entendê-lo é como um produto dessa interação - não como um objeto unitário de estudo por si só. Da mesma forma, não vejo motivos para abandonar o pressuposto de que uma abordagem extensivamente modular é a melhor maneira de atacar o problema de encontrar a ordem e a coerência na linguagem por meio da investigação científica.

Acho que é possível fazer uma analogia do vento no texto dele com o nosso bolo, não? Todos nós sabemos o que é um bolo, mas não dá para desenvolver uma ciência unitária do bolo, uma definição precisa e definitiva, como "qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno", pois ele é resultado e fruto da interação de vários fatores (e ingredientes).

Tatiana Napoli – Turma 113

Tá tudo muito EMBOLADO nesse tópico... rrsr

Concordo com a Renata quanto à idéia de aglomerado e mistura.

Wanda Maria Ramos de Almeida – Turma 113

Esse bolo de respostas está demais, gente!!

Merisma do bolo, Bolo Young... nunca imaginei me divertir tanto na aula de Sintaxe.

Para mim: bolo é um aglomerado que pode ser constituído de um ou mais ingredientes.

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Eu estava pensando o que seria um bolo, "cake", em inglês.

Além de ser a iguaria de farinha e ovos que estamos mencionando (mas um amigo meu, hare-krishna, sempre come bolos feitos sem ovos - mas tão bolos quanto aqueles com ovos -) e lembrei que panquecas são "pancakes", ou bolo de panela!

Assim sendo, pelo raciocínio anglo-saxônico, parece que nosso argumento pela farinha não esteja tão errado.

Mark Damian Ament – Turma 113

"O Bolo"

Despreocupado com a questão de que houve a escolha de uma palavra em língua portuguesa, para expressar um conceito de forma escrita ou falada;

A definição de bolo que escolhemos é determinada pela imagem que criamos ao sermos sugeridos a definir o termo. A criação desta imagem pode ser direcionada, caso tenhamos contato com qualquer informação que se acrescente após a solicitação da definição. A página do google imagens do datashow da professora Maria Clara, com várias fotinhos de bolo, por exemplo.

Assim, escolho como primeira visualização para descrever uma das idéias possíveis para bolo, a que diz respeito a uma espécie de comida. Elaborada a partir de uma mistura de ingredientes, tais como, leite, farinha, água, ovos, fermento entre outros, formando uma massa. Há no entanto dois componentes especiais que podem ser utilizados em sua produção capazes de promover um contraste entre duas possibilidades possíveis dentro desta mesma definição. O sal e o açúcar. Principais responsáveis por estabelecermos uma divisão dentro do sentido expressado pela palavra bolo. Temos agora uma DIFERENÇA entre o bolo doce e o bolo salgado. Esta diferenciação nos ajuda a definir a ambos.

No meu caso específico, doce, coberto com glaçê ou chantilly, com uma cereja em cima. No entanto muitas outras definições seriam possíveis, contemplando esta opção de construção de imagem ou outras utilizadas em outros contextos que não o alimentar.

Mario Cardoso de Oliveira – Turma 113

Primeiro devo só apontar que: Thiago, adoro esse filme e adorei a comparação do diálogo do Jack Nicholson. Realmente nos leva a pensar nas verdadeiras propriedades das coisas (e aqui, no caso, no bolo)

Respondendo à pergunta do Henrique:

Eu não considero bolo uma mistura que leva farinha e vai ao forno. Simplesmente porque há bolos com fubá, amido de milho ou milharina; bolos que não vão ao forno, mas sim são fritos ou cozidos e bolos que não se encaixam no esteriótipo "bolar" (sim, acabei de inventar). Há uma receita húngara de bolo, muito famosa e tradicional, que na verdade não se assemelha nada com o bolo tão conhecido. É, na verdade, formado por várias panquecas intercaladas com diferentes recheios e caldas, ou seja, a imagem de uma massa uniforme, fofa e alta se perde nessas circunstâncias.

Isabel Deak Serapiao – Turma 113

Primeiro, a minha definição de bolo é de uma massa doce ou salgada, podendo ser simples ou recheada, composta de vários ingredientes que são colocados em ordem e não aleatoriamente, são misturados para depois ir ao forno ou a fritadeira.

Se pensarmos na pergunta do Henrique fica difícil concluir que bolo é tudo que leva farinha e vai ao forno. Como disse, o bolo pode ser frito, logo não vai ao forno e se pensarmos na farinha temos pastéis, biscoitos, tortas que contém farinha e vão ao forno e não posso considerar esses variados tipos de alimento com um bolo, pois por um conceito geral esses não o são.

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Concordo com essa idéia de não poder desenvolver uma ciência unitária para o bolo, além do que a definição de bolo ainda depende da visão de cada um, do que cada um entende por essa palavra.

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Assim como há diversas interpretações para o bolo-doce-ou-salgado-assado, há também para o bolo-castigo, pois, para mim, seria aquele com palmatória ou uma régua na mão do aluno...

Juliaray Sadala Mendonça – Turma 113

"Podemos chamar de "bolo" qualquer mistura a base de trigo que vai ao forno?"

Ao meu ver não. Existem outros tipos de comida a base de farinha que vão ao forno, mas quando você ouve a pergunta "Você que um pedaço de bolo?", você sabe do que a pessoa está falando. Você pode até perguntar "Do quê?", e aí ele ser de chocolate, fubá, milho, cenoura, não muda a idéia de que ele é um bolo. Porém, se a pessoa te traz um pão (que também é uma mistura a base de farinha que vai ao forno), você sabe que aquilo não é um bolo!

Cristina Silveira Mendonca – Turma 113

muitas pessoas já deram uma definição igual maaas como a professora falou...é pra dizer o que vem à mente. primeiro..acho que pra todo mundo vem o bolo - comida... feito de massa de mistura de outros alimentos...que depois vai ro forno pra ficar pronto...achei interessante o paralelo com a torta. O bolo existe em oposicao à torta e aos outros doces...o que o diferencia será o fermento? a apresentação? mas e o brownie? é o quê? também é bolo! Acho que cai aí tb a ideia da ocasião...

pense em um bolo...provavelmente vc pensou em um bolo de aniversário...

mas tb acho muito vário a concepção de mistura...tipo embolar...

ou mais ainda de agomeração...pq depois da parte da comida...o outro conceito de bolo que eu penso é de coisas juntas...bolo de carne (conhecido como amondega ou porpeta, um monte de carne moída junto), bolo de ideias, bolo de cobertas, etc

bolo para todos os gostos!

Oriana Harumi de Lima Tanaka – Turma 113

Aproveitando a pergunta do nosso colega Mario Cardoso de Oliveira no tópico seguinte Descrição Formal não requer contexto? - eu aproveito para comentar que: quando a professora pediu para nós definirmos o que seria um bolo, pelo contexto e pelas expressões corporais dela, eu fui induzido a achar que se tratava de bolo (alimento). Confesso que outras definições passaram na minha cabeça, mas que o que ela gostaria mesmo que eu comentasse era a respeito de um tipo de alimento denominado bolo.

Então está é a minha definição: Alimento preparado através dos ingredientes em quantidades proporcionais : farinha, açúcar, fermento, ovos, leite e mais algum outro ingrediente para dar aroma ou sabor, como chocolate, cenoura ou frutas, (são facultativos), e que deve ser levado ao forno por algum tempo para poder ser ingerido. Há ainda a possibilidade de bolo salgado, onde se substitui o açúcar pelo sal e o ingrediente doce por um ingrediente salgado, como carne, peixe, etc

Marcelo Antoni Enderson Almeida de Oliveira – Turma 113

Boa Tarde Pessoal,

Bom eu não vejo no primeiro momento "bolos salgados" (bolo de carne), como realmente um bolo. Para mim, quando uma pessoa pensa em bolo lembra logo naqueles bolos de casamento, aniversário de festa infantil e etc... Claro isso na nossa experiência extralinguística. No caso de outros países deve ser diferente.

Para mim, bolo é uma alimento que pode ser doce ou salgado, com recheio ou sem, utilizado para diversos tipos de festas, especialmente para comemoração de aniversários.

é isso!

Abraços

Bolo estruturalista: existem em oposição à torta, ao brownie, etc...

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Caros,

Que tal então caminharmos um pouco pela seara do que o Marciano chamou de "bolo estruturalista"? Penso que as seguintes colocações da Cristina também poderiam ser exploradas:

- "quanto você ouve a pergunta: 'Você quer um pedaço de bolo', você sabe do que a pessoa está falando" - como a gente sabe? e - isso poderia nos ajudar na formação de um conceito de bolo?;

(e, por oposição...)

- "se a pessoa te traz um pão (que também é uma mistura a base de farinha que vai ao forno), você sabe que aquilo não é um bolo"? - como a gente sabe? e - isso poderia nos ajudar na formação de um conceito de bolo?

Maria Clara Paixao de Sousa

A minha definição de “bolo” é a seguinte:

Acredito que a primeira imagem que vêm à cabeça seja referente ao “bolo” como alimento, massa homogênea como produto da mistura de vários ingredientes, tendo como “base” (ou pelo menos o que acredito que temos como tal genericamente) farinha, ovos e fermento, podendo ter importância em certas etapas a ordem que se mistura os ingredientes (se bem que pode-se encurtar algumas em certas receitas misturando tudo de uma vez e não alterar o produto final.) Pode ser doce ou salgado, apesar de vir primeiro à cabeça a imagem do doce, com recheio ou não, decorado ou não.

Será que teria alguma coisa a haver com a textura para se definir como “bolo”? Pelo menos para mim parece que toda massa de bolo tem uma textura semelhante.

Tive a curiosidade de dar uma olhada nas páginas referentes a “bolo” em outros idiomas no Wikipédia, e há alguns que parecem colocar “bolo” e “torta” numa mesma categoria, como em italiano, que parece se chamar “torta”. Constatei isso apenas através de imagens na página (<http://it.wikipedia.org/wiki/Torta>).

Achei mais curioso ainda a página em japonês sobre “bolo” (<http://ja.wikipedia.org/wiki/%E3%82%B1%E3%83%BC%E3%82%AD>). Até aonde pude entender fizeram uma classificação de acordo com o ingrediente usado para o crescimento do bolo (aonde incluíram panetone, panquecas(hotcake)...). Não posso dizer muito (na verdade, nada) sobre o final da página onde há algumas fotos de outros tipos de doce e biscoitos,mas parece que estão incluídos em uma categoria de “outros tipos” dentro de uma categoria maior “tipo de bolos”...

Isso me fez lembrar na enciclopédia chinesa do texto do Borges, mas não sei como relacionar ao presente tópico do curso sobre "abordagem formal"...

Renata Kaoru Nakane – Turma 113

Ajuda a percebermos que existem várias formas de retratar um mesmo objeto. Não existe o bolo ideal existe é um conceito de bolo, que está num certo imaginário coletivo. Como essa imagem é a primeira que vem na mente depois vamos associando qualificadores para dizer afinal de contas qual é a nossa ideia de bolo dentro do contexto.

Isso ocorre com os ingredientes da receita em anexo: o nome e a fórmula remetem a um mesmo item.

Aí já me vem outra ideia: às vezes são necessárias competências específicas para poder chegar ao item, pois no caso de reconhecer determinada fórmula, apesar de ser uma linguagem, nem todos os falantes de português saberiam do que se trata (minha mãe com certeza não saberia). A fórmula seria uma espécie linguagem universal? Mas se é para iniciados como pode ser universal?

vixi, fiz a maior confusão e não disse nadaperplexo

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Pensando nessa ideia de "bolo estruturalista", poderíamos definir bolo através de categorias - no caso, os ingredientes básicos que definem um bolo (farinha, fermento etc etc). Neste caso, o próprio pão poderia ser considerado um "bolo".

Hamilton Fernandes da Silva – Turma 113

Achei interessante a ideia de linguagem universal, Felipe. Pois estamos a procurar um conceito, uma verdade que seja compartilhada por todos. Como a linguagem matemática, por exemplo...

Se sabemos que bolo não é simplesmente uma mistura à base de farinha que vai ao forno (pois ao ouvirmos pedaço de bolo, não pensamos em torta, pão ou pizza), será que não haveria então algo que está além da simples presença desses ingredientes misturados entre si? Falta um elemento chave!

Será que a forma como os ingredientes estão “configurados estruturalmente”, não teria uma parcela de responsabilidade para resultar numa aparência e sabor que conhecemos por bolo?

Lembrei agora das aulas de química. O H₂O (água) e H₂O₂ (água oxigenada), por exemplo, são formados exatamente pelos mesmos elementos químicos (hidrogênio e oxigênio), mas que pela forma peculiar como estão organizados dentro da estrutura da molécula, e por diferença quantitativa de cada elemento em obediência a regras de proporção, estabelecem relações peculiares entre si, resultando em moléculas de contornos e comportamento distintos. (Será que foi uma analogia infeliz?) morto

Eliana Junko Takara – Turma 113

Ao visitar a padaria, fiquei analisando os produtos oferecidos. Temos alguns pães com coberturas variadas, açúcares, pedaços de fruta, etc, mas mesmo assim pães.

Também há bolos bem simples, apenas um bolinho de chocolate da Panco, daqueles que vem com uma faca de plástico (há tantos anos que não compro um que não sei mais se isso está certo).

Fiquei me perguntando se o que define se um pão, digamos... rebuscado, é apenas um pão e não um bolo não é mais uma questão de nomenclatura. Será que eu chamo de bolo, mas o colega ao lado chama de pão?

O mesmo pode ser dito com relação ao bolo Panco. Ele não estaria mais para pão do que para um bolo de casamento ou um daqueles que acaba com a dieta?

Eu não sou cozinheiro e às vezes até confundo alguns bolos com pães, apesar de conseguir diferenciar um pão francês de um floresta negra...

Será que nossa definição do que é um bolo e um pão requer mesmo o conhecimento da diferença de um pão assado com fermento vivo e um bolo assado com um fermento químico (sugerido pela tabela do PDF da professora), ou talvez pode haver uma variação?

Não tem uma semelhança com a ideia de várias neves, dos Inuites? Ou dos vários brancos reconhecidos por eles?

Mark Damian Ament – Turma 113

O arquivo em .pdf que a professora colocou está dialogando muito com o comentário "químico" da Eliana. Lá estão elencadas as variedades de ingredientes que servem para preparar o "cake" (às quais nos referimos aqui) e suas respectivas composições químicas...

O que me chamou mais a atenção (além da composição química detalhada) foi a seção "Fat" na 2ª página, que aparece subdividida em "Shortening", "Creaming", "Layering", "Flavour"! Uma definição muito interessante e detalhadamente minuciosa de gordura!

Então, além dessa seção, talvez possamos nos aprofundar nisso e nessa oposição que a Eliana colocou: H₂O e H₂O₂, mesmos ingredientes mas produtos finais diferentes...

Laura de Azevedo Guimaraes – Turma 113

"mesmos ingredientes mas produtos finais diferentes"...

É muito boa essa reflexão da Eliana e da Laura.

Pois isso já ocorreu também nas frases que estudamos. A alteração da ordem de entrada dos elementos no contexto alterava o sentido do que era dito. Assim também ocorre na receita. Nas frases pudemos concluir que o elemento à esquerda funcionava como "âncora" que firma nossa interpretação. No caso do bolo está difícil de definir essa tal âncora... talvez as etapas do processo? O que acham?

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Então, podemos diferenciá-lo pelo tipo de ingredientes, textura, peso, densidade, certo?

Que faz distinguir, assim, um bolo de um pão e de uma torta.

Pão tem uma massa de farinha, sal, água e tem uma consistência mais elástica, a torta tem uma massa mais leve e tem mais destaque para o recheio, contrário ao pão e também ao bolo, que é uma massa que leva farinha (qualquer farinha), produtos que adoçam ou salgam e ingredientes que fazem ter o sabor em especial, por exemplo, bolo de chocolate leva chocolate. O bolo tem mais massa que a torta e esta não é elástica como a do pão.

Seriam estas as diferenciações?

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

"Bolo" é interessante porque faz parte da infância de praticamente todas as pessoas. Quando parei para pensar em um conceito para a palavra, é claro que me veio à mente, logo, um bolo daqueles redondos, feitos em fôrma de furo no centro, saindo quente do forno. E pensei, também, em "bolo de pessoas ou de coisas" e em "dar bolo", faltar em um encontro marcado. Mas como não tive tempo de postar o meu conceito até agora, houve duas conseqüências: a primeira foi a possibilidade de "filosofar" mais a respeito do assunto e a outra foi perceber que o meu conceito ficou ultrapassado, já que as pessoas esmiuçaram o bolo.

Tive tempo, por exemplo, de pensar em um livrinho que eu li quando criança, chamado "Chapeuzinho Amarelo". Era a história de uma menininha que tinha medo de tudo, um texto que dialogava com a Chapeuzinho vermelho e que foi escrito - surpreendentemente - pelo Chico Buarque. Nele, a menininha deixa de ter medo e passa a ver o lobo com olhos corajosos, transformando-o em "bolo" - lobolobolobolobo também é bolobolobolobolo, se olharmos de perto.

Então, para definir "bolo" de um jeito diferente, minha ideia era juntar os três conceitos iniciais que pensei para "bolo" (a comida, o conjunto de coisas, a falta ao encontro). Não consegui, mas aí está o que chegou mais perto: "Bolo é um pão metido a besta que, vira-e-mexe, faz doce."

Fabia Alvim Leite – Turma 113

O engraçado é que o resumo da aula 5 compara a abordagem formal com uma tentativa de capturar um "receita" da gramática, mas, diferente da equação do jpg, uma receita de bolo parece ser sempre uma porção de uma representação extensional. Ela nunca dá conta de todos os bolos.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Então nós matamos a charada: a ideia da Maria Clara é que nós percebamos que, assim como não é possível abarcar todas as possibilidades do conceito de um bolo, da mesma forma não se pode fazê-lo com os conceitos da gramática. E é verdade. Nunca será bastante a descrição, por mais que se tente.

Aposto cinco fichas.

Fabia Alvim Leite – Turma 113

Pelo que entendi, a resposta para esse exercício é algo como: é uma massa doce que pode ser recheada e ter cobertura de vários tipos.

Aplicando isso na gramática gerativista, podemos dizer que o discurso que fazemos é automático e inato, uma massa padrão como os outros "bolos" (assim como o ato de comer, beber, dormir...), mas é feito de diversas formas pelas situações do cotidiano, pela cultura em que estamos (o contexto social, econômico ou político), em nossa "bolha pessoal" ou em outras com as quais interagimos por toda a vida - o que seria dizer que se coloca um tipo ou outro de cobertura no bolo.

A questão é como conseguimos formar sentenças "corretas" na aquisição da linguagem e depois de estabelecida sem que ninguém nos fale como as estruturas são e qual a sintaxe da língua nativa.

Como saber, quando criança, que falar o sujeito antes do verbo é mais "confortável" do que se falasse tudo fora do "padrão"?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Bolo:

combinação de elementos, passíveis de serem digeridos pelos seres humanos, que sob ação de alta temperatura, se fundem, de maneira a formarem um todo homogêneo.

Achei interessante esse exercício, pois por mais que todos nós conhecemos a palavra "bolo" e por mais que todos nós já tenhamos visto, comido um bolo, tenho certeza de que cada um terá uma definição diferente, mas que de alguma maneira todas as definições se encontrarão em algum ponto. O que será diferente, acredito eu, será a escolha, a seleção que cada pessoa fará, dentre as possíveis definições de "bolo", de traços que caracterizam "bolo".

Essa seleção é feita de acordo com as experiências de cada indivíduo. Isto é, o indivíduo selecionará dentre todas as possíveis definições, aquela que mais o deixa confortável, aquela com a qual tem maior "intimidade" devido suas (do indivíduo) experiências. Talvez esse exercício nos exemplifique a noção de Princípios e Parâmetros.

Daniela Martos Morais – Turma 131

Acho que a experiência linguística é que vai ditar a ordem das combinações. Quando aprendemos a falar, é comum alguns "equivocos" engraçados [tipo falar de mim mesma na terceira pessoa] que vão sendo modelados ao longo da aquisição de linguagem. Nesse caso, a intuição e a repetição contribuem, penso eu, para "corrigir" esses equivocos.

Adotando a alegoria das colegas, podemos dizer que a massa do bolo é um amontoado de ingredientes [regras] soltos, que ao passo que se combinam, na base de testes e tentativas, vão formando algo consistente. Seguindo o que a professora disse, as regras, segundo a teoria gerativista, são pré-aprendidas [inatas], cabendo ao sujeito empírico utilizá-las da melhor maneira e de acordo com a experiência que ele carrega.

Mariana Cristine de Almeida – Turma 131

Pode até parecer que não, que é bem óbvio, mas esse exercício que a professora propôs é bem peculiar.

Difícilmente, alguém vá criar uma definição errada de bolo. É bem claro pra nós o que é um bolo, então descrevê-lo não é nenhum desafio. Porém, é bem difícil criar uma definição suscinta (ou seja, não um artigo de enciclopédia) de bolo que se aplique exclusivamente a bolo, ou seja, que deixe bem claro para a pessoa que está falando-se com certeza de um bolo, e de nada mais.

Por exemplo, "Alimento preparado através da mistura de variados ingredientes, atingindo aspecto homogêneo, e através do aquecimento, adquirindo nova consistência".

Se alguém lê essa definição sabendo que o que está sendo definido é um bolo, parece bem bom. Mas pra quem não sabe mesmo, não é nem um pouco claro. Poderia ser brigadeiro, qualquer torta, massa de pão ou de qualquer outra coisa. É bem intrigante.

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

Na mesma linha da Marcella, as explicações podem ser boas, mas me parecem insuficientes para definir exclusivamente o bolo. Um detalhamento mais específico talvez pudesse conter algo do tipo: "bolo é um tipo de alimento à base de farinha feito com a mistura de alguns ingredientes específicos em quantidades também específicas (ovos, leite, farinha, açúcar, fermento, óleo ou azeite e algum outro item que dará o sabor principal - cenouras, por exemplo - para uma massa básica). A mistura, no entanto, não é aleatória, há uma ordem de acréscimo dos ingredientes que deve ser obedecida (primeiro ovos, depois farinha, açúcar, leite etc...). Esse alimento deve ser assado no forno e pode ou não ter cobertura, que é feita à parte e colocada ao final, quando a massa do bolo já está pronta. Esse alimento é também um símbolo cultural de comemorações, como festas de aniversário, pelo menos aqui no Brasil." Não é tão breve, mas é uma descrição que procura enfatizar alguns elementos próprios do bolo que o diferenciem de outras massas à base de farinha/ de outros alimentos/ de outras misturas / de outros alimentos comemorativos.

Quanto à gramática gerativa, ela enfoca alguns elementos que são comuns a todas as línguas (por exemplo, o merge - concatenação de constituintes, que não é linear - ou a recursividade). Todas as línguas humanas concatenam os constituintes da sentença, mas a ordem deles pode variar. Assim, se no PB usamos principalmente a ordem sujeito-verbo, ou verbo-complemento, em outras línguas essa ordem pode ser inversa, mas tal inversão não invalida a verdade de que a concatenação é uma operação universal para português, mandarim, árabe etc. O que é dado não é o padrão S-V ou V-O, mas a capacidade de estabelecer um padrão a partir de uma propriedade que é inerente à língua.

Bruna Bassette – Turma 131

Seguindo as orientações da professora, que pediu que descrevessemos um bolo como se fosse a um marciano, que não tivesse a menor ideia do que fosse isso, eu diria que um bolo pode ser muitas coisas, mas entre a definição mais comum seria a de um alimento muito apreciado pelos humanos, nas mais diversas ocasiões e comemorações (casamento, aniversário...) e que pode ser doce, ou salgado, e com incrível variedade de sabores (alguns inclusive entorpescentes), porém, conta com uma massa base feita essencialmente de farinha, ovos e fermento, embora existam receitas que dispense um dos três ingredientes, mas nunca dois. Enfim, essa massa é misturada a outros ingredientes, tais quais óleo, leite, chocolate, frutas, grãos, carne, queijo, pode ser no liquidificador, na batedeira ou em uma tigela com uma colher. Por último, é colocado o fermento, que garantirá que aquela mistura cresça, e levado finalmente ao forno, onde em cerca de 30 minutos (ou até 3 minutos, se feito no microondas) se solidificará, crescerá e estará pronto para o consumo. A forma do bolo pode ser variada, existem bolos redondos, quadrados, retangulares, com vários andares, é possível fazer bolos de qualquer forma. Após retirado do forno, o bolo também pode ser cortado ao meio e recheado, e coberto com infinitas possibilidades, doce de leite, brigadeiro, bicho de pé, chantilly, pasta americana... Resumindo, esta seria a principal definição de um bolo, porém existem outras tantas (bolo fecal, bolo de lama, bolo de areia, bolo de pêlos), ou até mesmo utilizado como expressão popular, na frase "Murilo me chamou para ir ao teatro, mas ele me deu um bolo", e nessa oração, o "bolo" significa que Murilo não compareceu ao compromisso.

Me pareceu que (enfim, posso estar viajando), que uma receita de bolo é como uma oração. A oração, tal qual o bolo, necessita de componentes base (argumento interno, argumento externo), pode se até deixar de colocar um deles, mas nunca todos. Pode ter várias formas (estruturas gramaticais), vários ingredientes (palavras, substantivos ou adjetivos) que dão outros sabores (significados), porém sempre será uma oração (ou bolo).

Daniele de Araujo Garcia – Turma 131

Compartilho quase a mesma definição da Daniela. O bolo é uma iguaria feita nas ocasiões festivas, que pode ser doce ou salgado (mas na minha cabeça vem sempre a ideia de doce), e tem uma massa feita de farinha, ovos e fermento. Tal massa é misturada a outros ingredientes, como frutas secas, chocolate, queijo, entre outros, e são estes os responsáveis pela variabilidade do conceito de bolo. Depois disso, ele é assado e pronto para servir.

Em termos emocionais, o bolo é um prato para ser apreciado com outras pessoas - ao contrário dos cupcakes. Em muitos casos, quando se fala em bolo, a primeira lembrança que vem é afetiva, como por exemplo, o bolo que a vó fazia, etc.

As outras definições como "bolo fecal, bolo de lama, bolo de areia, bolo de pêlos" tiveram como matriz o bolo que todos nos referimos, mas com a intenção justamente oposta, a de causar estranhamento.

Agora é difícil especular qual a relação entre o significado da gíria "bolo" da frase "Murilo me chamou para ir ao teatro, mas ele me deu um bolo", e o bolo convencional.

Pegando emprestado a linha de raciocínio anterior, pode ser que a receita de bolo seja a própria gramática, com seus princípios, nesse caso os ingredientes fixos, comuns a todas as línguas, como oração e seus argumentos internos e externos, e os variáveis, particular de cada língua, como o léxico.

Renata Guerra Machado – Turma 131

Iniciado pela primeira consoante do alfabeto, seguida por uma vogal semi-cerrada, posteriormente outra consoante aparece, desta vez lateral alveolar líquida representada pelo "l" e, por último, temos a repetição da vogal "o".

Resumindo, o bolo é feito de caracteres de nosso alfabeto.

Deixando esta divagação de lado e adentrando em outra, cheguei a um dilema: se uma mesma receita de bolo fosse distribuída para 4 pessoas, uma em cada continente, o resultado seria o mesmo bolo?

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

A minha definição de bolo também acabaria caindo em conceitos como massa preparada a partir de tais ingredientes, que deve ir ao forno, geralmente é doce, é algo para ser ingerido (alimento), comum em festas... etc.

Concordo com a Renata que disse que os outros "bolos" (por exemplo, bolo de pelo) variam desse bolo principal, remetem ao fato de haver mistura homogênea de várias coisas.

Alguém citou acima que a professora comentou para definirmos bolo para um ser que "viesse de Marte". E isso foi o que mais me intrigou. As definições que demos são carregadas de conceitos que um marciano não conhece, portanto para explicar o que é um bolo teríamos que explicar o que é doce ou salgado, o que é massa, o que é farinha, o que é alimento... Imaginando-me nessa situação, creio que acabaria tendo que recorrer a recursos extralinguísticos como mímicas, objetos, o próprio bolo... Se pensarmos bem, a criança aprende que um bolo é bolo pois quando dão um bolo para ela comer ela pergunta "o que é isso?" e respondem "bolo". Utilizar apenas a linguagem falada, pelo menos para mim, não seria suficiente para explicar o conceito de bolo para alguém totalmente alheio ao nosso mundo.

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Talvez eu pudesse definir bolo como uma massa misturada de ingredientes diversos, variando entre doces e salgados. O bolo pode ter outros elementos também, como recheios e/ou coberturas.

Mas lanço a questão: será que defini-lo apenas como uma massa que vai ao forno é suficiente? O tipo de massa varia muito, mas mesmo assim, pães também são massas que vão ao forno, assim como tortas, muffins, brownies, etc.

Bolo parece ser muito mais específico que isso, mas ainda não descobri como!

Francine Cavalcante Alves – Turma 131

O que vou falar tem a ver com tudo o que já foi dito acima e pensando justamente nisso acho que tem realmente a ver com os princípios e parâmetros, pois existem aqueles elementos fundamentais para se fazer um bolo, tais como ovos, farinha, açúcar e leite, mas outros também podem ser acrescentados para se fazer diversas receitas; desse modo, muitas estruturas são fixas em todas as línguas e outras variam (princípios e parâmetros) e

também acho que bolo é algo que é muito diferente em cada cultura, cada uma faz o "seu recorte do que é bolo", então concordo com o moço (desculpe, não lembro o nome :\$) que disse que se déssemos a mesma receita para pessoas de 4 países distintos, cada uma faria de um jeito diferente, de acordo com o que a sua cultura entende como bolo.

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Rafael,

Além de engraçada, sua colocação é muito pertinente (principalmente aqui, que falamos de SINTAXE). Lendo todas as mensagens anteriores e antes mesmo de lê-las, eu estava pensando justamente nessa questão: explicar para alguém de MARTE o que é um bolo. É incrível pensar nisso por alguns aspectos: alguém de Marte não entenderia o que é um bolo de forma alguma, por mais que fizéssemos uma dissertação detalhadíssima do conceito bolo. O conceito bolo existe para nós, porque, como falantes do português, ligamos esse significante a essa tal massa homogênea feita com inúmeros ingredientes (alguns, na maioria das vezes, básicos) que, quando submetida a uma alta temperatura (no meu caso, 180°) em um certo tempo (no meu caso, 45 min.), toma o formato da forma na qual essa massa foi despejada, transformando-se em um bloco sólido.

Para nós, qualquer definição similar a essa ou a de vocês fará sentido, pois temos clara em nosso cérebro essa relação significado/significante. Já nosso marciano, não teria essa relação clara. Portanto, se explicássemos desse jeito ou do jeito que o Rafael explicou, ele não entenderia, pois, para entender o jeito do Rafael explicar, precisamos também ter essas referências prévias de significado/significante.

Olha que interessantes as definições de 'bolo' no Michaelis:

bolo1

bo.lo1

(ô) sm (de bola) 1 Cul Massa de farinha, a que se adicionam açúcar, manteiga, ovos etc., a qual é cozida ao forno ou frita, e comida geralmente com café ou chá. 2 Cul Comida de sal que consiste numa massa de farinha de trigo e outros ingredientes, inclusive vários temperos, geralmente assada no forno, e que se come ao almoço ou jantar. 3 fam Pancada, nas mãos, com palmatória ou régua. B.-de-quinau: palmatoada que, numa sabatina, o aluno que vence aplica na mão do vencido (costume que ainda vigora em algumas escolas rurais nordestinas). B. de rodilha: bolo com repolegos e enfeites. B. sovado: bolo de farinha de trigo com muito fermento.

Outra maneira de definir um bolo (neste caso, um bolo de cenoura que vale a pena fazer):

massa:

2 cenouras

2 ovos inteiros

1/2 copo de óleo

1 xícara e 1/2 de açúcar

2 xícaras de farinha

1 colher de sopa de fermento

(liquidificar os 3 primeiros ingredientes e depois juntar os ingredientes secos na mão)

calda:

7 colheres (sopa) de açúcar

4 colheres (sopa) de nescau

2 colheres (sopa) de manteiga

8 colheres (sopa) de leite

Levar ao fogo até engrossar.

Thaís Vidal Fetka e Silva – Turma 131

Francine, você tem razão. Dizer que o bolo é apenas uma massa que vai ao forno não é suficiente. Acredito que nessa definição faltam traços como: doce/ salgado, por exemplo. Mas ao mesmo tempo, existem pães doces, também..então.. talvez a melhor definição seja apresentar os ingredientes e as condições em que eles se apresentam para se tornarem um bolo. Será?

Daniela Martos Morais – Turma 131

Então, Bruna.

"O que é dado não é o padrão S-V ou V-O, mas a capacidade de estabelecer um padrão a partir de uma propriedade que é inerente à língua."

Não acho que seja uma capacidade, mas, sim, um monte de regras impostas desde o ensino fundamental que podemos não saber no começo da vida - como quando um bebê fala à mãe dele que quer comer, podendo falar "papa, mama" (querendo comer a papa e pedindo à mãe para dá-la a ele) e não "mama, papa!".

Se não tivéssemos esse monte de regras desde o começo da alfabetização, talvez pudéssemos anarquicamente dizer as coisas da forma que cada um achar mais relevante, podendo parecer com a sintaxe de outras línguas.

Se não tivessem tantas regras, desde a infância, eu poderia dizer agora a vocês:

Delicioso bolo é mim para.

(entre uma infinidade de variações desta.)

Resumindo, se fosse uma capacidade, todos poderiam falar tudo sem uma ordem (sintaxe) e todos entenderiam todas essas formas "invertidas" sem estranhamento. No entanto, sabemos que, se falarmos e escrevermos conforme essas regras, tanto o texto quanto o discurso serão mais claros.

O peculiar do bolo é que podemos falar como se faz cada um a sua maneira, assim como na fala/escrita (cada um pode escrever/falar como "bem entender" ou para se fazer entender bem).

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Daniele,

O trecho "Por último, é colocado o fermento, que garantirá que aquela mistura cresça, e levado finalmente ao forno, onde em cerca de 30 minutos (ou até 3 minutos, se feito no microondas) se solidificará, crescerá e estará pronto para o consumo" é GENIAL!

O fermento que cada um coloca em seu bolo é, talvez, a identidade, a personalidade que cada um transmite em seus textos/discursos.

Jessica e professora, seria apropriado tal relação?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Raquel,

O que nos é dado (enquanto seres humanos) é a capacidade, não as regras. Um japonês, um nigeriano, um brasileiro e um francês têm a mesma capacidade de utilizar padrões a partir dos princípios universais comuns. A sintaxe seria uma interface entre todas as capacidades cognitivas do cérebro de modo a possibilitar a comunicação (até a língua de sinais tem sintaxe).

O que você falou está relacionado, por sua vez, ao estímulo, ou ao ambiente ao qual somos expostos. Os brasileiros - via de regra - estão expostos ao ambiente específico da sintaxe do português brasileiro, por isso falam "papa, mama", e não o contrário. Mas se esse mesmo ser humano fosse exposto a outro ambiente, poderia falar naturalmente "mama, papa", se essa fosse a sintaxe do outro ambiente.

A capacidade não dita a ordem sentencial, ela apenas possibilita o estabelecimento de uma ordem específica de uma língua. A frase "delicioso bolo é mim para" não é uma ordem válida porque um princípio universal da gramática seria a concatenação de constituintes, não de elementos lexicais. Mas a frase "Para mim, bolo é delicioso", ou "Bolo é delicioso para mim", ou ainda "Delicioso é bolo para mim" são plenamente aceitáveis como estruturação de constituintes. Nós preferimos o sujeito à esquerda do verbo (ou seja, <o bolo> começando a frase), mas outras línguas podem aceitar sujeito depois do verbo, segundo seu padrão. Por isso ainda insisto que temos, todos, uma capacidade de estabelecer um padrão a partir de uma propriedade inerente da língua...

Bruna Bassette – Turma 131

Oi Rafael,

acho que sua pergunta é muito pertinente, me fez lembrar um amigo de Brasília, que vivia discutindo comigo que "bolacha", era "biscoito". Sendo que para mim, "biscoito" é "bolacha sem recheio", ou então "biscoito salgado". Mas para ele, "bolacha recheada", era "biscoito". Isso ocorria devido a variação geográfica.

Dessa forma, acredito que possa ocorrer o mesmo com bolo. Para mim, bolo só pode ser doce, mas conversando aqui em casa, disseram que pode ser salgado também. Mesmo assim, ainda acredito que "bolo salgado", é "torta" e não "bolo". Pode existir, 'torta doce ou salgada', mas não 'bolo doce ou salgado'. Por tanto, acredito que as diferenças regionais influem na expressão da linguagem.

Daniela Martos Moraes – Turma 131

Bruna,

"A frase "delicioso bolo é mim para" não é uma ordem válida porque um princípio universal da gramática seria a concatenação de constituintes, não de elementos lexicais" pode não ser válido em outra língua, como na japonesa, por exemplo (posso falar watashi ni - "mim para").

Realmente, nascemos com a capacidade inata de aquisição da linguagem que ninguém nos ensina. Sabemos, sim, o que é errado ou estranho dizer, mas, sem a ajuda das tais regras gramaticais, não saberíamos fazer corretamente, com a ajuda das regências verbal e nominal, um discurso benfeito ou escrever da maneira mais clara possível (com a sintaxe "na ordem correta").

O que quero dizer é: podemos imaginar como fazer um bolo, mas só saberemos fazer com a receita (gramática, regras etc.), e, somente assim, o bolo sairá bom, bonito, gostoso...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Oi Raquel,

Concordo com você quando diz que nascemos com a capacidade inata de aquisição da linguagem que ninguém nos ensina, mas não concordo quando diz que sem a ajuda das regras gramaticais, não saberíamos fazer corretamente.

Pois, acredito que a gramática tradicional é, na verdade, uma convenção, mas a gramática gerativa é algo inato. Por exemplo, é errado, segundo a gramática tradicional, embora recorrente na fala, dizer: (1) "Os menino passaram por aqui hoje", o certo, seria fazer a concordância "os meninos", ainda assim, acredito que ninguém duvidaria de que a sentença se refere a mais de um menino. Agora, tenho certeza que ninguém nunca ouviu alguém dizendo: (2) "O meninoS passaram por aqui hoje". Dessa forma, acredito eu, que a regra inata é, nesse caso, aquela que não permite apenas a pluralização de "menino", mas que permite a pluralização apenas de seu "artigo". O que quero dizer é que, existem sentenças que mesmo consideradas erradas pela gramática tradicional, ainda sim, são passíveis de serem entendidas e se nós as entendemos, elas se tornam "corretas", pois conseguimos transmitir o pensamento, assim como a (1). Porém, ainda existem outras sentenças, que consideramos impossíveis de serem compreendidas, ou de existirem, como a (2). Essa noção de possibilidade/ impossibilidade é dada pela gramática gerativa, que é a tal "intuição", o "conhecimento inato". Acho que é isso..

O que acham?

Daniela Martos Morais – Turma 131

Oi, Raquel

Então, "mim para" pode ser um constituinte válido no japonês, mas não o é no português, por nós estranharíamos a frase.

Concordo com a Daniela quando ela alerta para as frases que sintaticamente estão incorretas, mas são perfeitamente compreensíveis. Há possibilidade quase infinita de estruturação, e talvez justamente por isso a sintaxe considerada certa mude tanto ao longo do tempo. Algo "dentro" de nós permite que nos comuniquemos independentemente das escolhas políticas sobre qual gramática é ou não a oficial, mas acho que esse meu ponto já foi abordado por vários colegas de uma maneira ou outra!

Bruna Bassette – Turma 131

Bom Raquel, eu diria, que esse bolo feito com vários ingredientes e que ganha forma, beleza conforme se faz, pode se comparar com a gramática gerativa, que quando nascemos já temos internalizada no cérebro, que vai ganhar forma e beleza conforme as regras (receitas) que vamos adotar, seja aqui, no Japão, na Inglaterra, cada um vai dá a forma que achar ideal para este bolo e assim desfrutá-lo. Ora, é isso que acontece com a linguagem. Quanto ao fato de formarmos setenças "corretas" como vc mesma disse, porque achamos bonito assim e mais apropriado. Acredito que é confortável para a criança, pois primeiro ela ouve da mãe(ou outras pessoas) nessa ordem, por exemplo, a mãe diz:

Menino, tira a mão daí. Nisso, creio que ela vai internalizando e entende como certo e bonito e apropriado esta forma(sujeito, verbo e complementos) e quando ela começar a produzir as primeiras frases, provavelmente será:

Eu quero, eu quero. e mais tarde diz: Eu quero isso. E assim vai dando forma e beleza a maneira de falar, pois assimilou esta forma ensinada e falada por outras pessoas.

bom, se a explicação não convenceu ou foi um tanto quanto cômica, é que eu esqueci de por fermento rrsrrrsr. Li a maior parte dos comentários do pessoal aqui no bloco e achei muito legal.....

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Eu anotei no meu caderno que nós deveríamos elaborar uma definição de bolo, mas será que essa definição tem que ser exclusivamente sobre o que o bolo é feito?

A primeira coisa que me veio na cabeça, quando a professora falou para fazermos isso, é que "bolo" é algo que reúne a minha família em volta da mesa todo domingo à tarde, para tomarmos café. Toda vez que vou para minha cidade (não sou de São Paulo), meus familiares pedem para eu fazer um bolo de chocolate ou de banana, pois eles gostam muito do bolo que eu faço. boca aberta

Então é curioso pensar que a questão dos ingredientes não me passou pela cabeça, e sim o valor sentimental que o bolo tem para mim..

Enfim, se eu tivesse que explicar para uma pessoa de outro planeta o que é um bolo, acho que seria isso que eualaria primeiro, o que talvez não fosse tão exato quanto a definição que fala dos ingredientes.

Karina Oliveira – Turma 131

Eu entendi a mesma coisa que a Daniela, que a professora nos pediu para definir o que é um bolo e não enumerar os ingredientes contemplados nele, pois se devemos descrevê-lo a um marciano, provavelmente, ele não saberá distinguir o que seria ovo, farinha, leite etc - utilizando a concepção hoje que temos de marciano.

Entrando nesse argumento de que o marciano não conhece nosso mundo, fica complicado definir qualquer tipo de objeto. Acho que a melhor maneira de definição nesse caso seria fazer um bolo e mostrá-lo ao marciano. Acho que essa é a melhor representação que podemos fazer de um bolo. O grande problema é que ele ficará em esse arquétipo na mente e se ele vir qualquer coisa contrária aquilo, afirmará que não é um bolo, ou seja, se mostramos um bolo de chocolate e depois ele vê um bolo de milho, este não será um bolo para ele.

Não sei se o que escrevi é a melhor método para se definir a um marciano o que é um bolo pois trazendo o que minha professora de Tradutológicos disse, as vezes se você mostra (no sentido de apontar) um objeto na tentativa de traduzir uma determinada coisa, ele pode não entender, pois a cultura de partida e a cultura de chegada podem ter interpretações diferentes. Por exemplo (não muito bem elaborado), se mostramos o bolo em um prato ou em uma forma ao marciano, ele pode interpretar que o prato/a forma faz parte do bolo.

Sinceramente, posso estar viajando em tentar definir o bolo, mas em palavras não conseguiria. Dizer que o bolo é uma massa comestível, gostosa, uma fusão de ingredientes não seria apropriado haja vista que em Marte pode-se ter outros objetos com essas concepções para ele e que não se assemelharia nenhum pouco aos nossos alimentos.

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Outra informação que gostaria de acrescentar e que me esqueci, seria o fato de que no português, pelo menos em São Paulo, teríamos mais de uma definição para bolo. Não sei se seria o caso de entrarmos nas 'definições corriqueiras' para fazermos contraste ao bolo aqui vislumbrado.

Além desse bolo comestível, temos o bolo quando uma pessoa marca conosco um determinado compromisso e não comparece e temos outro conceito de bolo quando dizemos "Pegue aquele bolo de coisas e me traga". Será que seria conveniente estabelecermos contrastes entre os três? Na verdade, a pergunta é: é necessário estabelecermos esse contraste para chegarmos a definição desejada?

Pensei nisso agora, será que conseguimos desenvolver ou ao menos ver a necessidade?

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Ah, agora concordo!

Acho que a gramática do português culto falado no Brasil explica bem isso. Ficamos bloqueados ao falar O meninos, mas a informação é transmitida com clareza ainda assim.

O que não é inato é o fato de saber que essa estranheza se dá por misturar o singular com o plural, não?

O que importa, realmente, é a comunicação. Você entender o que estou falando, por mais que esteja "certo" ou "errado". Na língua falada, não há erro, porque, como um professor de Fon Fon já havia falado, nunca faremos uma frase (sem ser nas ocasiões em que queremos fazer "errado") que não é possível de ser feita.

O problema é: se não houvesse essas regras, será que poderíamos escrever dessa forma culta e formal? Ou será que cada um escreveria seu bolo da maneira que melhor fosse o sabor subjetivo?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Bruna,

Eu falei do japonês porque você havia respondido de maneira generalista da língua, não só do português - pelo menos, foi isso que eu entendi. Dei um exemplo de que isso não ocorre em todas as línguas.

Enfim... obrigada às duas!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Então, Leandro, a aquisição de linguagem é feita com o "chip" inato que já vem "de fábrica", mas também das influências sociais (família, amigos etc.) e das autoridades linguísticas (professores, tutores, revistas, jornais etc.). Eu também me esqueço sempre de adicionar fermento. Peço desculpas se alguém se sente ofendido pelo meu modo sem luva de pelica... de falar!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Evandro,

Acho que o exercício seria o de explicar o significado literal de bolo a um ET. Sim, temos outras conotações para a mesma palavra, mas, nesse caso, acho que não seria aplicado.

Bruna,

Agora, surgiu na minha cabeça que você falou que a sintaxe muda conforme as variações linguísticas mudam a língua que falamos. Perfeito! Pensei muito a respeito e concordo plenamente! Obrigada.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Raquel, quanto a sua pergunta: "O problema é: se não houvesse essas regras, será que poderíamos escrever dessa forma culta e formal? "

Não acredito que a língua poderia se estabelecer sem regras, nem que seja um mínimo delas. Em IELP, aprendemos que as regras são necessárias para a língua não se extinguir, enquanto as variações são responsáveis pela flexibilidade da língua. Acho que o melhor exemplo disso é o latim.

As línguas obedecem a um padrão, intuitivo e lógico (Princípios & Parâmetros), no entanto, o registro formal e culto é dado de acordo com os formadores de opinião (acho que esse não é o termo mais apropriado), que usam a língua com ferramenta para a propagar a ideologia.

Dessa forma, sempre existirá esses dois lados, o registro formal e culto e o coloquial e espontâneo. Na minha opinião, a literatura teve a grande sacada ao incorporar o registro coloquial nas narrativas e elevá-lo ao status de formal.

Bom, como sempre, acho que viajei um pouco...

Renata Guerra Machado – Turma 131

Também acho, Renata. A literatura teve um papel fundamental para que não falemos à [moda de] parnasianos.

O mesmo com revistas e jornais que também usam muitas manchetes e notícias importantes com "jargões", gírias etc., que antes eram considerados como coisas somente da língua falada...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Renata, penso o mesmo que você, quanto a distinção entre Princípios & Parâmetros e o registro formal. O primeiro, que é inato, intuitivo e o segundo que é convencionalizado pelos formadores de opinião. Também acredito que a literatura tem papel importante nessa convenção.

Filosofando um pouco sobre "bolo", é interessante pensarmos nas palavras que derivam dessa. Exemplo:

-embolar - "Embolar o meio de campo"

-embolada - música cantada por repentistas.

é interessante percebermos que ambas as palavras trazem idéia de mistura, tumulto. O primeiro, tumulto de gente. O segundo, tumulto, mistura de palavras, conjunto de ideias aleatórias que misturadas e combinadas formam um todo coerente "homogêneo", uma ideia lógica. Essa mesma noção nos é dada pela maioria das definições aqui apresentadas para bolo. Será que a melhor definição para "bolo", não seria algo bem genérico?

Daniela Martos Morais – Turma 131

Falando sobre o bolo, também fiquei pensando na melhor forma de explicar uma receita de bolo, explicar o conceito ou descrevê-lo?

Então pensei no seu conceito: uma mistura bem simples: todos os bolos contém ovos, farinha de trigo, leite, açúcar. Apesar disso, devemos pensar no resultado final do bolo: para crescer, devemos adicionar fermento, ou, alterar a quantidade de mistura dos ingredientes, como por exemplo, se quero mais doce, adiciono mais açúcar etc.

Mas, pensando nisso tudo sintaticamente, acredito que a receita do bolo não deve ter o propósito de descrever o bolo, mas de representar todas as possibilidades de formarem as línguas naturais, por exemplo: devemos procurar formular a receita do bolo e não descrever o bolo.

Na gramática gerativista, uma receita de bolo é um algoritmo. Este, sequência de instruções que expressam a solução de um problema). O problema é como fazer o bolo? O algoritmo são os passos da receita.

Resumindo, é o conhecimento intuitivo ligado ao conhecimento gramatical, de formar regras com um componente gramatical, capaz de gerar enunciado infinito. Tal componente será o algoritmo.

Priscila Alves de Andrade – Turma 131

cakes.pdf

Caros,

Vejo que o debate sobre o "bolo" está percorrendo caminhos interessantes. Um deles seria o de tentar chegar à "fórmula do bolo", como disse a colega mais acima. Para isso, entre outros aspectos, teríamos que contrapor "bolo" a "pão" / "panquecas", etc., como outros também já observaram.

Gostaria de contribuir neste ponto com um "subsídio técnico", na forma deste texto aqui anexado, que aborda este tema de um ponto de vista químico-culinário! Vejam se os ajuda.

Bom domingo (com pães, bolos ou panquecas).

Maria Clara Paixao de Sousa

Caros,

Em tempo: mais acima neste Fórum, houve um debate interessante (iniciado por Bruna e Raquel) sobre a questão das "regras" e das "variações" na ordem de palavras, e sobre a relação disso com a questão da receita do bolo.

Gostaria de remeter os interessados neste assunto - que será central para o ponto que trataremos nestas semanas - ao seguinte item da bibliografia complementar (está no xerox):

BAKER, Mark (2001). *The Atoms of Language - The mind's hidden rules of grammar*. NY: Basic Books. Capítulo 3 - Samples vs. Recipes, pp.51-84).

Neste capítulo, Baker fala do problema que vocês discutiram, e usa, justamente, o exemplo do japonês (em contraste com o inglês, no caso).

Maria Clara Paixao de Sousa

Nossa, professora, que bom saber que não inventei com o meu pouco conhecimento de japonês.

Obrigada!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Vou começar o tópico sobre qual seria a essência da diferença entre o bolo, a panqueca e o pão. Eu acho que o segredo principal é o fermento. Na panqueca há farinha, ovos, um pouco de açúcar, mas não há fermento. No pão, o fermento usado é o fermento biológico e no bolo o fermento é químico. Isso, creio eu, que fará com que ocorra diferentes padrões de crescimento da massa, e no caso da panqueca a ausência do crescimento. Ao meu ver, essa é essência da diferença entre os três. E vocês o que acham?

Aline Maia Dantas – Turma 133

Bem, quando discutíamos o assunto, me venho outro fator em mente: A quantidade de cada alimento. Por exemplo, um "alimento" pode ter os mesmos ingredientes do bolo, mas se houverem a dosagem certa, seria ainda bolo?

E sobre o fermento:

Se não me engano, há pães que não precisam de fermento - me corrijam se eu estiver errado -, como ficam? Seriam "pãequetas"?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

Pode ser que você esteja certa, Aline. Pode ser que você tenha explicado em termos gerativos onde essencialmente o bolo, a panqueca e o pão são diferentes. Mas olha, eu não tenho a menor ideia de como se faz qualquer tipo de bolo, pão ou panqueca, e ainda assim eu sei dizer quando estou diante de um bolo pronto, de um pão pronto ou de uma panqueca pronta. Se a diferença fosse meramente gerativa, as três receitas dariam no mesmo prato.

É curioso que, nesse caso específico, os dicionários normalmente trazem também uma descrição gerativa. O que me parece relevante, porém, para qualquer falante que não saiba nada de cozinha, sobretudo para uma criança ou estrangeiro que esteja encarando pela primeira vez esses conceitos, é a diferença entre os resultados, não entre os algoritmos.

Para refletirmos, sigam as definições dos três conceitos, segundo o dicionário Michaelis.

Bolo: Massa de farinha, a que se adicionam açúcar, manteiga, ovos etc., a qual é cozida ao forno ou frita, e comida geralmente com café ou chá.

Pão: Alimento feito de farinha, especialmente de trigo, amassada e cozida no forno.

Panqueca: Prato salgado que consiste numa folha de massa, feita de farinha de trigo, leite, ovos e azeite, enrolada em recheio de carne.

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Creio que mais importante que o fermento (presença ou não, biológico ou químico), outra diferença essencial entre eles é o textura da massa, que é determinada pela proporção de ingredientes de uma receita. Enquanto se misturam os ingredientes, a massa de panqueca é quase líquida, já a de pão é possível manejá-la diretamente com as mãos e a de bolo seria uma massa "intermediária", um pouco menos líquida que a panqueca, mas ainda assim não é possível bater uma massa de bolo sem um instrumento.

Mas como o colega Mosiah comentou, e no caso de pães que não levam fermento na massa?

Em uma busca não muito precisa, achei esta receita de pão ázimo (matzá) da Wikipédia:

Ingredientes

- um quilo de farinha de trigo ou integral
- meio litro de água fria
- meio copo de azeite
- sal a gosto

Modo de preparo: Amasse bem os ingredientes. Com o auxílio de um rolo, abra a massa bem fina, coloque-a em uma forma levemente untada e com a ponta de uma faca, risque em formato quadrado. Isso facilita o partir. A massa deve ficar bem fina, praticamente transparente. (fonte grifo meu)

O preparo do pão ázimo é feito com as mãos, da mesma maneira que um pão italiano.

Bom, é isto o que consigo formular até agora sobre bolos, pães e panquecas.

Ana Maria Naito Yui Horiuchi – Turma 133

Na 1ª aula, quando vimos sentenças do tipo "O patinho matou o fazendeiro" dissemos que elas não faziam sentido, não estão pragmaticamente corretas, e não sabíamos por que tínhamos esse conhecimento, pois ele vem bem antes de entrarmos na escola. Penso que a questão "o que é bolo" cai na mesma situação. Não aprendemos isso na escola, ninguém nunca nos ensinou o que é bolo, não precisamos saber como ele é feito ou do que ele é feito, não precisamos provar todos os tipos possíveis de bolo, para saber o que é bolo. Simplesmente sabemos que bolo é bolo e não pão.

Quando pensamos em bolo pensamos logo na imagem do bolo e não em sua essência.

Mosiah, existe pão sem fermento sim. Chama-se pão ázimo, comida obrigatória da Páscoa judaica, feito somente com farinha e água. Não sei se podemos classificar como uma "pãequeca", mas ele é bem fino.

Juliana Yukie Nakatu – Turma 133

De fato bolo é bolo, pão é pão... Sabemos disso, mas não nascemos sabendo. Nossos pais, ou seja lá quem for que nos deu para experimentar, provavelmente, nos "alertavam" sobre o que era aquilo que comíamos. "Quer um pedaço de bolo? de pão? de torta?", "Isso é torta, panqueca...". Eu mesma quando pequena comi frango pensando ser peru...

A questão é que quando uma criança ouve a frase "O patinho matou o fazendeiro" ela sabe que o autor do crime foi o patinho, de onde ela tirou isso só Deus sabe, mas de acordo com a organização, disposição, entonação... ela saberá quem foi o agente e quem sofreu a ação, mesmo sem ter tido uma aula de sintaxe do português. Isso sem levar em consideração o absurdo que seria um patinho matar o poderoso fazendeiro.

Arrastando esse assunto para a questão do bolo, como já disse, nos ensinam o que é bolo, o que é torta, experimentamos e notamos a diferença e até damos preferências, não gostando ou gostando. Há algo na constituição (quantidade, ausência de ingrediente, ou adição de outros...), no modo de preparo, no tempo de forno... que faz a diferença. Quando digo nos ensinam, não quero dizer que aos três anos de idade sua mãe chega e diz: "Filho, isto é um bolo e este é constituído de 5 xícaras de farinha, 2 copos americanos de leite, 2 colheres de sopa de margarina e 4 ovos, entendeu?". O nome é dado e a aparência, sabor, textura é assimilado e dificilmente chamaremos de panqueca o que é bolo.

Não sei se fiz muito sentido... mas voltarei a comentar e levantar questões...

Amanda de Moraes Brito – Turma 133

Curioso nesse negócio do bolo...

É verdade. Nós sabemos, ainda que ninguém nos tenha ensinado, o que é bolo, o que é pão e o que é panqueca. Tendo a pensar que a diferença dos fermentos utilizados é decisiva. No pão o biológico (que hoje pode ser encontrado em pó) e no bolo o químico.

Ocorre que acabamos por diferenciá-los quase de modo instintivo.

Aliás vocês já ouviram aquela história de que se a pessoa precisasse ouvir todas as palavras para conseguir falar só falaria aos 35 anos (mais ou menos isso)?

Há um tempo li um livro do Steven Pinker, "Como a mente funciona", em que ele trabalha com a teoria computacional da mente, e para exemplificar alguns processos de sinapses ele diz que quando alguém é indagado sobre algo, seu cérebro procura automaticamente os objetos, coisas, que reúnam mais características sobre o que lhe foi perguntado, seria algo como um banco de dados mesmo. Como exemplo ele cita a hortalíça, quando se solicita a alguém que dê um exemplo de hortalíça ela responde imediatamente, mas nesse curto lapso de tempo seu cérebro reúne as características de uma hortalíça e procura o objeto que apresente mais dessas características.

Acho que é mais ou menos isso que ocorre quando distinguimos um pão de um bolo. Ao vermos uma iguaria nosso cérebro atua captando suas características e depois a enquadra em um desses gêneros alimentícios, conforme a maior ocorrência de qualidades do pão, do bolo ou da panqueca, e por isso sabemos identificar um bolo como bolo, ainda que nunca tenhamos visto um bolo idêntico.

Trouxe essa idéia do livro só porque achei interessante...

Esse assunto até uma vontade de comer um bolinho.... bolinho de chuva, bolo de cenora, de chocolate, bolo de festa, bolo de fubá... hum...

Camila Danielle de Jesus Benincasa – Turma 133

Caros Colegas,

Tendo visto o labor empregado com a definição de sujeito, creio que já podemos contar com alguns pressupostos para a tarefa de definir o bolo. Em primeiro lugar, a busca pela definição do objeto analisado não garante a compreensão do mesmo em sua totalidade, tal como mencionado na aula, pois todas as certezas podem ser questionadas a partir dessa inquietação primeira.

Temos uma concepção natural de bolo sem nunca termos tido uma definição prévia. Como sugerido no exercício em aula, ainda que o marciano soubesse pela nossa definição o que é um bolo, seria a experiência com o mesmo que firmaria os traços de distinção (função -alimento-; gosto -doce-, etc...), de singularidade. Caberia a ele identificar a relevância, a preferência...etc. A definição do objeto passa pela nossa crítica positiva e/ou negativa sobre ele.

Pela ideia apresentada no parágrafo acima, concordo com o que foi dito pela Juliana Yukie anteriormente: há uma espécie de conhecimento de mundo em jogo, e assim como nós conhecemos um bolo sem nunca ninguém nos ter feito uma apresentação básica de seus elementos, é difícil montar essa mesma apresentação para alguém que nunca conheceu um. Para ilustrar essa ideia, uma citação do cientista polonês Ludwik Fleck parece ser pertinente: "O que é conhecido sempre parece sistemático, provado, aplicável e evidente para aquele que conhece. Da mesma forma, todo sistema alheio de conhecimento sempre parece contraditório, não provado, inaplicável, irreal ou místico."¹

Uma observação que eu faria ao comentário da Juliana se refere à frase: "Quando pensamos em bolo pensamos logo na imagem do bolo e não em sua essência". Quando pensamos no bolo, todos nós trazemos a mesma imagem de bolo? Não, acho que isso se difere pelos mais diversos motivos, culturais, econômicos...enfim. Exemplo: Lhe vem à mente um bolo de arroz quando você pensa em bolo? Não? Talvez na China essa seja a imagem primeira. O interessante é que independente dessa imagem sistematizada, todas se referem ao mesmo objeto.

No caminho da definição, vejo que a Ana Maria encontrou um ponto interessante: a textura. Pois independente do recheio, da massa e cobertura, a forma do bolo é sempre similar nesse aspecto. Não é possível conceber um bolo líquido, por exemplo.

Por enquanto é isso,

Abraço!

Jáderson Porto

1 FLECK, L. (1935). *Genesis and Development of a Scientific Fact*, trad. Ingl., Chicago, 1979. Citado por BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*; trad. Plínio Dentzien. – RJ: Jorge Zahar Ed., 2003. p12

Jáderson Johnattan Porto – Turma 133

Achei interessante a observação do Matheus, quando diz "Mas olha, eu não tenho a menor ideia de como se faz qualquer tipo de bolo, pão ou panqueca, e ainda assim eu sei dizer quando estou diante de um bolo pronto, de

um pão pronto ou de uma panqueca pronta." Realmente, é curioso, pois nós não precisamos que ninguém nos explique o que é um bolo para que saibamos diferenciá-lo. Outra coisa que ficou clara pelas discussões até agora é que a definição do que é um bolo se dá não apenas por sua constituição em si, mas pela oposição dele em relação a outros tipos de alimento, por exemplo (como a panqueca e o pão).

Por outro lado, eu discordo quando diz que "Se a diferença fosse meramente gerativa, as três receitas dariam no mesmo prato." Afinal, se há diferenças entre os três, é justamente porque os fenômenos e elementos envolvidos na geração do bolo são diferentes dos fenômenos/elementos atribuídos à geração da panqueca ou do pão (do mesmo modo que processos e componentes linguísticos diferentes levam a enunciados distintos). Portanto, a fim de estabelecer o que diferencia o bolo dos outros dois alimentos (e mesmo de outras "coisas do mundo", como um carro ou, sei lá, uma garrafa), faz-se necessário extrair sua "essência" (vulgo "algoritmo"), aquilo que, estruturalmente, faz com ele seja aquilo o que é.

Andei pesquisando e notei que, além do fermento, outro constituinte aparentemente fundamental do bolo é (pasmem) a clara em neve. Vejam o que diz este site: <http://www.quimicalizando.com/curiosidades/a-quimica-em-um-bolo>

Andre de Souza Mucciolo – Turma 133

Camila Danielle

Esse seu desejo manifestado publicamente, na última frase de sua postagem, não pode passar despercebido. Na lista elencada, você cita alguns que variam apenas na textura, no sabor e no recheio, talvez (bolo de cenoura, de chocolate, bolo de festa, bolo de fubá). No entanto, o outro foge totalmente das descrições apresentadas acima referente ao bolo: o bolinho de chuva. Não tem recheio, não é assado e não compromete a discussão acerca do fermento que envolve o pão (certo, gente?), todavia tem nome de bolo. Quais mecanismos são utilizados pela linguagem para elaborar a partir de um objeto, outro que não tenha traços tão similares? Ocorre o mesmo com bolinho de bacalhau, bolinho de arroz e por aí vai...

Abraço,

Jáderson Porto

Jáderson Johnattan Porto – Turma 133

Oi Jáderson,

Isso mesmo creio que não compromete, porque embora frito, o bolinho de chuva conta com fermento, farinha, ovo, açúcar.... Mas é claro que isso abre outra classe de bolinhos: bolinho de bacalhau, de carne seca, de arroz....mas a associação primeira é feita como?

André,

Só uma observação: minha mãe faz uns bolos de festa deliciosos e nesses bolos usa-se a massa denominada "pão-de-ló" (vejam que curioso, no bolo tem massa de pão, hehe), porque ela é feita com claras de ovos batidas em neve... Primeiro faz-se mistura do açúcar, manteiga e gemas e depois bate em separado a clara em neve e mistura lentamente na primeira composição. É isso que faz com que o bolo fique macio, e se a boleira misturar a clara mexendo rápido na massa, ela não presta. Pra quem tiver curiosidade, uma dica para deixá-lo molhadinho é depois de assar regá-lo com guaraná. Isso mesmo, o refrigerante.

Receitas à parte, só conheço essa massa específica (pão-de-ló, típico de bolos de festa, casamentos) em que se mistura a clara em neve, já que nos demais bolos, (bolo de cenoura, de chocolate...) o ovo é colocado inteiro (pelo menos na minha receita).

Ah, existe também o curioso "Pão Sírio", que é vendido no mercado, como os pães de forma tradicionais, mas que mais parece um biscoitinho seco e fininho, bom para comer com patês...

É isso, e a vontade só aumenta....

Camila Danielle de Jesus Benincasa – Turma 133

Bom, quanto ao fermento, além de existir o pão ázimo, que não leva fermento (e inclusive também existe bolo sovado, que não leva fermento, como, por exemplo, o famoso "brownie" americano), há também receitas de pão feito com fermento químico.

Acho que, de fato, o fermento não pode diferenciar, por si só, o que seriam bolo, panqueca e pão. Como já foi mencionado pelos colegas, a quantidade dos ingredientes essenciais, comuns a eles; os "outros" ingredientes (não comuns) e o modo como são preparados resulta em comidas diferentes. Apesar de semelhantes na constituição: (quase todos) os mesmos ingredientes, por causa da quantidade deles e do modo como são

preparados, estes alimentos são facilmente diferenciados por nós, especialmente depois de prontos, como já mencionaram também.

Depois de prontos, uma diferença crucial é se é considerado um alimento doce ou salgado, por exemplo. Pão é, estereotipicamente definido por nós, como salgado. Sim, existe pão doce, mas quando pensamos em pão, a primeira coisa que vem à cabeça é um pão salgado, certo? Um pão francês quentinho, pão de fôrma, pão caseiro..

Quanto à panqueca, os dois são possíveis também, doce ou salgada. Pra mim, o que vem à mente, primeiro, é uma tradicional panqueca salgada, recheada de carne, com molho de tomate por cima..A definição de dicionário supracitada. Pra que eu pense em panqueca doce, é preciso que digam "panqueca doce", pois só "panqueca" me faria pensar primeiramente na salgada. E o mesmo com relação a "pão doce".

Falando-se em bolo, no entanto, acho difícil que alguém pense em um alimento que não seja doce e "fofinho". Eu penso em um alimento doce, de massa fofa, que pode ser recheado e ter cobertura ou não. Pode ser branco, de chocolate, abacaxi, laranja, limão, banana, coco, prestígio, fubá, cenoura...

Se um pão fosse recheado, não seria recheado com coco e leite condensado, mas algo salgado, como presunto e queijo, por exemplo. Um pão (estereotípico) não teria cobertura de brigadeiro.

Essa característica do bolo, de poder ter recheio e cobertura doces, o diferencia, alinhada à textura de sua massa, do pão e da panqueca, a meu ver. Ou seja, diferenciamos também bolo, panqueca e pão pelos elementos aos quais eles podem vir associados.

Por exemplo, há pizzas com massa tão grossa e pesada (não sei bem como descrever sem dizer) que parece pão! E como nós sabemos que é pizza e não pão? Por causa da forma e do "conteúdo" - massa aberta e sabor, sei lá, margherita, escarola...

Agora, a massa de pizza e de pão é, de fato, ainda mais parecida do que a de pão e bolo. Ambas, em geral, precisam 'descansar' pra crescer..E ainda assim, pra nós, uma coisa é pizza e outra é pão, indiscutivelmente.

Debora Regina Caverni Barreto – Turma 133

Achei interessante essa questão da possível associação entre bolo e bolinhos vários...

Dei uma olhada no dicionário Aurélio e encontrei:bolo. [De bola, por causa do feitio arredondado de numerosos bolos] S.m.

1. Bola (2): O menino fez um bolo com toda a massa de modelagem colorida.

2. Tipo de pastelaria, de formas variadas, geralmente feita de farinha, ovos, açúcar e gorduras.

Talvez no caso do bolinho de chuva e afins, tenha a ver com 1. Quando da massa misturada, fazemos bolinhos, bolotas, enfim, juntamos uma certa quantidade da massa na colher e a fritamos. Talvez aí, o caso venha associado à forma, e não ao bolo tradicional.

Se bem que, como acabou de dizer a Camila, a constituição também é semelhante...

Debora Regina Caverni Barreto – Turma 133

Acho que há um equívoco nessa definição, por que adicionamos água aos cozimentos. O Houaiss diz que o bolo é assado, assim como a panqueca (assada rapidamente numa chapa ou frigideira) e o pão.

Daí me vem as questões sobre haver ou não os momentos mais apropriados para se comer determinado alimento. Por exemplo, temos o bolo de festa servido nas festas de aniversário (pelo menos nas tradicionais), que é recheado, alguns têm frutas e outras coisas e o bolo de cenoura que comemos, normalmente, no café da tarde ou na hora que bate aquela "fominha".

Pelo pouco que conheço desses alimentos sei que há a diferença de consistência das massas. A da panqueca é líquida, a do bolo um pouco mais consistente e a do pão é bem firme. Até agora sabemos que há um item essencial nos três alimentos, seja qual for o tipo ou sabor: a farinha de trigo.

Nunca tinha pensado em como é difícil definir uma coisa que você está acostumado a usar sem precisar refletir sobre ele. Por isso estou tão confusa com essa matéria.

Luzitania da Silva Santos – Turma 133

Concordo com a Juliana, não precisamos provar todos os tipos de bolo, nem saber do que o bolo é feito, etc., pois esse conhecimento vem antes de entrarmos na escola. Quando crianças, as pessoas não ficam nos dizem "isso é isso" e "aquilo é aquilo", mas o fazem algumas vezes e quando vemos o objeto em si, aprendemos a diferenciá-los das outras coisas. Assim como a Camila disse, citando o livro do Steven Pinker, essa capacidade de guardar informações sobre algo é inerente ao cérebro.

Jáderson apontou que, talvez na China, quando se fala em bolo, a imagem de um bolo de arroz seja a primeira. Acho que ele está certo, pois isso vem do nosso conhecimento do mundo. Se pensarmos em alguém que nunca viu ou ouviu falar de bolo na vida e mostrar a essa pessoa um pão e dissermos que aquilo se chama bolo, ele passará a acreditar nisso.

Uma coisa que notei quando falaram de bolinho de chuva e outros é que, além de não confundirmos esses tipos de bolos, costumamos falar "bolinho", o que mostra que os diferenciamos não só pela aparência, como também pela língua, o uso do diminutivo, se me lembro bem de todos os comentários até agora, foi empregado por todos os que o mencionaram. Se alguém nunca utiliza o diminutivo para se referir a esses tipos de bolos, por favor, manifeste-se, então vou pensar em outra forma.

Henrique Mariano Nascimento Bento – Turma 133

Também gostei do comentário do Jáderson, sobre o que viria à mente de um chinês. Essa questão do esteriótipo está fortemente atrelada à cultura e, conseqüentemente, a diferentes concepções de mundo. Mencionei em um comentário o que eu imaginaria e, provavelmente, boa parte de nós. Mas, falando-se de pão, por exemplo, talvez a primeira imagem que viesse à mente de um brasileiro fosse de um pão francês (ou pão de sal, como chamam em outros estados), enquanto um italiano ou um árabe imaginariam o pão tradicional de suas respectivas culturas. E, além disso, ninguém imagina o mesmo objeto (ex. bolo) necessariamente da mesma maneira.

Debora Regina Caverni Barreto – Turma 133

Também acho que o fator cultural é importantíssimo. Lembrei que em Goiás há umas pamonhas bem gostosas e lá se você pedir uma "pamonha" (simplesmente) você receberá uma pamonha salgada (com queijo, com calabresa, apimentada, uma delícia!). Mas se você quiser uma pamonha doce, terá que dizer "pamonha doce". Aqui em São Paulo já é diferente, além de eu nunca ter visto pamonha salgada para comprar, quando você pede pamonha o normal é a doce mesmo. Assim, podemos observar que o fator cultural é muito importante nessas concepções. Aqui, pelo que vejo, pamonha designa a pamonha doce, ao passo que em Goiás a salgada.

De uma forma ou de outra essas concepções de pão e bolo estão associadas ao nosso cotidiano, à nossa cultura.

Camila Danielle de Jesus Benincasa – Turma 133

Realmente, como já foi dito, nunca paramos para pensar em como explicar um 'bolo' e nem tantas outras palavras que já estão, de certa forma, inseridas dentro do nosso vocabulário. É como se a ideia do 'bolo' em si já estivesse desde sempre na nossa cabeça, fato que remete principalmente à gramática gerativa e a nossa própria cultura.

Sabemos que bolo é uma massa, feita (ou não) com fermento, de vários sabores, etc, e que é possível contrapô-lo a outras tantas massas parecidas, como panqueca e pão, e que dessa forma fica até mais fácil falar do verdadeiro sentido da palavra, pois falando o que ele não é, fica mais fácil saber o que ele é.

Mas eu não sei, acredito que somente a palavra 'bolo' pode remeter a um outro significado. Por exemplo, na nossa linguagem cotidiana, em que é possível ouvir muitas frases do tipo: "-ele me deu um bolo", ou até "dei um bolo em minhas amigas ontem", a palavra bolo perde seu sentido original. As formas são iguais, mas o conteúdo é diferente. Neste, o bolo refere-se a ausência da pessoa, ao fato de desmarcar algo/algum compromisso, ou qualquer coisa do tipo. Creio que se um estrangeiro, que está aprendendo o português, se deparar com sentenças desse tipo, ficará um tanto confuso em relação ao verdadeiro sentido da palavra.

Enfim, pensei nesse segundo "bolo" e nas implicações que poderia trazer a um aprendiz da língua portuguesa. Ou até mesmo nas implicações para algum falante da língua, pois não sei se essa é uma gíria de São Paulo ou se ocorre em outros estados (fato que até seria interessante pesquisar). Posso ter divagado um pouco, mas não sei, achei que tinha que falar desse 'segundo' bolo pois acho esses duplos sentidos (não só da palavra em questão, mas de tantas outras) muito interessantes. É bacana reparar o quanto a língua é flexível e o quanto ela pode ser confusa e intrigante fora de seu contexto.

Abraços,

Aline.

Aline Moreno de Oliveira – Turma 133

Olá,
Estive pensando na fala da Juliana, retomada e explicada pelo Jáderson. Ela fala da imagem que vem à cabeça quando pensamos em bolo; ele fala que as imagens são diferentes. Pois bem, essa é a ideia do Saussure ao dividir signo linguístico em significante e significado - o que todos nós vimos em Elementos de Linguística - o significado não é o mesmo para todas as pessoas.

Pois bem, isso nós sabemos e eles comentaram, mas uma coisa ficou me intrigando e queria dividir com alguém a dúvida:

Com o que foi dito aqui a respeito do bolo, ficou na minha cabeça a idéia de que todos sabemos o que é um bolo mas não sabemos explicar; porém, me parece que, para sabermos o que é bolo, precisamos ter, em algum momento da vida, experimentado PELO MENOS um tipo de bolo, e com base nisso sabemos o que é. O que acham? Se não tivéssemos experimentado não saberíamos.

Com isso, uma outra idéia se desencadeia: dessa nossa primeira experiência, nos surge um conceito de bolo e assim definimos os vários tipos de bolo de acordo com acréscimos ou leves mudanças naquele primeiro conceito que tivemos. Foi mais ou menos o que o Jáderson quis dizer:

"No caminho da definição, vejo que a Ana Maria encontrou um ponto interessante: a textura. Pois independente do recheio, da massa e cobertura, a forma do bolo é sempre similar nesse aspecto. Não é possível conceber um bolo líquido, por exemplo."

Não sei se já devia ser comentado aqui, mas é o que acontece na aquisição da linguagem, quando ouvimos algumas coisas da língua e somos capazes, com conceitos adquiridos dessas audições, de produzir qualquer enunciado da língua.

O que penso, portanto, é que a idéia principal do que é bolo está contida em sua massa ou no formato dela, recheio, cobertura ou a ausência destes são "acessórios". E, portanto, a massa do bolo tem um formato, textura - "fofura" - ou quantidade determinada de ingredientes que a caracteriza e a diferencia do pão ou da panqueca.

O que acham? Não sei se fui muito claro.

Abraços.

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

Ao ler o comentário da Camila em que ela menciona: "Há um tempo li um livro do Steven Pinker, "Como a mente funciona", em que ele trabalha com a teoria computacional da mente, e para exemplificar alguns processos de sinapses ele diz que quando alguém é indagado sobre algo, seu cérebro procura automaticamente os objetos, coisas, que reúnam mais características sobre o que lhe foi perguntado, seria algo como um banco de dados." Então a partir disso eu comecei a refletir sobre o que seria uma bolo, para explicar o que seria eu reuniria seus traços: possui textura sólida, devido ao fato de ser obrigatório o acréscimo de farinha de trigo, que a partir do processo de aquecimento no forno adquire essa textura, pois antes desse processo ele possui um aspecto quase líquido, pode ser salgado ou doce, assim é comestível. Enfim, como citaram anteriormente isso também depende do meu conhecimento, minha cultura influencia na definição deste, mas agora tenho uma dúvida: se nunca tivesse ouvido falar em bolo, assim nunca tivesse comido, eu ainda sim saberia que esse objeto pode ser ingerido, assim o que determina essa possibilidade? Fui muito confusa? Mas é isso que tenho em mente no momento.

Ariane Regina Froes – Turma 133

Bom, observando o comentário de todos percebo que cada um dá a sua visão de bolo; assim, quem costuma fazer bolo, acaba por escolher os ingredientes que vão no preparo desse bolo; quem não sabe fazer, mas sabe comer, claro, acaba por abordar o sabor, a aparência, a massa, a textura...mas subjetividades a parte, a representação de "bolo" está inserida na mente de todos. A partir dessa idéia, procurei alguns livros sobre desenvolvimento da linguagem, e achei um livro da Marta Kohl de Oliveira sobre os estudos do psicólogo do desenvolvimento, Lev Vygotsky, que achei interessante trazer para essa discussão.

Vygotsky trabalha com a noção de que a relação do homem com o mundo é marcada pelo uso de instrumentos de mediação: entre eles o uso de signos, chamados também de "instrumentos psicológicos". Os signos seriam, basicamente, as representações mentais da realidade externa. Vygotsky e seus colaboradores perceberam que é a partir de oito anos, aproximadamente, que a criança se beneficia dessas mediações psicológicas.

Ao longo da evolução da espécie e do desenvolvimento de cada indivíduo, ocorre duas mudanças qualitativas fundamentais no uso de signos: o processo de internalização, na qual o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, que seriam representações mentais que substituem elementos do mundo real, tais como objetos, eventos, situações, etc. Por outro lado, há o desenvolvimento de sistemas simbólicos, que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas, análogo ao "banco de dados" a que se referiu Steven Pinker, citando a Camila.

Essa capacidade de lidar com representações que substituem o real nos permite fazer relações, comparar, lembrar, imaginar, etc sem a necessidade de interação concreta com os objetos do pensamento, e independente do espaço e tempo presentes.

Os sistemas de representação da realidade são dados socialmente, onde a linguagem seria o sistema simbólico básico. É o grupo cultural que fornece ao indivíduo que nele se desenvolve, formas de perceber e organizar o real, as quais irão constituir os instrumentos psicológicos na mediação entre indivíduo e mundo. Assim, o biológico transforma-se no sócio-histórico.

Tendo em mente essas concepções de internalização, sistemas simbólicos e influência cultural e social, volto a questão do bolo. Se alguém nos pergunta “o que é bolo?”. Eu me pergunto qual a característica que torna o bolo, bolo e não pão, menos panqueca. Bolo é algo que se come, pão também, panqueca também. Bolo é geralmente doce, pão pode ser doce ou salgado e panqueca, normalmente salgada. Bom, uma característica que encontrei de bolo que o distingue de pão, panqueca, e outros alimentos estaria em sua carga simbólica. Por exemplo, bolo é algo que existe culturalmente na nossa sociedade nos aniversários, eu pelo menos nunca vi, pão de aniversário ou panqueca de aniversário. O bolo carrega consigo carga cultural positiva, é prática social fazer bolo no aniversário de alguém, oferecer para visitas, nas sobremesas, por gula, mas não por necessidade. O pão carregaria mais essa conotação de alimento básico.

O que vocês acham, teria alguma outra característica de bolo que o torne único?

Mayra Romy Matsushita – Turma 133

Caros,

Vejo que o debate sobre o "bolo" está percorrendo caminhos interessantes. Um deles é o que foi proposto já no início do exercício, pela Aline - o da tentativa de contrapor "bolo" / "pão" / "panquecas" ...

Gostaria de contribuir neste ponto com um "subsídio técnico", na forma deste texto aqui anexado, que aborda este tema de um ponto de vista químico-culinário! Vejam lá se os ajuda.

Bom domingo (com pães, bolos ou panquecas)

Maria Clara Paixao de Sousa

Caros colegas,

Me parece que quando tentamos apreender um objeto(neste caso, o bolo) nosso raciocínio tende a comparar com outros similares, como fez a Aline, a pensar a diferença entre bolo, panqueca e pão. Ou ainda buscarmos a essência do mesmo em si mesmo. Parece-me que um método vai ao mundo buscar suas características, outra vai internamente, digamos defini-lo.

No nosso forum, alguns falaram do bolo pela ótica dos ingredientes como o fermento, a água, a farinha e etc. A contribuição da Prof. Maria Clara nos propõe a leitura de um texto, que parte para alguns detalhes, como seus ingredientes, e termina numa espécie de receita. Óbvio, que nosso objetivo ao trabalhar o bolo é percebermos uma metodologia para chegarmos a algo, que será nossa língua, especificamente sua sintaxe. O final do texto postado pela Maria Clara, me fez lembrar a representação em árvore das sentenças, a formalização da suas estruturas, como está mostrado no resumo da última aula em que se fala da formalização da gramática. Neste resumo há até a afirmação de que "a base dessa formalização é intensional, ou seja, a idéia é capturar a "receita" da gramática"(itálicos do próprio texto). Ou seja, entendo, proposta de representação, no caso um algoritmo, que de conta de sua constituição.

O desenho arbóreo da sentença e o "gráfico", que aparece na página 7 do cakes.pdf, seriam da mesma natureza? Estariam por trás de ambos, uma série de regras(ou algoritmo) que apresentassem num caso, a estrutura de uma frase, de seus constituintes, noutro, os procedimentos de como fazer e entender o que é um bolo?

Abraços a todos,

Luiz Henrique Vieira Lins

Luiz Henrique Vieira Lins – Turma 133

Oi Thiago, não resisti em mandar mais algumas definições para você:

A palavra BOLO me faz lembrar receita:

Lendo Perini:

Perini insiste que:

“Precisamos de melhores gramáticas: mais de acordo com a linguagem atual, preocupadas com a descrição da língua e não com RECEITAS de como as pessoas deveriam falar e escrever. E, acima de tudo, precisamos de gramáticas que façam sentido, isto é, que tenham lógica.” (2001)

Ao pensar em BOLO e a abordagem sobre a massa do bolo funcionar como uma reação química(totalmente em equilíbrio), notei que segundo Perini, não podemos pensar na gramática como uma receita (de BOLO) na qual o equilíbrio é fixo.

Perini defende a idéia de que não é preciso saber gramática para ler e escrever corretamente. Logo não estaremos presos a rigidez de uma receita. Um exemplo citado por ele é o da aceitabilidade de construções oracionais. Alega que qualquer falante possui conhecimento sobre ordenação dos elementos formadores da oração.

Segundo Perini, o objetivo das aulas de língua portuguesa é “oportunar o domínio do dialeto padrão”. E isso está longe de ser alcançado, num sistema que só transmite definições.”

Possenti (1996) diz que: “... a escola poderia aprender muito com os procedimentos “pedagógicos” das mães, babás e mesmo de crianças. Por isso, crianças com alguns anos de idade, perguntam, afirmam, exclamam, negam, produzem períodos complexos. Como aprenderam? Ouvindo, dizendo e sendo corrigidas, ISTO É IMPORTANTE. No processo de aquisição fora da escola exige correção...”

Segundo Rocha (2002), deve acontecer o ensino do português padrão, mas também a preocupação com a capacidade de adequar a sua língua às mais diversas circunstâncias.

O texto está girando em torno do tema mas eu realmente achei interessante compartilhar com todos essas definições.

Debora Valery Ruiz – Turma 111

Somos apenas estudantes de Letras. Dizer que é impossível conceituar apenas porque NÓS não sabemos como, não me parece o correto. A pergunta, na realidade, é outra: como conceituar? O que está acontecendo é o que ocorreu nos primórdios da filosofia. O homem sempre teve o conhecimento empírico: apenas sei que isto é um bolo, e não outra coisa, mas não sei defini-la. E aí está o X: como definir? Dando a receita? Penso que isso não define o bolo, mas apenas elenca seus constituintes. E isso não é conceituar, pois para isso é preciso generalizar e, depois, partir para o particular. Acho que o mais genérico a que se pode chegar é que o bolo é alimento. E o que mais o caracterizaria particularmente?

Maurício Marcos Abambres – Turma 113

Antes de mais anda, Prof^a, muito obrigado por ter-nos situado na discussão; pra mim, pelo menos, tava difícil entender pra onde a coisa estava andando de fato (considerando a impossibilidade de ler as mais de 80 postagens - alias, contribuicoes - acumuladas ate o momento ¬¬)

"Bolo", como qualquer outra tentativa de definição, pra mim, passa mais pela minha apreensão de mundo do que por uma listagem de seus constituintes. Como levantado pelo Mauricio, "O homem sempre teve o conhecimento empírico: apenas sei que isto é um bolo, e não outra coisa, mas não sei defini-la"; então chamo de bolo qualquer massa sólida, facilmente divisível, comestível, aerada, não muito densa, preferencialmente macia, dentre outras características que me fazem reconhecer o tão ilustre alimento - e principalmente, distingui-lo de uma esponja de banho, por exemplo, que atende a algumas características das que citei. Não sei definir "bolo", mas sei reconhece-lo através do que meus 21 anos apreenderam desse mundo.

Agora uma pergunta para Valeria:

"não podemos pensar na gramática como uma receita (de BOLO) na qual o equilíbrio é fixo"

E o que seria exatamente esse "equilíbrio fixo" de que carece a gramática? Seria a impossibilidade de definição absoluta de certos conceitos, como tem acontecido nessa discussão acerca do bolo? Se for isso mesmo, esta aí o motivo de todos sabermos do que se trata um bolo, mas ninguém conseguir definir.

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Depois de mais de 80 posts acho meio difícil surgir com algo inédito na discussão que, aliás, tudo o que eu havia pensando já foi dito aqui =.=

Mas concordo que é muito difícil criar um conceito de bolo, sendo que cada um tem sua visão de mundo e conseqüentemente visão do que seria um bolo, seja feito com ou sem fermento, assado ou frito, de chocolate ou chantilly, simples ou com quatro andares super decorados, mas que a conclusão que todos chegam

é de ser um alimento, como já disseram acima. Pode ser feito com diversos ingredientes misturados e reagindo quimicamente entre si formando aquilo que foi denominado 'bolo', podendo ser gostoso para alguns (a maioria, acredito) e não tão gostoso para outros dependendo do sabor, textura, etc.

Isso me faz lembrar daquele programa Cake Boss. Apesar dos bolos serem lindos e bem construídos (sim, construídos rs), não sei se são realmente gostosos.

Mayra Kaori Oikawa – Turma 111

Teoricamente um químico seria capaz de produzir bolos sempre gostosos e perfeitos, uma vez que possui conhecimento acerca tanto dos processos químicos que estão acontecendo quando cada ingrediente é

adicionado, misturado ou aquecido, quanto possui instrumentos capazes de medir, calcular e quantificar todas as etapas do processo. Porém posso sugerir que uma confeitadora é capaz de produzir os melhores bolos pois ela consegue sentir/intuir/perceber quando se precisa de uma pitada a mais de algum ingrediente, um minuto a mais ou a menos no forno, a troca de um ingrediente x por outro y.

Saber a fórmula do fermento ou do que ele é constituído torna a pessoa melhor confeitadora? Eu diria que sim - e no post da Betina vejo que ela concordaria comigo - assim como uma pessoa pode se tornar melhor musicista ao conhecer partituras, escalas, conceitos de ondas sonoras e acústica. Porém ao mesmo tempo alguém sem instrução e que toque de ouvido poderia tocar tão bem quanto este. Como muitos disseram neste tópico, à visão de mundo de cada um está associada um conceito de bolo, porém todos que virem um pão, um bolo, uma pizza e uma torta típicos saberão nomear cada um deles.

Concordo com o Mauricio quando ele diz que "Dizer que é impossível conceituar apenas porque NÓS não sabemos como, não me parece o correto" e que "acho que o mais genérico a que se pode chegar é que o bolo é alimento." Eu diria mais: talvez o mais genérico que possamos chegar - e chegamos - é que o bolo é constituído de átomos.

José Eduardo da Silva – Turma 111

Jaque, eu também confesso que fiquei um pouco decepcionado mas quando formamos um conceito bem generalizante de bolo - mistura de ingredientes, pode ser repartido, possui uma forma, etc - não parece que certos significados para a palavra bolo se baseiam em um desses aspectos? - por exemplo fazer um bolão, um bolo de gente, dar um bolo, etc?

José Eduardo da Silva – Turma 111

kkk..confesso que eu me assustei com a ênfase do seu "para tudo", Joice

Do mais, penso um pouco como você. Mas será que você estaria comendo bola ou comendo bolo (de chocolate, claro)?

Beijos ^^

José Eduardo da Silva – Turma 111

Ainda não consegui ler todas as postagens dos colegas, mas esta discussão está me lembrando Aristóteles, quando ele fala sobre "forma" e "substância". Ele diz que nós ordenamos as coisas em diferentes grupos e categorias. As coisas que pertencem a uma mesma classificação não são exatamente iguais, mas há algo comum entre elas. O que é comum é a "forma", e o que as diferencia é a "substância".

Baseada nisso, com relação a "bolo", eu chamaria de "substância" os ingredientes utilizados (que podem ser farinha, açúcar, chocolate, fubá, ovos, leite, óleo, etc). Quanto à "forma", daria algumas características que eu considero essenciais: solidez; maciez; comestibilidade; sabor; cheiro e capacidade de se esfarelar.

Francine Alves Polidoro – Turma 111

Oi, José Eduardo! Você disse que eu concordaria com você a respeito de que "saber a fórmula do fermento ou do que ele é constituído torna a pessoa melhor confeitadora". Não! Eu não concordo com você de jeito nenhum!!! (hahaha) Não mesmo! Acho que saber a fórmula do fermento torna a pessoa alguém que sabe a fórmula do fermento. Ponto.

Betina Leme – Turma 111

Bem, talvez eu tenha entrado um pouco tarde na discussão, mas li a maioria das postagens, só para começar a me inteirar. O debate foi bastante esclarecedor e nos permite descobrir e imaginar as várias formas de considerar uma palavra. Penso que a linguagem é como uma rede lógica e heterogênea, onde, apesar das diferenças entre os vários elementos que a compõem, tudo nela está interligado.

Num mundo de relações cada vez mais complexas, a linguagem está sempre buscando, por meio de seus falantes, comunicar, interpretar, nomear e construir sentido.

Marco Aurélio – Turma 111

rs...ops, acho que interpretei mal então o seu post quando você disse que "Por exemplo: conhecendo a estrutura química dos ingredientes e as reações necessárias para atingir certos objetivos (como a ação do fermento), pode-se pensar em substituir ingredientes ou processos por outros que deem conta de chegar aos mesmos resultados (como criar um novo produto, com nova fórmula, que cumpra a função de fermento)." Pensei que você quis dizer que estes conhecimentos químicos poderiam ajudar uma pessoa a fazer um bolo.

Obrigado pelo esclarecimento.

José Eduardo da Silva - terça, 12 abril 2011, 06:24

É, não foi o que eu quis dizer, não. O que eu quis dizer é que há diferentes áreas de conhecimento que podem explorar diferentes aspectos de um mesmo objeto. Seja esse objeto um bolo e seus ingredientes, seja a linguagem, seja o que for. Uma pessoa pode desenvolver uma boa fórmula alternativa de fermento e ser incapaz de fazer um bolo. Assim como um linguista pode sugerir uma boa explicação pra uma estrutura qualquer da linguagem e ser incapaz de escrever uma boa crônica. Os conhecimentos podem ou não ajudar, na minha opinião - por isso eu não diria que "podem" como um fato dado.

Betina Leme – Turma 111

Sou obrigado a concordar com o caro Mauricio Abambres, embora tenha sido uma crítica direta a mim, de que temos a obrigação de pensar sobre os fenômenos linguísticos e não nos resignar se por acaso nos deparamos com algo insolúvel. Mas o que mais concordo é com a pergunta : como definir? Por que se queremos de fato formar uma ciência teremos que chegar num consenso, pois cada um de nós vai ter uma definição de bolo e não chegaremos a lugar algum. Talvez é o que acontece com os nossos gramáticos, que tanto divergem entre si. Parece que o nosso objeto de estudo se esquivava de qualquer formulação, definição, classificação. Sem contar que, ironicamente, precisamos falar das palavras nos valendo de palavras.

Thiago Teixeira Lopes – Turma 111

Thiago, como você mesmo comentou ao fechar seu comentário, a complicação muitas vezes se trata de usar palavras para descrever palavras. Diante disso, pegando carona nas suas considerações, trago aqui trechos do capítulo "Aspectos Linguísticos da Tradução", do livro "Linguística e Comunicação" do nosso querido Jakobson, que curiosamente usa o exemplo do 'queijo' para tratar da questão:

"Segundo Bertrand Russel, 'ninguém poderá compreender a palavra queijo se não tiver um conhecimento não linguístico do queijo'. Se, entretanto, seguirmos o preceito fundamental do próprio Russel e dermos 'relevância aos aspectos linguísticos dos problemas filosóficos tradicionais', seremos então obrigados a dizer que ninguém poderá compreender a palavra queijo se não conhecer o significado atribuído a essa palavra no código lexical do português. Qualquer representante de uma cultura culinária que desconheça o queijo compreenderá a palavra portuguesa se souber que, nesta língua, ela significa "alimento obtido pela coagulação do leite" e se tiver, ao menos, um conhecimento linguístico de 'leite coalhado' [...] O significado das palavras [...] é decididamente um fato linguístico - ou para sermos mais precisos e menos restritos - um fato semiótico."

Diante disso seria bem difícil explicar para um extra-terrestre do que se trata um "bolo" se o sujeito não conhecesse essas informações todas que temos citado aqui como "farinha", "fermento", e por aí vai...

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Vou tentar abranger os mais diversos tipos de bolo possíveis:

Bolo é aquele alimento que pressupõe o cozimento de uma massa consistente (esta que pode ser composta por ovos, leite, farinha, etc) doce ou salgada. Graças a sua natureza bastante abrangedora é possível encontrarmos de carne, de cenoura, como também de doce de leite e chocolate. Muitas vezes bolos são acompanhados de coberturas, estas combinando com a composição da massa, o mesmo vale para os recheios.

bjs a tds

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

Bolo é um alimento que pressupõe o cozimento de uma massa consistente (esta é composta normalmente de ovos, leite e farinha) doce ou salgada. Esta massa é despejada em formas para a realização de seu cozimento. Graças a sua natureza abrangente, podemos encontrar bolos de carne, de frutas, de chocolate, etc.

Bolos podem ser acompanhados de coberturas e recheios, os quais tendem a combinar o sabor da massa.

(talvez isso apareça duas vezes, é que eu postei e não apareceu, então postei novamente)

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

Creio que, para essas perguntas, podemos seguir o caminho do pensamento da Gramática Gerativa que estuda e tenta explicar algumas particularidades do conhecimento linguístico do ser humano. Segundo as idéias gerativistas, cada um de nós é dotado de um conhecimento inato da linguagem. A essa competência inata se junta um outro tipo de conhecimento linguístico a partir das interações verbais e culturais que estabelecemos ao longo da vida. Isso nos permite reconhecer a organização dos itens lexicais para podermos formular expressões e sentenças em nossa língua.

- quando você ouve a pergunta: 'Você quer um pedaço de bolo', você sabe do que a pessoa está falando" - como a gente sabe?

Nessa situação, acredito que qualquer falante da língua portuguesa saberia o que está sendo dito. Talvez porque há uma referência externa à língua em que os significados estão ligados aos conceitos mentais que as pessoas possuem em relação a determinadas expressões lingüísticas.

Portanto, para que possa haver compreensão da frase “você quer um pedaço de bolo?” é necessária tanto a competência lingüística inata ao ser humano quanto o conhecimento dos parâmetros e significados que são adquiridos ao longo do processo de interações lingüísticas às quais um indivíduo é exposto.

Esse pensamento vale também para a situação em que sabemos diferenciar um pão de um bolo.

Ana Carolina Bueno de Paiva – Turma 113

Comentando a respeito da resposta de Cristina:

Quando nos perguntam se queremos um pedaço de bolo, sabemos que é bolo por causa da imagem que conhecemos que está impressa em nossa mente, remetendo-nos à tão conhecida sobremesa. Ou ainda, porque reconhecemos o alimento. Se me ofereceram um bolo e ao olhar para o que me foi oferecido eu vejo uma massa escura, com um recheio de brigadeiro; em cima granulado, raspas de chocolate e uma cereja, eu logo reconheço como um bolo de brigadeiro. Mas, se ao me ofereceram eu olhar para o prato e tiver uma camada de bolacha, uma de creme com pêssegos e uma de suspiro, eu logo responderia: "Se você só tem pavê, por que me ofereceu bolo?"

Quando saímos da sala na segunda-feira passada, eu e minhas amigas conversamos sobre o que nós achávamos que seria bolo e várias discussões apareceram, muito parecidas com as que tem aqui:

"Bolo é uma massa doce que serve de sobremesa" X "mas bolo pode ser salgado".

"Bolo leva farinha, ovos, manteiga, leite... X "Até aí, pão, torta, bolinho de chuva e macarrão também."

E mais alguns exemplos, mas acho que já deu pra entender. Mas o que mais pode talvez ajudar a responder a segunda parte do comentário da Cristina é essa:

"Bolo é uma mistura de ingredientes que se transformam, quando juntos."

"Mas até aí, arroz também..."

"Mas arroz não é uma mistura de ingredientes. Arroz é sozinho, que você coloca na panela e ele ainda fica arroz quando termina de cozinhar"

"Tá bom, mas Strogonoff é uma mistura de ingredientes que se transformam no final da receita."

Depois de algum tempo ainda discutindo isso chegamos a seguinte conclusão: " Bolo não é strogonoff. Bolo não é arroz". Ou seja, nós sabemos o que é, mas fica difícil explicar. E o mais importante, sabemos o que não é. Bolo não é torta, pão, pavê, macarrão, strogonoff, arroz, feijão, panqueca, ou bolacha. Bolo é bolo, e ponto final. Existe o seu bolo, e existe o meu bolo, mas quando juntos falamos sobre ele, sabemos o que ele é, com o que parece e o que representa.

Isabel Deak Serapiao – Turma 113

O que percebo com essas várias tentativas de definir bolo , que nos parece algo tão óbvio no primeiro momento mas que depois vamos percebendo que uma descrição bem objetiva poderia, para um falante de língua estrangeira por exemplo, confundir com torta ou mesmo pão, acho que não basta fazer a descrição mais simples possível, que não dará conta de outros por mais que também sejam do grupo “bolo”.

Ficou meio complicado o modo que falei né (desculpem! Tenho que escrever rapidinho aqui no trabalho rs)...Vou tentar explicar melhor:

Usando a definição de bolo dada aqui por Mark Damian Ament (quarta, 6 abril 2011, 10:07):

“ Bolo é uma massa de ingredientes misturados, geralmente incluindo algum tipo de farinha, que se transformem em uma massa que será então levada ao forno.”

Penso então: Mas e o bolo de sorvete?Onde fica? O ignoramos simplesmente para não fazer essa definição “cair por terra”?

Acho também que algumas definições simplificadoras demais da Gramática Normativa deixam de abordar aqueles que “fogem à regra”, para que assim a regra continue valendo...Ou dão definições que funcionam muito bem sem contexto, com aqueles exemplos típicos dos livros de Gramática de nosso Ensino Médio, mas que no nível do discurso não são tão eficazes...

Ariadne de Araujo Martins – Turma 113

Depois de ver o vídeo dos químicos e do bolo deles, chego a conclusão enquanto para nós era uma exercício de discussão formal, quase semelhante ao dicionário, que conseguisse aplacar todas as definições possíveis de se compreender o que é um bolo. Para os químicos o bolo nada mais resume que uma série de relações químicas

com componentes selecionados para o experimento. Dessa forma cada um fará a sua definição de acordo com a delimitação do seu campo de estudo, nesse caso de fatos corriqueiros, tentando explicá-los.

Interessante também que eles também ficam nessa questão do seria bolo e o que seria pão, dada a semelhança de produção.

Erika Araujo Pereira – Turma 113

Uma junção de determinados ingredientes comestíveis que formam uma massa homogênea. Ao ser levada ao forno, por um determinado período de tempo, essa massa se solidifica e ganha a forma do recipiente em que se solidificou. O bolo pode ser recheado, coberto e decorado com ingredientes que favoreçam o seu sabor (doce ou salgado).

Thais Silva Souza – Turma 131

prov. bola /ó/, com fechamento da vogal tônica -ó- > -ô- e troca da vogal temática -a por -o, tomada como desin. de masc., no padrão vern. masc. -o: fem. -a; talvez pelo feitiço arredondado que os bolos em geral apresentam; ver bol-; f.hist. 1392 bollo, sXV bolo.

A definição etimológica acima está o Houaiss, mas acredito que o contexto onde a palavra está inserida define o seu significado, pois durante as discussões do fórum outras definições para o termo foram apresentadas e não só o conceito de que é um alimento. Por isso, acho difícil explicar a um marciano ou até mesmo um ser humano como um esquimo por exemplo que não vive numa sociedade como a nossa. As teorias existentes desenvolveram várias formas para nos ajudar, ou tornar o processo de aprendizagem mais complexo. Acho que como já disseram a teoria gerativa diz que nascemos com uma gramática herdada e ao longo do tempo ela vai se aprimorando. Então, um outro ser, ou uma pessoa que não vive de uma civilização como a nossa tem sua própria gramática e teria maiores dificuldades do que nós temos encontrado para entender a nossa língua.

Mario Marcio de Almeida Correa – Turma 131

Eu também acho que, apesar da Gramática Tradicional não dar conta de toda a riqueza da língua, é ela a responsável por manter a unidade linguística e sustentar uma unidade política num país tão grande e tão culturalmente diversificado como o Brasil.

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Leandro

Eu também associei a definição de bolo com a gramática gerativa, pois com um número limitado de ingredientes, conseguimos fazer inúmeras receitas de bolo, várias combinações que geram sabores e formas diferentes. E, para que todas as combinações e sabores dêem certo, é necessário haver os ingredientes “base” (farinha, fermento, ovos, leite, etc.). É isso que acontece com a gramática gerativa: temos uma “base” (o inatismo - o indivíduo já nasce com a faculdade da linguagem), onde se desenvolve a língua particular de cada um. Acredito que a língua particular se desenvolve com a convivência com a família e com os amigos, na idade escolar. Segundo Chomsky, aos seis anos, o indivíduo já é “adulto” linguisticamente. Essa fase seria o bolo já completo, formado, com todos os seus ingredientes incluídos.

Priscila Cristine Pereira de Faria – Turma 131

Fiquei pensando como explicar “o que é um bolo”, “de que ele é feito” e “de como ele é feito” para um Marciano. Mas, descartei a hipótese, porque o Marciano/ET não falaria a minha língua, desta forma a Comunicação não seria efetiva.

No entanto, partindo desse diálogo abstrato onde surgiram três perguntas sobre o bolo, podemos tentar verificar se faltou alguma coisa para responder a questão que não quer calar e que iniciou todo esse debate, para que possamos nos prender um pouco mais sobre o que essa relação “definição de Bolo” e “Linguagem/Gramática Gerativista” tem em comum.

Desta forma, resolvi verificar o Bolo que estava quase queimando no forno e tentar definir o mesmo.

Nas muitas postagens que li sobre o assunto, a definição que foi a mais simples, porém que esclareceu a pergunta inicial foi a da Bruna Bassete. Pois, ela respondeu quais são os ingredientes utilizados. Que existe uma proporção para os mesmos e uma ordem a ser seguida na confecção do bolo, ou seja, um bolo não é somente uma junção de farinha, ovos, leite, açúcar, fermento e margarina, além da mistura existe uma relação quantitativa entre os elementos e um “modo de preparar” para que no final saia do forno um bolo. E não uma gororoba toda misturada e solada. Fazer um bolo requer um “modo de fazer”, não basta sair juntando tudo.

Passando essa relação para linguagem, creio que sem muitas dificuldades conseguiríamos e conseguimos responder a pergunta “O bolo é feito do quê?”. Evidentemente, que cada um responderia e respondeu ao seu

modo, e isso só é possível porque temos a linguagem inata, ou seja, de alguma forma já nascemos com uma competência linguística que nos permitiu elaborar uma resposta de forma intuitiva sobre a questão acima. Em contrapartida, de que forma elaboramos a resposta, e se ela está mais clara, melhor ordenada ou em harmonia com as leis gramaticais tem haver com o Desempenho Linguístico, e isso não está ligado diretamente com a competência linguística e sim com aspectos extralinguísticos, como por exemplo: a idade, o nível de escolaridade, a atenção, a emoção, o nível social, conhecimento do mundo que possuímos e etc.

Logo, eu não concordo totalmente com a resposta que a Daniele deu a Raquel, porque entendo que a questão da pluralização de alguns termos na fala está mais ligada ao Desempenho Linguístico e não com a competência.

A competência estaria mais ligada, ao meu ver, com a capacidade de formar sentenças que sejam possíveis de serem entendidas em uma comunicação e de como nos conseguimos decodificar as informações (até aqui eu concordo com a Daniele), ou seja, as questões de pluralização e concordância, para mim estão ligadas muito mais ao Desempenho, sendo assim ambas as frases citadas pela Daniele são possíveis de serem entendidas. Agora, vejam as sentenças abaixo:

a) Quantos livros você já leu esse ano? Gramatical/ eu entendo essa sentença

b) Que livros você conhece uma pessoa que esse ano já escreveu? - Aqui fica estranho e parece que a competência dá uma travada e não deixa isso acontecer.

Vivian de Assis Koga – Turma 131

Se nos basearmos na ideia de contrapor bolo à panquecas, pães e afins, como a professora destacou, então podemos considerar que a definição de bolo se basearia sim nos ingredientes que o compõem, somados a maneira como ele é feito, afinal, "bolo" é o resultado não só de um monte de ingredientes, mas dos processos que se seguem e ocorrem até chegarmos no resultado final. Isso fica claro no texto que a professora enviou, logo no início:

"Baking is not usually thought of as a chemical industry, but it relies on the interactions of the various chemicals in flour and the other substances used and thus is chemically based. Usually the properties of the various ingredients are known to the home cook, but not why they behave in that way."

Comparando à língua, como todos nós achamos que é esse o propósito dessa pergunta, então os "ingredientes" poderiam ser associados às palavras, mas ressaltando suas interações, pois não é simplesmente colocá-las juntas, segue-se uma "receita", um parâmetro... como muitos disseram acima, e língua - principalmente falada - não segue a gramática normativa, e ainda assim é entendida. Talvez esse parâmetro não seja necessariamente regras gramaticais, mas as relações que as palavras [ou argumentos, sei lá...rs] estabelecem entre si, respeitando inclusive a ordem em que tem que vir... exatamente como em um bolo: cada ingrediente tem a sua função, e podemos inovar na receita, colocar ingredientes extras, recheio cobertura, alterar a quantidade de um ou outro e até não seguir estritamente a receita... mas certas ordens e ingredientes são necessários e simplesmente não podem ser alterados, senão o bolo não sai... ou não sai como queríamos... como a língua... ela pode ser combinada de diversas maneiras, mas está inevitavelmente "presa" a uma certa ordem, relação e itens que são essenciais para a compreensão exatamente daquilo que queremos expressar.

Renata Rubio da Silva – Turma 131

Me chamou a atenção também o fato de o texto dizer "porque eles se comportam dessa maneira"... então a questão iria além de quais ingredientes e como foi feito, mas porque tais ingredientes... a função deles... ou no caso, a função de cada palavra em uma sentença... pq "aquela" palavra naquele contexto, ou junto com aquela uma, ou necessária àquela outra?

Renata Rubio da Silva – Turma 131

Acredito que além das formas de fazer a massa do bolo, deve-se pensar também como fazê-lo! Bolo assado, bolo frito, bolo quente, bolo gelado, bolo cru. Isso pode ser essencial se esta questão for comparada, como tem sido, com os problemas gramaticais. Como e onde fazer o bolo? Como e onde é feita a gramática?

Alysson Nunes – Turma 131

Lendo as postagens percebi que é consenso de que existem ingredientes fundamentais para a elaboração de um bolo (a maioria citou farinha, ovos, leite e fermento), porém acredito não ser esta a solução para a identificação de tal, tendo em vista que existem bolos que não usem estes ingredientes para sua finalização ou que mesclam "tipos" deles.

Por exemplo: na maioria dos bolos usa-se farinha de trigo, porém conheço um bolo que vai farinha de rosca no lugar. Outro exemplo que me vem à mente é que existem bolos que se usam ovos por completo, outros só a clara ou a gema, etc. E mais, minha mãe faz um bolo que não vai leite, e sim água.

Porém, pelo pouco que sei de culinária, o ingrediente fundamental para o bolo é o fermento. Qualquer bolo precisa, necessariamente do acréscimo de um fermento e, não qualquer fermento, obrigatoriamente a característica fundamental do bolo é o uso de fermento químico (que é o responsável pelo crescimento da massa, que ocorre através de uma reação química durante o processo de forneamento). É o uso do fermento químico que difere o "bolo" das demais "misturas que se solidificam" (tortas, pães, panquecas e afins). Nos pães são usados fermentos biológicos (que promovem o crescimento das massas através da fermentação que ocorre antes do forneamento, através de microorganismos vivos que ingerem nutrientes da massa e liberam gases e substâncias aromáticas, responsáveis pelo volume, textura, aroma e sabor característicos dos pães); nas panquecas não é usado fermento e acredito que nas tortas (retiro daqui aquelas que são feitas em liquidificador, que, para mim, são bolos salgados) também não (por isso elas são chamadas de "massas podres").

Com isso, concluo que o bolo é uma junção de ingredientes líquidos e sólidos que, homogeneizados e somados a uma espécie de fermento, se solidificam. O restante (coberturas, textura, forma) é adendo a composição escolhida pela pessoa que faz o bolo.

Sendo assim, concordo plenamente com o que a Vivian disse: já nascemos com uma competência inata (que seria toda essa bagunça de ingredientes que o sujeito tem a sua disposição) que é desenvolvida através do Desempenho Lingüístico (que seria todos os tipos de fermentos que podemos ou não utilizar), que é fundamental para a transformação da competência em algo tangível e comunicativo. Independente do uso ou acréscimos de novos ingredientes é possível chegarmos a um resultado final passível de significado, mesmo que, normativamente, esteja incorreto (sim, as vezes o bolo sola, mas nem por isso ele deixa de ser bolo).

Espero ter-me feito entendível.

Vinicius Augusto Garcia – Turma 131

Oi Alysson, eu acho que o modo como o bolo é feito, sem dúvida, é de vital importância. Fazendo referência aos exemplos que você citou eu poderia afirmar que um pré-requisito fundamental para definir bolo (no sentido de alimento) é o fato de se tratar de uma massa assada, pois se for frito já não mais bolo, pelo menos para mim. E no caso de ser cru, só se por alguma questão não pôde ser assado, sendo o processo, então, incompleto.

No que diz respeito aos outros tipos de bolo que você mencionou, sendo quento, gelado, ou mesmo apresentado em outra situação, acredito que todos os tipos de bolo devem ser assados.

É claro, agora surge a questão já discutida de distinguir o bolo de outras massas assadas.

Lucas Lopes Giron – Turma 131

Olá!

Eu entendo a colocação do colega sobre o fato de haver bolos sem farinha, sem leite, com água etc., mas acho que ela não exclui o fato de haver obrigatoriamente componentes básicos do bolo além do fermento. Pode até ser que o fermento seja o elemento mais importante [fazendo um paralelo com a sintaxe, tal como o predicador o é na sentença], mas para uma receita básica de bolo seriam necessários os outros elementos.

Outras receitas mais complexas, diferenciadas, podem até dispensar o uso de alguns elementos ou incluir outros tantos, é claro [e isso ocorre também nas construções da língua], mas aí não estamos mais nos limitando a desvendar a base, aquilo que é mais primitivo.

É isso o que eu acho...

Bruna Bassette – Turma 131

Mas o bolinho de chuva é frito! =x ainda continuo com o problema na forma de fazer e acredito que isso pode ser levado pelo lado da gramática também!

Alysson Nunes – Turma 131

Vinicius, é claro que o fermento é fundamental para se fazer um bolo, mas não são necessariamente TODOS que necessitam dele para serem denominados como tal. Eu sei que parece estranho, mas já comi bolo sem fermento algum, fica diferente, mas ainda assim é considerado bolo. É muito difícil definir o que é bolo com uma fórmula única, mas acredito que há uma base, alguns ingredientes "fixos"...

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Como foram muitos os comentários, não tenho certeza absoluta de que o que vou dizer ainda não foi dito. Então, qualquer coisa, peço desculpas!

Bom, eu acho que este exercício tem a ver com aquela brincadeira que a professora fez em aula de "quem é você?" "sou Diana", "não, esse é seu nome" "sou estudante de Letras" "não, isso é o que vc faz", "sou filha de fulano" "não, isso é de quem você é filha" e por aí vai...

Por exemplo, quando alguém escreveu uma receita, outra pessoa respondeu, grosso modo: isso não é um bolo, é do que ele é feito. E do mesmo modo, para tudo podemos responder isso:

é algo doce - mas isso é o sabor

é redondo ou retangular - isso é a forma

é de comer - isso é para que ele serve

...

Enfim, vem daí também a dificuldade em definir o que é um bolo, e qualquer coisa.

Eu diria que "bolo" é uma palavra que serve para definir uma coisa, uma comida. E a partir daí podemos acrescentar todas as definições que já foram ditas, especificando o objeto cada vez mais.

O que acham?

Diana Szylit – Turma 131

Oi Vivian,

Concordo quando você diz que a questão geral de pluralização tem haver com o Desempenho linguístico e não está diretamente ligada a Competência Linguística. Porém, utilizei os exemplos "Os menino_..." e "O_ meninoS...", para exemplificar mesmo, a Competência Linguística, uma vez, que mesmo fazendo um erro, "todos erramos da mesma maneira". Isto é, pluralizando o primeiro termo apenas, ao invés de pluralizar apenas o segundo. E, por que isso ocorre? Por que ninguémalaria "O meninoS", mas muitos falam "Os menino_"? Por que todos, se optamos pelo "erro", "erramos" todos da mesma maneira? (Sendo que isso, nunca nos foi ensinado na escola, nem em outro lugar).

Acredito, que essa questão, especificamente, está sim ligada à Competência Linguística. A meu ver, essa questão caberia ao desempenho linguístico se, assim como você exemplificou, pessoas de níveis de escolaridade, ou de idades diferentes (etc), falassem, cada uma de uma forma. Porém, acredito que o uso da primeira "Os menino_" é unânime. Enquanto que "O_ meninoS", nos soa muito estranho e muitas vezes incompreensível. (Se você testar essas duas frases, vai perceber que a segunda trará um maior desconforto, não só para quem fala, mas também para quem ouve. Talvez, nem consiga pronunciar com a mesma facilidade que a primeira sentença.)

Acredito que a questão de desempenho linguístico, poderia se ocupar da diferença entre "OS meninoS" e "OS menino_". Nesse caso, sim.

Mas, quanto as duas frases primeiras, que propus, ressalto a Competência Linguística como responsável pela preferência unânime de "Os menino_" e a não utilização de "O_ meninoS".

Daniela Martos Morais – Turma 131

Oi Raquel, =)

Acho que você entendeu, mas talvez, meus exemplos tenham te confundido um pouco a noção de Competência Linguística e de Desempenho Linguístico. No caso em que usei as frases "Os menino_" e "O_ meninoS" era para exemplificar a Competência Linguística. Por que todos erramos da mesma maneira? Por que escolhemos uma maneira e não a outra, sendo que nunca nos ensinaram a dizer "Os menino_" ou "O_ meninoS"? (Sendo que ambas estão erradas, segundo a gramática tradicional) A meu ver, a Competência Linguística seria responsável pela nossa preferência por uma dessas sentenças.

Agora, considerando o sentido que você deu nesse último comentário, acredito que os exemplos mais apropriados seriam:

"Os meninoS" - (correto, segundo a gramática) e "Os menino_". Ou, ainda: "Nós vamos" ou "Nós vai".

A meu ver, esses últimos são temas para o Desempenho Linguístico. Enquanto que as primeiras sentenças o são da Competência Linguística.

Daniela Martos Morais – Turma 131

Gostei da idéia da professora de contrastarmos algumas coisas para tentar chegar em ponto de vista diferente, além dos ingredientes.

Enfim, a princípio, poderíamos tentar identificar algumas diferenças e semelhanças que existem pães, bolo, panqueca, tortas etc.

Neste momento, vejo apenas poucas diferenças e semelhanças:

Semelhanças: pão é salgado mas também tem doce, assim como panqueca; bolo e torta pode ter o mesmo formato.

Diferença: a superfície de contato de um pão é menor que a de um pão, por exemplo, portanto, acho que nunca conseguiríamos confundir um com o outro.

O que mais diferenciaria o bolo desses outros produtos?

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Acho que podemos, sim, fazer um bolo sem ovos ou leite, como, por exemplo, nas frases nominais - é entendível e possui, talvez, apenas o essencial do essencial: o fermento e alguns adicionais.

Quantas vezes eu vejo frases sem verbo que são implicitamente entendíveis... Porém, a meu ver, sempre que há uma frase nominal, tenho vontade de colocar a receita completa: sujeito + verbo + complemento.

Então, bolo, pra mim, é aquele constituído de fermento (base), ingredientes base (verbo ou frases nominais) e enfeites ou adicionais (adjuntos adnominais ou adverbiais). A cereja do bolo (o melhor do bolo) pode ser uma sentença com a sintaxe correta e todos os componentes presentes, não? :D

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Acho superbacana (gíria de velha - sem o prefixo) isso!

Acho que a definição de bolo, então, deveria ser:

Bolo: alimento.

Relacionando à gramática, podemos dizer:

Língua portuguesa: meio de comunicação entre seres humanos de países que falam esse "código" linguístico?

Sinto que falei asneira...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Sim, Daniela. A estranheza é devido à competência linguística. Entretanto, todavia, contudo... Essa estranheza só é... digamos... "nomeada" com o conhecimento que adquirimos ao longo da vida escolar. Acho que foi aí que divergimos. Enfim...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Exatamente!

Mesmo tendo o desempenho linguístico de cor e salteado, falo brincando "nós vai hoje comer?" ou coisas parecidas.

Na fala, por ser uma coisa regional (não são todos os falantes da língua portuguesa que fazem isso), conversamos com outros falando "os menino foi lá e dormiram" (oscilando entre singular e plural) ou coisas "piores". No entanto, como um sábio professor de Fon Fon ensinou: podemos FALAR qualquer coisa, pois nunca enunciaremos algo impossível de ser fazer na língua (fora os casos forçados).

Desde que nascemos, sabemos que "o meninos" está errado, mas só aprendemos o porquê depois, seja na escola ou com influências pessoais.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Hmm... Boa pergunta!

Acho que outro diferencial é a intenção que se tem a fazer um bolo.

Fazemos bolo por diversos motivos (assim como quando fazemos pães, tortas etc.), masssssss... nunca faremos um pão ou uma torta para comemorar o aniversário de alguém! Aháaaaa!!! Será que respondi?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

hmmm... boaaa!(interessante esse aspecto Raquel..não tinha pensado por aí)

eh verdade, não comemorariamos um aniversário com um pão! uhauhahua.. quer dizer, o pão aparece na festa, mas não é o principal. Ninguém deixa o pão pra cortar no final da festa! uhahua

Até mesmo a idéia que bolo e pão nos traz se difere uma da outra. O pão em alguns contextos pode simbolizar o sagrado (tanto, que o "certo" é cortar o pão com a mão e não com a faca. Se cortar com a faca, pode, em alguns lugares, representar desrespeito.) Já o bolo, nos dá mais idéia de comemoração, de festa.

Daniela Martos Morais – Turma 131

Também não tinha pensado no motivo pelo qual o bolo é feito, mas refletindo sobre o que você e a Daniela falou, é verdade, todas festas, pelo menos nas que fui, o bolo é doce principal.

Por mais que se tenha tortas, pão com carne-louca, entre outros petiscos para comer, o bolo é a atração principal. Ninguém sai da festa antes de cortar o bolo.

É engraçado como já temos as denominações para ele: bolo de aniversário, bolo de casamento e encontramos um mais genérico, que virou título de receita, bolo de festa. E não se pode dizer que temos um bolo cujo sabor é preferível pois cada um tem o seu gosto. Uns preferem bolo de chocolate, outros de milho, outro de fubá etc. Falando em fubá, lembrei-me que existem alguns bolos - seriam eles aipim, milho e fubá (acho só, certo?) - que possuem um acompanhamento, tradicionalmente, especial: o café. Será que possui algum fator que os relacione? Não vejo as pessoas comendo um bolo de morango ou limão tomando café. Será que meu raciocínio está correto ou falei besteira?

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Raquel, obrigada pelo GENIAL, fico feliz que tenha gostado do que escrevi! ^^

Mas confesso que esta discussão está me deixando bolada, que em certos dialetos do português nada tem a ver com o bolo convencional, e sim com o fato de que a pessoa está confusa, desorientada, ou até mesmo aborrecida (não é meu caso).

Bom, como disse o Evandro, pelo menos em nossa cultura ocidental cristã, o bolo realmente é a atração principal, tanto que me lembrei (espero que ninguém me mate ou xingue por isso, é só um momento de descontração, e quem sabe, possamos fazer alguma reflexão sobre isso) que quando alguém quer ir embora mais cedo da festa, o anfitrião geralmente diz: "Fica, vai ter bolo", que gerou um divertido tumblr <http://ficavaiterbolo.com/page/33>

A comicidade fica por conta dessa frase inserida nas mais diversas imagens, algumas nada condizentes com o contexto amistoso de um convite para prolongar a presença na festa. Nesses casos, a palavra bolo perde um pouco (ou totalmente) o sentido, ou ganha até outro sentido, pois parece tornar aconchegante e familiar qualquer situação, por mais bizarra ou violenta que seja.

Talvez o bolo, nesse caso, além de ter a definição de ser um alimento feito disso ou daquilo, seja um alimento capaz de unir as pessoas, em razão da memória afetiva que temos dele.

Daniele de Araujo Garcia – Turma 131

Dando meu pitaco nessa questão dos plurais, foi isso que eu entendi que a colega afirmou no começo: nós até realizamos "os menino", "dois pastel", "nós vai", sempre com o plural marcado no primeiro elemento, mas não falamos "o meninos", "um pastéis", "a gente vamos".

É muito interessante isso, e arrisco dizer que as primeiras frases soam até naturais porque já existe uma marcação de plural que confere o sentido proposto (certa vez, uma professora disse que o português era uma língua bastante repetitiva nas marcações de plural), mas as segundas frases, não (pelo menos, nunca ouvi o plural no segundo elemento, mas nunca se sabe!)

Bruna Bassette – Turma 131

Fiquei pensando nos variados tipos de bolo que apareceram em toda a discussão e isso me lembrou a questão do registro nas línguas. Como assim?

Assim ó: sabemos no geral como é um bolo e de que ele é feito, e aí de acordo com a ocasião optamos por fazê-lo de tal ou tal maneira, num aniversário de criança cai bem um bolo de chocolate, num dia chuvoso cai bem um bolo de fubá... Também sabemos no geral como devemos usar a língua para nos comunicar, e escolhemos quais "ingredientes" vamos usar dependendo das situações em que nos encontrarmos.

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Compreendo, porém o bolinho de chuva é outra coisa. Eu entendi que a definição deveria ser referente a bolo. Pelo menos na minha opinião o bolinho de chuva, apesar de ser chamado de "bolinho", não é uma variedade de bolo pois, assim como existem bolos de diversos tipos e sabores, também encontramos bolinhos diversos.

Confirmo o que disse anteriormente.

Até.

Lucas Lopes Giron – Turma 131

Concordo com você Diana, as definições que damos à alguma coisa são feitas a partir das formas como tal objeto se apresenta. Como disse a professora, é muito difícil dizer o que determinado objeto ou ser é, já quando nos referimos ao que faz, como faz, como sentimos ou vemos etc, fica mais fácil identificar. É claro que não é tão fácil, como podemos perceber com o caso do "bolo".

Lucas Lopes Giron – Turma 131

A minha definição de bolo, em um primeiro momento, seria : uma massa feita com a mistura de determinados ingredientes que é batida, levada ao forno para que cresça e assim tornar-se um bolo.

No entanto, se transportarmos o conceito de bolo para a teoria gerativista, é possível identificar semelhanças entre a gramática de Chomsky e o "nosso bolo", visto que, assim como a gramática, o bolo possui alguns ingredientes básicos, sem os quais não é possível fazê-lo, tais como a farinha, os ovos, a manteiga e o fermento, e outros ingredientes, os quais diferenciam os bolos entre si, o que faz com que um bolo seja de chocolate e o outro de laranja, por exemplo.

Dessa forma, os ingredientes básicos seriam os princípios (iguais para todos os bolos) e os outros ingredientes seriam os parâmetros (diferentes em cada bolo).

Gracielle Ribeiro Souza – Turma 131

Daniela,

O bolo é o significado ampliado, nas festas, de que, culturalmente, o anfitrião está dizendo que a festa acabou - mesmo porque, depois do bolo, não há, friamente falando, motivos para continuar a festa, já que a celebração do aniversário de alguém já foi feita.

Acho que, em relação à língua, esse significado de ser o principal em festas é a essência da mensagem, o que se quer dizer, seja falado de forma culta pela gramática normativa ou culta falada.

De nada! Foi uma bela sacada! :D

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Para Chomsky, a capacidade humana de falar e entender uma língua, isto é, o comportamento linguístico dos indivíduos, deve ser compreendido como resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética, interna ao organismo humano a qual deve estar fincada na biologia cérebro/mente e é destinada a construir uma competência linguística de um falante. Esta disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como Faculdade de Linguagem (Capacidade natural e inconsciente de produzir e entender frases).

Na questão do bolo, devemos nos perguntar:

- O que há em comum entre "os bolos" e de que maneira deferem entre si?

Ao tentar explicar o bolo, as diferenças ou semelhanças, devemos formular as relações gramaticais, ou seja, modelar as informações e explicitar um modelo que seria real (a gramática).

Talvez uma representação arbórea dos ingredientes do bolo, levaríamos a entender melhor essas diferenças e semelhanças se comparado, por exemplo, ao pão ou a panqueca. Acho que tornaria a "fórmula" mais objetiva.

Priscila Alves de Andrade – Turma 131

Viajando numa pegada sociolinguística, acho que cada um pode fazer uma variedade de bolos que, relacionando com a parte socioeconômica, difere pela "qualidade" do bolo. Mais simples, mais rebuscados...

Ao mesmo tempo, podemos ver casos de pessoas que têm condições de fazer bolos simples e fazem (ou tentam fazer) bolos mais rebuscados para aparentar ser alguém que não é.

Vi um mendigo na Paulista. Ele entrou no ônibus em que eu estava, sentou na cadeira do corredor e deixou a da janela vaga. Todo mundo que entrava ficava em pé, já que aquele era o único lugar vago. Ele falou bem alto: "Você quer sentar-se aqui?".

Ele tentou, mesmo nas condições sociais dele, fazer um bolo de casamento ao elaborar a sentença com ênclise. No entanto, o verbo base (ou auxiliar?) "atrai" o pronome, sendo a sentença correta: "Você quer se sentar aqui?".

Acho que a pergunta já não é mais do que ele é feito (quais ingredientes) - já abstraindo do exercício e indo à comparação com a língua - e, sim, como aplicar os bolos subjetivos no cotidiano.

Obs.: não só partindo da base socioeconômica, vemos vários casos na fala de hipercorreção, fala espontânea sendo corrigida pelo enunciador (seja por motivos de prestígio ou quaisquer outros) etc. Falei de forma muito sucinta o que vi em sociolinguística. Perdoem-me!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Oi Raquel =)

é verdade, você tem razão.. no fato de se cortar o bolo já está subentendido o fim da festa.. o cortar do bolo é a consumação da comemoração, neah!..tanto que muitos dizem que aniversário sem bolo, não é aniversário.. =)

Achei legal sua comparação, sobre o importante ser a essência da mensagem e não a maneira como ela é passada. (voltamos de novo à história do desempenho linguístico, neah huahhua)..enfim..não importa de que maneira, o que importante é se fazer entender!! =)

Daniela Martos Morais – Turma 131

Sim Raquel! foi justamente isso que disse e não me ofendo, não! acho até legal essa interação descontraída, já que o assunto é um tanto quanto "delicado" e o tópico que vc apresentou nos leva realmente a refletir e discutir o assunto com pontos de vista diferentes. Tudo é válido quando se procura contribuir. Valeu...

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Utilizando-me de nossas aulas e com o olhar voltado para o verbo realizei uma experiência. Além de dar minha própria resposta para a pergunta (ou tentar em outra tópico), resolvi fazê-la, também, a minha sobrinha Duda de 4 anos, para trazer um dado novo à discussão e analisar sua resposta, pois estudaremos a aquisição da linguagem (apesar da minha opinião ser de que nunca paramos de adquiri-la) nada como uma cabeça nos primeiros passos desta jornada sem fim.

Achei interessante que a resposta da minha sobrinha foi rápida, ela não parou para pensar e entendeu a pergunta claramente na primeira vez. Irei reproduzir literalmente a resposta dela:

- O bolo é feito do quê?

- "De uma fatia, é uma bola, a gente coloca amassa aí põe o chantili a cobertura e os morangos."

Posteriormente, analisando a resposta da Duda, vários fatos me chamaram a atenção. A resposta dela se encaixa perfeitamente a pergunta. Ela começou com o preposição "De" que tem relação direta com a contração "do" utilizado na pergunta. A primeira parte da resposta é bem direta. Ela entendeu o verbo "fazer" - irregular e na pergunta colocado no particípio passado (algo que com certeza ela nem imagina o que seja) - com o sentido de o que da existência ao bolo. Entretanto, ela foi além - fato causado pelo próprio verbo que pode se vestir de alguns significados diferentes (concepção; dar existência; executar uma ação; atingir um objetivo e transformar-se em) - entendeu o verbo como executar uma ação, isso explica o desenvolvimento da segunda idéia que ela responde com uma sequência de atos.

Achei legal que este verbo pode ser transitivo (concepção; dar existência; execução de uma ação), intransitivo (atingir um objetivo, um exemplo seria: - Pronto, feito!) e reflexivo (transformar-se em, exemplo: Fez-se homem aos dezoito anos).

Portanto, penso que devido ao modo que a pergunta foi disposta e, principalmente, ao verbo, as respostas estão variadíssimas e engraçadas (eu mesmo já me diverti analisando como é feita a palavra "bolo" em outro tópico - exatamente pelo o verbo e a colocação da frase abrir esta interpretação).

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

Olá!

Desde que entrei na faculdade e os professores pedem que seja feita alguma definição de "algo" sempre fico com a sensação de que é difícil ter palavras suficientes para terminar a tarefa, principalmente se for para um marciano que não conhece os significantes que são usados como base.

Acredito que se juntássemos todas as definições de bolo dadas até agora teríamos uma que se aproximaria do melhor resultado, mas como já foi dito, o marciano (e acho que não precisaríamos ir tão longe assim, talvez em outros países, mesmo ultrapassando a barreira da língua, o "nosso" bolo pode não ser reconhecido....) não entenderia.

Também não consigo separar tanto o conceito de bolo do lado emocional já que é a família quem nos "apresentou" essa delícia(...rsrs) da mesma forma como nos auxiliou a usar a capacidade inata de fala para entender as estruturas de nossa língua. Concordo com aqueles que disseram que as regras da norma culta, muitas vezes, são desnecessárias para entendermos o que está sendo dito (como no exemplo de "os menino... que foi dado antes), mesmo que determinada frase não siga corretamente as regras de concordância, ortografia, etc, se os seus constituintes estiverem corretamente estruturados a compreensão será imediata.

A questão cultural é muito importante também, afinal uma mesma estrutura pode ser correta ou não dependendo da língua que está sendo analisada...

Bom, tive bastante dificuldade em pensar no assunto "bolo" pois acho que a questão pode ser muito mais "filosófica" do que imaginamos a princípio, mais ou menos como quando o professor de IELP perguntou na primeira aula: "o que é palavra?" e pensei "Como assim? Palavra é palavra!"...mas quando começamos a refletir tentando criar uma definição sentimos o quanto é difícil traduzir em palavras o que sabemos intuitivamente....

Desculpem mas foi o resumo de uma semana de dúvidas.....

Bjs

Ana Carolina Assis – Turma 131

José Eduardo, creio que ao dizer "acho que o mais genérico a que se pode chegar é que o bolo é alimento.", o Maurício teve a intenção de referir-se ao mais genérico em questões compreensivas, não constitutivas. Quando se refere ao bolo como alimento ele quer dizer que, para nós, a primeira percepção que nos vem ao pensamento é de que o bolo é comestível, de que ele nos alimenta. Agora, partindo para a conceituação da constituição de um bolo talvez pudesse ser isso. Podemos definir o bolo de diversas formas, partindo de alguns pontos: para que nos serve o bolo, como é feito o bolo, quais os constituintes do bolo; podemos inclusive definir como através de contrastes com outras coisas, objetos, comidas ou, seguindo a linha de pensamento do Raul, a partir de Jakobson, podemos também definir bolo como um alimento que se dá através do cozimento de uma mistura homogênea de farinha, leite, ovos, açúcar, fermento, margarina. Percebemos então que, a definição genérica que Raul usaria nesse caso, seria exatamente a de que o bolo é um alimento.

Bem, ao menos foi o que pude apreender do que o Maurício desenvolveu.

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Raul, gostei da sua exposição e, creio que para que haja a definição sejam realmente necessários os conhecimentos extra-linguísticos prévios. Isso me fez imaginar que seria possível fazer essa definição a alguém que não tivesse tais conhecimentos, contudo nos levaria a uma cadeia de definições que, juntas, nos levaria ao objeto definido. No entanto, seria menos palpável.

Quer dizer, para compreender o que é um bolo precisaríamos compreender, por exemplo, que entende-se por farinha de trigo o produto obtido a partir da espécie *Triticum seativan* ou de outras espécies do gênero *Triticum* reconhecidas (exceto *Triticum durum*) através do processo de moagem do grão de trigo beneficiado. A farinha obtida poderá ser acrescido outros componentes, de acordo com o especificado na presente Norma. Contudo, ainda seria preciso definir para que ela serve. E isso deveria ser feito com todos os outros ingredientes, o que - ao final - faria com que a pessoa a quem se define conseguisse concatenar todas as definições para que conseguisse compreender o objeto final: o bolo.

Depois de ter pensado nessa cadeia de definições, acabei ficando intrigada. Achar que uma pessoa conseguiria chegar à compreensão final se fizéssemos a exposição de todas as definições de todos os ingredientes e de suas serventias até que conseguíssemos chegar ao bolo? Até que ponto?

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Agora você me deixou encucado com um detalhe, Mayara: "... concatenar todas as definições para que conseguisse compreender o objeto final: o bolo" [grifo meu]

Mas será que, de seguindo esse procedimento que você detalhou, não acabaríamos chegando à definição de "um bolo" (digo, um exemplo em específico, como de chocolate ou laranja, mas que talvez não abarcasse todos outros e não permitisse ao extra-terrestre identificar um de fubá como "bolo") ? Ou conseguiríamos realmente chegar à síntese dessa entidade transcendental [rsrs] que é o "bolo" em si ?

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Raul, não havia pensado nisso; o fato de não conseguirmos chegar a essa definição que não sabemos, ainda que "o bolo" faça parte da nossa cultura. Havia, na verdade, pensado em como seria para um "extra-terrestre" (seguindo seu exemplo) compreender o que o bolo como nós o compreendemos, exatamente pelo fato de nós mesmos não sabermos como defini-lo, e mais, pelo fato de ele não saber isso que sabemos, quer dizer, o significado que o bolo tem diante da população vivente nessa cultura.

Agora, voltando à sua questão, talvez alguém que esteja livre dos novos conhecimentos prévios tivesse maior facilidade em defini-lo "técnica ou linguisticamente", após é claro, de ter compreendido os processos nos quais eu havia falado, de definir seus ingredientes e suas serventias

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Mayara,

Então, resumindo essa nossa breve ópera, um extra-terrestre (ou qualquer outro elemento não integrante da nossa realidade repleta de bolos) com o mínimo de conhecimento (mesmo que estritamente linguístico) sobre o bolo e seus constituintes, estaria muito mais apto que nós a descrever esse bolo a outros seres que também o desconheçam; logo, ironicamente, me parece que é justamente nosso conhecimento de mundo que nos impede de descrever de forma imparcial e efetivamente objetiva certos integrantes desse mundo $\neg\neg$ Deficiência nossa, não da língua...

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Bem, acabei concluindo que: para formar o resultado final de um bolo é necessário uma junção de vários ingredientes e suas devidas medidas, além de considerar tempo, instrumentos e um pouco de habilidade; na linguagem algo semelhante também ocorre, usamos várias partículas (morfemas) para formar uma palavra e com as medidas corretas poderemos fazer uma unidade de sentido (precisaremos de tempo para adquirir um prévio conhecimento da língua e competência para utilizá-la) e com essa combinatória formaremos uma frase que tenha sentido, ou seja, o mesmo que provar do resultado final do bolo: o sabor.

Eliana Aparecida Valadao Mancilha - Turma 111

(Chegando no fim de festa, parece que bolo já foi servido. rs)

Mas, só para constar, minha definição de bolo: são vários ingredientes alimentícios que resultarão em uma massa, geralmente doce, após uma mistura e aquecimento.

Concordo com os colegas, temos muita dificuldade para conseguir explicar, algo tão comum a todos nós, para alguém que não faça a menor ideia do que se trata. É um exercício bem interessante tentar fazer uma definição de algo que é simples, mas que só é simples porque está inserido em nosso mundo.

Impressionante, parecia ser tão fácil. (haha)

Thais de Oliveira Bernardes – Turma 131

Realmente, parece que esta definição da Julia se aproxima do que penso, mas outras dúvidas surgem.

A primeira foi de que poderíamos relacionar e compreender da seguinte maneira: intensão e extensão com conotação e denotação. Pensamento logo desmentido pelo segundo texto, ainda que eu não saiba explicar claramente esta diferença.

Extensão como gama de aplicabilidade. Parece funcionar.

Será que intensão seria como significado? Mas no próprio termo intensão ele já difere de significado e se aproxima mais do conceito de conotação.

A própria definição destes dois termos varia consideravelmente.

Já no que diz respeito ao estudo da linguística, neste caso sintaxe, fica claro a maior importância da intenção em detrimento da extensão, visto que a primeira, ao identificar esta fórmula comum, poderia aplicá-la em diversos casos. No texto do Miotto, a importância do caráter científico e de uma delimitação do campo de estudo e também de uma teoria apta aos objetivos postulados é posto como a base desta ciência. Estes esquemas "assustadores" parecem ser essenciais para o estudo a ser desenvolvido. Esquemas que devem ser postos à prova.

Andre de Azevedo – Turma 131

Intensão e extensão, eu também entendi como algo levado no sentido literal e outra coisa levada no sentido figurado.

Para um melhor entendimento de um texto, o melhor e mais prático seria o uso de intensão por toda a mensagem, mas isso faz perder um pouco da criatividade e da riqueza (com extensão, podemos usar várias figuras de linguagem, como metáfora, metonímia, elipse etc.), tornando o texto denotativo demais.

O que se quer passar através de palavras precisa ter a mensagem clara e objetiva, mas sem perder o quê de personalidade e identidade de quem está escrevendo...

Feliz Páscoa!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Eu também concordo que é muito difícil tentar criar uma definição de bolo, uma vez que ele é um elemento que está muito presente em nosso cotidiano desde a nossa infância. Eu acredito que qualquer definição que eu possa dar iria abranger apenas alguns aspectos do bolo e acabaria deixando de lado outros e, da mesma forma, a definição poderia também conter certas características que estariam presentes em outras coisas que não fossem um bolo. Por exemplo: se fôssemos citar apenas o aspecto da massa homogênea, dos ingredientes e do aquecimento, essa definição poderia servir para outros alimentos também, como pudim ou quindim, ou algum tipo de doce (não tenho grandes conhecimentos de culinária, portanto me perdoem se eu disser alguma tolice haha). Mas a soma das definições de bolo feitas por várias pessoas poderia nos levar a algo que seja bem próximo daquilo que conhecemos por esse nome, porém eu acredito que sempre acabaríamos deixando de lado algum aspecto. Mas o que seria mais adequado para tentarmos criar uma definição seria pensar em quais são as características que diferem o bolo de outras coisas semelhantes (por exemplo: quais são as características que diferem um bolo de um pudim?). Enfim, essa é a minha opinião. O que acham?

Maurício Felipe Clemente – Turma 131

Me parece que a grande questão que nos tange é realmente a da concepção científica para o tratamento de determinado assunto. Pois compreendo que é óbvio que enumerar todas as possíveis características de bolos pode resultar infrutífera, pois podemos não diferenciá-lo de outros feitos culinários, e, além disso, ficamos suscetíveis a deixar de fora bolos "assentadamente bolos" em nossa cultura que passariam a ser outra coisa se por exemplo julgássemos essencial a característica de ter cobertura ou recheio. No entanto, eu mesmo não teria pra onde correr tendo que definir o que é um bolo.

Por aí eu vejo que o que a Julia levantou é realmente importante; no entanto, como chegar a uma fórmula matemática neste caso? Penso que as características 'físicas' de um bolo somam-se a fatores externos, que muitos elencaram aqui, por exemplo, as festas, certos rituais da nossa cultura que discernem o bolo de outros pratos (p. ex. não se faz bolo no natal, como certamente é uma tradição e inclusive um certo modo de expressar, um bolo de aniversário, ["não vou fazer festa não, só um bolinho"]).

Enfim, não vou chover no molhado; o que disseram aqui sobre a intenção com que se faz um bolo, me parece, seria um elemento importante na constituição de uma fórmula.

Raul Barbosa Dias de Lima – Turma 131

Também tive um pouco de dificuldade em explicar uma receita de bolo, algo tão simples porém que me trouxe dúvidas sobre qual maneira mais fácil e objetiva de explicá-lo.

Sintaticamente falando, ao formular uma receita de bolo, tentamos de alguma maneira usar todas as possibilidades de se formar uma "receita" capaz de explicar à todos as características que compõem um bolo. Estávamos portanto, procurando uma generalização para tal receita, ou seja, buscando uma formalização "intensional". Esse exercício proposto pela professora foi realmente muito interessante pois, ao tentar criar a receita, observamos as funções, as relações e hierarquia dos constituintes, usados por nós, para formar uma sentença.

Priscila Alves de Andrade – Turma 131

Para mim o que faz um bolo ser um bolo e não qualquer outra coisa é a sua textura característica e também o seu sabor. O bolo não possui o mesmo leque de sabores da torta nem de qualque outra receita e vice-versa. Acredito que essas sejam as duas características mais importantes em seu reconhecimento deixando as possibilidades de haver recheio, cobertura e etc em segundo plano. Concordo com o Jáderson que esse reconhecimento do que é bolo feita por qualquer pessoa aconteça graças ao conhecimento de mundo que a pessoa tem. Ou seja, por mais que a gente descreva como é um bolo, é a vivência que fará uma pessoa reconhecer um bolo e não uma aula de culinária.

Uma característica citada no comentário feito pela Mayra que achei muito interessantes foi sobre a ocasião em que o bolo é servido, que muitas vezes são festas e comemorações, sendo comida mais por gula do que necessidade.

Mariana Molinari de Oliveira – Turma 133

Além do pdf indicado pela professora, o blog <http://quiprona.wordpress.com/2009/10/31/a-quimica-do-pao-nosso-de-cada-dia/> traduziu um artigo em inglês (<http://www.rsc.org/chemistryworld/Issues/2009/October/Ontherise.asp>) que explica a reação química que ocorre no preparo do pão.

De modo geral, o pão, o bolo e a panqueca americana (que é diferente da massa utilizada na panqueca de carne moída) podem ser feitos a partir de uma mesma lista de ingredientes, como farinha, leite (ou água), ovos, farinha, gordura e fermento. Há, claro, medidas diferentes de ingredientes para cada tipo de receita. Além disso, a forma de preparo também é completamente diferente. No pão, os ingredientes são sovados; no bolo, batidos; e na panqueca americana, misturados. Após o preparo, as massas adquirem consistências visivelmente distintas: pesada, fofa e pastosa, respectivamente. Não há dúvidas que a quantidade de ingredientes e a forma de preparo são responsáveis pela reação química que determina a diferença de textura e sabor entre o pão, o bolo e a panqueca americana. Sem experimentar um pedaço, é possível também diferenciá-los pelo aspecto e formato. Apesar das diferentes formas que o pão e bolo podem ter (não é o caso da panqueca, que é sempre redonda e achatada), por causa da consistência da massa o aspecto nunca será o mesmo.

Agora, só para complicar, como explicar para um estrangeiro que o "pão de ló" é um bolo e não um pão?

Kelly Mayumi Ishida – Turma 133

Olá colegas,

Quero dizer que não tenho condições, até o momento, de definir o que é bolo. Entretanto pude ver nos comentários, que muitos colegas tentaram oferecer uma resposta a esta questão a partir da experiência sensorial, na maioria dos casos.

Como o caminho mais fácil nem sempre é o mais interessante, gostaria de dividir alguns questionamentos com vocês. Imaginemos algumas situações: há pessoas que trazem, desde o nascimento, deficiências de várias naturezas, entre elas gustativas, olfativas, visuais, entre outras. A pessoa que reúne, por exemplo, as três deficiências citadas acima continua sabendo o que é bolo, mesmo sem sentir o cheiro, ver o seu formato, ou saboreá-lo. Como então podemos garantir que é pela experiência de vida que apreendemos o significado de qualquer coisa?

Acho que esta é uma primeira questão.

Um abraço,

David Budeus Franco – Turma 133

Olá!

Dei uma olhada no texto que a professora colocou e vejo que a discussão segue a lógica da definição do bolo a partir de sua produção, impera a via gerativista. No entanto, tal qual aponta o autor no fim¹, a constituição básica do bolo, a sua receita, não é uma fórmula fechada.

Pois bem, partindo dessa ideia, do ponto de vista mencionado pelo Matheus Coelho – de que a concepção do bolo independe do conhecimento de seu preparo- e dos meus comentários anteriores, insisto na hipótese de que a definição depende de nosso conhecimento de mundo e, sobretudo, do meio em que vivemos. Então, podemos definir um bolo sem saber como ele é feito.

Talvez inconscientemente, na tentativa de promover a ampliação da discussão, o colega David Franco apontou para os outros mecanismos que dispomos para adquirir esse conhecimento de mundo tão citado. Ao apontar a privação dos sentidos de uma determinada pessoa, entendemos ainda mais a sua importância para a definição das coisas no mundo em que vivemos; apreendemos por meio dos sentidos também (para a textura, o tato; para o cheiro, o olfato; para o sabor, o paladar, etc...), talvez isso demonstre e acrescente à tese de que o conhecimento da receita e da preparação de um bolo não garante o conhecimento sobre o mesmo. Diante de tal proposição, creio que a resposta seja próxima daquela que apontei quando me detive no comentário da colega Juliana Yukie. As limitações nos sentidos de tais pessoas não impedem que elas compreendam o que é um bolo, no entanto, a concepção que elas trarão sobre o alimento será distinta das pessoas que contam com os sentidos bem desenvolvidos.

Para reforçar minha opinião, gostaria de propor uma reflexão: Quando dizemos “Posso dizer que, então, que bolo é pão?” tendemos a apresentar resposta negativa, por ter na mente diversos argumentos que possam diferenciar um alimento do outro. Mas questiono essa certeza. Será mesmo que não posso fazer isso?

Estamos diante da inquietação apresentada pela colega Kelly Ishida. A dificuldade em explicar para um estrangeiro que pão de ló é um bolo está justamente no fato dele ser... um pão. É isso mesmo, o confronto das definições passa pela experiência social. Por que teremos de explicar para um estrangeiro? Por que este cidadão não está inserido no mesmo meio que nós, não participa de determinadas convenções (determinadas por fatores diversos); entre eles, que o pão de ló, mesmo com esse nome, é um bolo (vide Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete).

Mas não quero parar por aqui. Olhem a imagem abaixo. Que alimento ela representa?

Se você respondeu Rocambole, você está enganado! Estamos diante do autêntico, tradicionalíssimo e pernambucano Bolo de Rolo!

Tendemos a aproximar o objeto do nosso conhecimento pessoal (por vias tratadas no livro citado pela colega Camila Danielle). Mas um pernambucano faria a mesma confusão, sendo este, alimento tão comum em suas celebrações?

A origem dessa iguaria em nada se assemelha ao rocambole, não foi uma proveniente da outra. Toda massa enrolada com recheio, passou a ser chamada de rocambole depois da chegada da Família Real, em 1808, dada a influência francesa; antes mesmo disso acontecer a receita nordestina já era produzida há muito tempo. Para nós, que não temos um bolo de rolo todas as tardes para tomar com um café (infelizmente), olhamos a imagem rapidamente e associamos instantaneamente a um rocambole.

O bolo de rolo, com suas quatro lâminas de massa, deixa para mim essa certeza de que há um certo conhecimento coletivo em torno do assunto, a definição passa por experiências sociais e culturais.

O que vocês pensam sobre isso?

Abraços,

Jáderson Porto

1“It Will be obvious from the article that a chemist employed in this industry wil always be challenged by the variability of the raw materials and the applicability of the product possibilities. Changing tastes and fashions demand the constant development of new and different products.”

Jáderson Johnattan Porto – Turma 133

Pois bem, eu já havia colocado a idéia em concordância com o Jáderson de que o conhecimento do bolo está ligado a experiências sociais e "conhecimento de mundo"...

Concordo, ainda, que definir a alguém que não conhece o que é um bolo, vai muito além de ensinar-lhe a receita; justamente, muita gente pode saber o que é bolo sem ter idéia da receita dele, ou apenas ter a vaga informação de que é uma massa feita com farinha de trigo e ovos.

Agora, diante da postagem do David, reitero o que tinha dito anteriormente: a pessoa precisa ter tido contado pelo menos uma vez com o que ela chama de bolo, não necessariamente comendo, mas tendo visto e ouvido que o nome daquilo que ela via ou vira era bolo; só assim ela tem uma imagem formada para o significante em questão. Frisando, novamente, que essa imagem é de acordo com o tal conhecimento de mundo e experiências diversas citadas acima.

Abraços.

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

As diferenças a meu ver entre bolo e panqueca/pão:

internas: estrutura química e dos processos ocorridos na 'formação' do bolo.

externa/'paladar': consistência/ textura

social: não se canta parabéns com pão ou panqueca!

Pra quem interessar achei um vídeo (em inglês) da Periodic Videos sobre alguns princípios químicos envolvidos no processo de mistura dos ingredientes e de quando o bolo é assado – todo o processo realizado em um laboratório. (<http://www.emsintese.com.br/2009/a-quimica-de-um-bolo/>)

No site <http://pt.scribd.com/doc/2974682/Quimica-Curiosidades-Bolo> resume uma parte e de forma mais genérica o que link que a professora passou: A proteína da farinha ligada a um líquido (leite ou água) forma uma rede forte e elástica, o glúten. Esse glúten “é desejável quando fazemos pão, ou massa folhada, mas nãoé desejável quando fazemos um bolo, uma massa de tarte, crepes ou scones, pois” os tornariam duros. “O fermento em pó ainda tem amido que serve para manter estes dois componentes separados e os manter secos, pois vai absorver a umidade do ar, impedindo assim que reajam entre si.[...] O açúcar, além da sua função mais óbvia de adoçante, também vai contribuir para que se obtenha um bolo com uma textura mais macia e úmida [...] e faz com que as proteínas da farinha tenham mais dificuldade em se ligar entre si.”

Jáderson:

bom, assim que vi a foto soube que se tratava de um bolo de rolo. Rocambole é diferente, tem menos camadas e e pode ser salgado! Mas concordo com você quanto ao confronto das definições passa pela experiência social - para um estrangeiro os dois poderiam ser iguais, como conheço os dois percebo a diferença. Isso me lembra a palavra em alemão Walfisch (exemplo do professor Francis de Tradutológicas, mas em contexto diferente), que significa baleia, sabemos que a baleia é um mamífero, mas der Fisch (peixe) significa peixe, sendo assim para uma criança alemã nada mais natural do que a baleia ser um peixe, até que se aprenda na escola que não é.

Silvia Regina Lie Ura – Turma 133

Bolo_-_tentativa_de_definicao.doc

Oi, gente,

Antes de mais nada, peço que vocês me desculpem pelo que virá a seguir.

Eu estava pensando em termos de uma classificação do bolo que fosse mais "científica", por assim dizer, e me veio à mente fazer uma tabela tentando definir o nosso objeto de estudo, o bolo, elencando algumas de suas características mais salientes a meu (ignorante e humílimo) ver.

Precisei da ajuda (inestimável!) da minha esposa, e confeccionei a tabela anexa, mas preciso muito dizer que ela não viu o resultado final, então a ela, e também a todos e todas que entendem de culinária, novamente meu pedido de sinceras e imensas desculpas.

Se acharem a tabel minimamente digna de discussão, por favor corrijam meus erros (deve ter erro pacas!).

Estou mandando o arquivo em Word se alguém achar que dá pra usar na discussão e também porque não dá pra colocar a tabela no forum.

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Eu estive pensando no que está sendo discutido sobre bolo e me parece que está mais voltado para o que contém nele. Pesquisei algumas receitas, tanto de bolos como de panquecas e pães, e talvez não seja algo que o bolo possua que os outros não possuam, mas algo que apareça quase sem exceções no bolo e que nos outros seja menos frequente. Nesse caso, pensei no ovo, pois nas panquecas e pães parece que o ovo não é tão usado. Além disso, desculpem-me por voltar a usar outros idiomas, mas no chinês, bolo se diz dangao e "dan" significa "ovo".

Bem, o que acham?

Henrique Mariano Nascimento Bento – Turma 133

"Ih, deu bolo..."

Se vocês me permitem, queria ressaltar uns pontos muito interessantes dos comentários que eu li até agora:

Nossa colega Aline Dantas abriu o debate coma comparação entre “o bolo, a panqueca e o pão”.

Falou dos ingredientes: farinha, ovos, um pouco de açúcar, “mas o mais importante é o fermento”.

A Camila Benincasa então colocou que definir pelos constituintes(os ingredientes) não resolve mesmo: “O bolinho de chuva conta com fermento, farinha, ovo, açúcar”.

A Déborareforçou que a presença do fermento não pode diferenciar, por si só, o que seriam bolo, panqueca e pão:

“(...) pão ázimo, o "brownie" e o bolo sovado não levam fermento, (e) há também receitas de pão feito com fermento químico”.

O Matheus colocou um ponto brilhante, algo como “Sei o que é, mas não sei definir”, no que a Juliana concordou.

→ Mas, por favor, me explica: o que quer dizer “explicado em termos gerativos” e “os dicionários normalmente trazem também uma descrição gerativa”?

Nas definições do Michaelis, a gente mais se enrola do que discrimina, não é? Se falam dos ingredientes, não falam como se cozinha; se falam como cozinha, esquecem de especificar os ingredientes:

| | |
|----------|---|
| Bolo | Massa de farinha , a que se adicionam açúcar, manteiga, ovos etc., a qual é cozida ao forno ou frita, e comida geralmente com café ou chá. |
| Pão | Alimento feito de farinha , especialmente de trigo, amassada e cozida no forno . |
| Panqueca | Prato salgado que consiste numa folha de massa, feita de farinha de trigo, leite, ovos e azeite, enrolada em recheio de carne. |

A Ana Maria Horiuchi frisou a textura da massa e a proporção de ingredientes da receita. E deu a receita do pão ázimo(matzá), que não leva fermento, só pra contrariar a Aline, tem farinha, água, azeite e sal, e é preparado amassando os ingredientes, o que diferencia do bolo, que é batido (“o preparo do pão ázimo é feito com as mãos, da mesma maneira que um pão italiano”). Mas é assado, igual ao bolo (“coloque-a em uma forma”).

A Juliana Nakatu colocou a questão da definição/identificação visual de o que é o que: “Quando pensamos em bolo pensamos logo na imagem do bolo, e não em sua essência”, o que a Amanda reforçou quando disse que “o nome é dado e a aparência, sabor, textura são assimilados”.

O Jáderson então falou sobre “uma espécie de conhecimento de mundo em jogo”, que a gente tem introjetado de há muito em nosso “órgão da linguagem”.

A citação de Ludwik Fleck é fantástica:

"O que é conhecido sempre parece sistemático, provado, aplicável e evidente para aquele que conhece. Da mesma forma, todo sistema alheio de conhecimento sempre parece contraditório, não provado, inaplicável, irreal ou místico."

O André Mucciolo começou me fazendo lembrar os conceitos de Significante e Significado de Saussure:

“(...) nós não precisamos que ninguém nos explique o que é um bolo para que saibamos diferenciá-lo”,

sendo que aqui o que temos é uma imagem mental, e não acústica. Nós vamos associando várias imagens (e talvez gostos, cheiros) de bolo e montamos um conceito generalizador (provavelmente o “algoritmo” de que falou o André) de o que é um bolo.

O próximo trecho me lembrou do conceito de valor Saussureano: “(...) a definição do que é um bolo se dá não apenas por sua constituição em si, mas pela oposição dele em relação a outros tipos de alimento”.

Quando ele disse:

“Há diferenças entre “o bolo, a panqueca e o pão” justamente porque os fenômenos e elementos envolvidos na geração do bolo são diferentes dos fenômenos/elementos atribuídos à geração da panqueca ou do pão (do mesmo modo que processos e componentes linguísticos diferentes levam a enunciados distintos)”, isso me lembrou o conceitode arranjo sintagmático dos constituintes (sejam do bolo ou da oração).

A Débora também reforçou a questão do arranjo sintagmático dos constituintes: “Apesar de semelhantes na constituição: (quase todos) os mesmos ingredientes, por causa da quantidade deles e do modo como são preparados, estes alimentos são facilmente diferenciados por nós, especialmente depois de prontos”.

Aí o Jáderson nos lembrou que “bolo não é bolinho”.

Acho que bolinho podia ser definido como um tipo de croquete (portanto, salgado, não doce, e frito, não assado), porém de forma esférica (e não fusiforme, como costumam ser os croquetes), ou seja, uma ‘bolinha’ de queijo/bacalhau/carne. Por que ele ganhou um traço + masculino, não sei. Porque chama bolinho, também não sei.

A Camila Benincasa falou da massa mais conhecida de bolo, o “pão-de-ló”, que “é feita com claras de ovos batidas em neve” e reforçou o arranjo sintagmático: “Primeiro faz-se mistura do açúcar, manteiga e gemas e depois bate em separado a clara em neve e mistura lentamente na primeira composição”.

Ela lembrou de mais um paradoxo (“vejam que curioso, no bolo tem massa de pão, hehe”).

Eu fui procurar na net a etimologia desse nome e encontrei no site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (<http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=14753>) o que se segue:

O Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa de Silveira Bueno (6.º volume), Edição Saraiva, São Paulo, 1966, diz, de pão-de-ló, o seguinte:

«Doce, bolo feito de trigo muito fino, ovos, açúcar, tudo muito bem batido, muito fofo e muito saboroso. O inventor foi um confeitiro alemão que se chamava Lot.».

E no Wikcionário:

Traduções

§ Alemão : Biskuit (de)

§ Catalão : pa de pessic (ca)

§ Chinês : 海綿蛋糕 (zh)

§ Espanhol : bizcocho (es)

§ Inglês : sponge cake (en)

§ Islandês : svamperta (is)

§ Italiano : pan di spagna (it)

§ Japonês : スポンジケーキ (ja)

§ Polonês : ciasto biszkoptowe (pl)

§ Sueco : sockerkaka (sv)

A Débora mostrou na sua intervenção que mesmo a “diferença crucial”, se o alimento é considerado um doce ou salgado, tem problemas: “por exemplo, pão é, estereotipicamente definido como salgado. Sim, existe pão doce”; “Quanto à panqueca, os dois são possíveis também, doce ou salgada.”.

Mas a questão do estereótipo, a imagem mental, generalizante, de que falamos, teve na argumentação da Débora seu melhor momento :

- “quando pensamos em pão, a primeira coisa que vem à cabeça é um pão salgado, certo? Um pão francês quentinho, pão de fôrma, pão caseiro”;

- “(quanto à panqueca) o que vem à mente, primeiro, é uma tradicional panqueca salgada, recheada de carne, com molho de tomate por cima”;

- Pra que eu pense em panqueca doce, é preciso que digam “panqueca doce”, pois só “panqueca” me faria pensar primeiramente na salgada. E o mesmo com relação a “pãodoce”;

- “Um pão (estereotípico) não teria cobertura de brigadeiro”;

- "há pizzas com massa tão grossa e pesada (não sei bem como descrever sem dizer) que parece pão! E sabemos que é pizza e não pão (...) (p)or causa da forma e do "conteúdo" - "a massa de pizza e de pão são ainda mais parecidas do que a de pão e bolo. Ambas, em geral, precisam 'descansar' pra crescer..E ainda assim, pra nós, uma coisa é pizza e outra é pão, indiscutivelmente".

E aí a Débora deu uma ótima definição sinestésica de bolo: "acho difícil que alguém pense em um alimento que não seja doce e "fofinho". Eu penso em um alimento doce, de massa fofa, que pode ser recheado e ter cobertura ou não".

E acrescentou mais um elemento à nossa definição, algo como 'diga-me com quem andas e te direi quem és': "Essa característica do bolo, de poder ter recheio e cobertura doces, o diferencia, alinhada à textura de sua massa, do pão e da panqueca, a meu ver. Ou seja, diferenciamos também bolo, panqueca e pão pelos elementos aos quais eles podem vir associados."

Bom, por ora é só.

Mandomais a seguir, quando eu conseguir.

Alexandre

Alexandre Funcia de Azeredo Silva- Turma 133

"Ih, deu bolo...2"

Em primeiro lugar, obrigado, Jáderson, por me ensinar a diferença entre rocambole e bolo-de-roló pernambucano. Este acima é rocambole mesmo.

Na segunda parte da minha leitura, queria rever algumas coisas com vocês.

Interessante o enfoque de que a vivência, a experiência, vai nos dar armamentário para que possamos discriminar pães de bolos, rocamboles de bolos-de-roló, e o aspecto de "carga simbólica" implícito a nossas conceituações do mundo, como bem argumentou a Mariana Molinari.

Porém, peço licença para ter dúvidas sobre o que o David Budeus colocou:

1o) olfato e paladar, apesar de aprendermos na escola que são sentidos independentes (2 dos 5 sentidos), não o são, na verdade. Pra comprovar isso, façam um teste: comam algo normalmente, saboreando o "acepipe", e depois tapem o nariz e, com o nariz todo o tempo tapado, comam mais um bocado. Vocês não vão sentir o gosto (a propósito, este é um bom truque pra quando um filho ou sobrinho precisar tomar Novalgina, eu garanto!).

2o) pensando como médico, não me parece que uma pessoa cega e anósmica (isto é, privada do olfato e, portanto, do paladar) vá saber que algo é bolo com o mesmo poder de discriminação que alguém sem tais deficiências. Ela vai se valer do tato na língua (que é sem dúvida bastante aguçado - testem isso como quiserem!) para perceber a consistência do que come (e talvez tenha muito maior capacidade de fazê-lo, pois sempre há uma exacerbação dos sentidos remanescentes), mas não creio que o grau de discernimento se compare a um indivíduo sem tais privações. Isso me faz lembrar como é difícil o entendimento do conceito de cores por um deficiente visual, e também a compreensão de conceitos abstratos por deficientes auditivos, o que reitera a argumentação de vários de nós, encabeçada pelo Jáderson, de que há um conhecimento de mundo em jogo.

Outra coisa: como já visto na minha intervenção anterior, pão-de-ló para um falante de inglês é sponge cake, portanto é bolo mesmo. O mesmo sentido de "bolo esponja" se repete no sueco, no islandês e no polonês. No caso do catalão e do italiano, línguas românicas, repete-se o nome pão associado (pá e pan, respectivamente). No espanhol e no alemão, "o bicho pega feio", pois o termo é cognato de biscoito (bizcocho e Biskuit). Voltando ao italiano, é pan di spagna, mas na Espanha não é pão. Xi, Marquinho...!

Então, apesar de chamar pão, pão-de-ló é bolo também pra nós, lusófonos.

Temos o mesmo em alemão com o exemplo da Silvia, Walfisch (lit. peixe-baleia ou peixe-cetáceo), que não é peixe, e com Flusspferd (lit. cavalo do rio), que não é cavalo, é hipopótamo (em gr. cavalo do rio, a mesma coisa). Em português, macaco-prego não é o cruzamento de um primata com um prego, nem homem-rã é o filho da princesa que beijou o sapo (desculpem-me, não agüentei a tentação!).

O que eu quero dizer é que isso são signos, arbitrários como dizia o mestre genebrino.

No caso da pergunta do Luiz Henrique, o que temos no artigo "The Chemistry of Baking" é um algoritmo, uma "árvore" de possibilidades do tipo 'sim' ou 'não' e suas decorrências, diferente, no meu entender, da árvore gerativa, que escalona os constituintes segundo relações argumentais, atribuição de casos e relações de comando. A Kelly arrolou na sua exposição um bom número de características que podem construir uma tabela como aquela que eu fiz, a saber:

- ingrediente: presença e proporção;

- forma de preparo (fritar, assar, cozer);
 - processo de homogeneização da massa (batida, sovada, amassada);
 - consistência da massa após o preparo;
 - aspecto;
 - formato;
- => ao que se juntam as características dadas pela Mariana Molinari:
- textura;
 - sabor.

No fim, a gente define as coisas do mundo ou por propriedades, pela receita (receipe, no livro "The Atoms of Language", de Mark Baker) ou pela experiência com essas coisas, por amostragem (sampling).

Voltamos então à pergunta: qual é a essência do bolo?

E não vale responder que é de baunilha...rsrs

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Eu andei lendo/relendo as respostas e me venho um questão sobre a definição do que seria bolo:

Se a definição viria de uma característica comum que seria usada em todos os casos, mas sim uma cadeia de relações que temos sobre o que seria bolo. Eu sei que é mais intuitivo do que propriamente lógico, mas viável pela língua. Eu estou pensando muito agora não recordo o nome do texto e do autor (talvez o Émile Benveniste ou Roman Jakobson), quando fala que o signo seria relacionado de várias formas, como na palavra ensinamento. Na palavra ensinamento, você pode relacionar com palavras como aprender, educação, conhecimento (pelo significado); calorosamente, fielmente, retorcidamente (pelo - mente, ou seja, parte do significante); enfileirar, ensaguntar, ensejo (pelo en -); ensinar, ensinado, ensinável (pelo significado e pelo significante)

Então o bolo poderia ser visto não como uma linha que é tecida, mas como uma teia de aranha que se produz em várias direções.

Nisso, não teríamos uma essência - o que parece inviável - mas com as suas cadeias de relações poderíamos explicar o que seria bolo, apesar de ser muito mais complexo do que um verbete de dicionário.

Pelo que vemos, ela seria pelo formato, ingredientes, textura, gosto, modo de preparo, e algumas outras características que fogem da minha memória. Nisso, o que seria a definição de "Bolo" seria arbitrária e associativa, não?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

Andre,

quando eu disse que, "se a diferença fosse meramente gerativa, as três receitas dariam no mesmo prato", acho que não me expressei bem. O que eu quis dizer foi que, se o produto final fosse assim tão irrelevante como algumas definições mencionadas propõem, não nos faria diferença se os resultados fossem iguais.

Para ficar mais claro, pegue, por exemplo, o caso de um software pirata: ele foi criado de maneira diferente, mas o resultado é idêntico. No caso do bolo, no entanto, o resultado é sim relevante.

Alexandre,

com "explicado em termos gerativos" e "uma descrição gerativa", eu quis apontar as descrições focadas em como o prato é gerado, em oposição àquelas focadas no resultado final. Foi mais uma metáfora mesmo, respectivamente, com a gramática gerativa e a gramática normativa, mas não sei se fui feliz na escolha dos termos.

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Olá,

estava dando uma olhada nos comentários anteriores e cheguei a conclusão de que, o que diferencia um bolo de um pão, ou de qualquer outra coisa não são os ingredientes dos quais eles são formados, mas sim o resultado final.

Percebi que na maioria dos comentários os colegas colocaram como ingredientes essenciais para a preparação de um bolo o fermento, a farinha e o ovo.

Dei uma pesquisada e descobri que existe sim bolos sem farinha (<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/6448-bolo-de-chocolate-sem-farinha.html>), sem fermento (<http://www.receitas.com/maisvoce/bolo-sem-fermento-4d509fda52e0b252bc003fc4>) e sem ovos (<http://cybercook.terra.com.br/receita-de-bolo-de-chocolate-sem-ovos.html?codigo=8249>).

Creio então que a diferença essencial entre o bolo, o pão e a panqueca não está nos ingredientes que os compõem, mas sim na aparência final destes.

Mariana Santos Bozza – Turma 133

Mariana, mas o que você diz como resultado final? Se for o gosto, ele varia. E o formato também é arbitrário. Talvez pela textura consigamos encontrar algo, mas mesmo assim, acho que há exceções.

Aliás, sobre o que entraria no grupo de bolo, o "petit gâteau" pode ou não ser relacionado como o nosso bolo que dissecamos?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

Acompanhando todas as discussões levantadas, creio que o que diferencia crucialmente o bolo, o pão e a panqueca, como levantado por diversos colegas, são, juntamente, o que os compõe como ingredientes e a diferença entre as quantidades utilizadas em cada, elementos estes acompanhados das referências imagéticas que todos temos, como foi ressaltado pela Débora. O aspecto de BOLO sempre será para nós, algo, como ela mesma expressou, "fofinha", doce, preparado num forno, com ou sem recheio e cobertura. O PÃO traz em sua própria sonoridade uma imagem acústica que nos remete a algo salgado pela vogal nasalizada seguida pela vogal média-baixa. Em BOLO temos apenas a vogal média-baixa e nenhum som analisado. Já PANQUECA não traz nenhuma vogal média baixa, mas retoma a nasalizada. É como se as vogais médias-baixas nos remetessem ao doce e estas juntas com uma nasalizada ou não, nos trouxessem um gosto mais salgado na boca da pronúncia e do ouvinte.

Rafael Rilo Adán – Turma 133

Olá,
Desde que li o comentário da profª Maria Clara, sobre estarmos definindo BOLO com "definições extensionais" e "definições intensionais", estou tentando entender esses termos.

Descobri que:

DEFINIÇÃO EXTENSIONAL = DENOTATIVA (Todos os objetos que "cabem", como os descritos no dicionário)

DEFINIÇÃO INTENSIONAL = CONOTATIVA (intenção, designação, intenso)

Ah! Então definição extensional foi quando pegamos os significados no dicionário.

Já a definição intensional é um conjunto de atributos, requisitos.

Também achei que:

Uma DEFINIÇÃO é um enunciado que descreve um CONCEITO permitindo diferenciá-lo de outros conceitos associados.

A DEFINIÇÃO tem por objetivo explicitar um CONCEITO.

DEFINIR uma palavra é indicar seu significado. E podemos indicar seu significado por EXTENSÃO ou INTENSÃO.

Voltando ao BOLO e ao fórum, notei que usamos definições extensionais (dicionário) e nos "esparramos" em definições intensionais (conotativas). Fizemos um verdadeiro inventário de ATRIBUTOS do BOLO.

Observe este provérbio chinês, utilizado por Guibourg, para distinguir as duas definições:

"Se quiser acalmar a fome de uma pessoa por um dia, dê a ela um peixe; se quiser acalmá-la para sempre, ensina-lhe a pescar."

Nós realmente pescamos MUITO no fórum!!!!!!!!!!!!!!

Debora Valery Ruiz – Turma 111

Debora, no resumo da aula 5 que a Maria Clara nos deixou (conseguir vê-lo finalmente nesse feriado), fica bem claro a diferença entre uma representação intensional e extensional. O exercício do bolo foi para entendermos isso por nós mesmo (achei bem bacana). Mas aí vai o exemplo que ela nos deu sobre representação intensional e extensional (estou somente copiando o resumo):

- representação extensional: "Números pares": {2, 4, 6, 8, 10...}

- representação intensional: "Numeros pares": {x : x=2y, onde y é um número inteiro}

Heloisa Schiavo – Turma 111

Bom, sei que a atividade sobre o bolo já foi encerrada, mas lendo o texto do Mioto me surgiu uma dúvida... estávamos discutindo que alguns elementos seriam essenciais numa receita de bolo e que eles poderiam ser comparados ao princípios (eu mesma concordei e falei sobre isso); mas alguns desses elementos podem não constar em algumas receitas, até mesmo o fermento! (novamente fui eu quem falou sobre essa questão do

fermento). Mas no texto do Mioto está: " princípios são leis gerais válidas para todas as línguas naturais (...). Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural (...)". Isso me faz pensar que os princípios são fixos, então como poderíamos "chamar" de princípios alguns elementos que consideramos essenciais, mas que podem não ser usados em algumas receitas??

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Olá pessoal,

Pensando na teoria gerativa: Seria correto supor que essa teoria propõe uma representação intensional a medida em que não se preocupa apenas em descrever os dados, mas explicá-los e propor uma generalização a eles? É essa a relação?

Mariana Araujo Braga - Turma 111

Penso que: 1- Ao conceituar bolo estamos praticando uma ação de formular uma imagem, por meio das características gerais que o bolo apresenta.

2- Para melhorar o entendimento deste conceito é necessário estabelecer alguns parâmetros: # Delimitar o público alvo para que os termos usados estejam adequados ao público escolhido. # conhecer a relação bolo - tradição cultural, pois quanto mais forte for esta relação maior será a variedade de bolos nesta sociedade, conseqüentemente o conceito de bolo será enriquecido.

Tieko Akita - Turma 111

Vi que as discussões sobre o Bolo foram mais ou menos encerradas, inclusive com a intervenção da Professora. Mas gostaria de compartilhar um pensamento meu ainda a respeito disso...

Creio que passamos, dentro dessa discussão sobre a definição do que seria um "bolo", por um processo de desconstrução na construção; fomos desconstruindo uma ideia que temos de bolo, do que é ser isso. E essa ideia inicial que tínhamos era um objeto já construído, sem muitas reflexões, claro.

Trabalhamos tanto a enumeração de características, ou mesmo classificações, que, desconstruindo, chegamos ao extremo. Assim, esgotou-se a ordem do bolo, do objeto que tínhamos construído. Pra mim, a classificação, dessa forma, é ilusória e parcial. E chegamos, daí, ao senso da gramática gerativa, que parte da desconstrução e da não-classificação tradicional; sendo este o grande intuito dessa discussão. Não sei se o que pensei é correto, porém a linguagem que trabalha o gerativismo talvez seja isso... um processo de desconstrução do já construído, pois este objeto já feito e tido pelo tradicionalismo é precário, ilusório e parcial.

Alysson Nunes - Turma 131

Rafael, eu não entendi a relação da vogal com o paladar doce/salgado. Os signos são arbitrários, como já foi citado, assim o nome de uma coisa não tem, necessariamente, relação com a coisa. Não é?

Alguém apontou o questionamento de que: "se nós nunca tivéssemos vistos esses alimentos saberíamos o que é?". Os signos são culturais, eu nunca eu vi o que é o 'néctar dos deuses' para saber que existe, mas possivelmente eu não faça a ideia de como ele seria. O mesmo serve para nossos alimentos, eu posso tentar explicar o que é pão de queijo para um japonês, no Japão, e ainda sim ele não saberá o que ele representa para nossa cultura.

Fazendo uma analogia entre a estrutura do pão, da panqueca e do bolo com o confronto língua x gramática. Há quem sabe a gramática de uma língua e mesmo assim não sabe falá-la e do outro lado, quem fala, mas desconhece a gramática. Saber diferenciar estruturalmente um bolo, de uma panqueca e de um pão não é necessário para saber o que é cada um desses alimentos. A diferença entre eles é o uso social que fazemos de cada um, como já foi dito: não existe pão de aniversário ou panqueca da tarde.

Lais Maria Nobile – Turma 133

Não concordo com as palavras já indicarem na sonoridade o significado, porque os signos são arbitrários, no inglês bread não tem vogal nasal e mesmo assim significa pão, e o nosso pão seria um ainda que a palavra que o designasse fosse outra.

Ariane Regina Froes – Turma 133

Concordo com a Ariane.

O signo é arbitrário, mesmo que você possa motivá-lo.

Não há relação de entre som e definição!

Abs

Cesar Ceneme – Turma 133

1.1 Questionamentos acerca das definições

Como já foi exaustivamente debatido no outro tópico, um problema recente de denominação provém da imensa variedade de produtos que o século XXI nos oferece. Antes era fácil: tinha o bolo e tinha o pão, não tinha meio termo; hoje, praticamente não há o que não haja. Desta forma, o recorte do mundo entre conceitos distintos fica cada vez mais delicado.

Introdução feita, vamos ao problema específico que vim apontar: há uma série de coisas que são referidas como sendo um conceito, mas que não são exatamente compatíveis com eles, algumas delas carecendo muitas vezes do atributo mais essencial. Para ficar mais claro, vamos a alguns exemplos, alguns mais problemáticos que outros:

Vegetarianos lidam diariamente com essa questão: o leite de soja, a coxinha de palmito (deliciosa) que vendem na Rua Augusta, os bolos veganos (isto é, sem ovo e sem leite), o molho bolonhesa que minha mãe faz (que sempre confunde quem o experimenta).

Tentando fugir um pouco dos exemplos gastronômicos, o que é pra vocês um livro? Hoje em dia, eu praticamente só leio livros no celular. O que é pra vocês um CD? Eu tenho centenas deles no meu disco rígido.

Caneta que apaga é caneta?

Cerveja sem álcool é cerveja?

Flor de plástico é flor?

Funk carioca é música?

Paulo Coelho é literatura?

Pois bem, amigos, como vocês lidam com a questão das coisas que não são, e que solução vocês propõem?

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Matheus, creio que não seja possível separá-los do nosso conhecimento do mundo, apesar de esses objetos receberem o nome de algo que não são exatamente, eles apresentam semelhanças fundamentais. Entre os exemplos que você citou, por exemplo, a caneta que apaga ou a flor de plástico, ambas possuem a forma do objeto (que não são) que representam no mundo.

Se persarmos neles como signos, veremos que os adjetivos que os qualificam não podem ser separados sem causar confusão.

Por exemplo, quando vamos comprar uma flor, um livro, uma caneta, etc., se não qualificarmos esses objetos, não receberemos aquilo que desejamos.

Bem, o que você acha?

Henrique Mariano Nascimento Bento – Turma 133

Henrique, justamente: eles apresentam a mesma forma. Ou, de uma maneira mais clara, foram moldados de forma a imitarem tantas quanto possível as características dos conceitos originais, e só existem em razão deles.

O curioso é que, diferentemente das variedades simples das coisas, a especificação é obrigatória em alguns dos nossos exemplos, para não causar confusão.

Por exemplo, leite desnatado é leite? Sim.

Mas e leite de soja, é leite? Sim, de soja.

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

A minha resposta para todas as perguntas SIM. A questão é que a caneta que apaga (não sabia que isso existia), a cerveja sem álcool, a flor de plástico, o funk carioca e os livros do Paulo Coelho possuem certas características que os incluem dentro de determinado grupo e propriedades que os distinguem dentro desse grupo, assim como existe as classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo, etc...)

Dentro da classificação das palavras há uma subdivisão que diferencia os itens lexicais entre si dentro do grupo a que ela pertence. Por exemplo: Substantivo pode ser coletivo, próprio, comum, epiceno, comum de dois gêneros etc.; o verbo pode ser regular (aí temos uma subdivisão em conjugações 1ª, 2ª, 3ª), irregular, de ligação, pedir um ou mais argumentos, e por aí vai.

Por isso eu acredito que a flor de plástico é flor, pois tem características que nos levam a enxergar uma flor mesmo sendo de plástico. A cerveja mesmo sem álcool pertence ao grupo das cervejas, assim como a cerveja malzbier, pilsen, que se diferem pelo teor alcoólico; o processo de produção é basicamente o mesmo, porém há interferências que as tornam produtos finais diferentes.

A literatura e a música são os exemplos mais interessantes. No Houaiss a música é definida como uma “combinação harmoniosa e expressiva de sons”. Embora muita gente discorde, o funk carioca tem essa característica. Paulo Coelho pode não pertencer, para muitos, à “classe” da literatura, mas está na Academia Brasileira de Letras e o “O estatuto da Academia Brasileira de Letras estabelece que para alguém candidatar-se é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livros de valor literário.”
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=540>

Paulo Coelho é literatura?

Luzitânia da Silva Santos Barbosa – Turma 133

Concordo com as postagens anteriores de que esses objetos podem ser classificados como integrantes dos grupos em que foram inseridos por manterem algumas de suas características essenciais. Nos casos citados, como o livro digital e os cds no disco rígido, o conteúdo é mantido e apenas a forma diferenciada. Já a cerveja sem álcool e a flor de plástico possui a sua forma modificada de alguma maneira, mas sem perder a maioria de suas características que a colocam neste seu grupo. A flor de plástico imita o formato da verdadeira e é colocada nos lugares que se colocariam aquela, enquanto a cerveja sem álcool mantém o gosto daquela que possui.

Mariana Molinari de Oliveira – Turma 133

Ok, o ebook é livro, pois, modificamos a forma e preservamos o conteúdo. Se modificarmos o ingredientes/contéudo, como ocorre na cerveja de álcool ou flor de plástico, mas mantemos a sabor/forma. O que definiria cada coisa como tais? E caso um ebook seja desenvolvido com material multimídia - como um vídeo ou uma coisa mais interacional -, ainda será livro? Se a flor ou a cerveja perderem o gosto característico por causa de um acréscimo posterior ou a flor de plástico for modificada esteticamente, ainda serão o que são?

Qual seria o limite para dizer que X é X?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

Concordo com os colegas que sintetizam o que é e o que não é a partir da inclusão dos objetos discutidos dentro da referência básica, como foi citado com o funk carioca se encaixando no conceito de música, por exemplo. A questão da flor de plástico é interessante, pois, não é um organismo vivo, não morre, não se reproduz e não exala o odor natural de uma flor. No entanto, assim como o funk carioca se encaixa no conceito de música por suas características físicas (as ondas sonoras que formam as harmonias), uma flor de plástico pode apresentar a mesma imagem, a mesma aparência de uma flor natural. Se estamos expostos, por exemplo, a duas coroas de flores, uma feita com naturais e outras com flores de plástico, se nos mantermos a uma razoável distância para não sentir o cheiro, seria muito difícil concluir qual é qual. Porém, embora, esta característica física fundamental seja comum às duas coroas, outra não é, o fato de flores serem caracterizadas também como organismos vivos e que se reproduzem. O exemplo da caneta é válido, no entanto, uma vez que a caneta que pode ser apagada, só pode ser apagada com uma borracha específica. Assim, a característica fundamental é mantida, uma vez que caneta é algo utilizado para não ser apagado, e a que pode ser, só o é com uma borracha específica e não a que a maioria de nós temos em nossos estojos.

Rafael Rilo Adán – Turma 133

Caros,

A discussão é interessante sim, a apropriação de termos, de palavras, que não teriam bem seu significado tradicional. A caneta que apaga seria mesmo uma caneta? A cerveja sem álcool seria cerveja? A flor de plástico seria uma flor? Prefiro ficar nestes exemplos pois nestes casos usamos as palavras tradicionais para nomear coisas similares, porém diferentes. Já o Funk Carioca ou a “litetratura” de Paulo Coelho não envolve diretamente o uso de uma palavras para expressar outra coisa, mas uma ideia para aplicar a outra ideia.

Me parece que esta discussão está mais relacionada a Semântica. Todos os comentários, inclusive o meu, trabalham mais a questão voltados aos objetos em si, não, digamos o entendimento dos mecanismos teóricos(?), que descrevessem estes processos, enquanto descrição gramatical. Ou seja, se a flor de plástico é flor ou se a cerveja sem álcool é cerveja, isto não explicaria em nada o processo que leva os usuários de nossa língua a se apropriar de um termo, partindo de outro num mecanismo de analogia Haveria algum processo semântico, ou morfológico, por exemplo, que pudesse dar conta destes casos? É por ai que tenho refletido neste caso.

Luiz Henrique Vieira Lins – Turma 133

Olá pessoal,

Esta discussão está interessante. Não posso deixar de pensar no ponto de vista sintático da coisa (perdoem-me), e por isso a seguinte pergunta me veio ao ler o tópico...

... e o nosso "livro de chocolate" (ou seja, [livro [de chocolate]])...

... seria mesmo um livro?

Maria Clara Paixão de Sousa

Interessante, muitos colegas falaram a respeito da flor de plástico, da cerveja sem álcool etc ainda assim serem enquadrados nas categorias "flor" e "cerveja" por manterem algumas de suas características essenciais. Afinal, flor de plástico e cerveja sem álcool podem ser encontradas nos mesmos contextos em que encontraríamos as suas, assim por dizer, "originais". Flor de plástico pode enfeitar a casa. Quem não bebe álcool pode beber cerveja sem álcool enquanto seus amigos bebem cerveja normal. O mesmo se dá com café descafeinado, por exemplo.

Mas no caso sugerido acima pela Maria Clara, não consigo enxergar isso. Como mencionou um colega em sala, no caso de "livro de chocolate" ({livro [de chocolate]}), o complemento (apesar de ser esse o termo sintático) não complementa, mas ALTERA o núcleo.

Para mim, livro de chocolate não é livro - é chocolate. É chocolate assim como moedas de chocolate, ovos de chocolate, barras de chocolate e até papais noéis de chocolate o são. A diferença entre todos esses é somente a forma, o "molde" em que o chocolate foi colocado.

Vejam se um livro de chocolate mantém alguma característica essencial de livro.. Pode ser aberto? Pode ser folheado? Pode ser lido? Que informação se apreende de um livro de chocolate? Coloca-se um livro de chocolate em uma estante? Alguém já encontrou um livro de chocolate na biblioteca da fflch?

Achei interessante essa questão. Para mim, parece que [de chocolate] em 'livro de chocolate' altera completamente o objeto livro, de modo que, além do formato, não haja nada de 'livro' aí. Quando vamos comprar um livro de chocolate, buscamos na verdade chocolate (em forma de livro), mas que não é livro.

Mas se vamos comprar uma flor de plástico, buscamos uma flor (ou uma substituta à flor natural) e não meramente plástico.

É como se em flor de plástico acontecesse o mesmo que em "panqueca doce". Precisamos especificar "de plástico" ou "doce" para que pensemos (ou façamos nosso interlocutor pensar) neste objeto especificamente e não em uma flor normal ou uma panqueca salgada.

Claro que isso também se dá, de certa forma, em relação a "livro de chocolate" - mas, nesse caso, para especificar o chocolate (seu formato), não o livro.

O que acham?

Debora Regina Caverni Barreto – Turma 133

Então, era isso que eu perguntei "qual é o limite de X para continuar dizendo que é X?". Aparentemente, por uma leitura intuitiva, o que garantiria o X ser X é a importância que X dava para suas características formais (da forma) e conceituais (dos conceitos). Por exemplo:

Flor de plástico - O que é seria relevante para considerar algo como Flor é a forma, que se mantém quando é de plástico (Que modifica o conteúdo - de orgânico para inorgânico). Usando a ideia de sintagma, poderia dizer que a Flor de plástico ainda é Flor porque "Flor" mantém a característica formal, que não é questionada pelo "plástico". Outra coisa interessante é que o que faz modificar é a preposição "de" é que faz a função de manter a relação de conflito. Isso fica claro no caso do livro de chocolate.

O Livro de chocolate tem como revelância em ambas as palavras "Livro" e "Chocolate" o conteúdo. O que bom em xexex dizendo que o Livro de chocolate é "Chocolate" e não "Livro" é que no conflito entre os dois o "Chocolate" mantém o conteúdo - ser feito de cacau e toda a sua produção - e o "Livro" perde a luta e mantém no objeto a forma (e não o conteúdo, que seria o seu 'ponto forte').

Agora surge uma outra pergunta: se esse Livro de Chocolate, tivesse a propriedade de ser comestível como um chocolate e todas as suas características conceituais e ainda ter o lado conceitual do livro, ou seja, possuir folhas com um texto escrito que possa ter uma informação relevante - não só decorativa ou ilustrativa -. Ele seria chocolate ou livro?

Fugindo agora um pouco daqui e voltando ao Bolo: Em comparação ao que eu disse como fica o caso do "Bolo", o que seria mais relevante? o conteúdo ou a forma?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

No caso de um livro de chocolate que possua também as características de um livro fica difícil dizer o que seria. Eu estava pensando, no caso do livro de chocolate que só possui a forma do livro, seria vendido numa loja de

chocolates, porém um que também tenha as propriedades do livro, acho que poderia ser vendido em uma loja de livros também.

No livro de chocolate que só tem a forma de livro, como disse o Mosiah, o conteúdo do chocolate se sobressai, podendo assim dizer que é chocolate e não livro, como se houvesse uma intersecção no conteúdo dos dois, onde o círculo do chocolate sobrepuja o do livro, mas nas condições citadas, é como se fosse, nos termos utilizados pelo Mosiah, X igual a Y, pois não há mais características de um do que de outro, seria aqui, um outro objeto no mundo que, em determinados casos, poderia substituir ambos. Digo determinados casos porque alguém que coleciona livros, por exemplo, não poderia colecionar os de chocolate que acabariam estragando depois de um certo tempo, entretanto ainda acho que possa ser definido tanto como uma coisa como outra.

Henrique Mariano Nascimento Bento – Turma 133

O Luiz tocou em um ponto muito interessante: quais seriam os mecanismos que levam um usuário da língua a interpretar cada um desses exemplos? Isto é, é possível estabelecer um algoritmo único que funcione com todos eles?

Eu acho que seria muito difícil, pois essa percepção semântica me parece estar muito mais fortemente ligada à nossa cultura, ao nosso dicionário mental, às nossas percepções de absurdo, enfim, ao bom senso, que aos processos gramaticais com os quais nossos neurônios trabalham. (É só uma hipótese. Sinto que essa discussão teria outra cara se tivéssemos já cursado Semântica.)

Desta forma, essa percepção pode inclusive variar de falante para falante. Uma criança desavisada, por exemplo, acha estranho quando lhe é informado que ela comerá pela primeira vez na vida um "cachorro quente". "Menina de ouro", que a rigor seria uma estátua feita de ouro, é facilmente compreendida como uma figura de linguagem para expressar a preciosidade de uma garota.

Quanto à polêmica preposição "de", acho que podemos em princípio dividir os exemplos em dois grupos, como já apontado pela Debora. Temos, de um lado, a "flor de plástico" e o "leite de soja", onde o complemento não descategoriza o núcleo. Do outro, temos o "livro de chocolate", onde o complemento é, na prática, o núcleo.

Prestemos atenção que é o nosso bom senso que interpreta que, das muitas funções da preposição "de", estamos focados num uso específico, que é o de material, de ingrediente. Isto é, não consigo encontrar nada verdadeiramente gramatical que explique que a relação entre "livro" e "chocolate" não é de posse (como em "carro da Maria"), de usuário ("casinha de cachorro"), de uso ("freio de mão") ou de forma ("nariz de batata"). Extrapolando um pouco, podemos até mesmo dizer que um "livro de chocolate" é, na verdade, um "chocolate de livro".

E prestemos atenção que é o nosso bom senso, a nossa percepção de absurdo que interpreta o "livro de chocolate" como uma entidade meramente gastronômica. Isto é, não consigo encontrar nada verdadeiramente gramatical que explique que esse livro deixa de ter páginas e textos impressos. Como colocado pelo Mosiah, que explique como o "livro" perdeu a luta, que explica onde X deixou de ser X para ser Y.

Como lembrado pela Debora, o Jaderson comentou em sala de aula que estamos diante de um complemento que não somente classifica, como também altera o núcleo. Mas fico confuso com o seguinte: em "leite de soja", "de soja" também altera o completamente o núcleo. Digo, a origem, a composição molecular e até o gosto, embora tentem imitar o original, são outros. A relação de alteração, de matéria prima da preposição "de" é exatamente a mesma do "livro de chocolate", mas alguma coisinha mágica no nosso cérebro as interpreta de um jeito diferente, que eu não sei o que é.

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Ambas as perguntas do Mosiah me levaram ao texto "Síntaxe: explorando a estrutura da sentença" no trecho 2. Categorias Gramaticais. O texto expõe a possibilidade de um item lexical pertencente a uma determinada categoria gramatical ser usado como se pertencesse a outra. Nos exemplos do texto temos "murge" e redondo que se comportam ora como adjetivos, ora como advérbios. E surge a questão: a que categoria gramatical esses itens pertencem?

Acho que é mais ou menos o que estamos tentando fazer com o sintagma [livro de chocolate]. Levando em conta as características citadas pelo Mosiah temos a mesma dificuldade: a qual categoria ele pertence à de livro ou à de chocolate?

Difícil responder. Poderia pertencer as duas (?), ou talvez uma terceira categoria devesse ser criada(?).

Quanto à segunda pergunta, ainda sob o norteamo do texto citado acima e levando em conta o pão-de-ló e o bolo de rolo, acredito que o conteúdo do bolo é mais importante, já que temos o pão-de-ló, que faz parte da

categoria bolo, por causa de propriedades como gosto e forma, mas tem nome de pão; e o bolo de rolo que, como já foi bem explicitado anteriormente, tem características de bolo e forma de rocambole.

Luzitânia da Silva Santos Barbosa – Turma 133

Olá pessoal.

Concordo com o que a colega Débora disse. Também acho que livro de chocolate não é livro. De fato, ele não compartilha das mesmas utilidades de um livro. Nesse sentido, o complemento não apenas complementa ele altera o núcleo, dando ensejo à um novo objeto, o livro de chocolate, já que não é livro, nem, mero chocolate (digo isso porque se pensarmos em um chocolate o mais comum é um bombom, uma barra e não um livro de chocolate).

Contudo, respondendo a pergunta do Mosiah, acho que se o livro de chocolate, além de comestível reunisse as características de um livro, seria sim um livro, não feito de papel, mas de chocolate, só que ainda assim um livro de chocolate, o que teria um outro significado do livro de chocolate como somente um chocolate em forma de livro.

Voltando um pouco ao livro digital... Nossa Constituição Federal prevê imunidade de impostos sobre os livros, jornais e periódicos e os papéis destinados à sua impressão. Com o aumento de livros digitais surgiu no STF a discussão se esses estariam incluídos no conceito de livro (a fim de estarem imunes de tributos). Sobre o assunto há doutrinas que dizem que sim, defendendo que sua caracterização se dá pela difusão de conhecimento, informação etc.

Camila Danielle de Jesus Benincasa – Turma 133

Falar que o livro de chocolate é mesmo um livro causa um grande problema, porque você está dizendo que é um livro por causa do formato. Agora se você considera um livro eletrônico um livro de fato, é porque ambos possuem o mesmo conteúdo. Então quando a professora falou de intensão e extensão, parece que fica difícil fazer uma intensão que abranja todas as possibilidades de livro, porque algo pode ter "formato de livro" mas não seu conteúdo e outro pode ter "conteúdo de livro" e não seu formato.

Pra resolver eu diria como os colegas propuseram que "um livro de chocolate" é na verdade "um chocolate em forma de livro", assim como moedas de chocolate, cigarro de chocolate, ovo de chocolate, etc. seriam chocolates em forma de moedas, cigarro ou ovo, pois é uma característica do chocolate poder ser moldado em formatos diferentes.

daí para os exemplos

Caneta que apaga é caneta?

Cerveja sem álcool é cerveja?

Flor de plástico é flor?

Funk carioca é música?

Paulo Coelho é literatura?

e excluindo qualquer intenção preconceituosa, eu diria que Paulo Coelho é literatura, Funk Carioca é música e Cerveja sem álcool é cerveja - porque a diferença está no processo de fermentação, mas a essência é a mesma. Mas fico em dúvida no caso da flor, porque o plástico tem a mesma característica do chocolate, poder ser moldado de várias formas, então será que "uma flor de plástico" não seria na verdade "um plástico em formato de flor", já que a única coisa que a flor de plástico tem em comum com sua representação real é a forma? E caneta que apaga é complicado, depende da intensão da caneta. Pra ser uma ela precisa apenas ter forma de caneta? Precisa ter tinta? Escrever? Fica a dúvida...

Ariane Regina Froes – Turma 133

Não sei se contribuo muito, mas queria propor uma reflexão, talvez de ordem morfológica.

A questão é que a atualidade nos propõe novos produtos que apresentam semelhanças com outros já existentes, e dão o nome desses antigos aos novos. A questão que fica é, será que não é algo provisório e, com o tempo, ou uso, os produtos receberão outros nomes? De repente nem uma mudança radical, mas apenas uma alteração no nome já existente?

Digo isso porque ao ler o tópico me veio a cabeça, algo comum nas discussões dentro da USP, a questão do ensino a distância: pensando no mesmo caminho de "caneta que apaga é caneta", será que aula à distância é aula? Não quero provocar uma discussão política aqui, queria apenas chamar atenção para os nomes que surgiram para isso: tele-aula, vídeo-aula. Será que com o tempo, não surgirão novos termos para denominar as tais "coisas que não são"? Ou, talvez, será que com o tempo não deixarão de existir os produtos antigos e os novos terão,

apenas pra si, o título? De repente, pra exemplificar, como o livro um dia foi pergaminho e hoje pode ser e-book?

E aí, pessoas?

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

Eu acredito que esses produtos que você citou, como e-book, na minha opinião seguem um lógica de mercado, capitalista, que interfere no modo como é nomeado, pois o nome está relacionado com a valorização do produto, assim chamar algo de e-book dá um prestígio maior do que chamá-lo de PDF (ou o quer que seja).

Ariane Regina Froes – Turma 133

Pessoal,

Lendo as contribuições dos colegas comecei a questionar se, de fato, o problema em questão é atribuir (ou não) nome as coisas que não são.

Vou partilhar uma idéia simples: o mundo mudou! Coisas novas surgiram, outras sofreram derivações...

O fato é que, mesmo a linguagem sendo viva, não começamos a criar palavras novas para cada coisa criada/derivada. Pelo contrário, adaptamos signos que já existiam a um novo significado.

Em decorrência disso surgiram as novas expressões que ilustram a ótima problematização proposta pelo Matheus.

Cesar Ceneme – Turma 133

Sobre o que o Mosiah falou sobre o que seria o limite de uma coisa ser X ou Y, acredito que seria até onde se consegue se reconhecer uma coisa como tal. Uma mudança muito dramática de forma e conteúdo de qualquer coisa que se torne irreconhecível para um usuário de tal, já muda o objeto de categoria.

Em relação ao livro de chocolate, acredito que ele seja sim um livro e também um chocolate, porém a proporção, como citado pelo Henrique, pode variar de um livro de chocolate para outro, uns podendo ter mais características de livro e outros mais de chocolate.

Pensando neste assunto, acredito que até um livro que possua receitas onde se use chocolate possa ser designado como um livro de chocolate, sendo neste caso não o formato do livro respinsável pela designação, mas o seu conteúdo.

Mariana Molinari de Oliveira – Turma 133

Pessoal...

... não resisto a dar um "pitaco" neste ponto, em que o Umberto fala da relação entre a passagem do tempo e a nossa nomeação dos objetos.

Eu me lembrei da etimologia de "livro" - só para piorar a coisa:

LIVRO – do Latim liber, librum, “livro, papel, pergaminho”, originalmente “parte interna da casca das árvores”, do Indo-Europeu leubh-, “descascar, retirar uma camada”.

Ou seja, etimologicamente, "livro" não remete à função, e nem mesmo ao formato, mas sim diretamente ao material de confecção do objeto ...

Maria Clara Paixao de Sousa

Pessoal,

Gostaria de interferir novamente neste tópico, que está bastante interessante. Vocês estão entrando em algumas questões difíceis que levam o debate para o lado da semântica. Como um colega lembrou em um dos posts, essa discussão seria diferente com uma base mais ampla de semântica.

Infelizmente não vamos poder discutir aspectos semânticos com nenhuma profundidade neste curso. Na aula de hoje, falaremos um pouco da complicada relação semântica/sintaxe, pois nosso tema é a estrutura temática. Já coloquei o resumo e uma bibliografia complementar.

Mas para os participantes deste tópico gostaria de recomendar um texto "extra", que mando por aqui ("O lugar da semântica em uma teoria gramatical", de Márcia Cançado) Apenas para os interessados - não se trata de leitura obrigatória, naturalmente; mas recomendo.

Um abraço

Maria Clara

Maria Clara Paixao de Sousa

Pensando nessa diferença entre o bolo, o pão e a panqueca, fiz uma pesquisa com algumas pessoas que comigo trabalham e o resultado foi que 100% dos homens entrevistados disseram que a diferença estava na forma e,

entre as mulheres, algumas disseram ser a forma e o gosto, mas a grande maioria delas respondeu que o ingrediente usado é que faz a diferença.

Mas para mim a diferença esta na composição ou seja o resultado final. E quando penso no resultado final pode ser o formato, o sabor.

Silena de Camargo Baraldi – Turma 133

Tema 2: Ambiguidade estrutural

2.1 O papel do contexto e da estrutura sintática

Descrição Formal não requer contexto?

Isso é apenas um pergunta, não sei se o link tópico é o local adequado para postá-la. Caso não seja, alguém encaminha ao local certo e avisa onde é?

Desculpem, analfabetismo virtual!

Mario Cardoso de Oliveira – Turma 113

Eu lembro vagamente que no manual introdutório que usávamos no primeiro ano havia umas situações de ambiguidade, quando dava para montar mais de uma árvore sintática com a mesma frase. Então eu acho que a sintaxe leva sim em conta o contexto. Se bem que eu não sei como um sintaxista reage diante da ambiguidade. Ele tenta ver qual das construções é mais comum?

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Caros Mario e Marciano,

Há muito o que dizer sobre a ambiguidade!

É um assunto lindo. Vamos ver bastante disso quando falarmos em constituência.

Só para vocês irem pensando, há o caso das chamadas "sentenças-labirinto", ou "garden-path sentences".

O que vocês teriam a dizer sobre essas aqui?

O policial viu a velha com o binóculo.

O homem atirou no cachorro da menina que fugiu.

Enquanto ela costurava a meia caiu.

Pensem nelas, que discutiremos nas próximas aulas.

Maria Clara Paixao de Sousa

O que eu teria a dizer, em cada uma delas, varia de acordo com a minha percepção como falante, ainda sem base para utilizar uma terminologia adequada.

Parece-me que no caso da primeira oração, "O policial viu a velha com o binóculo", embora haja ambiguidade, o binóculo deve pertencer ao policial. Minha intuição de falante aponta para a proximidade lexical, do significado, entre o verbo "ver" e o "binóculo". Ambas as palavras aproximam-se do campo semântico "visão". Embora sintaticamente a ambiguidade exista, e a possibilidade do binóculo pertencer à velha, parece claro para mim que o policial utilizou o binóculo para enxergar.

No caso de "O homem atirou no cachorro da menina que fugiu", talvez o que possa resolver a ambiguidade semanticamente seja a proximidade entre os sintagmas. Mesmo com a inclusão de vírgula, a ambiguidade persistiria, e uma regra de proximidade de sintagmas poderia resolver. Mas, analisando a oração, não consigo perceber que foi a menina que fugiu, ou se foi o cão. Me confundi agora!

No caso de "Enquanto ela costurava a meia caiu", percebo a falta de uma pausa que resolveria, como:

"Enquanto ela costurava, a meia caiu" - duas orações se formam, tendo como sujeitos gramaticais "ela" e "a meia", respectivamente

"Enquanto ela costurava a meia, caiu" - duas orações com elipse do sujeito na segunda, já que os dois sujeitos gramaticais seriam os mesmos.

Escrevi tudo isso tentando compreender meus pensamentos, mas não sei se consegui. Confundi mais! Hehe

Carolina Carbonari – Turma 113

E esta então, Carolina?

O policial bateu na velha com a bengala.

Eu concordo com as interpretações da Carolina; mas para mim parece que, embora todas as frases registrem ambiguidade, em algumas a dupla interpretação é mais "escancarada", por assim dizer, do que em outras.

No caso de "O policial viu a velha com o binóculo", eu também tenho a tendência de enxergar o binóculo com o policial, talvez justamente pela relação entre "ver" e "binóculo", como a Carolina apontou.

Mas em "O homem atirou no cachorro da menina que fugiu", talvez pela proximidade dos elementos na oração, a primeira interpretação que me ocorre é que foi a menina que fugiu. Só em um segundo momento eu considero que pode ser o cachorro.

Em "Enquanto ela costurava a meia caiu", acho a frase em si meio estranha, mas me soa mais "natural" a opção de "enquanto ela costurava, a meia caiu", e que a ambiguidade estaria evitando uma repetição ("enquanto ela costurava [a meia], a meia caiu").

E na nova frase proposta pela professora, "O policial bateu na velha com a bengala", embora dê para interpretar que o policial bateu com a bengala e/ou que a velha que apanhou do policial estava com a bengala, tanto pela proximidade entre os termos como pela relação semântica entre eles para mim parece que era a velha que estava com a bengala.

A impressão que eu tenho é que, mesmo a ambiguidade estando presente, em alguns casos (como o primeiro) é a relação semântica das palavras que favorece uma ou outra interpretação (binóculo/viu); mas, em outros, é a posição dos elementos da frase, a relação de proximidade entre eles na construção (menina/fugiu).

Tatiana Napoli – Turma 113

Pensando em todas essas frases com ambiguidades, quando nós, que temos o português como língua materna, escutamos essas frases de um falante, em uma situação qualquer de conversa, dificilmente vamos ter dúvidas do que o falante quis dizer com isso. Mas quando lemos isso em qualquer lugar, nasce essa ambiguidade.

Bom, o que eu quis dizer é que: porque quando falamos uma frase ambigua, dificilmente o ouvinte não compreenderá, ficará com dúvida, mas quando essa mesma frase é escrita, a ambiguidade é mais evidente?

Por exemplo: se ouvisse "O policial bateu na velha com a bengala", eu entenderia imediatamente que o policial bateu na velha, não contestaria a informação, mas no caso de achar essa mesma frase escrita em algum lugar, duvidaria de quem estava com a bengala, ou não.

Resumindo, a ambiguidade está mais na escrita do que na fala?

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Tenho a mesma sensação Renata. Será por conta da força do Tópico, que está sempre à esquerda, que ao ouvir decodificamos sempre a primeira opção???? Desconfio que sim.

* Aqui quero dizer em "O policial bateu na velha com a bengala" a proximidade com o Tópico sugere um determinado encadeamento.

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Faz sentido, Felipe!

Se pensarmos nesse encadeamento que o o Tópico sugere, vamos sempre entender de imediato a primeira opção de que "O policial usou de um bengala para bater na velha", porque é o policial, (além de sujeito psicológico (tópico), sujeito gramatical e lógico) que prática a ação e o verbo "bater" pode ter três argumentos, ou seja, alguém bateu em alguém (ou em algo) com alguma coisa. Acho que ambiguidade nasce aí, do fato do verbo aceitar três argumentos, daí pensarmos que se o policial bateu, bateu com alguma coisa em alguém, aí pensarmos que foi com a bengala que é o único objeto que tem na frase.

Mas levando em conta o contexto: que a velhinha, pelo fato de ser idosa, provavelmente anda de bengala, fica difícil saber se não quiseram comunicar que a velhinha que apanhou estava de bengala.

Então é o contexto que cria a ambiguidade?????

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Em "O homem atirou no cachorro da menina que fugiu.", há mais possibilidades do que parece. A menina pode ter muitos cachorros, mas o homem atirou só naquele que fugiu. A menina pode ter fugido e, em seguida, o cachorro foi atingido. Ou a menina pode ter fugido exatamente porque o policial atirou no cachorro. Enfim...

Quanto a interpretar com base na proximidade sintática, acho que ela vale para quem ainda não tem nenhuma imagem concebida relacionada ao que se lê. Assim, acho muito provável que, aqueles que acabaram de passar pela situação de acompanhar uma idosa que se recuperasse de um tombo (tão comum!), pensasse em "Ela caiu

enquanto costurava a meia". Outros, que talvez não tenham passado por isso, provavelmente, pensariam que a meia caiu, que é menos problemático e mais corriqueiro.

Tem umas outras ambiguidades que são, também, interessantes, como estas, que apareceram na Fuvest:

- 1) Pagar o FGTS já custa R\$ 13,3 bi, diz o consultor.
- 2) Pais rejeitam menos crianças de proveta.
- 3) Consigo me divertir também aprendendo coisas antigas.
- 4) Não se eliminará o crime com burocratas querendo satisfazer o apetite de sangue do público.

Não são demais?

Fabia Alvim Leite – Turma 113

Creio que faz muito sentido pensar quer o contexto pode criar a ambiguidade, mas o contrário é o que se mostra mais recorrente, o contexto tirando a ambiguidade.

Pensar nas formas de tirar essa ambiguidade poderia ser uma forma de ver essa situação. No exemplo "O policial bateu na velha com a bengala" seria possível a interpretação: "O policial bateu com a bengala na velha" ou "O policial bateu na velha que usava bengala" mas as transformações que ocorreram nas frases criam outras análises. seria um caminho válido?

Marcus Vinicius Gamero Ohmor – Turma 113

Quanto ao contexto, eu concordo com o Marcus, a contextualização esclarece uma frase ambígua. Mas as ambiguidades nessas frases são encontradas principalmente por serem escritas, privando-nos de informações além do escrito; enquanto que se faladas a dúvida seria menos recorrente, principalmente pelo contexto. Uma análise nas possibilidades de interpretação das frases, como a Carolina e a Tatiana fizeram, esclareceria a ambiguidade delas. Agora a frase sugerida: "O policial bateu na velha com a bengala". Bem, o policial bate em alguém: na velha; o policial bate na velha é o suficiente ou há necessidade de complementar com o quê o policial bate na velha? Então, o policial utilizou uma bengala pra bater na velha. Ou posso interpretar que o policial bateu na velha e para caracterizar a velha indico que o policial bateu na velha que estava utilizando uma bengala. E vai que o policial bateu na velha que estava utilizando uma bengala com a própria bengala dela. Há muitas interpretações aí. Creio que uma interpretação, dentro das várias que podemos fazer das frases, que nos faça mais sentindo do que outra. A partir disso é possível desconsiderar um contexto real e supor um?

Juliaray Sadala Mendonça – Turma 113

Indo na contramão do que foi dito anteriormente não acho que a contextualização sempre esclareça a ambiguidade. Basta pensar por exemplo numa pessoa que vai a feira e pergunta ao feirante se ele vende pastel de 1 real, o feirante diz que sim, a pessoa compra e quando morde o pastel tem uma nota de 1 real dentro.

Neste caso a contextualização gerou a ambiguidade ao invés de esclarecê-la.

Henrique Guilherme Santos da Silva – Turma 113

Discordo. O caso é que a ambiguidade nem sempre é entendida pelo contexto, mas ajuda. O problema é que há situações, como o caso do pastel, em que é ambíguo mesmo no contexto. Não creio que a contextualização gerou a ambiguidade, parece que o contexto não faz nenhuma diferença.

Marcus Vinicius Gamero Ohmori – Turma 113

Eu concordo com o Marcus. A ambiguidade não é dada pelo contexto e nem retirada por ele... A ambiguidade está presente só na sentença dada.

Não sei se vcs tiveram isso em Elementos II, mas meu professor trabalhou justamente sentenças iguais a essas e pedia para nós darmos uma interpretação e, na minha opinião, para entendermos ou trocar as interpretações, poderíamos trocar os verbos por verbos equivalentes em sentido que desfaçam essas ambiguidades.

Em questões fala X escrita, não acho que a fala tenha menos ambiguidade, mas geralmente, na fala, podemos, por exemplo, perguntar para a outra pessoa e até pela entonação da fala dela, podemos descobrir o que aconteceu. Mas se qualquer pessoa falasse isso sem entonação nenhuma ou sem contexto nenhum, daria na mesma.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Eduardo, você comentou exatamente o que eu estava pensando. Quando entra a prosódia, estas ambiguidades podem ser desfeitas.

No caso da velha/policial com a bengala, tentarei formular a frase na fala, sendo os negritos indicativos de acento frasal:

O policial bateu na velha com a bengala!

O policial bateu na velha com a bengala!

Tenho a impressão de que, ao ressaltar o elemento pela entonação, a ambiguidade se dissolve, e isso tem uma implicação sintática que ainda é confusa para mim. No primeiro caso, com o enfoque em "bateu", "velha com a bengala" passa a parecer um único sintagma.

No segundo caso, por sua vez, o enfoque em "com a bengala" parese sugerir que esta informação é importante por fazer parte da ação, e não de uma simples caracterização do objeto da oração.

Talvez tenha feito uma confusão de termos! Mas concordo com o Eduardo sobre a fala, e concordo com o Marcio, acredito que, como ele disse, o contexto não necessariamente tira a ambiguidade, mas pode aliviar ou pode fornecer maneiras de removê-la.

Carolina Carbonari – Turma 113

Prosódio e contexto são a chave para se solucionar uma ambiguidade?

O maior problema é que a sintaxe como vemos não serve exatamente para tirar essa ambiguidade, ela apenas explica como ocorre. E serve até de exercício (fiz isso algumas vezes essa semana) para estudar como se comportam os termos, suas classificações, em cada enunciado da ambiguidade. Cada caso tem suas explicações, mas pude notar que na maioria tem uma relação muito forte com a posição do verbo e dos complementos, como já foi dito.

Marcus Vinicius Gamero Ohmori – Turma 113

Creio que a prosódia resolva alguns casos de ambiguidade, como os citados pela Carolina mas, se voltarmos ao exemplo do pastel que citei anteriormente nem a prosódia e nem o contexto juntos resolveriam a ambiguidade.

Henrique Guilherme Santos da Silva – Turma 113

Bom,

Não tinha lido a do pastel, perdão. Por mais que a gramática e a realidade estejam distantes, acho muitíssimo complicada essa situação do pastel. Não imagino essa situação, então não consigo pensar na análise formal. Mas vamos lá.

Você tem pastel de 1 real?

Talvez o que desfaria a ambiguidade é a troca das preposições? Você tem pastel a 1 real? Aí sim o sentido seria trocado, seria o sentido de valor, numa abordagem bem formal Você tem pastel de 1 real, diz respeito ao sabor enquanto Você tem pastel a 1 real, seria o valor.

O que vocês acham pessoal?

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Eduardo,

Creio que colocando a frase com a nova preposição resolve-se a ambiguidade de fato, mas certamente o contexto é necessário na construção e interpretação da frase.

É muito interessante perceber que com uma preposição podemos mudar toda a frase ou pelo menos torná-la mais clara.

Erika Araujo Pereira – Turma 113

Bem, acho que o que resolve a ambiguidade do caso do pastel da nota de um real é não vivermos num episódio dos Trapalhões. Assim como existem construções sintáticas agramaticais, eu diria que esse contexto é "agramatical", ou seja, não tem chances de acontecer. Um feirante poderia até fazer um pastel com uma nota de um real, mas seria por brincadeira, não por ter mal-interpretado a frase.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

No caso do pastel de feira de 1 real é só pensar que usamos, com frequência, na escrita e na fala a elipse - "Omissão de parte de uma sentença, subentendida com base na estrutura gramatical (...) com o intuito de assegurar a economia da expressão" (Aurélio). Você tem pastel de 1 real? o termo é mais econômico que pastel que custa um real ou pastel de preço 1 real

Hamilton Fernandes da Silva – Turma 113

Concordo com o Márcio com relação ao pastel de 1 real. Acho que a ambiguidade nesse caso seria apenas utilizada em um sentido "humorístico".

Ao meu ver, geralmente o que resolve a ambiguidade é um misto de prosódia e contexto. Entretanto, como podemos ver em muitos debates políticos, muitas vezes a ambiguidade é um recurso cuidadosamente criado no discurso.

Meu hobby, no ambiente de trabalho, também é criar ambiguidade em comentários dos meus colegas, mas isso só para criar um ambiente mais lúdico no escritório.

Mark Damian Ament – Turma 113

Não entendo como o contexto pode ter criado a ambiguidade. Na verdade ele seria o responsável por resolvê-la. Sem um contexto específico, um pastel de 1 real poderia ser imaginado, exatamente assim. Não que seja algo muito usual, mas é possível. (há bebidas com fragmentos de ouro...)

Porém, naquele contexto, só há uma possibilidade de entendimento.

Ademais, em uma discussão simplesmente formal creio que o fato de alguma possibilidade de entendimento parecer um tanto absurda não impede a existência de ambiguidade na frase.

Thiago Surkus Forni – Turma 113

Verdade, né? Uma frase não deixa de ser ambígua somente por ter sido entendida como pretendido.

Ao meu ver, o contexto frequentemente resolve a ambiguidade. A frase "Caiu a bolsa" provavelmente seria entendida de forma bem diferente em uma mesa de operações da Bovespa e em uma rodoviária! Mas isso também não quer dizer que em uma na mesa de operação a pessoa não esteja falando de sua bolsa que caiu da cadeira, nem que na rodoviária a pessoa se refira à Bovespa.

Mark Damian Ament – Turma 113

Concordo com você, Marciano. Não acredito ser possível uma situação como essa a não ser como forma de brincadeira. Acho que nenhum vendedor de pastel que seja um falante natural da língua portuguesa poderia ter pensando que o cliente pudesse querer um pastel com recheio de uma nota de um real.

Há uma referência externa à língua em que os significados estão relacionados ao mundo, aos conceitos que o indivíduo forma ao longo de sua vida que são independentes da língua. Essa referência impede que ocorra um mal entendido e permite que o sentido ambíguo de uma frase seja usado propositadamente como forma de humor e ironia.

O contexto resolve, muitas vezes, o problema de uma frase ambígua em uma situação de interação real entre pessoas ou em um texto escrito. Entretanto, gramaticalmente, analisando uma sentença ambígua isolada, o problema do duplo sentido poderia ser resolvido trocando itens lexicais por outros, como no caso da frase do pastel em que o Eduardo apontou um exemplo que poderia acabar com a ambiguidade: "Você tem pastel a 1 real"? ao invés de "Você tem pastel de 1 real"?

Ana Carolina Bueno de Paiva – Turma 113

Concordo e discordo com as colocações do colega.

Pelo fato da sentença ser praticamente irreal em um contexto lógico, justamente ninguém, em uma situação normal, faria uma análise dessa frase, nas próprias aulas, a professora traz algumas sentenças estranhas, mas ainda sim, de alguma forma, estão presentes na realidade.

Já fazendo novamente um contraponto com a gramática normativa, essa nova concepção de se trabalhar conceitos gramaticais a partir de um texto (que eu, particularmente, não aplico e não gosto de usar), está totalmente satisfeita com a questão entre contexto e ambiguidade.

O estamos fazendo aqui, isolando oração e analisando-as separadamente não satisfaz alguns conceitos trazidos para a discussão, para uma análise profunda e melhor estruturada de desfazer essas ambiguidades em um contexto, seria necessário um contexto para que cada palavra assuma uma função e tenha ela explícita e sem ambiguidade para nós.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Nunca tinha pensado nisso. Muito interessante, Mark, porque tendo a pensar que o contexto simplesmente dissolve a ambiguidade, assim como a prosódia. Mas, de fato, ela persiste sintaticamente e não há provas de que se desfça somente pelo entendimento. Te paraphraseei só para que eu mesma entendesse.

Carolina Carbonari – Turma 113

No texto de Anderson (1999) temos:

"'Functionalists', typically are those who argue for a higher degree of involvement of other domains (semantics, pragmatics, discourse, extra-linguistic exigencies deriving from the context of communication, etc)."

Aliás, para alguns funcionalistas o contexto não só conta como parece ser a única coisa que conta:

"At the other extreme of functionalist views we find the position alluded to above which maintains that serious analyses of language cannot in principle be formalized or that of linguists who argue that all properties of grammatical structure reduce to matters of understanding, pragmatics, communication, etc."

(grifos meus).

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

E quando não há contexto? Como entender?

Há alguns dias estava andando pela Consolação e vi a seguinte frase pixada em uma parede: "Não é não." Só isso, sem qualquer contextualização.

Como vocês a entenderiam? Por que?

a) "Não" quer dizer "não".

b) Não é "não", ou seja, é "sim".

Maitê Scavasin – Turma 113

Maitê,

Eu entenderia como a primeira opção que você propôs:

a) "Não" quer dizer "não".

Acredito que seja porque quando leio uma palavra, no caso "não", penso em seu significado naquele contexto (mesmo que seja apenas uma frase solta) e não em seu significado isolado. Esse pensamento muda se a palavra estiver entre aspas, como nos exemplos que você deu.

Juliane Pagamice de Sant Anna – Turma 113

Olá a todos!

Então, fiquei pensando sobre a discussão a respeito da ambiguidade, acho que todos concordamos que fora de um contexto, período tratado isoladamente, dissolver a ambiguidade torna-se complicado, isso porque o falante não consegue identificar os "blocos", ou seja, a relação entre os constituintes.

Agora, eu não compreendi a discussão sobre contexto, para mim, assim como para uma colega que comentou acima (da qual não me recordo o nome) a prosódia acaba por solucionar estas questões durante a comunicação.

O que vocês querem dizer com: o contexto gera ambiguidade?

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

É interessante notar o papel das aspas na resolução de ambiguidades. Parece que ao aumentar a relevância de um termo na sentença, seu sentido muda, ocorre uma espécie de intercâmbio entre lato e stricto sensu.

A resposta da Juliane parece ilustrar isso muito bem. Maitê colocou as aspas, como a seguir:

Não é "não"

O significado, para Juliane, passou a ser mais claro porque o destaque das aspas faz com que o segundo "não" mude um pouco de significado, ainda que o sentido de negatividade permaneça.

Isso levanta muitas questões sobre significação e identificação de relevância de termos, de avaliação apreciativa na hora da escrita, já que na fala estas aspas não apareceriam, e esse contexto seria aparente talvez na entonação ou gestuário.

Carolina Carbonari – Turma 113

acho que o comentário da maitê foi muito importante...

na minha pinião, uma das falhas da gramática que se é estudada nas escolas sempre foi o fato de se estudar frases soltas de um contexto...

não há nada que aconteça sem contexto e por isso eu nunca consegui entender por que raios eu estava estudando gramática...

de qualquer forma tive que morder a língua (rsrs) com o comentário da maitê...e o contexto aí?

mas será que ninguém conseguiu entender "não é não"?

será que ela não está dentro de um contexto que não conhecemos...como se ela fosse uma resposta a um outro pixador que escreveu algo no muro ao lado?

acabou-se a ambiguidade...

então pra mim a pergunta é: ambiguidade quando?

ela existe em frases soltas e desconexas, então voltando às primeiras aulas: em uma análise do nível discursivo ambiguidade não existe. Mas e do nível sintático? como é que se resolve?

Oriana Harumi de Lima Tanaka – Turma 113

A ambiguidade surge basicamente quando:

Há polissemia: João encontrou Pedro com seu cachorro

A estrutura sintática permite mais de uma interpretação: O policial bateu na velha com a bengala.

Mas a questão continua: como se resolve?

Concordo com a Oriana sobre ser uma resposta a outro pixador que tenha escrito algo no muro ao lado. Mas ainda sim como disseram abaixo fica a hipótese de Não "significa "não", se tiver mais de uma pixação uma negando a outra o primeiro pixador que negou inicialmente faz novamente a pixação se reafirmando, não serve como hipótese para acabar com a ambiguidade ?

Erika Araujo Pereira – Turma 113

Henrique, se possível, explique melhor os dois casos, porque não ficou claro para mim a diferença entre eles. Parece-me que, em ambos os casos, é a estrutura sintática que permite a dupla interpretação. Na primeira sentença, podemos identificar "com o seu cachorro" como sendo ou parte do sintagma nominal "Pedro com seu cachorro", ou seja, complementando o objeto do verbo, ou como sendo parte do predicado, um complemento do verbo "encontrar", que pode indicar a forma, ou por meio de que Pedro foi encontrado.

No segundo caso, igualmente temos esta relação, já que a bengala pode ser instrumento do policial ou apetrecho da velha.

Qual a diferença?

Carolina Carbonari – Turma 113

O que eu entendo por ambiguidade gerada por polissemia seria algo do tipo (em um exemplo bem uspiano) "Estou perto da ECA, em um dos bancos."

Qual banco seria esse? O Banco do Brasil ou um daqueles de concreto?

Maitê Scavasin – Turma 113

Henrique, acho que podemos resolver o problema da ambiguidade pensando em estruturas diferentes para as frases.

No caso da sentença "O policial bateu na velha com a bengala", podemos reestruturá-la com seguintes formas: Com a bengala, o policial bateu na velha. (se a intenção é dizer que a velha foi agredida pelo policial com uma bengala)

Foi na velha com a bengala em quem o policial bateu. (se a intenção é dizer que o policial bateu na velha que usava uma bengala)

A sentença "João encontrou Pedro com seu cachorro":

Pedro com seu cachorro, João encontrou. (quem estava com o cachorro era Pedro)

João, que estava com seu cachorro, encontrou Pedro. (João estava com o cachorro).

Mas não estou certa se era isso que você queria saber.

E outra coisa, onde está a polissemia na frase "João encontrou Pedro com seu cachorro"? A polissemia ocorre quando há o uso de um significante que tem correspondência com vários significados. Não?

Não vejo isso na frase.

Ana Carolina Bueno de Paiva – Turma 113

Acho que "resolver a ambiguidade" é dar as possíveis interpretações, e no caso para firmar uma delas, basta você colocar outros elementos, como preposições ou outras palavras para ajudar nessa resolução.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Na oração: "Pedro encontrou João com seu cachorro" me confundi ao dizer que a ambiguidade é gerada por polissemia, o que queria dizer é que neste caso o pronome possessivo pode se referir a Pedro ou a João o que nos leva a nos questionarmos de quem é o cachorro.

De fato a polissemia não é semântica mas referencial (se é que se pode dizer isso)!!

Concordo com o exemplo da Maitê no exemplo dos bancos, mas quanto a reestruturação ela ajuda mas pensei em algo como:

Pedro encontrou João que estava com seu cachorro.

Nesse caso houve uma reestruturação mas ainda não sabemos de quem é o cachorro, ou seja, nem sempre a reestruturação desfaz a ambiguidade.

Henrique Guilherme Santos da Silva – Turma 113

Henrique, na verdade me parece que na reestruturação "Pedro encontrou João que estava com seu cachorro", temos um caso de oração subordinada apositiva, e a colocação do apostro na oração determina que João estava com seu cachorro. Caso fosse Pedro, acredito que a oração ficaria "Pedro, que estava com seu cachorro, encontro João".

Quando acrescentamos orações subordinadas, em geral, a ambiguidade parece desaparecer, por exemplo:

O policial bateu na velha que estava com a bengala - oração subordinada adjetiva restritiva (é isso? estou resgatando a gramática tradicional de anos atrás do colegial para tentar entender tudo isso)

Carolina Carbonari – Turma 113

Olá pessoal!

Na última aula a professora pediu que identificássemos os dois sentidos de algumas sentenças ambíguas. Confesso que sempre tive dificuldade de “enxergar” esses dois sentidos no tempo de colégio.

Após ter lido “A noção de constituinte” no Manual de sintaxe (Miotto C.) onde mostra como identificar determinada seqüência de palavras sendo um constituinte/ sintagma nominal, através de sentenças com ambigüidade, consegui identificar melhor seus respectivos sentidos.

Miotto exemplifica com a frase:

O juiz julgou aquele réu inocente

Não sabemos se inocente é o veredicto do juiz (um sentido) ou uma característica do réu, que poderia ser tímido, falante ou estúpido (outro sentido).

Primeiramente o autor estabelece os sintagmas/constituintes entre colchetes rotulados de NP:

O juiz julgou [aquele réu inocente]NP

O juiz julgou [aquele réu]NP inocente

Logo sugere a substituição pelo pronome ele, que é uma das táticas para desfazer a ambigüidade:

O juiz julgou ele

O juiz julgou ele inocente

Existem também outras táticas ensinadas no Manual como o constituinte ser clivado -ensanduichado entre um é e um que – de modo a ficar:

É aquele réu inocente que o juiz julgou

É aquele réu que o juiz julgou inocente

Me identifiquei mais com esses dois métodos porém tem outros no Manual do qual também escolhi algumas sentenças para que possamos exercitar. Seguem-se:

O bêbado bateu na velha com a bengala

Ele entrou na sala de muletas

Ele viu a menina de binóculos

Ele recebeu uma fotografia de Florianópolis

Sueli Rafael – Turma 111

Bom vamos tentar,

Os sentidos da frase 1 proposta por você, Sueli, são :

O bêbado bateu na velha usando a bengala

O bêbado bateu na que possuía uma bengala

Separando os sintagmas

[O bêbado bateu na velha [com a bengala]]

[O bêbado bateu [na velha com a bengala]]

Se usarmos a regra da, pronominalização, proposta por Miotto ficaria da seguinte forma:

Substituindo na por nela

O velho bateu nela com a bengala

O velho nela

Mas fiquei pensando na regra do isolamento.

Está certo o seguinte teste ?

Como o bêbado bateu na velha ? [com a bengala]

Em quem o bêbado bateu ? [na velha com a bengala]

Posso utilizar duas perguntas diferentes para isolar ou isso prova que nem todos os testes dão certo todas as vezes ?

Paula de Paula Machado – Turma111

Olá pessoal,

Achei interessante os testes que vocês colocaram. Se pensarmos em termos mais teóricos, as sentenças labirintos ou ambíguas são aquelas que possuem mais de uma estrutura subjacente. Há uma forma superficial que abrigaria mais de uma possibilidade de interpretação do conteúdo. Acredito que caso estivessem contextualizadas, a

maioria dessas ambiguidades desapareceriam. Entretanto, a sintaxe procura parâmetros gerais que expliquem essas sentenças, sem considerar o contexto. Há uma explicação bastante interessante sobre isso no Manual.

A sentença "O bêbado bateu na velha com a bengala" tem os seguintes sentidos:

- a) O bêbado utilizou uma bengala para bater na velha.
- b) O bêbado bateu na velha que segurava uma bengala.

Além da pronominalização, que a Paula aplicou, podemos usar o teste da topicalização, que envolve movimento de constituintes. Esse é um dos testes que mais gosto de fazer. Vejamos:

- a) Com a bengala, o bêbado bateu na velha.
- b) Na velha com a bengala, o bêbado bateu.

Isso explica que em a [com a bengala] é o constituinte, já que não podemos quebrá-lo sem alterar o significado esperado. Já em b o constituinte é [na velha com a bengala]. Topicalizando a sentença também desfazemos a ambiguidade.

Quanto ao teste de isolamento, Paula, acho que podemos fazer assim:

- a) Em quem o bêbado bateu com a bengala? R. Na velha.
- b) Em quem o bêbado bateu? R. Na velha com a bengala.

A diferença é que você isolou constituintes diferentes dos meus, mas não acho que o seu teste ou o meu estejam errados. Diferentes perguntas permitem isolar diferentes constituintes na sentença. Acredito que o importante seja fazer os testes de tal forma que ele permita identificar as estruturas subjacentes, ou seja, a ambiguidade. Isso acontece quando identificamos os constituintes e conseguimos desfazer a ambiguidade. Isso foi o que entendi.

sorriso

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Olá meninas,

Eu, particularmente, gosto muito de "descobrir" ambiguidades. No colégio tinha uma certa dificuldade com algumas sentenças, principalmente quando elas eram um pouco mais complexas. A ambiguidade, um de vários fatores semânticos, faz com que as sentenças fiquem suscetíveis a diferentes interpretações, contudo atribuir um valor ou outro à uma sentença depende muito do contexto (olha ele aí de novo!) e da situação proposta por quem a cria. Para Heronides M.M. Moura em seu "Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática", a interpretação de sentenças ambíguas está mais especificamente ligada à interpretação que damos às palavras do autor do que ao conhecimento que possuímos dos fatos relatados.

Pesquisando por aí encontrei duas sentenças aplicadas aos alunos do ensino fundamental de um determinado colégio que não possuem conhecimento sobre os testes sugeridos pelo Manual de Sintaxe de que fazemos uso:

- 1-O juiz encontrou a filha chupando pirulito.
- 2-Trago o remédio para seu pai que está neste vidrinho.

Em 1, por uma questão de hábito social a ambiguidade é quase desfeita, pois a interpretação mais provável é a de que a filha estava chupando pirulito, e não o seu pai que é um juiz. Fica meio estranho pensar em um juiz chupando pirulito, embora seja super possível...

Agora, aplicando um dos testes, o isolamento de constituintes, temos:

- 1- Quem o juiz encontrou? A filha chupando pirulito.

Já em 2, por conhecimento de mundo sabemos que o pai não pode estar em um vidrinho, o remédio é que está no vidro. Acho que não é necessário aplicar nenhum teste para desfazer a ambiguidade.

É interessante salientar que ao analisarmos uma ambiguidade temos que nos atentar para o sentido que as palavras assumem se usadas de forma figurada. Uma sentença labirinto menos óbvia seria:

- 3-Carlos vendeu um livro.

O sintagma [um livro] pode ser interpretado como algo físico ou como algo não físico, direitos autorais por exemplo. Aí passamos a considerar o sentido polissêmico da palavra...

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

Dayana, pensando na frase 2 "Trago o remédio para seu pai que está neste vidrinho" e nas relações de comando para as estruturas sintáticas, lembrei que Mioto diz: "Uma propriedade definitória das classes lexicais é a capacidade que seus membros têm de selecionar semanticamente (s-selecionar) seus argumentos (p.54)". Ou seja, assim como os verbos podem condicionar seus argumentos qualquer outra classe lexical também pode, exemplificando, o verbo beber seleciona semanticamente algo que seja bebível/ líquido, qualquer coisa concreta não pode ser tomada como argumento. Assim, em:

O João bebeu o suco (sintaticamente e semanticamente possíveis).

*O João bebeu o carro (sintaticamente possível e semanticamente não-possível).

Assim, no domínio semântico a frase 2 não pode ser ambígua, mas se pensarmos no sintático é possível, uma vez que podemos construir duas árvores estruturais distintas, cada qual representando um dos sentidos. Com relação à frase 1, embora o mais provável seja a filha estar chupando o pirulito, não podemos desconsiderar que o juiz também poderia fazê-lo, em qualquer um dos domínios: sintático ou semântico.

Na frase 3, como você disse, não acho a ambigüidade óbvia, pois só entendi os dois sentidos com a sua explicação.

Ao esboçar uma árvore estrutural sobre algumas destas sentenças, percebi que a relação de ambigüidade dá-se pelas diferentes relações dos constituintes, por exemplo, em:

1. [O juiz julgou [aquela ré culpada]]

2. [O juiz julgou [aquela ré] culpada]

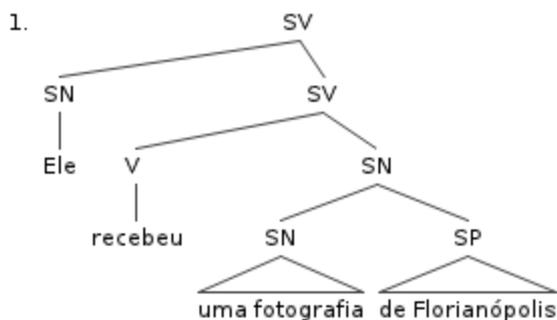
Na frase 1, o adjetivo [culpada] estabelece uma relação de irmandade com a [ré], o que demonstra estar qualificando, complementando ou especificando o N [ré]. Enquanto que, na frase 2, o adjetivo [culpada] não possui essa relação, acho que ele estabelece uma relação de adjunção a sentença [O juiz julgou aquela ré]. Dessa forma, acredito que localizar os constituintes nos possibilita verificar em uma sentença o que de fato é argumento (interno ou externo), o que está apenas especificando (complemento) ou até mesmo o que vem a dar uma informação adicional (adjunto).

Bem, não sei se viajei ou de fato isso aconteceu...

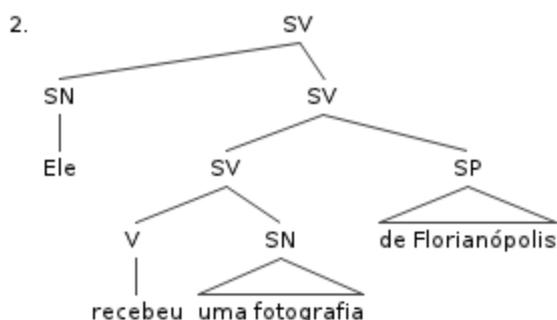
Aline de Lima Benevides – Turma 111

Eu acho que uma outra forma de resolver a ambigüidade seria fazendo uma árvore de estrutura sintática. No exemplo "ele recebeu uma fotografia de Florianópolis", eu iria propor duas estruturas:

1. [SV [SN Ele] [SV [V recebeu] [SN [SN uma fotografia] [SP de Florianópolis]]]]



2. [SV [SN Ele] [SV [SV [V recebeu][SN uma fotografia]] [SP de Florianópolis]]]



No primeiro caso a fotografia retrata Florianópolis, mas esta foto pode ter sido enviada pra ele de São Paulo, etc. No segundo caso a fotografia veio de Florianópolis, mas não é necessariamente uma foto de lá, pode ser de uma pessoa, etc. Não sei se fiz as árvores corretamente, aceito correções, pelo menos sei que não as fiz de acordo com o programa minimalista mas espero que tenha ficado claro o que quis dizer. O que vocês acham?

(utilizei o site <http://ironcreek.net/phpsyntaxtree/> pra fazer as imagens)

José Eduardo da Silva – Turma 111

Bem lembrado Aline. Acontece na sentença "Trago o remédio para seu pai que está neste vidrinho" o mesmo com a sentença dada como exemplo pela professora na última aula:

1-O João comeu um livro.

2-O João comeu um livro de chocolate.

Embora em 1 não se possa comer um livro em seu sentido literal, pois o livro não é comestível; podemos interpretar também como se João tivesse uma prova e precise estudar muito por esse livro, precise lê-lo bastante, aí o verbo "comer" assume outro sentido.

Em 2 o verbo "comer" já seleciona o seu argumento como algo realmente comestível: um livro de chocolate.

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

José, modificaria os seus SN para DN, pois há um pressuposto que todos os N são selecionados por D, mesmo que esse não esteja explícito. Teríamos assim:

1. [SV [SD Ele][SV [V recebeu][SD [D uma][SN fotografia [SP de Florianópolis]]]]]
2. [SV [SD Ele] [SV [SV [V recebeu][SD uma fotografia]] [SP de Florianópolis]]]

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Na Teoria Minimalista, acredito que ficaria as seguintes estruturas:

1. [ele recebeu [uma fotografia de Florianópolis]]

[CP [] [C' [C [+afirm]] [TP [DP Ele] [T' [T recebeu] [vP [DP Ele] [v' [v receber] [VP [V receber] [DP [D uma] [SN [N fotografia] [PP de Florianópolis]]]]]]]]]]]]]

2. [ele recebeu [uma fotografia] de Florianópolis]

[CP [] [C' [C [+afirm]] [TP [DP Ele] [T' [T recebeu] [vP [vP [DP Ele] [v' [v receber] [VP [V receber] [DP uma fotografia]]]]]] [PP de Florianópolis]]]]]]]

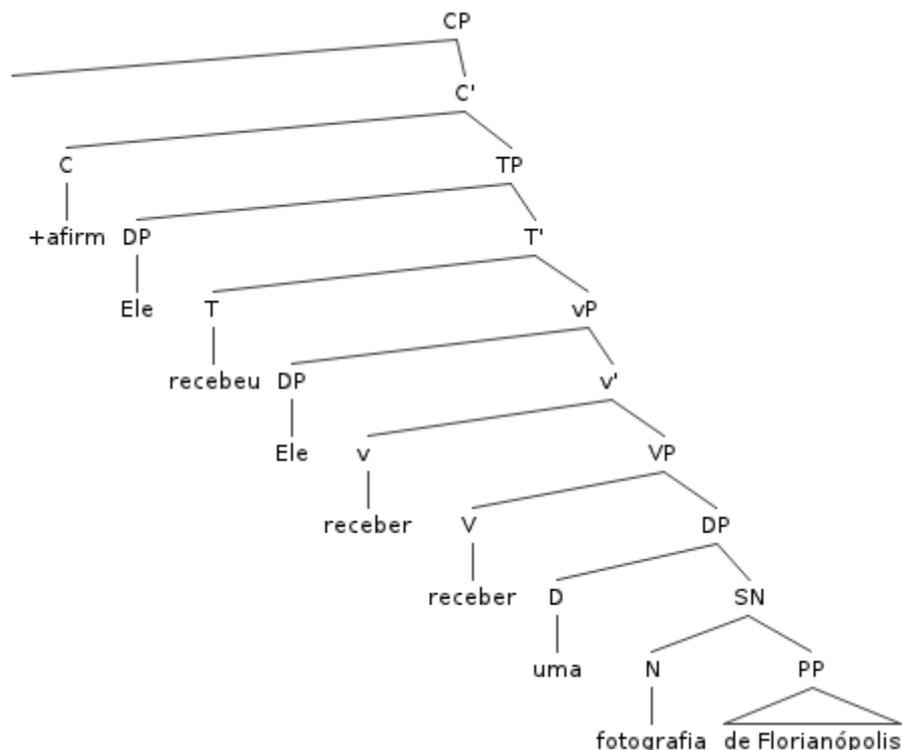
Dá para visualizar melhor na árvore, não estou conseguindo postá-la, podem copiar as estruturas e colocar no site que o Eduardo indicou (<http://ironcreek.net/phpsyntaxtree/>). Se alguém quiser postar as árvores fique a vontade.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Aline, você pode usar o tinypic.com pra fazer o upload da imagem e aí postar no moodle. Já estou me adiantando e fazendo isso pra você ^^

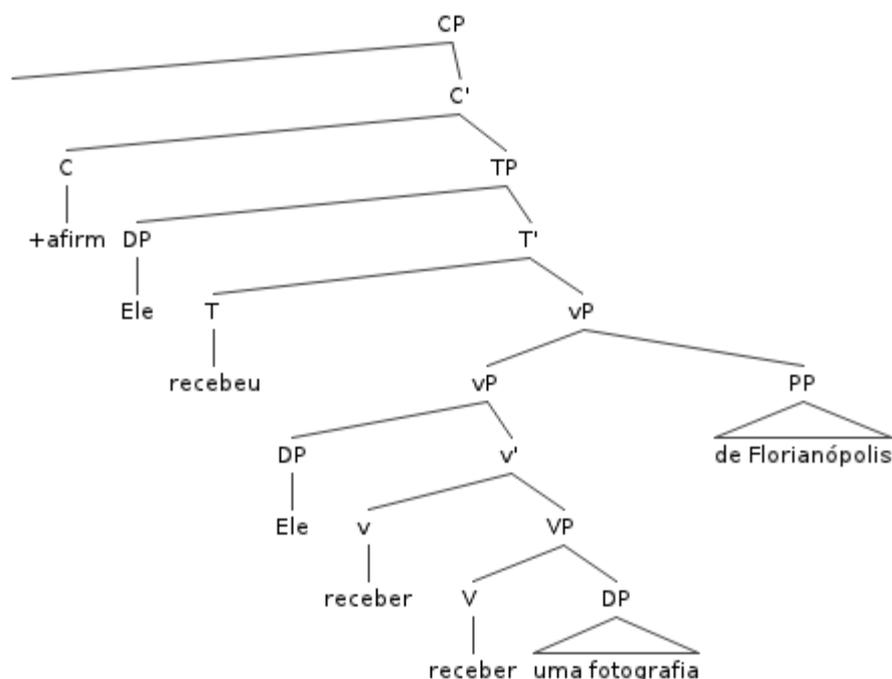
1. [ele recebeu [uma fotografia de Florianópolis]]

[CP [] [C' [C [+afirm]] [TP [DP Ele] [T' [T recebeu] [vP [DP Ele] [v' [v receber] [VP [V receber] [DP [D uma] [SN [N fotografia] [PP de Florianópolis]]]]]]]]]]]]]



2. [ele recebeu [uma fotografia] de Florianópolis]

[CP [] [C' [C [+afirm]] [TP [DP Ele] [T' [T recebeu] [vP [vP [DP Ele] [v' [v receber] [VP [V receber] [DP uma fotografia]]]]]] [PP de Florianópolis]]]]]]]



José Eduardo da Silva- Turma 111

Aline e Dayana, com isso que vocês disseram, eu acho que vocês podem me ajudar. Fiquei bem confusa essa afirmação do Miotto que a Aline citou. Quer dizer que uma sentença como:

O João bebeu o carro.

não pode ser considerada na sintaxe, já que o verbo, como núcleo lexical, deve necessariamente selecionar semanticamente seus argumentos?

Fico pensando: por que o carro não pode fazer parte de uma das possibilidades de seleção do verbo beber? João não poderia ser um alcoólatra inveterado que bebeu até o carro dele (no sentido de ter vendido o carro para comprar bebida)? Qual é o critério para falarmos sobre seleção semântica? Essa seleção prevê a metáfora, algo que corriqueiramente é usado pelo falante?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Gente,

sobre sentenças "ambíguas" eu tenho uma dúvida em relação a uma explicação dada ainda no cap.1 do Miotto, na p.27, para demonstrar que PF (Forma Fonética) não tem relação direta com a LF (Forma Lógica). Para isso, é usada uma sentença ambígua.

É dada, um pouco antes, uma representação do modelo linguístico, a ser trabalhado no Manual do Miotto, que relaciona DS (Estrutura Profunda), SS (Estrutura Superficial), PF (Forma Fonética) e LF (Forma Lógica).

Não entendi a afirmação: "(...) A ambigüidade se forma porque PF interpreta duas estruturas da mesma maneira. Mas os dois sentidos se mantêm porque LF interpreta duas SSs distintas." Como é possível afirmar isso? De onde ele tira isso? Partindo desse pressuposto, então não haveria a possibilidade de o falante pensar (LF) somente em uma SS para formar um sentença foneticamente (PF) que, posteriormente a essa formulação, possa ser considerada ambígua. Mas parece que isso ocorre com frequência (quem formula uma frase ambígua quase sempre não "enxerga" a ambigüidade dessa frase se não houver uma reflexão posterior).

Reformulando a pergunta feita:

- 1) Alguém sabe se há alguma pesquisa empírica que embase essa afirmação?
- 2) Estou indo por um caminho "torto" ao pensar na afirmação a partir do falante, que diz uma sentença ambígua, ou há algum outro "furo" no que eu pensei?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Heloisa, a frase "O João bebeu o carro" é sintaticamente possível, pois o verbo [beber] pede dois argumentos, um externo [DP O João] e um interno [DP o carro], no entanto, é semanticamente não-possível, no sentido de que o verbo beber s-seleciona algo, que na nossa concepção de mundo deve ser ingerido (forma líquida ou semi-líquida), diferente do carro que não possui tal propriedade.

O mesmo podemos verificar na frase que a Dayana citou: "O João comeu um livro de chocolate" e "O João comeu um livro", a primeira frase é aceitável tanto sintaticamente como semanticamente, lembre que do ponto de vista sintático os argumentos estão satisfeitos e do semântico o livro de chocolate é comestível, enquanto que, a última é sintaticamente possível, pois os argumentos do verbo estão saturados (foram satisfeitos), e semanticamente não-possível, uma vez que o livro não possui a propriedade ou o traço [+comestível].

Com relação a sua dúvida: " O João não poderia ser um alcoólatra inveterado que bebeu até o carro dele (no sentido de ter vendido o carro para comprar bebida)?" . Acredito que dentro de um determinado contexto até poderia, mas como estamos considerando a frase isolada acho difícil, causa um estranhamento pensar que bebemos um carro. Se considerarmos a frase "O João comeu a água", cria o mesmo estranhamento.

Não sei se vou falar besteira, se falar por favor me corrijam. Acredito que os verbos, os nomes, as preposições, os determinantes (as categorias lexicais) devem possuir um traço em sua estrutura que s-seleciona o seu argumento. Assim, o verbo beber possuiria um traço [+bebível] e seu argumento interno deve possuir esse mesmo traço. Mas não sei dizer com relação as metáforas.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Não acho que seja besteira Aline, pelo contrário, acho bem coerente. Concordo com você quanto aos traços que as palavras devem ter para s-selecionar seus argumentos, como nos exemplos dados: comer [+comestível], beber[+bebível].

Agora, acho que com relação às metáforas esse conceito já não é mais aplicável, pois a palavra perde os seus traços naturais e passa a assumir outro sentido. Dubois em seu Dicionário de Linguística(1978) afirma que a ambiguidade pode ser do léxico, onde o léxico passa a ter vários sentidos, ou da sintaxe (uma estrutura superficial para duas estruturas profundas). Para mim, as palavras com sentido metafórico podem ser igualadas às ambiguidades no que diz respeito aos vários sentidos que o léxico pode assumir. O que vocês acham disso?

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

Aline, realmente, parece bem coerente essa questão dos traços que as palavras devem ter para s-selecionar seus argumentos. Concordo com a Dayana. Mas ainda tenho dúvida em como são definidos esses traços. Eles são definidos por aquilo que é possível de ocorrer no mundo em que vivemos (pelas leis da física, da biologia e da química) e que observamos empiricamente que é possível de acontecer? É isso?

Por exemplo, na Idade Média seria semanticamente impossível dizer:

Ele jogou a bomba atômica na cidade.

mas atualmente, por isso ser fisicamente possível, então é semântica e sintaticamente possíveis?

Outro exemplo:

O médico selecionou os embriões sem distúrbios graves.

Heloisa Schiavo – Turma 111

Oi... bem...quanto ao lance do PF e LF parece funcionar desse jeito...

Cada falante tem um léxico, que é um compartimento de armazenagem de formas linguísticas, como um saco cheio de palavras, e ao formar uma sentença, ele retira formas do léxico e usa o LF para formar as orações, depois dessas orações já prontas é que são mandadas para o PF para serem pronunciadas... O que eu acho que ocorre, é que algumas frases podem ter mais de um tipo de estruturação com os mesmos elementos, daí as ambiguidades...Por exemplo:

João entrou na sala de muletas.

Se o "de muletas" for um termo ligado a João (modo como ele entrou), teremos uma interpretação, se o "de muletas" for ligado a sala (sala de muletas, onde se guardam muletas) temos outra interpretação. Fica bem simples de ver essas duas frases quando montamos uma árvore para cada uma das representações. (eu não sei fazer isso no computador...hehehe) e cada árvore montada tem operações diferentes, aí a coisa começa a ficar bem mais complexa...

Será que isso ajuda?

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

Heloisa, com relação a sua dúvida se os traços são definidos pelo mundo em que vivemos, acredito que sim, pois o exemplo que mostrou deixa bem claro isso, a frase "Ele jogou a bomba atômica na cidade" é impossível de ter sido proferida durante a Idade Média, uma vez que ela não existia até então. Ainda utilizando os verbos beber e comer, se na nossa concepção de mundo beber possuísse o traço [+comestível] e comer [+bebível] seriam esses tipos de argumentos que s- selecionaríamos para os satisfazerem e não seria estranho.

Esses traços são definidos pela gramática interna da língua, assim, no português, atribuímos concordância de tempo, número, pessoa, caso, EPP, que são traços necessários ao verbo. Da mesma forma, que em determinadas línguas as preposições ou posições recebem essas marcas. Se pensarmos nos determinantes (por exemplo, os artigos), o seu argumento será algo que não seja uma preposição, tem que possuir um traço [+nominal]. Temos “O João”, “o menino”, mas não temos *O sobre, *o para.

As preposições também selecionam argumentos, segue um exemplo dado por Miotto:

23. a. A Maria desmaiou sobre a mesa.

b. *A Maria desmaiou sobre a esperança.

E diz “Sobre estabelece, em 23 a), que o DP a mesa deve ser interpretado como um lugar. Se isto é verdade, então sobre s- seleciona o DP a mesa. Já isso não é possível com a esperança porque este DP não tem as propriedades compatíveis com as de um lugar (p. 54)”.

Espero que tenha ficado mais claro...

Aline de Lima Benevides- Turma 111

É importante lembrar que as cópias são apagadas, ou seja, quando são copiadas e concatenadas no alto da árvore as cópias localizadas na parte inferior são deletadas.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Lendo neste fórum o debate sobre ambiguidade, fiquei pensando no que Chomsky disse: " O homem já nasce com a linguagem que faz parte da natureza humana. A língua não se restringe a um conjunto finito de frases, mas ela torna possível a uma frase juntar-se outra e mais outra infinitas vezes (recursividade). Mesmo assim a língua não se restringe a um conjunto de frases mas se constitui num SABER a propósito destas frases, ou seja, os falantes possuem um saber inato sobre sua própria língua que os habilita distinguir uma frase gramatical de uma agramatical. Surge a gramática gerativa.

Como vimos os sintagmas (constituintes) ao serem movimentados (como nos testes de constituição) evidenciam o fato de que a sentença é estruturada em constituintes, porque não é possível deslocarem-se partes de constituintes, nem sequências que não formem constituintes. A ambiguidade desse modo também é uma evidência das estruturas de constituintes para a análise sintática pois quando o sintagma permite dupla interpretação confirma a hipótese de que os significados que absorvemos de uma dada sentença não é obtido de uma interpretação linear das palavras mas da construção estrutural que efetuamos para a construção destas palavras.

Observe o exemplo do livro de Márcia Santos Duarte de Oliveira - Análise Sintática do português falado no Brasil

Márcia conhece um artista de batik africano.

Interpretações:

1 - o artista de batik é africano (nacionalidade)

2 - o batik é da África

Observe que as duas interpretações são dadas a partir de uma única sequência linear e as interpretações dependem das combinações internas

1 - [um artista [de batik] [africano]]

2 - [um artista [de batik [africano]]]

Debora Valery Ruiz - Turma 111

É mesmo. Eu fiquei com a mesma dúvida. Por que não podemos falar apenas em SS ou apenas em LF, responsável tanto pela formação das sentenças como pela interpretação? Não entendo bem por que se faz essa separação.

Outra questão que talvez pareça boba é sobre a sentença "João entrou na sala de muletas". Uma terceira interpretação possível para ela seria "João entrou na sala (que estava) de muletas", que é absurda, mas formalmente possível. Como se representaria teoricamente o fato de interpretarmos ser possível João usar muletas, mas não uma sala usar muletas? (Não valem respostas como "ora, porque salas não usam muletas".) Esse tipo de conhecimento que permite ao falante essas inferências não faz parte do objeto da sintaxe, suponho?

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Olá, Alexandre Siqueira

Analisando a sentença "João entrou na sala de muletas" com a sua interpretação "João entrou na sala [que estava] de muletas", acho que chegaremos inevitavelmente à área da semântica. Assim como temos a

impossibilidade semântica de “João bebeu o carro”, uma sala usar muletas é bastante improvável tendo em vista o nosso conhecimento de mundo. Acredito que devemos nos atentar ao fato de que a ambigüidade é, sobretudo, um fenômeno semântico. Desta maneira, eu diria que não cabe a ela esses tipos de inferências, mas posso estar completamente enganada...

Joice Rodrigues – Turma 111

A professora disse na última aula que o problema em "João bebeu o carro" não é da ordem da Semântica, posto que consigamos compreender o significado, mas, sim, da Pragmática, que seria o campo mais adequado para jogarmos todas as verossimilhanças e inverossimilhanças frasais. O exemplo de Alexander sobre a sala usar ou deixar de usar muletas é o mesmo caso. Semântica é produção e recepção de significados; muito diferente da Pragmática, que seria a parte da verificação de significados.

Já as metáforas (gr. "transferência", se não me engano) são um caso separado, e essas "transferências", que são intra-objetais e horizontais (ou seja, que ocorrem dentro do próprio objeto, a palavra e em um mesmo grau), são, ao mesmo tempo, de uma ordem suprasegmental e vertical que pode ser vária, podendo ser inter-objetal, intertextual etc. No momento em que vemos esse cruzamento entre uma mudança interna à palavra mas que também a excede, ou seja, quando o raciocínio da palavra não é mais lógico mas supralógico, isto é, simbólico, não podemos comparar o que ele produz com as meras diferentes acepções de um mesmo vocábulo. Se metáfora fosse isso, praticamente tudo seria metáfora, e também teríamos enormes dificuldades para delimitar o que é significado primeiro e o que é sua variação. Nós teríamos um divertido complexo de Nicodemos ao revés. Daí, eu discordo da Dayana.

No que diz respeito à frase da Heloisa sobre a Idade Média, jogar uma bomba em tal cidade seria uma forma de anacronismo, que seria um "subgênero", novamente, da Pragmática, não da Semântica. Ou seja, sintática e semanticamente falando, é até que uma frase aceitável enquanto produção de significado. Mas seria uma situação de pararealidade, de modo irreal de frase, por assim dizer.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Boa noite a todos.

Olá, Joice.

Eu já acho que a ambigüidade se dá pela construção sintática e conseguimos desfazer-la também sintaticamente e não apenas com a nossa visão de mundo.

Num dos posts da Daiana ela colocou um exemplo muito legal que dizia assim:

1 - O juiz encontrou a filha chupando pirulito.

Pelo nosso conhecimento de mundo podemos afirmar que o pirulito quem chupava era a filha e não o juiz, e portanto o termo ‘chupando pirulito’ faz parte do SN ‘a filha’. Então ficamos assim:

a- o juiz encontrou [a filha chupando pirulito]]:

Agora se o juiz estivesse com o doce ficaria assim:

b- o juiz encontrou [a filha] chupando pirulito :

Ou seja, sintaticamente as duas são possíveis, porém atribuímos ‘chupando pirulito’ como complemento do núcleo nominal ‘filha’ ao invés de atribuir como um complemento dominado diretamente pelo SV [encontrou] porque estaria qualificando o modo pelo qual o juiz estava quando encontrou a filha.

Porém, pensando em outra sentença parecida com o nosso primeiro exemplo vamos perceber que compreender sintaticamente como a ‘1b’ vai ser a interpretação mais próxima ao nosso conhecimento de mundo.

2. juiz julgou aquela ré culpada

a- o juiz julgou [aquela ré culpada]

b - o juiz julgou [aquela ré] culpada

Outra característica sintática que também colabora para a ambigüidade, principalmente do exemplo 2, são os traços sintáticos das palavras.

Vendo no Manual de Sintaxe na página 53, na figura 22, além de termos as relações hierárquicas entre os constituintes, há também os traços sintáticos do núcleo e do complemento desses sintagmas.

[±N] [±V]

Na organização hierárquica do constituinte, o ‘culpada’ pode estar em relação de irmandade com o verbo ‘julgou’, como complemento dele, ou submetida ao SN ‘aquela ré’.

Se analisarmos a palavra ‘culpada’ na sentença 2a ela tem um traço mais nominal, ou seja está ligada a um adjetivo que complementa o nome, porém, na sentença 2b o traço dela é verbal: ‘O juiz julgou culpada aquela ré’

mostra que não é uma qualidade da 'ré', mas uma complementação da ação do juiz. E pensando ainda nos traços, mas agora na palavra 'julgar' que, por ter apenas o traço verbal, pede os complementos 'quem foi julgado' e 'como'. Ou seja, sem pensarmos na visão de mundo, mas na necessidade sintática do verbo já conseguiríamos desfazer a ambigüidade.

Já no exemplo 1, o verbo 'encontrou' pede apenas 'quem' encontrou 'o que', nisso, fica permitido atribuímos o 'chupando pirulito' ao SN 'a filha' do que ao juiz.

Então, o que faz dessa ambigüidade ser uma possibilidade na hora que o falante constrói a sentença é que nem sempre a constituição do sintagma é linear, começando pelo núcleo e seguindo à direita o complemento, porém permitem que possamos, na hora de interpretar, reorganizar os elementos e produzir o constituinte que vai seguir apenas uma interpretação - que no caso do exemplo 1 vamos compreender a 1a e no exemplo 2 vamos compreender a 2b.

Podemos aqui analisar a relação entre SS e LF, mas deixo para outro post, pois este já está demasiado grande e confuso..

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Muito interessante esta discussão sobre frases inseridas num contexto histórico nos quais haveria um estranhamento por parte do ouvinte. É que nem quando num filme que se passa na Idade Média vemos que o ator esqueceu de retirar o relógio de pulso, há um anacronismo, e dessa forma gostei muito do seu post, Pedro, e concordo com você.

Do mais, estas questões supra-textuais parecem a mim também profundamente filosóficas.

José Eduardo da Silva – Turma 111

A ambigüidade na sentença "João entrou na sala de muletas" não é puramente semântica. Uma possível interpretação seria de que a sala contém muletas guardadas, e a outra seria que o João entrou na sala utilizando-se de muletas.

Neste caso passaríamos de uma questão inevitavelmente semântica para uma questão comumente ambígua da sintaxe. Podendo ser resolvida com a clivagem e a topicalização.

Hugo Santos de Godoy – Turma 111

Concordo com a Marcella quanto à posição do núcleo do sintagma.

Gostaria de abrir uma outra discussão. Li um trecho de um texto sugerido em aula e confesso que fiquei bastante confusa (o assunto tratado se referia a argumentos e complementos). Agora que a Maria Clara pediu para analisarmos as sentenças labirintos, acho que cabe incluir essa dúvida aqui.

Na introdução do "Dicionário Gramatical dos Verbos", o autor diz: "Admitindo-se que toda oração se estrutura em dois níveis - um, subjacente, onde se estabelecem relações semânticas básicas e/ou restrições de coocorrência e, outro, superficial, onde se estabelece a combinatória mórfica e se ultima o conteúdo comunicado - então, uma descrição completa começa pelo nível mais baixo para atingir o mais alto, próximo de ou até coincidente com a realização efetiva das sequências. As relações subjacentes, obrigatoriamente implicadas no nível superficial, distinguem-se das que só atuam neste nível e que, sendo opcionais, não caracterizam um verbo ou uma classe deles (...) Enquanto o nível subjacente determina o número de constituintes e sua natureza sintático-semântica, o nível superficial determina o arranjo estrutural, isto é, o conjunto de exigências superficiais para que o verbo se realize."

Abaixo, as sentenças labirintos:

- a. Enquanto ela costurava a meia caiu.
- b. O homem atirou no cachorro da menina que fugiu.
- c. Vamos pintar aquela parede com pregos.
- d. O policial viu a velha com o binóculo.
- e. O policial bateu na velha com a bengala.

Ou seja, o nível superficial destas orações dão margem a duas ou mais possibilidades do nível subjacente. É isso? Será que entendi certo? Pelo que eu entendi, depende dos papéis que preenchemos no nível superficial.

Para exemplificar, vou pegar a frase 1, sem pontuação (eu acho que a pontuação já resolveria o problema da "ambigüidade"). Os predicadores abrem espaço para argumentos (nível subjacente), e o preenchimento de um ou outro é que permite tal ou qual leitura. Assim, teríamos:

Ela - costurar - a meia // Ela - cair

ou

Ela - costurar // A meia - cair

"Costurar" é predicador que pode ser preenchido com dois argumentos ou com apenas um - nível subjacente. Essa primeira escolha acabaria por determinar, necessariamente, a disposição superficial dos elementos ("ela", "costurar", "cair" e "a meia" são elementos que devem estar funcionalmente contemplados de alguma maneira). Desse modo, se se opta pela opção 1, com "costurar" pedindo dois argumentos, então "Ela" será sujeito sintático também de "cair" - o sujeito anterior é o correferente. Se é escolhida a opção 2, então "a meia" é que passa a ser argumento e sujeito sintático de "cair". Pelo menos é isso que eu entendo da frase citada.

Também é possível fazer movimentos para analisar a ambiguidade:

"Enquanto costurava a meia caiu" ou "Ela caiu enquanto costurava a meia"

"Enquanto costurava a meia caiu" ou "A meia caiu enquanto ela costurava"

"Vamos pintar aquela parede com pregos" ou "Vamos pintar com pregos aquela parede"

"O policial bateu na velha com a bengala" ou "O policial bateu com a bengala na velha"

É isso.

Renata Guerra Machado – Turma 131

Acredito que com sua colocação final, quanto ao nível superficial destas orações, seja bem clara. No entanto, vejo cada uma dessas sentenças com uma possível interpretação primordial, a que está mais na cara, e como a própria professora disse, depois de um tempo dá-se conta de que há outra interpretação possível.

No caso da sentença "c", por exemplo, minha impressão inicial é entender os pregos como elementos acoplados à parede, por não fazerem parte do universo semântico em que eu incluo a ação de pintar. No entanto, o uso da preposição "com" justifica os pregos como instrumentos da ação realizada e, nesse caso, desvendando uma segunda interpretação.

Nesse caso, "com pregos" seria argumento do verbo, caso fosse o instrumento da realização da ação, mas seria um elemento de encaixe, um sintagma nominal menor inserido no sintagma que representa o objeto do verbo "pintar". A oração ficaria assim:

[Vamos pintar] [aquela parede [com pregos]]

Interessante notar que essa oração não possui sintagma nominal associado ao sujeito, que se dá apenas em sua forma gramatical, explícito na desinência do verbo "vamos". Não temos sujeito expresso em forma de sintagma.

Francine Cavalcante Alves – Turma 131

Francine, quando você apontou a sentença [Vamos pintar] [aquela parede [com pregos]] - o sintagma nominal associado ao sujeito está, como você disse, explícito na desinência de "vamos".

Em qual nível hierárquico (talvez o de flexão) aparece esse NP? Como ele fica na representação?

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

na discussão sugerida pela Reneta, dos níveis superficial e subjacente, creio que a questão final colocada por ela faz total sentido, já que o arranjo estrutural das orações (nível superficial) está feito de forma adequada, ou seja, dá condições para a realização do verbo de forma satisfatória, sem gerar, por exemplo, agramaticalidade; porém, o mesmo arranjo estrutural é responsável pela ambiguidade nas orações. Arranjos estruturais diferentes poderiam acabar com esse problema, como que foram sugeridos pela colega que respondeu logo abaixo da Renata.

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Boa noite pessoal.

Hoje, na aula, a professora falou que na realidade o que ocorre com as sentenças labirinto não é bem ambiguidade. Essa informação gerou muita dúvida na minha cabeça, pois ambiguidade não é quando algo que está sendo dito admite mais de um sentido comprometendo a compreensão do conteúdo? Por favor, alguém pode me ajudar com essa dúvida? O que, afinal, posso considerar como ambigüidade?

P.s. - Percebi que as frases indicadas pela Sueli Rafael por diversas vezes são consideradas ou indicadas ambíguas neste fórum.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Olá Daniel,

Ambiguidade é multiplicidade de significados, que percebemos em diversos exemplos deste fórum. Pelo que eu entendi, olhando do ponto de vista da sintaxe, dizer que não há ambiguidade nas sentenças é justificado pelo fato de que cada significado possui uma representação/estrutura distinta, não há uma mesma estrutura para dois significados em que teríamos que selecionar conforme o contexto, há uma estrutura para cada significado. E

conforme a professora disse, a prosódia também delimita o significado de uma sentença, não deixando ocorrer ambigüidade.

Daniele Lopes Freitas – Turma 111

Olá Daniel,

Pelo que entendi essas frases não são consideradas ambíguas pela sintaxe, pois possuem árvores diferentes. Podem ter ambigüidade estrutural, não arbórea.

Observe as árvores que estão no post abaixo (do José Eduardo). Em 1, o PP [de Florianópolis] está empregado como complemento de SP [uma fotografia], enquanto que, na frase 2, o PP [de Florianópolis] está empregado como adjunto do SV [recebeu uma fotografia]. Ou seja, o PP [de Florianópolis] possui funções diferentes. Acredito que são consideradas ambíguas quando consideramos o sentido que elas estão produzindo, podemos ter interpretações diferentes para a mesma sentença, diferente do ponto de vista sintático, que não sei se é possível, mas a ambigüidade sintática seria encontrada se tivéssemos duas frases com uma mesma representação arbórea.

Bem, não sei se ajudou, mas foi isso que entendi...

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Aline,

Depois de ler o seu comentário, fiquei com uma dúvida: "podem ter ambigüidade estrutural, não arbórea". Eu havia entendido que a árvore era a representação das estruturas de uma sentença. Não consegui perceber a distinção que você mencionou. Tanto que no comentário anterior, eu havia colocado para tentar explicar a ausência de ambigüidade, que determinada sentença possui duas estruturas diferentes e por isso não haver ambigüidade do ponto de vista da sintaxe.

Daniele Lopes Freitas – Turma 111

Olá pessoal

Acredito que sentenças como estas necessariamente apresentariam duas propostas de análise, considerando apenas a representação escrita sem indicação da prosódia (embora, como vimos, em alguns casos sequer a prosódia resolveria a questão).

Considero que são sentenças com deficiências estruturais por sua natureza, ou ainda, sentenças que representariam duplos sentidos propostos como recurso estilístico. Em ambos os casos, cabe à análise a inserção de observações pontuais, o que já alcançaria um nível de interpretação.

Portanto, pensando com cabeça de escritor, a única forma de haver uma solução sintaticamente perfeita para estas sentenças passaria por reescrevê-las, separando-as em dois períodos ou acrescentando/modificando elementos. Muito embora, cabe reforçar, esta seria uma atribuição inerente apenas ao autor:

O juiz encontrou a filha chupando pirulito.

Soluções sintáticas:

O juiz encontrou a filha. Ela estava chupando pirulito.

ou

O juiz chupava pirulito enquanto encontrou a filha.

William Raphael – Turma 111

William Raphael

Nesse sentido então, se observamos as sentenças pelo ponto de vista da sintaxe, podemos dizer que não há ambigüidade nas sentenças porque cada significado possui uma representação/estrutura distinta? Mas, temos casos de orações labirinto? Isso claro, olhando através pelo ponto de vista da nossa colega Daniele Lopes Freitas.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

João entrou, de muletas, na sala.

De muletas, João entrou na sala.

Hugo, essas seriam as possibilidades para livrar a sentença do duplo sentido, mas quando quiséssemos nos referir apenas ao sentido que você mencionou de que a sala conteria muletas em seu interior, então haveria alguma forma de transmitir essa mensagem sem que houvesse possibilidade de dupla compreensão?

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Acho, em primeiro lugar, que ambiguidade e contexto sempre estarão, de alguma forma, relacionados. Não sei se diria que "descrição formal REQUER contexto", mas apostaria no fato de ambas as ideias (ambiguidade e contexto) estarem sempre ligados.

Em alguns casos, a ambiguidade pode ser resolvida pelo contexto. Em outros, não. E talvez, em outros, ainda, o próprio contexto pode intensificar ou criar a ambiguidade (não consegui pensar em um exemplo, se alguém quiser ajudar...)

Quando Drummond escreveu "Sentimento do Mundo", por exemplo, será que esse "do Mundo" é Adjunto Adnominal (o mundo sente) ou Complemento Nominal (o mundo é sentido)? Não há contexto que desfaça esse nó, nem mesmo a análise mais demorada da obra do Drummond. Para piorar, há a possibilidade de o Drummond ter escrito assim de propósito, exatamente para causar ambiguidade.

Em outros exemplos, o contexto resolve. Mas não é sempre possível que a compreensão da "estrutura", ou da "organização dos sintagmas" resolva a questão. Por exemplo:

Em "Ele viu o incêndio do prédio", a simples colocação dos colchetes resolveria a história, ainda que com base no contexto. Mas seria possível "visualizar" o esclarecimento do fato. Ou teríamos "Ele viu o [incêndio do prédio]" ou "Ele viu [o incêndio] [do prédio]". Mas em "A manga estava nova, mas o resto não estava", a polissemia da palavra "manga" não permite que reorganizações, topicalizações ou clivagens nos mostrem, visualmente, a resolução do nó.

Fabia Alvim Leite – Turma 113

Pessoal,

Estive lendo os últimos comentários e juntando com a explicação da professora ontem eu pensei em algumas coisas.

Ela disse que a prosódia poderia resolver esse tipo de conflito e essas possíveis interpretações. Concordo totalmente, mas e se for somente um texto escrito sem falantes?

Numa leitura nossa de um texto, se esses recursos estivessem presentes como seria? Claro que o contexto ajudaria, mas será que ao vermos essas frases sem contexto e sem ninguém falando, como resolveríamos isso?

Admitiríamos ambas as interpretações?

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Olha Eduardo, sobre sua questão fiquei pensando no texto teatral: alguns textos possuem rubricas que contextualizam indicando intenções ou possíveis locais de ação, outros textos não. Mas tanto um texto quanto o outro quando montados por grupos diferentes aparecem com interpretações/leituras muito distintas. Logo, considero que o contexto pode nortear, até mesmo ter papel crucial, mas não resolve todos os problemas. Gosto da ideia da amiga Fabia colocada nesse mesmo tópico

"Acho, em primeiro lugar, que ambiguidade e contexto sempre estarão, de alguma forma, relacionados."

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Quanto a admitir ambas as interpretações acredito que isso seja caso a caso. Como vimos na questão do bolo não há uma fórmula única que abarque todos os tipos de bolo, logo, não acredito que deva haver uma fórmula de entender um ou dois casos partindo de um sintagma.

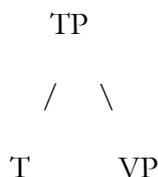
Acho que é isso.

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Eu acho que "com pregos" não é argumento do verbo, o argumento é "aquela parede". "Com pregos" seria um adjunto adverbial de instrumento, talvez, e acho que a professora os chamou (os adjuntos) de complementos, se não me engano. O esquema seria: [[Vamos pintar [aquela parede]] [com pregos]]. Agora, se os pregos fizerem parte da parede, o termo está ligado ao argumento interno, ou seja, faz parte do sintagma verbal [Vamos pintar [aquela parede com pregos]].

Bruna Bassette – Turma 131

Leandro, eu acho que a representação arbórea seria essa: (ok, é estranho fazer isso no computador...)



-mos / \

(Vamos) Ø V'

 / \

 V DN

 pintar Δ

[aquela parede com pregos]

Bruna Bassette – Turma 131

Analisando as sentenças labirintos tive a percepção de que não se tratam de sentenças ambíguas.

Acredito que elas possuem mais de uma interpretação e não sentidos.

As frases estão construídas adequadamente no plano da sintaxe, assim como não existe o uso "incorreto" do ajuento adverbial.

Suponho que as frases foram colocadas para que discutíssemos a linearidade na estruturação da sentença.

A estruturação pode nos levar a realizar certas exclusões de sentidos, mas isso não se deve a sintaxe, fazemos as exclusões no nível da semântica, não aceitamos que a parede possa ser pintada com pregos. Porém, na estrutura da frase isso seria aceito, não é uma frase agramatical.

Não sei se minha percepção está correta (pode estar completamente errada), alguém mais teve a mesma idéia?

Criei este tópico separado pois surgiu uma faísca de discussão sobre a "ambiguidade" no tópico sobre recursividade e achei boa a ideia da Raquel de abrir um outro, queria discutir este assunto.

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

Eu acho que a frase com os pregos até permite que encontremos o sentido "correto", já que é estranho pintar com pregos (pregos não seriam instrumento de pintura). Mas, a meu ver, a frase, por exemplo, "O homem bateu na velhinha com a bengala" é ambígua, porque as duas interpretações são também semântica e pragmaticamente possíveis, ou seja, só pode haver exclusão se tivermos o contexto ou se houver uma estruturação sintática inequívoca (ex.: "O homem bateu com a bengala na velhinha" ou "Foi na velhinha com a bengala que o homem bateu").

Bruna Bassette – Turma 131

O problema com essa terminologia "ambiguidade" no caso das sentenças labirinto ainda não é exatamente claro para mim. Eu sei que dizer que uma sentença é ambígua é um termo forte para denominá-la, mas, ouvindo assim, eu entendo que isso quer expressar que a sentença, fora de um contexto, pode suscitar no ouvindo/leitor, pelo menos, dois sentidos diferentes.

O Rafael diferenciou aqui dois sentidos de duas interpretações. Eu adoraria entender isso um pouco melhor, porque aqui estou usando sentido justamente no seu uso mais trivial mesmo.

No capítulo Sintaxe: explorando a estrutura da sentença, do livro Introdução à Linguística (II. Princípios de Análise), as professoras Negrão, Scher e Viotti chamaram esse fenômeno das sentenças labirinto de "ambiguidades estruturais" sem nenhum pudor.

Por mais que essa terminologia ainda não me soe realmente estranha, eu consigo entender o porquê de a terminologia "sentenças labirinto" ser mais adequada e até mais indicativa de um caminho a ser percorrido, voltarei nisso daqui alguns instantes.

Voltando ao capítulo, o que ele nos propõe é que as sentenças labirinto podem ser entendidas fora de um contexto (o que é o objetivo da investigação da sintaxe aqui) se alguns testes (inclusive vimos alguns deles em aula) forem feitos. No exemplo que já foi citado, "O homem bateu na velhinha com a bengala", podemos realizar o processo de topicalização: [Com a bengala], o homem bateu na velhinha; [Na velhinha com a bengala], o homem bateu. Também é possível utilizarmos da clivagem, que a Bruna já citou em seu exemplo: Foi [na velhinha com a bengala] que o homem bateu. Fora isso, há também a passivização, fragmento de sentença, etc.

O mais legal dessas sentenças ao meu ver, é que ela nos evidencia não só que aí há a possibilidade de a sentença apresentar duas estruturas sintáticas diferentes, como disseram as professoras em seu capítulo, mas também nos

evidencia muito claramente a hierarquia dos constituintes e o tipo de movimento que esses constituintes são capazes de fazer.

Aqui, temos:

[O homem [bateu [na velhinha com a bengala]]]

ou [O homem [bateu [na velhinha [com a bengala]]]]

Volto então à minha questão da adequação da terminologia. "Sentenças labirinto" me parece mais adequado já que olhando para essas estruturas acima elas sugerem que há um caminho a ser seguido para chegar a um "sentido" ou a uma interpretação.

Ps.: "Sentenças labirinto" é uma tentativa de tradução do inglês "garden-path":

"Os ingleses são famosos pelas suas habilidades na jardinagem, pelo trato com arbustos e toda uma trilha que é construída ao longo do jardim de casa com pedras e troncos, de modo a fazer o visitante passear por todo o jardim até chegar a um banco ou um caramanchão. O objetivo é o banco, mas antes é necessário conhecer cada flor do jardim. Do mesmo modo, é necessário entender a frase para obter o seu significado." (<http://demetriussurdi.blogspot.com/2009/11/o-efeito-labirinto-da-lingua.html>)

Thaís Vidal Fetka e Silva – Turma 131

Concordo com a Bruna sobre a ambiguidade dessa última frase (o homem bateu na velhinha com a bengala) e creio que essa ambiguidade se deve ao modo de estruturação da sentença, que não deixa claro se "com a bengala", faz parte do sintagma "velhinha com a bengala" ou se ele na verdade é adjunto adverbial do verbo bater. Concordo que esse problema de duplicidade de sentido só seria resolvido se houvesse um contexto ou se a frase estivesse estruturada de outra forma, que permitisse apenas uma interpretação.

Mauricio Felipe Clemente – Turma 131

O_efeito_Labirinto_alem_da_Sintaxe_-_eliminando_a_ambiguidade.pdf

Pergunta: esse fórum não deveria estar no Tópico III?

Deixo aqui um texto que encontrei na internet. Não sei, de repente pode ser interessante (ou não).

Thaís Vidal Fetka e Silva – Turma 131

Bruna, quando você falou em 'interpretação semântica possível', você quer dizer concebíveis, no sentido de serem normais/aceitáveis/etc? Por exemplo, você quis dizer que encontramos o sentido "correto" da frase 'Vamos pintar aquela parede com pregos' por ser impossível pintar uma parede utilizando pregos, é isso? Queria confirmar só pra fazer um 'gancho' no seu raciocínio.

Realmente, é bem improvável que quem enunciou tal frase quis dizer 'pintar aquela parede utilizando pregos'. Mas pensando por outro lado, deixando a semântica um pouco de lado (não sei nem se podemos fazer isso, mas enfim) e concentrando apenas na estrutura sintática da oração: a estrutura dessa sentença permite que a entendamos de duas formas, tanto quanto as outras, por mais improvável que uma dessas interpretações seja. Mesmo que achemos muito estranho pintar uma parede utilizando pregos: [Vamos [pintar [aquela parede] com pregos]], essa ideia também é transmitida por um dos 'caminhos' possíveis de interpretação da sentença. Então, contexto semântico à parte, estruturalmente, acredito que essa sentença seja tão "labiríntica" quanto as outras.

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

Oi, Marcella.

Eu disse isso para me referir à colocação do Rafael, que copio aqui: "A estruturação pode nos levar a realizar certas exclusões de sentidos, mas isso não se deve a sintaxe, fazemos as exclusões no nível da semântica, não aceitamos que a parede possa ser pintada com pregos."

Assim, meu ponto é que em alguns casos até conseguimos fazer essas exclusões e chegar a um único sentido realizável/possível, mas nem sempre isso ocorre. Por isso afirmo que acho que as frases labirinto são ambíguas (ou estruturalmente ambíguas, como pontuou a colega), porque permitem sempre dois entendimentos (realizáveis ou não), sendo gramaticais.

Bruna Bassette – Turma 131

Concordo também que a questão da ambiguidade é mais facilmente resolvida quanto se tem o contexto...

Mas como nesse caso da velhinha, os maiores problemas com ambiguidade não estariam envoltos pela colocação do advérbio ou da locução adverbial na sentença? Ficou a dúvida pra mim.

Alysson Nunes – Turma 131

Bruna, você pode me explicar a presença do "vazio" como especificador do VP? Esse "vazio" diz respeito ao papel de sujeito referente à desinência -mos de "vamos"?

Andei procurando na internet um pouco a respeito do sintagma flexional e encontrei uma apostila de sintaxe, elaborada pelo prof. Eduardo Kenedy, da UERJ. O link para a apostila é: http://www.professores.uff.br/eduardo/alunos_arquivos/sintaxe_apostilabasica.pdf E

Em sua página 36, no item 7, ele apresenta os tipos de informações que uma sentença comporta hierarquicamente (lexicais, gramaticais e discursivas).

Tive algumas dúvidas: por que, para a teoria X-barra, o sintagma funcional flexional está um nível acima de, por exemplo, um sintagma verbal? A flexão nominal também vale para este tipo de projeção, se pensarmos num sistema nominal como [os meninos]?

Se há essa projeção, como se pode pensar na marcação de plural para

a. Os menino fizeram a lição

b. Os menino fez a lição

- e é possível chegar a uma hipótese sobre o fato de ser agramatical um sintagma como * [O meninos]?

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

Leandro,

O sujeito não é fonologicamente realizado (ele está apenas na desinência do verbo), por isso não há um sintagma a ser colocado no espec. de VP. É um sujeito nulo.

O sintagma flexional está no campo de tempo/modo (e núm. e pessoa, para o port.), e é ele que situa o verbo. Pintar (como é representado o verbo em P) não nos diz nada, mas pinte e pintarei, sim. A flexão é que é o núcleo, na verdade, não o verbo em si. Assim, essas desinências não estão em VP, mas hierarquicamente superiores.

Há 3 domínios (como vc apontou): o discursivo, de CP (periferia esquerda); o flexional, de TP (ativa concordância); e o temático, de VP (argumentos). CP está acima de TP que está acima de VP. Acho que esqueci de colocar na minha árvore, mas o espec. de VP se move para espec. de TP, ativando a concordância (no caso em questão, era nulo). Na hipótese "Os menino fez", o núcleo de DP é o nome, "menino", que ativa a concordância no singular. Com relação à outra possibilidade, "Os menino fizeram", já há um marcador de DP no plural à esquerda do núcleo ativando a concordância e, por isso, evita-se a redundância.

Mas é claro que tudo isso é minha forma de explicar e pode estar confuso - é complicado "se explicar" no computador -, mas espero ter ajudado um pouco.

Bruna Bassette – Turma 131

"Com relação à outra possibilidade, "Os menino fizeram", já há um marcador de DP no plural à esquerda do núcleo ativando a concordância e, por isso, evita-se a redundância."

Como assim "evita-se a redundância"????

Quanto ao resto, obrigada.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Eu pensei exatamente isso Thaís e também acho que o nome de sentença labirinto seja mais adequada.

Também tenho a dúvida em relação a "sentido" e a "interpretação", me parece que são coisas distintas.

Em relação a denominação dada pelas professoras Negrão, Scher e Viotti, suponho que esteja correta. Ficou claro que a ambiguidade está presente nas estruturas, não na interpretação.

Acho que as sentenças labirintos possuem uma sequência linear em sua estruturação. Exatamente por isso existe a possibilidade de mais de uma interpretação para as sentenças.

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

Exatamente Marcella, foi isso que pensei.

A estrutura sintática é "ambigua", ela permite que as duas interpretações sejam feitas.

Levantei a questão da semântica porque, naturalmente, não achamos que a parede possa ser pintadas com pregos (mesmo que isso seja possível, basta trocar o pincel por pregos), excluímos esta interpretação pelo sentido, ou a falta dele. Entretanto, como observamos, tal interpretação é possível sintaticamente.

E acho que podemos fazer análises separando a semântica da sintaxe. Acho que estamos fazendo exatamente isso no curso e agora.

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

Acho que a relação à questão do sentido e da interpretação, não é que se exista realmente uma diferença, mas que o sentido deriva da interpretação. O sentido deriva da ação de interpretar.

Na questão da ambiguidade, com relação à frase do prego, concordo. Em sua estrutura, ela pode até ser ambígua, mas, influenciados pelo contexto, não vamos pensar ser possível pintar uma parede com o prego, é claro. Mas aí partimos do pressuposto de que é possível analisar a frase somente pelas estruturas gramaticais. Na sua estrutura sintática, ela é ambígua mas, na semântica, não.

Maria Julia Alves Garcia Montero – Turma 131

Concordo com a Maria Julia.

Se pergarmos o significado da palavra interpretação, encontramos: "ato ou efeito de interpretar", "explicação detalhada do texto", "arte e técnica de interpretar".

No entanto, descobrimos que o texto apenas não dá conta da interpretação, e precisamos levar em consideração fatores além texto. No caso, de a parede com pregos, a interpretação que elimina a noção de ambiguidade está ancorada na prosódia.

Renata Guerra Machado – Turma 131

Concordo com a Thaís de que usar o termo "sentenças labirinto" é mais adequado do que simplesmente falar que elas são ambíguas. Os exemplos dados são propositalmente ambíguos para podermos analisá-los e discutí-los, mas como a professora comentou na aula que assisti, geralmente as sentenças "ambíguas" não são propositais, a pessoa que fala pensa em apenas um sentido quando as diz, na interpretação ela pode adquirir novos sentidos, mas não foi intencional. Quando a sentença é gerada com consciência de que ela poderá adquirir mais de um sentido, aí sim, creio ser mais adequado usar "ambígua".

Queria comentar uma coisa que achei no mínimo curiosa sobre a frase que fala de pintar a parede com pregos. A primeira coisa que veio na minha cabeça quando li a frase foi algo como "desenhar pregos na parede", e só depois pensei nos sentidos que foram mais abordados pela maioria dos colegas, como o de "pintar a parede na qual existem pregos" e o de "pintar a parede usando pregos".

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Dáí, entramos na possibilidade de se pintar uma parede usando pregos para fazer uma obra de arte. Quantas obras de arte não vemos sendo feitas com coisas "impossíveis" de serem aplicadas numa tela/parede/instalação? Quanto à língua, quantas vezes não fazemos construções que, sem analisá-las, soam estranhas até à pessoa mais alheia possível?

Como gosto tudo muito claro e objetivo (já deu para perceber, não?), quando me deparo com ambiguidades como essas, costumo trocar as preposições ou conjunções por verbos ou algo que possa desfazê-las.

Por exemplo:

A velha espancou o menino com bolsa.

Pode ser que ela o espancou com uma bolsa ou que ele tinha uma bolsa no momento em que ela o espancou.

Para desfazer, faço:

A velha espancou, com a bolsa dela, o menino.

[ou algo parecido]

O problema é: e quando não dá para fazer tais "artimanhas" (quando não dá para resolver a ambiguidade com a troca de lugar dos sintagmas)? Separamos as sentenças com pontos finais? Travessões? Reescrevemos tudo? Rasgamos a folha e jogamos no lixo?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Boa Tarde pessoal!

Bom eu acho que a frase : b - O juiz julgou aquele réu culpado inocente.É um pouco estranha, como se nesta frase, sempre tem que ter uma vírgula para a separação dos blocos. Não sei esses complementos tão próximos de réu tornam-se um pouco confusos.

No caso da frase c - O juiz julgou inocente aquele réu culpado a frase é "ambígua" para mim.

Pois, neste caso, o juiz que é inocente (em um sentido mais de adjetivo) e o mesmo julgou o réu culpado. Talvez pela a proximidade de juiz com inocente.

Por favor vejam se é possível este pensamento.

Abraços

Aline Maya Gramaglio – Turma 113

Na minha opinião, a oração "O juiz declarou aquele réu culpado inocente" não é ambígua, embora talvez precise de uma melhor pontuação.

Interpreto essa sentença ligando a palavra "culpado" a "réu", como adjunto adnominal, e "Inocente" a "declarou", uma vez que, para esta aplicação do verbo declarar, consigo enxergar uma valência dupla: alguém declara alguém alguma coisa (formulei de maneira bem simplificada e sem a possibilidade de entonação que gostaria, mas enfim).

Não sei se é possível dizer isso, uma vez que a gramática tradicional postula que um verbo não pode ter dois objetos diretos ou dois indiretos, mas apenas um direto e um indireto para o caso de verbos com dupla valência, mas tenho a sensação de que "inocente", assim como a Maitê disse logo acima, é complemento do verbo declarar.

Carolina Carbonari – Turma 113

Referente a primeira pergunta, não diria que há uma sentença inaceitável, mas que uma das sentenças causa um certo estranhamento, vemos isso em B. Talvez se a sentença tivesse uma vírgula esse estranhamento não existiria. por esse motivo acho que ela é uma sentença plenamente aceitável, mas que necessita de uma pontuação.

Pensando na segunda pergunta, não vejo ambiguidade em nenhuma das sentenças tanto a sentença A quanto a sentença C, deixam claro o que elas querem dizer. E o estranhamento da sentença B não traz para ela uma ambiguidade.

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Não consigo ver ambiguidade na sentença C.

O juiz julgou inocente aquele réu culpado.

Temos aí um juiz que julgou um réu que era culpado como inocente. Agora tentando separar isso em blocos acho que fica assim:

O juiz julgou [inocente[aquele réu[culpado]]].

Acho que é isso.

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Kellen, a ambiguidade surge com a segunda interpretação para essa sentença com:

O juiz inocente (aqui, o juiz julgou de forma inocente, inocentemente) o réu culpado.

"Inocente" apareceria adjetivando o juiz.

Sim?

Beijo!

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

Pessoal,

Ao longo da discussão surgiram interpretações diferentes das que eu havia pensado ao propor o problema! Vou usar o teste de substituição por pronome sugerido pelo Rodrigo mais acima para explicitar a ambiguidade que eu interpreto nos exemplos:

a. O juiz julgou aquele réu culpado

= O juiz julgou-o OU

O juiz julgou-o culpado

b. O juiz julgou aquele réu culpado inocente

= O juiz julgou-o inocente

c. O juiz julgou inocente aquele réu culpado

= O juiz julgou-o inocente

O mesmo pode ser expresso por chaves:

a. O juiz julgou aquele réu culpado

O juiz julgou [aquele réu culpado] OU

O juiz julgou [aquele réu] [culpado]

b. O juiz julgou aquele réu culpado inocente

O juiz julgou [aquele réu culpado] [inocente]

c. O juiz julgou inocente aquele réu culpado

O juiz julgou [inocente] [aquele réu culpado]

Notem que, se a primeira interpretação de (a) - O juiz julgou [aquele réu culpado] - não fosse possível, nem (b) nem (c) seriam possíveis...

No Novo Manual de Sintaxe (Miotto 2004) há uma discussão sobre este caso. Dêem uma olhada lá; mas falaremos disso numa aula próxima, também.

Abraços

MC

Maria Clara Paixao de Sousa

Oi pessoal,

Concordo com o que foi dito anteriormente que a frase a é ambígua, e como colocado pela profa., parece ter duas interpretações para ela: ou “aquele réu” e “culpado” estariam na mesma chave ([aquele réu culpado]) ou em chaves separadas ([aquele réu] [culpado]). Experimentei aplicar nesta e na frase "O juiz declarou o réu culpado" alguns “testes de constituência”, mencionados no resumo da aula 6 e também no texto da profa. Márcia de Oliveira (p.58):

Topicalização:

(1)Culpado, o juiz julgou aquele réu.

(2)Aquele réu culpado, o juiz julgou.

(3)Culpado, o juiz declarou o réu.

(4)? O réu culpado, o juiz declarou.

(5)O réu, o juiz declarou culpado.

Clivagem:

(6)É culpado que o juiz julgou aquele réu.

(7)É aquele réu culpado que o juiz julgou.

(8)É culpado que o juiz declarou o réu.

(9)?É o réu culpado que o juiz declarou.

(10)É o réu que o juiz declarou culpado.

Passiva:

(11)Aquele réu foi julgado culpado pelo juiz.

(12)Aquele réu culpado foi julgado pelo juiz.

(13)O réu foi declarado culpado pelo juiz.

(14)?O réu culpado foi declarado pelo juiz.

Não tenho certeza se o uso de “?” está certo ou não, ou se as orações 1 e 6 podem ser "aceitáveis" ou não (acho que acabaram soando um pouco estranhas), corrijam-me se estiver errada.

Achei interessante que a frase com o verbo “julgar” soa ambígua e a outra, não. Acredito que talvez isso se deve ao fato de “culpado” estar fortemente ligado a “declarar” e não poderia fazer parte de um mesmo bloco com “réu”, e, se fosse o caso, pareceria que estaria faltando alguma coisa na frase, como nas orações 4, 9 e 14. Quanto ao verbo “julgar”, acredito que é possível dizer apenas “O juiz julgou aquele réu”, e “culpado”, neste caso, é menos dependente do que com sua relação com o verbo “declarar”, ou poderia até mesmo ser independente de “julgou”, que acabaria por formar [réu culpado]. Seria, então, a escolha do verbo e a relação com “culpado” que poderiam levar à ambiguidade neste caso, talvez?

Espero não ter sido um pouco confusa demais ao tentar expor o que pensei sobre isso.

Renata Kaoru Nakane – Turma 113

Sobre a questão colocada pelo Eduardo:

Primeiramente, se a pessoa quer que o seu texto seja compreendido, dificilmente escreverá esse tipo de frase nessa situação citada. Mas, se isso acontecer, acredito que o leitor nem irá refletir sobre o sentido da frase e automaticamente interpretará da forma que lhe faz mais sentido.

Eu lancei as frases "o policial bateu na velha com a bengala" e "João encontrou Pedro com seu cachorro" para uma amiga que está por fora da nossa discussão e ela rapidamente admitiu apenas uma interpretação: o policial usou a bengala para bater na velha e o cachorro era do Pedro.

Natalia Felix Nery Santana – Turma 113

Realmente eu acho que seja isso Hugo.

Creio ser mais uma questão sintática do que semântica, pois precisamos saber somente onde [de muletas] está adjungido. De quem ele é adjunto. Se de João ou de sala.

Obrigado

Abraço

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

Aline,

continuo sem entender, para mim ambiguidade é quando uma só frase pode ter duas árvores distintas, duas estruturas, que na verdade acabam esclarecendo a ambiguidade inicial (presente na forma de superfície). Mas duas frases distintas podem apresentar a mesma estrutura, ou mesmo várias frases distintas podem apresentar a mesma estrutura. Ou estou enganada?

Gisele da Silva – Turma 111

Em: O juiz julgou aquela ré culpada, substituindo ré por mulher temos: O juiz julgou aquela mulher culpada. Julgamento do juiz - culpada, assim a mulher tornou-se ré. Num segundo momento a ré sofreu outro julgamento que a declarou novamente culpada - O juiz julgou aquela ré culpada. A situação permite a possibilidade da ambiguidade porque há dois julgamentos distintos para a mesma pessoa e em ré está embutido o valor de culpada. {O juiz julgou aquela mulher culpada - penso que não há ambiguidade}

Já em: O juiz encontrou a filha chupando pirulito. O juiz praticou uma ação - a de encontrar a filha e a filha pratica ação de chupar pirulito, no momento do encontro. Não consigo enxergar ambiguidade nestas orações.

Mas em: João entrou na sala de muleta, talvez, outro recurso para destacar que é na sala que contém muletas que João entrou - está na entonação que é dada para a sala de muleta. Também não acho que há ambiguidade quando se diz: João entrou na sala de muleta, diferentemente de: João entrou na sala de muletas.

Tieko Akita – Turma 111

Gisele,

“para mim ambiguidade é quando uma só frase pode ter duas árvores distintas”. Acredito que não, são duas frases embora com a mesma forma de superfície, assim algum dos termos assumiria um papel diferente na frase. Lembre da sentença “O juiz julgou aquela ré culpada”, o AdJP [culpada] do entrar como complemento de ré (adjetivando-a) ou estar como adjunto do VP [julgou aquela ré], acrescentando uma informação. Suponho que sejam duas árvores distintas (forma profunda), com dois sentidos distintos, apresentando uma única forma de superfície, essas formas coincidem. O que mostrará que há duas frases é a representação arbórea.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Gisele, entendo que o termo "ambiguidade" diga respeito à semântica, algo que não está em questão nesta proposta de estudo da sintaxe. O que há em uma frase que aparenta ter interpretações diferentes são estruturas diferentes compostas por sintagmas distintos, mas intrincadas em uma mesma sentença. Essas estruturas labirínticas, porque aceitam diversos caminhos, só são perceptíveis ou no nível da análise ou no nível do sentido, mas o modelo adotado foca na estrutura, que é muito clara, e não ambígua.

Daniela Souza de Urquidi – Turma 111

Sobre a questão de ambiguidade que se dá no campo semântico, um exemplo seria a frase "O cachorro do meu vizinho é barulhento." A ambiguidade acontece na questão de que o predicativo qualifica ou o "vizinho" ou o "cachorro".

Esta seria uma análise mais semântica, pois mesmo se executarmos uma leitura pausada, ou recorrermos a topicalização a ambiguidade não será desfeita. Ou mesmo se montássemos a árvore sintática.

Essa questão surge porque essa é uma ambiguidade capiciosa. Uma vez que a dúvida é se eu estou ofendendo o meu vizinho chamando-o de cachorro, ou se estou realmente me referindo ao animal que ele cria.

Hugo Santos de Godoy – Turma 111

Na verdade, acho que a ambiguidade aqui é que "vizinho" é com Z, não com S.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Interessante, no caso a ambiguidade está dentro do DP - o cachorro do meu vizinho. eu acho que a questão é se o núcleo é cachorro ou vizinho. Se os núcleos são diferentes então as árvores sintáticas seriam diferentes também, porque haveriam palavras distintas ocupando esta posição. Acho que se o núcleo for vizinho, então o que está sendo dito em "o cachorro do meu vizinho" é na verdade "meu vizinho, que é um cachorro, é barulhento".

(uma opção sem esta ambiguidade seria: o cachorro da minha vizinha é barulhento)

Vou tentar fazer as árvores sintáticas e depois eu posto ^^

José Eduardo da Silva – Turma 111

Se você entendeu o que ele quis dizer com vizinho, então não houve ambiguidade

José Eduardo da Silva – Turma 111

Ah, você me entendeu, José!

Agora, no final das contas, o único problema dessa frase do cachorro é que a partícula "do" pode ser tanto genitiva de posse (algo ser de alguém), quanto referencial enquanto participação de uma propriedade. E uma outra forma de pensar é justamente pela noção de núcleos que o José mostrou há pouco.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Tieko Akita, boa noite!

Na frase, O juiz encontrou a filha chupando pirulito, vejo dois significados diferentes:

- a) O juiz encontrou a filha e ele estava chupando pirulito;
- b) O juiz encontrou a filha que estava chupando pirulito.

É possível apreender esses dois sentidos se efetuarmos o teste da topicalização, por exemplo, que envolve movimento de constituintes conforme salientou a nossa colega Mariana Araujo Braga. Assim, teremos:

- a) Chupando pirulito, o juiz encontrou a filha;
- b) A filha chupando pirulito, o juiz encontrou.

Além de resolver o problema dessa sentença topicalizando, esse é um dos casos onde a prosódia delimita o significado e não deixa ocorrer ambigüidade.

Talvez, não tenho ficado tão claro para você porque, conforme informou a nossa colega Dayana Cristina Domingos da Silva, “a interpretação mais provável é a de que a filha estava chupando pirulito, e não o seu pai que é um juiz”. Pois, “fica meio estranho pensar em um juiz chupando pirulito, embora seja super possível”.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Pessoal,

Peço licença para retomar algumas questões levantadas neste fórum que não ficaram com uma resposta clara pra mim. Talvez seria bom para tentarmos encontrar alguma solução final, ou para buscarmos o help da professora.

1) Semântica ou pragmática:

Frase levantada pela Aline e depois pela Heloísa:

*O João bebeu o carro (sintaticamente possível e semanticamente não-possível).

Resposta do Pedro:

“A professora disse na última aula que o problema em "João bebeu o carro" não é da ordem da Semântica, posto que consigamos compreender o significado, mas, sim, da Pragmática, que seria o campo mais adequado para jogarmos todas as verossimilhanças e inverossimilhanças frasais. O exemplo de Alexander sobre a sala usar ou deixar de usar muletas é o mesmo caso. Semântica é produção e recepção de significados; muito diferente da Pragmática, que seria a parte da verificação de significados.”

Mas lembremos da explicação do Miotto, p. 54:

“Uma propriedade definitória das classes lexicais é a capacidade que seus membros tem de selecionar semanticamente (s-selecionar) seus argumentos (...) Se beber (...) toma como argumento o suco, como o que bebe, e o carro, como o que é bebido, vamos ter uma completa inadequação: o suco não tem propriedades compatíveis com a semântica do bebedor, também o carro não com aquilo que pode ser bebido”.

Apesar da explicação do Pedro ter me convencido, essa frase afinal, é semanticamente impossível, ou pragmaticamente impossível? Será que não é dos dois campos?

2) Essa citação do Miotto p. 54, também retoma a opinião da Aline, e até a confirma, não? Sobre as classes lexicais terem um traço que condicione seus argumentos. Beber projeta um complemento que possa ser bebível.

3) Sobre as metáforas, acho que não tem como serem consideradas ambigüidades, como mencionado pela Dayane. Se fossem, o sentido das metáforas ia estar sempre ligado ao campo semântico do termo, e muitas vezes, metáforas extrapolam este campo, ou seja, nem sempre o significado das metáforas está ligado ao que o termo pode representar. Isso é um pouco parecido com a explicação que o Pedro deu sobre metáforas?

4) Sobre ambigüidade: “é quando uma só frase pode ter duas árvores distintas”, como as meninas mencionaram no começo. Eu também acho que é algo como isso, mas seria isso mesmo? O Daniel estava com uma dúvida sobre o que a profa. quis dizer sobre ambigüidade. Acho que o que ela quis dizer sobre na sintaxe “não haver ambigüidade”, é que todos os sentidos que uma frase pode assumir são igualmente válidos para a sintaxe, que a pluralidade não implica em comprometimento.

5) LF e SS: A questão sobre ambigüidade puxou a dúvida da Heloísa sobre o excerto:

“A ambigüidade se forma porque PF interpreta duas estruturas da mesma maneira. Mas os dois sentidos se mantêm porque LF interpreta duas SSs distintas.”

Logo 1PF --> 2LF --> 2SS

Acho que ele só disse isso para criar a idéia de hierarquia entre os níveis S's e os F's, porque, depois disso, o Mioto continua:

“Seria no mínimo complicado sustentar que LF interpreta uma única PF de duas maneiras diferentes.” Logo, não é PF <-- 2LF (inverti a setinha)

Bom, não sei se isso ajuda muito, mas, também pelo Mioto na p. 67 do capítulo sobre a X barra, parece que na passagem de todos estes níveis de um para o outro há movimentos. O DS seria onde todos esses movimentos estão desfeitos. SS seria para onde os termos podem se mover, as possibilidades de realização. LF já seria uma forma cristalizada de um movimento para interpretar a SS (e essa forma cristalizada, mesmo em uma única estrutura, pode indicar dois significados). O PF seria só a forma de organização dos fones. Pelo menos foi o que eu entendi.

Desculpe se eu citei o nome de alguém errado, se troquei ou inverti!

Bom fds!

Beatriz Marina Agnelli – Turma 111

Sobre testes/evidências para a estrutura de constituintes:

Lendo "Análise sintática do Português falado no Brasil" de Márcia S. Duarte de Lima ela enumera as evidências para a estrutura de constituintes em:

- topicalização
- clivagem
- deslocamento para posição final
- passivização
- pronominalização
- elipse
- ambiguidade estrutural

O teste de pronominalização já foi explicado pela professora Maria Clara. As proformas só substituem constituintes sintáticos. (NEGRÃO, Scher & Viotti - 2003:91)

Os alunos(Eles) fizeram todos os exercícios(os).

sujeito: os alunos substituído pelo pronome reto eles.

Objeto direto: todos os exercícios substituído pelo pronome oblíquo os.

O teste de pronominalização nos deu o tamanho dos constituintes.

O teste de passivização para verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, permite que o objeto direto sofra movimento. Também cabe lembrar que o objeto direto e o objeto indireto sempre podem mudar de lugar.

A mulher tem medo de barata.

Supondo: medo - objeto direto

de barata - objeto indireto???

Fazendo a passivização

Medo é tido pela mulher de barata. (Incorreto)

Medo de barata é tido pela mulher.

medo de barata tem que ficar junto, mesmo constituinte, logo não pode ser objeto indireto.

O teste de passivização nos permitiu determinar o tamanho de um constituinte.

Debora Valery Ruiz – Turma 111

Caramba, estou recuperando o fôlego depois de ler os 47 posts. Espero conseguir ainda colaborar de alguma forma.

Um dos itens da discussão que me deixou bem intrigada foi aquele exemplo: "O juiz encontrou a filha chupando pirulito."

De início, achei engraçado. Fiquei pensando que o fato de a maioria de nós dar por certo que era a filha quem estava chupando o pirulito, embora pudéssemos até considerar a possibilidade de ser o juiz, fosse uma questão cultural, um tipo de preconceito. Algo como: um juiz é uma pessoa séria e não chupa pirulitos. Lembrei daquela música do Chico Buarque (que a Adriana Partimpim também canta), a Ciranda da bailarina:

"Procurando bem todo mundo tem pereba,

Marca de bexiga ou vacina

E tem piriri, tem lombriga, tem ameiba

Só a bailarina que não tem

E não tem coceira, verruga, nem frieira
Nem falta de maneira ela não tem [...]"

Transferindo a questão pro Juiz:

...mesmo um adulto às vezes chupa pirulito

baba na camisa

engasga com apito

mas com um juiz nunca é assim...

No entanto, depois percebi que a coisa era mais complexa. Comecei a substituir "Juiz" e "filha":

P. ex: A menina encontrou o irmão chupando pirulito. O síndico encontrou o porteiro chupando pirulito. Etc.

E por fim resolvi experimentar trocar "juiz" e "filha" de lugar:

A filha encontrou o juiz chupando pirulito.

Então fiquei surpresa. Na sentença acima, parece (ao menos para mim) mais forte a interpretação de que quem estava chupando o pirulito era... o juiz...

E agora? Como fica isso? O que mais está interferindo aqui? É a ordem? É o núcleo (V) "encontrar"? É uma questão semântica que diz respeito à interação entre os dois verbos (tipo uma reação química semântica)?

Alguém tem uma luz?

Betina Leme – Turma 111

Observei os colchetes que a Thaís propôs sobre a frase "O homem bateu na velhinha com a bengala" e discordo da disposição feita pela colega.

Thaís propôs:

[O homem [bateu [na velhinha com a bengala]]]

ou [O homem [bateu [na velhinha [com a bengala]]]]

No meu entendimento, a disposição dos sintagmas deveria ser a seguinte:

[O homem] [bateu [na velhinha [com a bengala]]] - a velha possui a bengala

[O homem] [bateu [na velhinha] [com a bengala]] - a bengala é instrumento

A construção das árvores indicaria hierarquias bem distintas no caso das orações. Enquanto que na primeira "com a bengala" é mais um encaixe do sintagma nominal que representa, na gramática tradicional, o objeto direto do verbo "bater", ou seja, o complemento deste verbo, na segunda oração "com a bengala" seria um adjunto deste mesmo verbo, de nível hierárquico não subordinado a "na velhinha", mas não indispensável para a estrutura sintática.

Quando eu digo que o termo não é indispensável na estrutura sintática, vale ressaltar que isso não diz respeito de maneira nenhuma à semântica, já que cada outra informação aparece em um enunciado por um motivo bem específico, que varia muito e dicilmente é substituível.

Pensando agora no que as colegas discutiram sobre a percepção de um falante alheio ao assunto sobre as orações "ambíguas" ou "labirinto" (embora compreenda as noções, não vejo diferença entre os termos), acho que esta primeira interpretação, a mais automática e que tem indícios de se repetir entre os falantes, está ligada ao campo semântico predominante no significado da ação verbal.

Francine Cavalcante Alves – Turma 131

No entanto, descobrimos que o texto apenas não dá conta da interpretação, e precisamos levar em consideração fatores além texto. No caso, de a parede com pregos, a interpretação que elimina a noção de ambiguidade está ancorada na prosódia.

Renata,

Desculpe-me a ignorância, mas não entendi o que você quis dizer com isso...

Como já foi dito, vejo que a ambiguidade dessa sentença (Vamos pintar aquela parede com pregos?) é desfeita pela semântica, e mais ainda, pela pragmática, pois "pregos" não podem ser o instrumento da pintura.

Não vejo como a prosódia poderia desfazer a ambiguidade. Mesmo que fosse uma frase afirmativa (o que a diferenciaria prosodicamente da frase interrogativa), o sentido mais "normal" pra mim seria que a parede a ser pintada contém pregos, e não que vai ser pintado com eles (como instrumento).

Karina Oliveira – Turma 131

Alysson,

Pelo que entendi, é justamente a colocação desses constituintes (acessórios), que nos casos tratados seriam adjuntos e complementos nominais (está correto? eu me atrapalho com as denominações da GT), que geram a ambiguidade.

Depois que a professora explicou melhor a estruturação das árvores pela Teoria X-barras (ou X'), eu compreendi que a ambiguidade se dá por esses elementos poderem ser entendidos na "zona do maldito" (haha), que é a zona das projeções intermediárias, ou na zona da projeção máxima, ligada diretamente ao núcleo (X) do sintagma.

Eu sou péssima com programas de computador, então se alguém se dispuser em explicar isso montando as árvores, eu agradeço. =]

E, me corrijam também, por favor, se eu tiver dito algo errado, pois isso tudo é muito novo pra mim (vi que tem gente na sala que já está mais familiarizado com essa teoria, ou estou enganada?).

Karina Oliveira – Turma 131

Francine,

Nas árvores, no primeiro caso (a velha possui a bengala) o sintagma inteiro estaria na projeção máxima, junto com o núcleo, e no segundo caso o constituinte (com a bengala) estaria na projeção intermediária, é isso?

Sei que pode parecer meio óbvio, mas é que eu quero entender bem a construção das árvores...

Karina Oliveira – Turma 131

Também não consegui entender eliminação da ambiguidade por meio da prosódia. É claro que quando o enunciante produz a sentença, ele só quer dizê-la com um sentido, mas o enunciatário pode depreender vários sentidos dessa sentença, e acho que a prosódia não seria a maneira mais fácil de isso acontecer [ou até possível de eliminar a ambiguidade].

Mariana Cristine de Almeida – Turma 131

Bom Rafael, eu concordo com voce e acho, que esse termo "ambiguidade" nem deveria ser usado. Mas já que é colocado desta forma, vamos comentar.

Pragmaticamente, não é possível que pintemos parede com pregos. Não aceitamos a idéia de que uma parede possa ser pintada com pregos e isso é de fato impossível. No plano da sintaxe, como você citou, não há problema. Ela não é uma sentença agramatical também. O que existe mesmo é a questão da semântica, em que o instrumento adequado para pintar parede não é pregos.

O que acontece, é aquilo que foi falado em sala, ou seja, que uma mesma sequência linear de palavras pode apresentar problemas estruturais e tais problemas na estrutura da sentença nos leva a outras interpretações diferentes, além daquela que é posta.

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Raquel! sem o contexto é complicado resolver o problema da ambiguidade, ou da sentença labirinto como queira. Só com a sentença solta, recortada como você mesma apresentou no exemplo, fica complicado resolver e então, se recorre as "artimanhas" da troca dos sintagmas e o acréscimo de algum termo(dela) que apareceu no exemplo apresentado por você, para que se possa realmente entender perguntas que ficam no ar, por exemplo:

Com a bolsa de quem que ela espancou? dela? ou do menino?

ou em outro exemplo:

O policial viu a moça com o binóculo.

Ele estava com o binóculo e a avistou em algum lugar?

ou ele viu que ela portava um binóculo?

O problema parece que é realmente da estrutura, pois se dissermos:

O policial viu a moça com o binóculo, ela o segurava com tanta força: quase quebrou o binóculo.

ou seja, bastou ir além com sentença, que tudo ficou explicado, sem dúvida de quem portava o objeto naquele momento.

Eu acredito que é possível construir sentenças sem deixar tais perguntas no ar.

Outro exemplo:

O homem bateu na velhinha com a bengala.

O homem bateu na velhinha com a bengala, que se apoiou na mesma, para não cair com o soco deferido pelo homem.

Pronto! o homem não usou a bengala para bater e isso se percebeu antes mesmo de eu mencionar que ele tinha deferido um soco contra ela.

bom, é isso, se estou equivocado...pode complementar.....

Mas, Leandro, se você afirmou que "no plano da sintaxe, não há problema", por que a sequência linear "pode apresentar problemas estruturais" que levam a diferentes interpretações?

No meu entendimento, a sentença labirinto possibilita que o receptor faça uma interpretação imediata entre os diferentes sentidos que, sendo proferida, pode ter. Não vejo bem um "problema", quero entender isso melhor. Pois, sintaticamente, a sentença apresenta essa ambiguidade sem ser agramatical. Então, o problema está no nível semântico?

Mas e o caso de o interlocutor querer afirmar que vai pintar a parede utilizando-se de pregos? o que não é, a meu ver, na prática, impossível. No caso, a sentença causa um estranhamento, em que a mesma seria reiterada de forma a reafirmar seu significado: [Sim, vamos pintar aquela parede com pregos].

Raul Barbosa Dias de Lima – Turma 131

Raul,

Eu fiquei imaginando se estranharíamos essa frase vendo uma criança a falando para outra.

Posso estar errada, mas acho que duas crianças travessas poderiam, de fato, tentar pintar uma parede usando pregos.

Se eu não me engano, a professora disse na aula que a questão, nesse caso, é semântica sim, porém mais do que isso, é pragmática, porque não há a possibilidade de os pregos serem o instrumento da pintura, apesar de, como eu disse, conseguir imaginar uma criança falando isso com naturalidade.. (literalmente, imagino a criança pegando um prego, enfiando em um balde de tinta e riscando a parede, como se estivesse pintando).

Por outro lado, como uma colega disse, também passou pela minha cabeça que os pregos seriam desenhados na parede, ou seja, seria uma parede artística, sei lá, como se a pessoa falasse "Vamos pintar aquela parede com flores".

Acho que a questão está mesmo, como disse a Francine, na acepção mais usual que fazemos do verbo, o que faz com que tenhamos a impressão de que uma interpretação é mais correta que as outras.

Karina Oliveira – Turma 131

Pera! Pera! Pera!

Leandro, eu não preciso usar a recursividade para entender o sentido que o falante quis dar a sua mensagem.

Eu não preciso explicar a sentença para tirar a ambiguidade.

Há recursos que fazem o intensional virar extensional (qual é a tradução de extension e intension - denotação e conotação?) sem o uso de recursividade.

Se não tivesse tais ferramentas, todas as frases que tivessem ambiguidade teriam de ser explicadas, o que não é bem por aí.

O exemplo que eu dei pode não ter sido claro para você, mas, com a sintaxe correta, talvez com as árvores explicitando as hierarquias, você possa entender. Já para os leitores leigos, os recursos que temos nas gramáticas são suficientes para demonstrar a semântica que se quis dar à mensagem.

Espero ter esclarecido um pouco...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

É semântica, Raul.

Como eu falei antes, realmente pode ser pintada com pregos se pensarmos em algo artístico. Como forma prática e mais eficaz de se pintar a parede, seria melhor pintá-la com outro instrumento, mas, já que apareceu na sentença, é possível se pensar assim também. Concordo e insisto: dá para pintar a parede com pregos, sim!

Agora, como solucionar? Vamos tentar:

A menina pintou a parede com pregos. (1)

A menina pintou, com pregos, a parede. (2)

A menina pintou a parede de pregos. (3)

Em (1), temos a sentença ambígua. Em (2), com uma simples separação da locução adverbial de circunstância entre vírgulas, podemos ver que ela pintou com os pregos a parede. Já em (3), ao simplesmente trocarmos a conjunção "com" pela preposição "de", podemos perceber que a parede é que tem pregos, não sendo o instrumento utilizado para pintá-la.

Melhorei? (Essa é pra você também, Leandro)

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

<http://ironcreek.net/phpsyntaxtree/?>

Se não for como eu fiz abaixo, peço que façam a árvore correta...

(clique com o botão direito do mouse no quadrado acima e escolha "Abrir imagem em uma nova guia")

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Interessante como podemos desenvolver milhares de interpretações distintas pra algo que parece ter um sentido tão claro.

Reparei que para a maioria das pessoas a idéia de usar pregos para pintar uma parede é totalmente impossível, enquanto eu, já imaginei algo parecido com o que a Karina disse: uma criança, poderia facilmente resolver usar um prego pra pintar. Achei muito interessante a terceira opção apresentada: a de que os pregos seriam desenhos a ser feitos na parede. Pra ver que a nossa imaginação realmente se encarrega de criar um contexto para aquela frase aparentemente absurda.

O mesmo me ocorreu com as possíveis soluções apresentadas pela Raquel ali em cima para acabar com a ambiguidade da frase. Na (3) "A meninda pintou a parede de pregos" eu já comecei a imaginar uma nova ambiguidade: talvez a meninda tivesse pintado uma parede cujo material de construção fosse os pregos, uma parede feita de pregos, e não mais uma parede que contém alguns pregos.

Creio que se abstrairmos cada vez mais o óbvio e o comum conseguimos fazer muitas das frases claras que conhecemos se tornarem ambíguas. Na verdade, nós nem devemos reparar na maioria das frases assim que vemos por aí, porque muita vezes o senso comum sobre aquilo é tão forte que não nos permite ver a ambiguidade.

Me lembro sempre de uma frase que vi num exercício do colégio:

"Grazi pede ao pai para posar na playboy"

Lembro que li mil vezes a frase e não via nenhuma segunda possibilidade de interpretação fora aquela que meu senso comum me induzia rapidamente. Isso acontecia porque eu sabia muito bem como era o contexto, mas, para alguém que não soubesse o que é a revista playboy essa frase se tornaria muito confusa.

É por isso que o falante nem percebe quando cria uma frase com duas interpretações, porque na grande maioria das vezes deixamos que o contexto se encarregue de explicá-la, e ele o faz muito bem.

Julia Garcia – Turma 131

Acho que o que a Renata quis dizer foi simplesmente que, no caso dessas sentenças labirinto, para "selecionar" o que o emissor quis dizer, ou então eliminar um dos sentidos, não é suficiente apenas a leitura. Caso não haja uma reformulação da sentença afim de eliminar a ambiguidade semântica, o único outro jeito de saber a intenção do emissor seria através da enunciação da sentença, observando as pausas e ênfases.

Mas isso seria porque uma sentença enunciada nunca é ambígua, exatamente devido à prosódia. Confere?

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

É muito complicado explicar a ambiguidade de uma sentença quando não temos seu contexto, talvez seja impossível. Mas em alguns casos conseguimos descartar algumas hipóteses que não nos parecem apropriadas nos nossos dias corriqueiros, ou seja, a polissemia que encontramos nas sentenças dadas pela professora são mais relacionadas à formulação dela do que à pragmática em que ela está inserida.

É por esse motivo que concordo com a Bruna quando diz que no exemplo "vamos pintar aquela parede com pregos" não é ambígua, pois o prego, ainda não foi feito de instrumento para pintura. Digo ainda pois vai que surge um pintor modernista que queira revolucionar, vai saber...

Esse negócio de ambiguidade é complicado e não apenas pela recursividade. Os meus textos, quando estava na escola, eram muito ambíguos e não eram relacionados a adjuntos, com apenas um pronome eu conseguia fazer o estrago, por exemplo (bem fictício):

"O ladrão bateu na velhinha com a sua bengala"

quem lia, se perguntava de quem era a bengala.

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

HHHAHAHAHAHAHA... o "sua" ou "seu" é ooooooooooooooooooutra história que foi feita mais para confundir do que para esclarecer...

Você tenta tirar a ambiguidade colocando "tal coisa DELE" e o editor/jornalista não deixa... é complicado!

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Não foi a intenção confundir rs...a intenção foi atentar para outros "problemas" que existem!

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Meu Deus... me sinto da mesma forma Betina, mas fazer o que né...

Primeiramete, tenho que dizer uma coisa! Gostaria muitíssimo que o Moodle tivesse um recurso igual ao do Facebook para expressarmos nossa opinião com um simples "curti" ou "não curti" nos comentários dos tópicos... Tem coisas muito legais que estão me esclarecendo muito sobre a matéria, mas também tem muitas coisas desnecessárias... pronto, falei! perplexo

Bom, quanto à sua dúvida, acho que a ordem influencia sim, mas não é o único fator que influencia na interpretação das formas superficiais. Posso estar equivocada, mas acho ainda que é nosso conhecimento de mundo que determina quais sentenças subjacentes são possíveis semanticamente. Tanto que em tópicos anteriores algumas pessoas não apreendiam as sentenças labirinto como tais.

Nessa frase "O juiz encontrou a filha chupando pirulito", a sintaxe tem duas sentenças adjacentes possíveis, porém para alguns é possível duas interpretações semânticas, e para outros apenas uma, pois realmente quando nos deparamos com essa frase, a primeira coisa que nos vem à cabeça é um juiz (não o de futebol, o da justiça) com seu trajar imponente chupando um pirulito, e logo estranhamos totalmente a sentença, aí podemos ter apenas a interpretação de que era a filha quem chupava o pirulito, ou ainda podemos ter a primeira interpretação dessa forma e, numa segunda leitura, perceber a possibilidade de o juiz chupar pirulitos. De qualquer forma, isso não impede de que ela seja possível na sintaxe, já que seus constituintes tem significados sintáticos e semânticos que limitam as possibilidades de realização e nesse caso ambos são possíveis, o que já não seria possível na frase: "O juiz encontrou a filha em trabalho de parto". Nessa sentença não temos ambiguidade semântica, nem sentenças adjacentes, já que o juiz não poderia estar em trabalho de parto, não é?!

Bom, acho que é isso, não sei se me fiz clara, mesmo porque fico com a impressão de que não tem mais muita coisa a se dizer.

Abraços a todos e até mais! boca aberta

Cristina Zelinda Soares Minucelli – Turma 111

Oi, Betina!

Realmente, concordo com você : se fizermos a inversão da sentença de "O juiz encontrou a filha chupando pirulito" transformando em "a filha encontrou o juiz chupando pirulito", temos a impressão de que na segunda sentença o juiz estava de fato chupando o pirulito; para explicar o porquê isso acontece eu pensei em duas hipóteses:

1) Talvez porque acabamos informando (inconscientemente) ao nosso cérebro uma nova aceção e, desta forma, queremos confiar de que com esta alteração realmente houve uma assimilação mais recorrente, neste caso, o juiz chupar pirulito.

2) A segunda hipótese pode ser porque o constituinte [chupando pirulito] esteja agora mais próximo do substantivo [juiz] e não próximo de [filha].

Talvez esteja bastante confuso, tenho dificuldades para me expressar claramente... Ainda assim, espero ter contribuído!

Joice Rodrigues – Turma 111

"O juiz encontrou a filha chupando pirulito"

No discurso oral, provavelmente pela entonação, não haveria tantas dúvidas, tanta ambiguidade quanto às que encontramos no texto escrito.

Mas se é justo utilizar a entonação para desfazer ambiguidades, também é mais que justo utilizar a pontuação para desfazê-las no texto escrito?

O juiz encontrou a filha, chupando pirulito.

Chupando pirulito, o juiz encontrou a filha.

Nos é ensinado na escola que essa questão pode ser resolvida aceitando que o constituinte inicialmente ambíguo, como o "chupando pirulito", está relacionado com o elemento mais próximo a ele. Sendo assim, é por isso que para a maioria em um primeiro momento é a filha quem está chupando o pirulito em "O juiz encontrou a filha chupando pirulito"?

É errado pensar dessa maneira, levando em consideração em que o primeiro constituinte realmente se dá pela proximidade?

Marcelo Silva Farias – Turma 111

Bem professora! apesar de ter sido perguntado para a Carolina, vou me entrometer e falar o que acho da ambiguidade ou sentença labirinto que se coloca nesta questão. É possível que façamos duas interpretações, a saber:

que o policial tomou a bengala da velha e bateu nela com a bengala.

ou que o policial ao bater na velha, a mesma estava usando uma bengala, ou se apanhando na bengala enquanto apanhava.

Ocorre é que algumas sequências lineares de palavras podem surgir problemas nas estruturas das sentenças. O que existe aí é uma sequência gramatical hierarquicamente estruturada e que o sentido duplo é um problema da estrutura. Acho que é a questão semântica que acaba tendo um grande peso nestas sentenças, embora pragmaticamente ser possível aceita, pelo menos nesta do policial.

Não sei se é isso, mas foi o que entendi.

Ednaldo Rodrigues Pereira – Turma 113

Caros, dessa discussão toda, me ocorreu que nem sempre o caráter primeiro da linguagem será o do pleno e linear entendimento.

A construção poética, por exemplo, pode em muito se valer dessa ambiguidade como recurso:

“Da casa de Maria no seio,

esticam-se varonis varais.

Serenos fetos adormecem ao meio.

Entre amantes feridas,

promessas paradoxais:

consagradas, mas nem sempre cumpridas.”

Thiago Ferreira de Andrade – Turma 113

Concordo com você, Marcela. Acredito que a Renata se referiu ao fato de, em alguns casos, a prosódia poder tirar ambiguidade, mas acredito que não funcionaria no caso de pintar a parede com pregos.

Lucas Lopes Giron – Turma 131

rsrsrsrr. valeu.....aceito seu argumento, apesar de ainda soar muito estranho alguém pintar uma parede usando pregos, no entanto, como você mesma disse, pensando em algo artístico não seria tão impossível ou mesmo como foi dito em outro comentário, que poderia duas crianças brincando com pregos e usando-os como instrumento, talvez, para pintar um papel ou qualquer outra coisa naquele momento de distração e aí também não é impossível, porém, tudo isso, foge da finalidade primeira e aceitável de que não se deve usar pregos como instrumento para pintar uma parede. Eu sei, que se eu pegar um pedaço de pau ou uma pedra ou até mesmo um prego e "melecar" de tinta e passar na parede é possível, só não é apropriado para atingir meu objetivo de ter uma parede totalmente pintada, ou seja, não é pragmático usar todas essas coisas para pintar parede. É isso, é bom discutir tudo isso, assim, aprendemos uns com os outros. É sempre bom saber que a resposta vem sempre para "somar". Valeu mesmo Raquel!!!!!!!!!!!!!!

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Eu discordo sobre ser impossível pintar a parede utilizando-se pregos como instrumento. Não é uma concatenação comum para o verbo "pintar", acho que nosso "léxico mental" (utilizando uma terminologia do Mioto) estranha que o instrumento pelo qual se realizará a ação seja um prego.

O que achei interessante foi que a preposição "com" seleciona um instrumento (um objeto) e mesmo colocando "prego" que seria uma seleção possível para a preposição achamos estranha a sentença (por isso afirmo que a achamos estranha devido a semântica).

Rafael Henrique de Souza Victório – Turma 131

Concordo com os colegas sobre a segunda interpretação possível no caso da sentença "pintar aquela parede com pregos", pois está sintaticamente correta. Mas, como a professora explicou, a interpretação de que alguém poderia pintar uma parede utilizando pregos seria descartada, não só pela semântica, mas sim pela pragmática, o que nos leva ao contexto cultural, o conhecimento de mundo.

Sei que parece bem repetitivo, mas quis colocar isso, pois, se trabalharmos com hipóteses e que caso "pregos" pudesse ser algum elemento possível para se realizar uma pintura, ou até mesmo uma marca de tintas, que seja, ambas interpretações passariam pelo mesmo problema da sentença do "policial bateu na velhinha com a bengala", ou seja, seria uma questão de reestruturação da sentença ou até mesmo substituição de alguns termos.

Thais de Oliveira Bernardes -

Turma 131

Como a colega apontou mais acima, também concordo que outras interpretações serão possíveis caso analisemos mais profundamente alguma sentença, devido aos vários sentidos que nossa língua permite.

Sentença labirinto me parece mais adequado como termo, também, pois já nos remete a possíveis interpretações diversas. Obrigada aos colegas, ainda tenho dificuldades em relação à terminologia (trauma da GT), mas agora ficou mais claro como funciona as estruturas das sentenças labirinto.

Thais de Oliveira Bernardes – Turma 131

[O homem] [bateu [na velhinha [com a bengala]]]

[O homem] [bateu [na velhinha] [com a bengala]]

Com essa separação de colchetes entre os elementos da frase, fica fácil interpretar a frase e saber o sentido dela. Porém, trata-se de uma oração escrita. E quando se tratar de uma oração falada? Não há como pontuar os colchetes, e assim, a ambiguidade permanece.

Mas reparei que o que colabora com essa ambiguidade seja a preposição "com".

E se dependendo do contexto ela fosse substituída por outra?

Por exemplo:

O homem bateu na velhinha com a bengala.

(aqui, sabemos que o homem cometeu um ato de covardia, utilizando uma bengala para agredir a velhinha, e sabemos que ele o fez COM a bengala)

O homem bateu na velhinha de bengala.

(neste caso, sabemos que o policial bateu na velhinha que possuía uma bengala, pois ela estava DE bengala. E assim, não sabemos como ele bateu nela, se foi com a mão, com um pedaço de pau, com um chinelo, com uma cinta, apenas sabemos que a velhinha possuía uma bengala).

E assim, acredito que muitos casos de ambiguidade seriam eliminados com a simples substituição de preposição.

Daniele de Araujo Garcia – Turma 131

Nessa sentença labirinto específica "O juiz encontrou a filha chupando pirulito", penso que a ordem do constituinte [chupando pirulito] na sentença possa induzir sim à interpretação.

Por exemplo, se for pronunciado: "O juiz chupando pirulito encontrou a filha". A sentença continuará ambígua, mas num primeiro entendimento pensaríamos que fosse o juiz que estava chupando o pirulito.

Talvez é esse constituinte verbal formado por um verbo substantivado(gerúndio) que esteja causando toda essa discussão. Não sei, é só uma hipótese.

Sueli Rafael – Turma 111

Creio que a dificuldade da discussão esteja na possibilidade de ocorrência dessas sentenças dentro da língua. Por exemplo, em um primeiro momento eu não acharia que "O juiz chupando pirulito encontrou a filha" é ambíguo, porque não seria 'prático' colocar "chupando pirulito" nesta posição se quem estivesse chupando pirulito fosse a filha. É difícil imaginar essa construção... A não ser que seja o Mestre Yoda, hehe. No caso, seria natural mudarmos a sentença inserindo o pronome relativo e modificando a flexão verbal para que ela ficasse mais "adequada".

Amanda Bolognini Nascimento – Turma 111

A Raquel tentou mais acima "solucionar" o problema da sentença da parede com pregos. Achei interessante que nas sentenças 1 e 2 a inversão de alguns termos e as pausas foram suficientes para esclarecer o sentido. Já na 3 só foi possível dar o sentido de "desenhar pregos na parede" trocando o com pelo de. Quando há percepção de que a frase pode adquirir mais de um sentido, muitas vezes a solução é reformulá-la, usando outras palavras, para que o sentido que desejamos passar seja realmente entendido.

Gabriela de Souza Morandini - Turma 131

Realmente, o termo sentença labirinto é bem apropriado quando chegamos a esse nível de análise. À primeira vista, ou talvez em uma análise mais superficial, alguém pode classificar uma sentença como ambígua.

Mas se pararmos para pensar, a ambiguidade mesmo não existe, pois quem emitiu a sentença sabia bem o estava querendo dizer. Da forma como eu vejo, o problema está mesmo na interpretação. Tomando apenas a sentença isolada, não podemos dizer que ela tem um duplo sentido; o correto mesmo é afirmar que possui dois ou mais caminhos de interpretação, e nenhum é melhor ou mais apropriado que o outro. Se não há nenhuma pontuação gráfica ou termo na frase que explicita o sentido e deixe apenas uma interpretação possível, a dúvida sobre qual interpretação é a esperada fica por conta do contexto e da prosódia.

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

Tema 3: A recursividade: propriedade intrínseca das línguas naturais? Uma questão de estilo?

Aproveitando minha afirmação de que a recursividade seria uma propriedade universal de todas as línguas, segundo a Gramática Gerativa, gostaria de propor a discussão sobre a língua dos pirahãs, tribo brasileira.

Esta matéria da revista Superinteressante conta resumidamente qual é o debate: <http://super.abril.com.br/ciencia/1-2-2-1-2-bastante-bastante-bastante-bastante-447271.shtml>

Daniel Everett afirma, entre outras coisas, que a língua da tribo não tem recursividade - no limite, ou não haveria uma língua pirahã (pois não há língua sem recursividade), ou a recursividade não seria um princípio universal.

Ele postula, ainda, que outras 'restrições' encontradas na língua dos pirahãs colocariam em xeque tal teoria: "These constraints lead to the startling conclusion that Hockett's (1960) design features of human language, even more widely accepted among linguists than Chomsky's proposed universal grammar, must be revised. With respect to Chomsky's proposal, the conclusion is severe—some of the components of so-called core grammar are subject to cultural constraints, something that is predicted not to occur by the universal-grammar model." [<http://llc.illinoisstate.edu/dlevere/docs/currentanthroarticle.web.pdf>] Uma das restrições seria a ausência de embedding, além de vários outros vazios apontadas por ele, como o de numerais e de nomes para as cores etc.

A discussão vai bastante além disso. Particularmente, e bem superficialmente, eu fico com a posição Hale, que estudou a língua Warlpiri, que aparentemente também não tem numerais, nomes para cores e sentenças relativas: "Hale argued that the absence of particular lexical or grammatical items does not necessarily signal the absence of the corresponding concepts and categories, but instead may merely represent 'gaps in the conventionalized instantiation of universally available categories' (1975:312). Hale supported his view with an array of arguments and analyses. He was able to show, for example, that though the Warlpiri lack number words, they do not lack the principle of counting." [isso está no texto de Cilene Rodrigues e outros, "Pirahã exceptionality: a reassessment", disponível em <http://www.people.fas.harvard.edu/~nevins/npr09.pdf>]. Eu acho que a Gramática Universal nos dá a possibilidade de preencher ou não alguns padrões, e isso até pode estar ligado a nossas necessidades ou especificidades culturais, mas o fato de uma língua não apresentar certos padrões não implica que a possibilidade não exista, apenas que ela não foi utilizada. E vocês, o que acham?

PS: Sobre a não tradução de embedding: Pelo que eu entendi, "embedding" seria a operação de inserir subordinadas na sentença, sobretudo a partir de alguns verbos. P. ex., dizemos "João disse que a Maria chegou". Para os pirahãs, a frase seria algo como "Fala de João, Maria chegou". Como o Everett utiliza algumas vezes o termo "recursive", preferi não traduzir embedding como recursividade simplesmente, esperando que alguém possa me ajudar e esclarecer minha dúvida! Obrigada.

Bruna Bassette – Turma 131

Oi Bruna,

Concordo com a sua afirmação "a Gramática Universal nos dá a possibilidade de preencher ou não alguns padrões, e isso até pode estar ligado a nossas necessidades ou especificidades culturais, mas o fato de uma língua não apresentar certos padrões não implica que a possibilidade não exista, apenas que ela não foi utilizada."

Assim como a prof. Maria Clara comentou na última aula, a gramática gerativa é entendida como um componente da mente/ cérebro que surge pré-aprendizado. É como um algoritmo que gera infinitos enunciados mudando suas variáveis.

Pelo o que entendo, essa gramática, com a qual nascemos, na verdade, não são as informações específicas de cada língua e sim algo que se comporta como uma "função matemática" que é aplicada para o desenvolvimento de todas as línguas. E, a partir das experiências linguísticas de cada indivíduo, essa função será preenchida, resultando para cada língua, dependendo da variante utilizada, um resultado diferente ou não. No caso que você deu, algumas línguas colocam "0" no lugar de alguma "variante" na "função".

Uma "regra" da gramática, é uma idéia genérica, que serve para todas as línguas, por exemplo: "todos determinantes verbais tem alguma relação com os argumentos", o tipo de relação entre eles é estabelecida pelas características cada língua. Essa regra geral é o que Chomsky chama de Princípios e as características que cada língua seleciona são os Parâmetros.

Daniela Martos Morais – Turma 131

Bruna, li a matéria completa e concordo com o ponto de vista apresentado por vc acerca do estudo realizado por Daniel Everett frente a língua da tribo pirarrãs em que o mesmo, questiona a teoria da GRAMÁTICA UNIVERSAL (Segundo essa teoria, o cérebro de todos os seres humanos já vem equipado com a estrutura necessária para a aquisição de linguagem, superinteressante, ed. 290, abril/2011) de Noam Chomsky's. Para Everett, essa teoria não se adequa a todas línguas, já que os pirarrãs não detêm da ferramenta da recursividade, e portanto, seria um povo desprovido de língua. Desprovido de língua porque segundo Everett esse povo que vive isolado na Amazônia, possui um alfabeto de 8 consoantes e três vogais, e que eles só comtam de de 1..2, além de se reportarem apenas a fatos do presente, do agora e outras coisas por ele apresentadas.

Mas como disse a Bruna, o fato de uma língua apresentar diferenças em relação às outras não quer dizer que seja desprovida de recursividade ou que não exista, e ainda, não quer dizer que a teoria Chomskyana da GRAMÁTICA UNIVERSAL não pode ser aplicada a esta tribo só pelo fato de este povo ter um alfabeto ou um comportamento cultural que não atenda as expectativas do então pesquisador ou que foge daquilo que esperamos como atitude mais ou menos humana. Para aquele povo, acredito, não necessita de mais ingredientes para se entender. Eles tem uma cultura e se entendem. Quando nasceram, certamente já tinham uma estrutura cerebral necessária para a aquisição da linguagem e eles se comunicam como se verificou na matéria. é isso, acho que me empolguei um pouco, porque o tema é muito interessante e foi mui bem apresentado pela Bruna, parabéns.....

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Talvez eu tenha certa "pobreza" de pensamento, mas sempre acho que todas as regras tem suas exceções.

Não estou muito inteirada sobre o assunto (agora realmente tô sem tempo de procurar mais informações sobre isso), mas pelo que eu entendi de todo esse assunto, é que Everett está tentando mostrar uma exceção a regra.

Não sei até que ponto isso é realmente uma exceção ou se há realmente a tal recursividade nessa língua.

Não gosto muito de generalizações, desse tipo de coisa do tipo "todas as línguas tem tal elemento", porque acho esse assunto muito complexo e realmente é preciso estudar muitas, alias, todas as línguas de que se tem notícia pra poder fazer uma generalização como essa.

Mas os estudos de Chomsky tem realmente um embasamento muito forte, e até agora poucos estudos (até o que eu sei) mostraram o contrário.

Enfim, achei muito interessante o assunto, linguística é realmente algo fascinante. (isso não é pra puxar o saco de ninguém =P)

E acho que eu tenho que estudar muito antes de ter algum nível pra comentar esse assunto... aiaiai....

Giselle HFK – Turma 131

Achei a reportagem bem interessante, no entanto - e é claro que não podemos cobrar grande coisa, afinal, é uma reportagem, não um texto teórico que aprofunde o tema -, acho que o autor simplificou muito o estruturalismo e o gerativismo, colocando um como "o aprendizado na cultura" e o outro como uma mera fórmula matemática, como se Chomsky afirmasse que já temos toda a nossa língua pronta em nossa cabeça, ignorando nossa formação cultural, o que implica também na enorme diversidade linguística do mundo... a maneira como colocam não faz muito sentido.

Concordo com o que foi colocado pela Bruna: se levarmos em consideração que na língua dos Pirahãs não há recursividade, isso ainda não contraria, necessariamente, a teoria da Gramática Universal, pois significa apenas que os Pirahãs não usam determinadas possibilidades da língua.

Só tenho um pouco de receio que algumas pessoas - não digo entre nós rs - interpretem isso de maneira um pouco preconceituosa, como se o fato de em seu idioma serem usados apenas alguns aspectos da língua, ele seria um idioma "inferior", ou "menos complexo" (depreciando)... não sei.

Enfim, deixando isso de lado, outra coisa que é preciso lembrar é que a língua é uma questão cultural. Por exemplo, a questão da memória coletiva... isso se deve muito ao tipo de produção utilizada pela tribo. Segundo Claude Meillassoux, antropólogo francês, nas sociedades primitivas de caça e coleta os indivíduos são praticamente auto-produtivos, não havendo, praticamente, atividades coletivas. Não havendo necessidade da criação de grupos, os laços são extremamente frouxos, os filhos são tidos como filhos do grupo e se separam da mãe logo após o desmame, não havendo, portanto, a idéia de geração. A mobilidade entre grupos também é necessária para a reprodução, reforçando a não existência de gerações. Sem gerações (pai, mãe, filho etc) não há memória coletiva, o que pode contribuir para que na linguagem de grupos assim não exista a noção de passado ou futuro, mas somente de presente.

Maria Julia Alves Garcia Montero – Turma 131

Bruna, me desculpe pela incompreensão, foi porque pensei que sua dúvida seria sobre a questão do pirahã ser ou não uma língua, e tentei propor alguns argumentos que, na minha opinião, poderiam justificar, de maneira muito simplista, que o pirahã não poderia deixar de ser uma língua natural. Acredito que, na verdade, você estava perguntando sobre a tradução do termo "embedding" como recursividade, rs...

Adorei os dados antropológicos apresentados pela Maria Júlia. Algum de vocês saberia dizer se há estudos como este mas relacionando tais argumentos antropológicos à sintaxe, à semântica e pragmática de uma língua?

Obrigado pela atenção!

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

Hum... dados antropológicos desse tipo que sejam diretamente relacionados à sintaxe não sei, mas posso procurar.

Ah, uma coisa que eu esqueci de mencionar e talvez tenha ficado estranho: citei o sistema de produção, mas no fim acabei dando a entender que a idéia de família é que traz a idéia de tempo. Na realidade, é quando os grupos começam a plantar. Aí surge a noção de tempo (afinal, é preciso saber quanto tempo as plantas tardarão a crescer, quando plantar etc) e a noção de família/geração, pois o grupo se fixa em um lugar.

Grupos coletores também têm de saber quando e onde encontrar seu alimento, mas aí não chega a ser uma noção de passado e futuro propriamente ditos (por exemplo, animais que vão de um lugar pra outro no inverno/verão não têm essa noção).

Mas vou procurar esses dados. O que eu tenho aqui é estritamente antropológico.

abraços!

Maria Julia Alves Garcia Montero – Turma 131

Maria Júlia, seria besteira questionar se, com relação ao desenvolvimento dos componentes sintático e pragmático (a respeito do uso dos modos e tempos verbais) estão relacionados ao abandono do nomadismo?

Aliás, o fato dos pirahãs não utilizarem, de acordo com os dados apresentados na entrevista da Superinteressante, o passado ou o futuro, revelaria uma possibilidade de parâmetro sintático (e também pragmático, não sei se é errado apontar este componente junto com o sintático) escolhido pelos falantes dessa língua?

Existem estudos que falem sobre o tema (tempos e modos verbais e sua relação com a construção sintática) em relação a Teoria de P&P?

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

Parênteses:

Eu sei que é chover no molhado, mas falaram que essa língua não pode ser considerada como uma por não ter orações relativas? Ou que não tem recursividade por causa disso?

Hoje, na aula do segundo horário, a professora falou que, na verdade, pode ter, sim, porque essa língua pode ser concatenada - possui uma concatenação com estruturas.

Entrei boiando neste tópico e já quis sentar na janelinha com dois cubos de gelo no copo de uísque. Desculpe! Só quis fazer um adendo sobre isso que ela falou.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Na aula dessa semana, eu entendi, de fato, o que é recursividade. Acho que a sua colocação, Raquel, não é "chover no molhado", porque como a professora disse, muita gente (como eu) não entende o que realmente é a recursividade. Eu pensava que esse fenômeno linguístico estava ligado apenas às orações relativas, mas agora entendi que é algo muito além disso. Quando eu cogitei a possibilidade de os Pirahãs não terem feito esse "recorte" na língua, estava pensando nas orações relativas. Mas recursividade é a capacidade de concatenar, infinitamente, sintagmas, e não é preciso uma oração relativa para que isso aconteça. Portanto, acho válido repensar sobre o que o Everett estava falando - se sobre recursividade como Chomsky a entende, ou apenas sobre orações relativas, que é o que acabou sendo um exemplo mais usado sobre recursividade, por ser mais fácil ver a concatenação nesse tipo de frases. Espero ter ajudado.

Karina Oliveira – Turma 131

Como o que foi ensinado na aula de hoje ainda está fresco, lá vou eu tentar começar uma discussão acerca desse assunto. Recursividade é a possibilidade infinita de se acrescentar estruturas a uma base que já tem estrutura (com sintagmas verbais e/ou nominais - argumentos externos e/ou internos), que é guiada pelas coesões formal e semântica. Os complementos dos núcleos de cada sintagma não podem "trocar de lugar" aleatoriamente.

Ou seja, não podemos fazer a seguinte inversão:

A aluna do colégio X quis fazer uma revolução de pensamentos. [frase sem inversão]

A aluna quis fazer do colégio X de pensamentos uma revolução. [frase invertida sem regra nem sentido - as coesões acima citadas]

Vejo, muitas vezes, no caso de apostos (novamente, falando deles), inversões como essa:

Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo, Fulano de Tal falou que iria até o fim...

Geralmente, colocamos o nome ou cargo da pessoa, depois o aposto, certo?

Dessa forma, a leitura não fica confusa por termos de fazer a inversão "mental" para entender quem é a pessoa dedicada e perfeita para o cargo?

Esse tipo de inversão não é impossível, como no caso da aluna do colégio X, porque a coesão semântica permanece inalterada. Mas será que não há uma inversão como a do aposto que seja impossível de ser feita?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Raquel, lembrando um pouco das primeiras aulas de sintaxe do português, estudamos algumas destas orações:

- O fazendeiro matou o patinho.

- O patinho, o fazendeiro matou.

- nas duas orações, a alteração da posição dos argumentos na ordem da sentença revela um determinado enfoque no papel temático: no primeiro caso, no agente relativo ao evento designado pelo verbo "matou"; no segundo, no paciente.

Essa questão de enfoque, na minha opinião, poderia ser pensada com relação à posição dos apostos. Manchetes de jornal ou textos publicitários são exemplos disso (cito sentenças fictícias):

- A famosa atriz de televisão e teatro, conhecida por sua personagem assassina na novela das oito, Maria da Silva, matou o ator principal da trama!

- Maria da Silva, a famosa atriz de televisão e teatro, conhecida por sua personagem assassina na novela das oito, matou o ator principal da trama!

Não necessariamente o núcleo do sintagma (o que você, por exemplo, designou como "nome ou cargo da pessoa", no caso das sentenças acima, [Maria da Silva]) precisa vir antecedido do aposto (ou complemento desse sintagma). No entanto, como você mesma disse, tal "inversão" de posição dos complementos de um núcleo sintagmático deve levar em conta a coesão formal e semântica do mesmo.

Quando você cita a "confusão" na hora da leitura, ela pode ser compreendida no âmbito da performance (uso individual): é o caso, por exemplo, de uma sentença repleta de orações encaixadas, que não seria proferida normalmente pelo falante de uma língua por questões de dificuldade de comunicação ou de memória.

Espero ter ajudado, Raquel, e não ter "viajado" nessa explicação.

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

Raquel,

Como o aposto é um termo "acessório", acredito que temos que encará-lo como um recurso argumentativo. Portanto, na frase apontada

"Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo, Fulano de Tal falou que iria até o fim..."

podemos ver que essa inversão do aposto segue o que o Leandro disse ("ela pode ser compreendida no âmbito da performance"), pois essa inversão deve-se a uma opção do autor por querer dar uma maior ênfase na qualidade do Fulano de Tal para poder explicar o porque dele ter falado que iria até o fim.

Portanto, acredito que, no caso do aposto, não há uma inversão que seja impossível de ser realizada, porque, primeiro, a coesão semântica é mantida na medida em que nenhum complemento do núcleo de algum sintagma é trocado de lugar aleatoriamente, segundo, o aposto é um termo "acessório".

Fernando Molnar Castro – Turma 131

Eu concordo com o que você chamou de "inversão mental", Raquel, se eu entendi bem o que você quis dizer com isso. Seria mais ou menos assim...?

Na inversão: "Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo, Fulano de Tal falou que iria até o fim..." é ligeiramente mais complicada de entender justamente porque o 'Fulano de Tal', que é o núcleo do sintagma (Fulano de Tal, uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo) está no final, e é

como se tivéssemos que ler até o final pra descobrir do que se está falando, e depois reler pra entender direito o que se está falando dele. Eu tenho a impressão que não processamos tão bem a informação quando ainda não temos o conhecimento do núcleo do sintagma, aquele que guardamos na

memória ao ler a oração. Acho que quanto maior fosse o aposto nesse caso, mais complicado (não impossível) seria de interpretar a oração. O que não acontece se o núcleo no sintagma vem no começo: não importa quantos complementos viessem depois de Fulano de Tal; estaríamos lendo já sabendo que estamos lendo sobre Fulano de Tal, e tal confusão não ocorreria.

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

"Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo, Fulano de Tal falou que iria até o fim..."

não traz leitura confusa na minha opinião, conseguimos entender que tais atributos referencem ao Fulano de Tal pois ele está imediatamente citado após a primeira frase.

Creio que o certo é dizer que ela pode trazer um pouco de dificuldade, algumas pessoas podem ficar perdidas ao se depararem com essa sentença iniciando o texto, mas ao verem que logo após, como já disse, se identifica a tal pessoa, a leitura flui bem. Essas inversões tem um efeito de ênfase. No exemplo citado, a construção da oração dessa maneira dá destaque ao fato de Fulano de Tal ser dedicado

e perfeito para o cargo.

Gabriela de Souza Morandini – Turma 131

Raquel! não vejo confusão na leitura da setença que vc esboçou, pois esta iversão "mental" à qual você se referiu é bastante comum, pelo menos na nossa língua e já nos acostumamos a fazer de forma imediata esta "inversão" para encontrar o núcleo ou o nome como você falou. É que este tipo de setença é geralmente desenvolvida para provocar um certo "mistério" ou mesmo para dá uma ênfase na divulgação do sintagma mais importante, no caso aí, o núcleo.

Quanto a possibilidade ou não de se fazer a inversão do aposto e a coesão semântica alterar não conseguir encontrar com alguns exemplos que tentei, a saber:

Maria, a mais pontual da turma, também, a mais alegre, não veio ontem.

Maria, da turma, a mais pontual, a mais alegre também, não veio ontem.

Não veio ontem, a mais pontual da turma, também, a mais alegre, Maria.

A mais pontual da turma, a mais alegre também, Maria, não veio ontem.

Da turma, a mais pontual, a mais alegre também, não veio ontem, Maria.

Se alguém conseguir nos ajude aí! valeuuuuuuu.....

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

É, também acho que no caso exemplificado ("Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo, Fulano de Tal falou que iria até o fim...") a inversão realmente não causa uma complicação muito grande ao ponto de atrapalhar a fluência da leitura e interpretação. Mas acho que isso se deve ao fato do aposto em posição invertida não ser muito extenso nesse caso. Mas e se, ao invés disso, tivéssemos: "Uma pessoa dedicada, eficiente, interessada nos projetos da empresa, dona de um currículo fascinante e perfeita para o cargo que tem estado vago por semanas, Fulano de Tal falou que iria até o fim." Nesse caso, me parece muita informação para guardar sendo que ainda não se sabe do núcleo do sintagma. Mas ainda assim, não acho que seja uma construção incorreta, nem de interpretação impossível; só me parece mais difícil, e não muito natural.

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

Nossa, Marcella! Falou EXATAMENTE tudo o que eu penso. Ao revisar textos jornalísticos, precisamos deixar a informação mais objetiva e clara possível. Essas inversões podem ser... Poéticas, mas não são claras para o maior número de "bolhas" linguísticas. Mudando de assunto, quando queremos muito explicar algo, usamos esse artifício para explicar tudo nos miiiiinimos detalhes. Com isso, acontece justamente o contrário: a informação que se quer passar é perdida e o que é captado é a última informação que se deu, não a que se queria passar em primeiro lugar.

Exemplo: "Ai, sabe aquela camiseta que eu falei pra você que era bonita e que tava na promoção no dia em que eu te chamei pra sair quando a minha mãe me proibiu de andar de carro?". A pessoa acabou não sabendo o que aconteceu com a bendita camiseta e só lembrou (provavelmente) do dia em que a tal mãe proibiu quando fulano chamou ciclano para sair. A recursividade pode ser infinitamente enriquecedora, mas precisa ser usada com bom-senso ou "completude" de ideias antes do início de outras.

O que vocês acham?

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Exato! O que eu quis dizer é que há jornalistas que forçam a barra e fazem cinco linhas de aposto e depois o nome. Isso gera cansaço e desinteresse e faz a pessoa que está lendo perder o raciocínio inicial.

O mais objetivo e claro seria o sujeito, depois o aposto. Sim, dar ênfase, mas esta só é boa quando não gera nenhum tipo de confusão ou faz a pessoa ter de ler quem é a pessoa para entender a descrição do aposto.

Enfim...

Raquel Akemi Nakano -Turma 131

Leandro, acho que não há coesão semântica diferente no caso dos apostos com as inversões.

É só uma coisa de cotidiano essa "confusão". Hoje em dia, precisamos de coisas práticas, informações objetivas, claras e rápidas. Não podemos mais ficar pensando no que o texto quis dizer para relê-lo e só depois entendê-lo. Precisamos [temos tempo de] ler uma vez só e captar a mensagem que se quis transmitir. É isso! Fast information...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Então Raquel, foi justamente isso que aconteceu com o exemplo que citei. No caso, não encontrei coesão semântica diferente. Tentei com outros, e também nada. Acho que com os apostos realmente não deva existir diferença, mas quem sabe exista. Valeuuuu!...

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Olá a todos, permitam-me acrescentar mais um comentário, pensando em tudo o que foi dito até o momento e levando em consideração que os falantes de um léxico possuem um conhecimento inato sobre sua língua (Fiorin:81,2008). Vejo a recursividade como algo que nos capacita na elaboração de estruturas complexas a partir de uma estrutura inicial simples e ainda verificar se a coerência ou ambigüidade em uma determinada estrutura. Por isso, quando dizemos: “vou correndo ao mercado de carro”, onde há ambigüidade ou em: “ao carro de mercado vou correndo”, que é incoerente. Sabemos que há problemas nessas estruturas e a lingüística examinando o assunto verificou que o problema é de ordem sintática e não apenas contextual, tendo em vista que uma simples mudança na estrutura resolve: “vou correndo, de carro ao mercado” (topicalização). Assim, a recursividade deve fazer parte da nossa capacidade inata, que Chomski explica na teoria Gerativa e essa capacidade vai se aprimorando quando conhecemos melhor a nossa língua nativa.

Mario Marcio de Almeida Correa – Turma 131

Tudo o que foi dito até agora sobre a inversão me fez pensar naquelas línguas em que o núcleo da oração está no fim da frase, como por exemplo no latim (e acho que no japonês tmb, me corrijam se eu estiver falando basteyras, por favor), em que o verbo normalmente vem no fim da frase. Meu professor de latim disse que isso era p causar um certo suspense. Então pra eles acho que as sentenças que foram mostradas seriam "normais". Então será que a recursividade nessas língua seria a estrutura SVO?

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Jogo da Recursividade

Acrescente mais um elemento à sentença proposta pelo colega anterior. Comentários entre as postagens também são bem vindos. Vamos testar se há algum limite!

Início:

1. Joana comeu.

William Raphael – Turma 111

Devemos repetir o elemento anterior? Acho melhor repetir, mas em algum momento vai ficar muito longo e talvez não seja necessário...bom, já que está no começo vou repetir o anterior e acrescentar o meu (e o novo elemento vou destacar em negrito...e deixar um sinal de reticências no final para dar a idéia [com acento enquanto pode!!!] de continuidade)...

Joana comeu um frango frito ...

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Olá Felipe!

A idéia é que fique longo mesmo, para testarmos os limites.

[]'s!

William Raphael – Turma 111

Isso parece um daqueles jogos de fórum do orkut...rs

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas

José Eduardo da Silva – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos.

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante.

Sandra de Cassia Costa Ferreira – Turma 111

Sim, é claro que a idéia é notar a infinidade de opções, mas o que quis dizer é que vai ficar tão longo que em um dado momento será melhor acrescentar apenas os novos elementos e não repetir os anteriores, já que eles estarão subentendidos pelas mensagens anteriores...mas se acharem melhor repetir...que seja!

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina.

Gisele da Silva – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos.

Márcia de Aparecida Santos Mendes – Turma 111

Que bacana esta ideia!

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos, os quais estavam todos com lindas camisetas do Corinthians

Joice Rodrigues – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro.

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite.

Desculpe-me, mas a ideia é de fazer com que compreendamos as diversas maneiras que podemos interpretar, quer dizer, ler a sentença? Mas em que momento isso será discutido, quer dizer... devemos fazer comentários sobre as possíveis leituras da sentença?

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho.

Só vejo uma leitura/interpretação possível da frase acima. É claro que o entendimento fica um pouco comprometido quando você nem lembra mais o que era mesmo que ela estava comendo. Mas é interessante notar que a informação fundamental vem no começo, que é QUEM e O QUE. Outros podem discutir que saber QUANDO e ONDE também é essencial para a compreensão do que está sendo enunciado, mas não faz muito sentido se quebrarmos a frase e ficarmos apenas com a parte "no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho"... Fica uma sensação intuitiva de "e daí?". E daí voltamos à questão das orações com ou sem verbos. E muito fórum pela frente.

Daniela Souza de Urquidí – Turma 111

Joana comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante

José Eduardo da Silva – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina, comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante.

William Raphael – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina, comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante.

Frango com cheiro de rato ou restaurante com cheiro de rato? Aparentemente a posição entre "restaurante" e "da esquina" indica que o cheiro é do restaurante, formando um sintagma apenas. Ou então o rato seria da esquina, mudando o sintagma.

Marian Gabani Gimenez – Turma 111

Bem, a respeito dessa última questão, eu acredito que, como a sintaxe de cada língua funciona de um modo, uma sentença de estrutura SVO soaria estranha a um falante de uma língua em que essa estrutura não é predominantemente usada, mas tudo isso depende de outros aspectos também. Há línguas em que há uma maior liberdade para a estruturação das sentenças (creio que o português seja uma delas) e outras em que há uma maior rigidez, de modo que a grande maioria das sentenças que fugisse da estrutura padrão já poderia causar estranhamento ou mesmo tornar-se agramatical. Outros aspectos que eu acredito que também têm importância seriam o contexto em que ocorre a comunicação e a ênfase que se pretende dar a certos elementos da sentença. Quanto à discussão inicial, eu acredito que o uso da recursividade pode ser útil dependendo do contexto, da ênfase e da intenção do falante. Como foi dito, numa manchete de jornal, por exemplo, a mensagem tende a ser mais direta e o uso da recursividade tende a ser menor, mas isso não significa que ela nunca possa ser utilizada. Tudo vai depender do efeito que se quer causar no interlocutor.

Maurício Felipe Clemente – Turma 131

Não sei estou fazendo confusão, mas esse caso de recursividade "fulando de tal" não estaria de acordo com aquilo que aprendemos sobre os níveis, nesse caso sendo o do Discurso. Ou seja, tópico / comentário ? E já fiquei confuso de novo por se tratar de aposto!

Alysson Nunes – Turma 131

Concordo com você Maurício, há línguas mais "flexíveis" e outras não, mas o que me chama a atenção é que o japonês é uma língua de estrutura SOV e (bom, talvez eu fale uma asneira aqui e por isso, por favor, me corrijam aqueles que tenham mais conhecimento dela) não me parece que esse seja um caso de flexibilidade, mas eu fiquei curiosa em saber como se daria a recursividade em línguas assim.

Ontem, a professora de estudos tradutológicos da área do alemão estava falando sobre abordagens culturais nos estudos da tradução e citou alguns exemplos: *Übersetzungswissenschaft* (ciência da tradução), por exemplo, e, explicando, ela disse que a divisão seria "Übersetzungs" + "wissenschaft"; mas o que me chamou mais a atenção foi que ela falou que no alemão se pode "ir adicionando substantivos 'infinitamente'", no caso ficaria tudo junto mesmo. Achei um pouco estranho porque o alemão já é uma língua com muitas consoantes. Numa estrutura um pouco mais recursiva, talvez ficasse complicado a pronúncia ou até mesmo a própria estruturação... alguém que entenda mais dessas línguas poderia me explicar um pouco como seria a recursividade nessas línguas por favor?

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Li o artigo da SuperInteressante e achei muito interessante o fato de haver uma língua na qual a recursividade seja praticamente nula, obviamente, não por incapacidade de seus falantes, mas talvez porque estes não tenham nunca se deparado com uma situação na qual ela precisasse ser usada, já que embora eles sejam seres humanos, têm um modo de vida bem mais parecido ao de macacos (pois dormem no chão, não planejam o futuro e não plantam seu próprio alimento) do que ao do homem moderno, que desde pequeno é condicionado a pensar no que fará amanhã, além de ser obrigado a falar com mais complexidade com seus iguais, pois seu mundo é complexo e repleto de nuances e detalhes. Ou seja, os pirahãs são quase como o Tarzan da literatura, embora um pouco mais aprimorados na questão da fala, pois Tarzan vivia sozinho com os animais, e eles vivem em grupos. Nesse caso, talvez o meio virgem e selvagem da floresta tenha realmente interferido de tal maneira no homem, que fez com que ele ignorasse esses elementos inerentes a ele, da mesma maneira que uma pessoa nascesse com duas mãos perfeitas e saudáveis, mas nunca tivesse aprendido para que elas servem, pois desde criança foi alimentado e limpo unicamente por terceiros, e assim, nunca houvesse existido a necessidade de aprender a usá-las.

Daniele de Araujo Garcia - Turma 131

Quanto ao japonês, posso esclarecer algumas coisas:

As estruturas gerais são assim: argumento externo¹ (partícula acoplada que designa a palavra anterior como sujeito) + X² (x bar) (partícula) + argumento interno³ (complementos do sintagma verbal, cada um com sua partícula acoplada) + núcleo do sintagma verbal⁴ (vulgo, verbo) + desinência do verbo⁵.

Ex.:

Watashi wa anata to shiatsu wo kai mashita.

(1) (*) (2) (*) (3) (*) (4) (5)

[Eu para você camisa comprei = Eu comprei uma camisa para você]

(*) = partículas correspondentes às funções das palavras anteriores consecutivas.

Em orações adjetivas, o esquema é um pouco pior:

arg. ext. + compl. v1 + V1 (**), [aqui, pode-se aplicar a recursividade com a mesma estrutura desta primeira e com o V (**)], V2 _____ (declinação do verbo).

(**) = verbo na forma TE (que possibilita a recursividade), simbolizando as nossas adjetivas.

Ex.:

Watashi wa kinou hanashiTE, ato kara kyo anata to benkyo shiTE, keredomo nemasen deshita.

[eu ontem falei e, depois, hoje fiz a lição para você, mas não dormi]

Então, podemos dizer que há possibilidade de fazer recursividade na língua japonesa, mas não tão livremente como a portuguesa. Todos os sintagmas são "acompanhados" (ou presos) de partículas que as projetam ser classificadas como são. O sujeito EU (watashi) só é sujeito por causa da partícula WA.

Espero ter esclarecido de vez sobre o japonês.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Oi, Leandro!

Então, não acho que seja besteira não... a linguagem é moldada a partir da realidade vivida. Abandonando-se o nomadismo, criam-se novas situações, novas noções, das quais a língua precisa dar conta de retratar. Por isso, por exemplo, o surgimento da noção de passado e futuro, criam-se diferentes tempos verbais. Mas não seria um parâmetro sintático escolhido, de fato, pelos falantes dessa língua, pois não pensam, conscientemente "vou usar passado e futuro agora" etc.

Uma colega minha me falou de uma tribo cuja língua não tem o sujeito, digo, não há separação "eu", "você", "ele", pois é tudo considerado a mesma coisa, pois na vida deles é tudo feito na coletividade, não existe a individualidade. Vou procurar mais sobre esse grupo, e posto mais aqui.

Maria Julia Alves Garcia Montero – Turma 131

Muito obrigado, Maria Júlia! Acho muito interessantes as questões em que os aspectos linguísticos podem ser melhor compreendidos quando ao lado de explicações de outras ciências.

Uma questão que faço tendo em vista o que foi respondido pela professora na última aula: se no pirahã, na realidade, Everett estivesse vendo apenas as sentenças relativas ao tratar da recursividade, é correto dizer que haveria parâmetros de recursividade escolhidos pelas línguas?

Além disso, como apontado pela colega Larissa Barbosa no tópico sobre a recursividade, o fato de, no alemão, haver uma "possibilidade" de acréscimo de substantivos, como na palavra "Übersetzungswissenschaft", designa também recursividade? Ou o que está em jogo é um aspecto morfológico e não sintático dessa língua?

Obrigado pela atenção!

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

Joana, irmã de Joaquina, comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa do finado Honório da forma como está construída a frase eu diria que o restaurante está com cheiro de rato da esquina, e não que o restaurante é da esquina. Porque ao contrário ficaria melhor no restaurante da esquina com cheiro de rato - se bem que eu ficaria em dúvida neste caso se o cheiro de rato vem da esquina em si ou do restaurante...

José Eduardo da Silva – Turma 111

Creio que quanto mais longe se está o objeto de sua qualidade em uma frase, mais difícil fica de o ligarmos....aí pode acontecer de ligarmos esse objeto a outro componente mais próximo sintaticamente na frase...

Acho que funciona assim...

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

Mas eu creio que o problema não está na recursividade. Parece estar ligado ao processamento da frase, ao desempenho do falante.

Marian Gabani Gimenez – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa do finado Honório.

Concordo com a Marian, o problema da recursividade é que a capacidade de memorização do falante não permite grandes extensões.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Recursividade: capacidade infinita de formar sentenças a partir do acréscimo de sintagmas em sua estrutura, observando-se a sequência e a hierarquia dos constituintes. Concordo que o QUEM e O QUE são essenciais na sentença e que, quanto maior a distância entre os sintagmas é mais fácil ligá-los de forma a se referirem ao mais próximo, desde que essa concordância seja possível, porém ao chegarmos ao fim da sentença temos que parar pra pensar quem são o QUEM e O QUE da sentença...

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado com batatas e legumes cozidos no restaurante com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa do finado Honório que comia no mesmo restaurante...

E aí? Será que esse novo sintagma pode aproximar nossa super-sentença do fim?

Dayana Cristina Domingos da Silva – Turma 111

Segundo Chomsky o ser humano estrutura sua língua de formas infinitas.

Então a recursividade fundamenta essa teoria, que é a capacidade infinita de formar sentenças, acrescentando estruturas determinadas por uma relação hierárquica.

Temos que lembrar que a sequência das palavras tem regras de agrupamentos razoáveis e não razoáveis sendo que a unidade de algumas pode ser quebradas e em outras não.

Bom vou contribuir com a super sentença acrescentando estruturas no meio, pois acho que esse último sintagma com uma oração subordinada esteja fechando a sentença (se isso for possível? não sei).

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa tercerizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia no mesmo restaurante.

Sueli Rafael – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa tercerizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia no mesmo restaurante com sua mulher e filhos.

Essa sentença nunca vai acabar... hahaha

Suellen Martins de Oliveira Barbosa – Turma 111

Como foi dito acima esse encaixe de uma sentença em outra deixa bastante confuso no final das contas, o "quem" e "o que" da sentença, já que podemos relacionar a Joana (nosso quem) não apenas com o "quem comeu" mas também com "quem é irmã de Joaquina", "quem é prima de Maria", "quem vai ao restaurante da esquina"... e assim por diante.

Suellen Martins de Oliveira Barbosa – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa tercerizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos

Seria interessante ver até onde conseguimos chegar antes de concluirmos o curso, e então ter a frase lida em classe. Vai ser engraçado...rs

José Eduardo da Silva – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa tercerizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes...

Mayra Kaori Oikawa – Turma 111

E de alguma forma, parece que a sentença ganhou mais de uma possibilidade de interpretação.

Não sei afirmar se o restaurante tem cheiro de rato ou se o prato foi cozido a vapor com o tal cheiro de rato (seria esse um novo tempero da Knorr? rrsr...).

Também às vezes soa que os amigos do bairro de Piracicaba foram cozidos junto ao frango!

Santo Deus...

William Raphael – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais...

Aline de Oliveira Santana – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética...

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Antes de contribuir para a "super sentença" gostaria de dizer que achei a idéia ótima e super divertida !!

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos...

Paula de Paula Machado – Turma 111

rs...por mais que sejam inverossímeis não deixam de ser interpretações possíveis e divertidas

José Eduardo da Silva – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos tão enfaticamente difundidos pelo padre da paróquia...

José Eduardo da Silva – Turma 111

Pessoal,

Concordo com o Leandro quando diz que não necessariamente o núcleo do sintagma precisa estar antecedido do aposto. Acho que essa possibilidade foi herdada do latim porque nele é possível escrever com uma certa liberdade, apesar da preferência pela ordem SOV.

Logicamente que ficaria mais fácil para nosso entendimento se tudo fosse pareado de uma única forma, mas muitas vezes nos deparamos com a complexidade da língua, que acaba nos confundindo no momento da leitura. Retomando o assunto, notei que foi falado muito que "Uma pessoa dedicada e perfeita para o cargo" está como um termo acessório nessa frase por se tratar de uma aposto, mas se olharmos bem, diria que esse aposto, tornou-se o necessário quando analisamos a sentença no nível temático, ou seja, o aposto tornou-se o tópico da sentença. Será que estou certo?

Por fim, acho muito legal essa dualidade que o português nos concede.

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Ao meu ver, essa discussão está ultrapassando o nível superficial e o subjacente. Em todos os exemplos citados, não importa a posição em que o aposto, sujeito, objetos, adjuntos e outros estejam, vale muito da pragmática envolvida. Cada situação vai exigir que seja ressaltada uma informação, que é a principal, ou seja, é o tópico do discurso.

Posso estar sendo insistente em falar, novamente, sobre tópicos, mas não consigo analisar qualquer que seja a sentença, sem pensar em algumas possibilidades que elas podem se fazer real.

Evandro Rodrigues Vicente – Turma 131

Sim, concordo com você no caso de textos jornalísticos. A recursividade é uma propriedade fascinante da língua, que permite infinitas montagens, complementos e estruturas que pode, sim, ser bastante enriquecedor. Sempre que se fala em variáveis e recursividade, abre-se um leque infinito de possibilidades.

Mas em certos casos, acho que é preciso ter um pouco de cautela. Apesar de a recursividade funcionar perfeitamente bem e sentenças gigantescas serem perfeitamente compreensíveis com uma leitura atenciosa, no caso de textos jornalísticos (que visam a clareza e objetividade), acredito que seja mais prudente formular as sentenças na ordem "padrão", SVO, sem realizar inversões, se houver uma quantidade muito grande de complementos. Mas claro que essa é só a minha opinião! :p

Marcella Budiski da Silva – Turma 131

Aproveitando, ontem fui conferir a exposição "O mundo mágico de Escher", no CCBB, e algumas obras que retratavam elementos repetidos "ad infinitum" me fizeram lembrar da nossa discussão aqui. Acho que vale a pena dar uma olhada! ^^

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Larissa,

O japonês se divide em três FORMAS de escrita, não três léxicos diferentes.

O hiragana serve para tudo o que for de origem japonesa; o katakana serve para as palavras estrangeiras (os nossos nomes, por exemplo, ficam na forma de katakana - seria errado colocá-los em hiragana); e o kanji é o "resumo" de uma palavra inteira ou conjunto de sílabas (ou até mesmo a própria sílaba - não há letras isoladas no japonês, só as vogais e o N são isolados).

O Word deles troca automaticamente quando você escreve, por exemplo, escola (gakou) por um caractere, o kanji de escola. Ou seja, ao invés de usar três caracteres (GA - KO - U) em hiragana, uso dois em kanji: 学校

Ao invés de usar o hiragana pra dizer algo, troco o máximo que puder por kanjis. O que sobrar, uso hiragana. Se usar estrangeirismos, uso katakana.

O meu nome completo, por exemplo, eu escrevo na seguinte ordem: KATAKANA + HIRAGANA (se bem que, neste caso, a minha família criou um kanji pra esse nome em hiragana, então posso usar KANJI aqui também) + KANJI

Como assim criou? Um kanji (morfologia) pode ter várias leituras (semântica) e, ao formar nomes aos filhos, podemos combinar uma dessas diferentes leituras com outras e formar uma palavra totalmente diferente. Enfim...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Colegas,

Se me permitem um comentário relativo à questão de Recursividade - sobre a qual as colocações são absolutamente pertinentes - entendo que ela permite, é claro, o exercício das possibilidades de uma língua em toda a sua extensão, mas a utilização desse recurso deve estar essencialmente voltada à especificidade do texto, de modo que o texto jornalístico se caracterize pela concisão, sem perda de clareza, que possibilite a pronta captação da mensagem por um leitor que necessita inteirar-se de inúmeros fatos, de natureza diversa, e rapidamente, ao passo que ao leitor de obra literária, é dado ler, reler, refletir, viajar, enfim, numa linha de pensamento mais complexa e elaborada - São dinâmicas distintas, é o que quero dizer.

Cláudia Sampaio Roni – Turma 131

Oi, Gabriela,

A sua explicação para as "lacunas" faz muito sentido, pois segundo a reportagem, os pirarrãs não possuem uma memória individual ou coletiva.

Somando-se a esses aspectos, a falta de escrita ajuda para que essas sentenças linguísticas, que em algum momento foram utilizadas e que talvez cumpriam essa função sintagmática, não fossem passadas para as gerações futuras, assim como o artesanato e também os mitos de criação

Vivian de Assis Koga – Turma 131

Oi, Maria Julia,

Concordo que a reportagem é bem interessante e que foi apresentada de forma muito adequada pela Bruna no curso, a mesma ampliou no fórum o assunto que tínhamos em aula possibilitando uma interação maior sobre o assunto.

Por tudo que já foi dito, a colocação da Bruna é muito apropriada, o fato dos pirarrãs não utilizar a recursividade não quer dizer que ela seja uma teoria furada ou até mesmo que essa tribo seja uma exceção.

Talvez, dentro dos aspectos culturais em que os pirarrãs vivem não há necessidade de utilizar a recursividade, ou de dar nome as cores, etc.

Mas, realmente o que me motivou a escrever é a vontade de criticar o texto da tal Rita Loiola.

Preconceituoso, apelativo e empobrecedor, evidentemente que isso não diminui a possibilidade de falarmos sobre o assunto, mas concordo com você Maria Julia que o seu receio é natural, também compartilho dele.

Bom mudando um pouco do assunto do texto, achei que a sua explicação sobre as tribos foi muito legal e caso tenha mais alguma informação que foi prometida ao Leandro, também irei dar uma olhadinha. Fiquei curiosa.

Rsrtrs

Obrigada,

Meninas e Leandro.

Vivian de Assis Koga – Turma 131

É verdade Raquel, a professora chegou a comentar e diz sim ter recursividade na língua desta tribo, reforçando ainda mais a minha opinião e a de muitos, pois há nesta língua, uma concatenação com as estruturas, há uma combinação entre as unidades. Embora eu não queira pregar aqui que não deva ter discordâncias ou que o comentário da professora deva ser encarado como uma verdade absoluta, nada disse! é sempre bom termos pontos de vista diferentes, até mesmo para dar uma apimentada, ou quem sabe, convencer de que é possível sim um ponto de vista diferente, que nos leve a repensar o que falamos e o que achamos.

Valeuuu!!!!!!!!!!!!!!

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Eu acho que não é possível por um ponto final na nossa super-sentença, justamente pelo fato de que é possível sempre criar novo ramos dentro dela. Por exemplo:

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório, filho de Maria e Josivaldo, que comia no mesmo restaurante.

Marina Nakai Witt – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos tão enfaticamente difundidos pelo padre da paróquia, padre este que na verdade não cumpre nenhum dos valores que prega....

Marina Nakai Witt – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos tão enfaticamente difundidos pelo padre da paróquia, padre este que na verdade não cumpre nenhum dos valores que prega, e que abusa dos menininhos que o ajudam na missa...

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos tão enfaticamente difundidos pelo padre da paróquia, padre este que na verdade não

cumpra nenhum dos valores que prega, e que abusa dos seus direitos com os menininhos que o ajudam na missa forçando-os a decorar a bíblia inteira sorriso

José Eduardo da Silva – Turma 111

Joana, irmã de Joaquina e prima de Maria, comeu um frango frito acompanhado de batatas fritas e legumes cozidos a vapor no restaurante "Bom Apetite" com cheiro de rato da esquina com seus amigos do bairro de Piracicaba, ontem à noite depois do trabalho cansativo e estressante na empresa terceirizada "HN Consultorias" do finado Honório que comia todo fim de semana no mesmo restaurante com sua segunda mulher e filhos que faziam barulho e irritavam os poucos presentes pagantes porque não receberam educação adequada dos pais, omissos e grosseiros, que desprezavam todo o valor do saber e da ilustração, bem como da moral e da ética e dos bons costumes cristãos tão enfaticamente difundidos pelo padre da paróquia, padre este que na verdade não cumpre nenhum dos valores que prega, e que abusa dos seus direitos com os menininhos que o ajudam na missa forçando-os a decorar a bíblia inteira, inclusive, foi decorando a bíblia sem entender uma só palavra que Joana traumatizou-se psicologicamente quando criança, jurando que jamais poria seus pés novamente em uma igreja e é por causa deste trauma que se submete aos pratos do "Bom Apetite" com cheiro de rato e as crianças ensandecidas que aparecem por lá de vez em quando.

Kelli Renata Goncalves Correa Marcomini – Turma 111

Se vocês querem ver um jogo de recursividade mesmo, é só lerem Raduan Nassar (os livros Um copo de cólera e, principalmente, Lavoura Arcaica). Cada capítulo é quase sempre uma única frase e, de vez em quando, elas duram umas 7-8 páginas. Sem contar que o Raduan é muito bom.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

Sério? Que interessante... :D A literatura que explora ao máximo a língua e suas estruturas é sempre muito mais instigante.

Marian Gabani Gimenez – Turma 111

Fazendo meu comentário acerca da Recursividade,

A Gramática Gerativa possibilita a partir de um conjunto limitado de regras, gerar um número infinito de frases. Somos capazes de produzir sentenças complexas a partir de sentenças simples.

Segundo Chomsky, a recursividade é a capacidade a partir da qual somos capazes de produzir uma variedade ilimitada de sentenças de constituintes indeterminados, apenas combinando as poucas regras da língua.

Eu entendi que uma frase pode se juntar a outra, e assim sucessivamente, e ser reescrita de outra forma admissível, produzindo frases infinitas. E também que um falante, por exemplo do português, é extremamente capaz de reconhecer a frase: "As meninas são charmosas" como gramatical e "Charmosas as são meninas" como agramatical.

Priscila Alves de Andrade – Turma 131

Raquel, apesar do texto literário ser diferente do jornalístico, insisto aqui em dizer que a literatura tem se aproximado cada vez mais do que coloquial. Sim, a língua é usada na sua expressão criativa máxima, mas nem por isso é necessário o uso da ordem indireta, como antes era recorrente. Sendo assim, a recursividade ocorre, mas acredito que raramente núcleo fica no final de uma sentença.

Por exemplo, colo abaixo um trecho do livro Lavoura Arcaica, do Raduan Nassar, considerado obra prima. Um das qualidades do livro reside na característica de prosa poética da obra.

"(...) não tenho culpa desta chaga, deste cancro, desta ferida, não tenho culpa deste espinho, não tenho culpa desta intumescência, deste inchaço, desta purulência, não tenho culpa deste osso túrgido, e nem da gosma que vaza pelos meus poros, e nem deste visgo recôndito e maldito, não tenho culpa deste sol florido, desta chama alucinada, não tenho culpa do meu delírio."

Aqui, a gente vê que o narrador em 1ª pessoa reforça a expressão "não tenho culpa", núcleo do sintagma e que ocupa posição no começo da enumeração. Se fossemos levar ao pé da letra a distinção de um texto escrito de um falado, o autor não precisaria disso, porque o texto escrito permite que a expressão fique subentendida. Sendo assim, conclui-se que as referências de "não tenho culpa" é uma escolha meramente literária com um importante peso na análise da obra.

Sorry pela divagação...

Renata Guerra Machado – Turma 131

Com relação aos textos jornalísticos, sim, a proposta é que eles sejam o mais simples possíveis para o entendimento do leitor, mas acho que esse "simples" não significa SVO. Tanto é que muitas das manchetes de morte é "Morre hoje fulano de tal", justamente para chamar a atenção do leitor/ouvinte/telespectador.

De todo modo, tem uma coisa dos textos jornalísticos, principalmente os de internet, que acho interessante de observar pensando em recursividade.

Na internet, as matérias são escritas de forma a informar o suficiente, ou sanar a curiosidade, a quem não tem tempo e, ao mesmo tempo, dar o maior número de informação possível para quem pode ficar o dia todo lendo.

O que acontece, então, é que muitas informações vão sendo repetidas. Por exemplo, numa matéria de hoje na Folha, no 1o parágrafo lemos "O 2º Tribunal do Júri de Belo Horizonte julga nesta terça-feira um promotor de eventos acusado de tentar matar a ex-namorada dentro de uma universidade, em 2008."

Quatro parágrafos depois, está escrito "De acordo com a acusação, o promotor de eventos tentou matar a ex-namorada no dia 7 de abril de 2008, inconformado com o fim do relacionamento."

É interessante observar que este último parágrafo traz duas novas informações que poderia ter sido facilmente incluídas no primeiro parágrafo ("O 2º Tribunal do Júri de Belo Horizonte julga nesta terça-feira um promotor de eventos que é acusado de ter tentado matar a ex-namorada dentro de uma universidade em 7 de abril de 2008 por ter ficado inconformado com o fim do relacionamento).

Por que, então, criar um novo parágrafo, bastante repetitivo aliás? Acho que tem a ver com a simplicidade do texto jornalístico, e com o fato de que um menor número de informações em uma única frase facilitar a leitura, permitindo que uma pessoa com pouco tempo leia apenas o 1o parágrafo e se dê por satisfeita...

Diana Szylit – Turma 131

Bacana esse exemplo extraído da literatura.

Entretanto, nas revistas e nos jornais, você não vê esse tipo de estrutura acontecendo... E foi isso que eu quis dizer...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Então, Diana, essa "repetição" se dá pela fórmula que eles devem usar nas matérias, que se chama lide ou slide (algo assim, perdoe-me o Alzheimer), a pessoa precisa dizer tal coisa no 1o parágrafo, outra no 2o, outra no 3o e, no final, resumir o que disse anteriormente - técnicas de jornalista (eles, inclusive, aprendem isso na faculdade - como disse-me vários jornalistas com quem trabalho).

A inversão (dita no começo de sua mensagem) se dá pela ênfase que se quer dar - é uma coisa de marketing. Manchetes principalmente, afinal, o que se quer é atrair a atenção do público leitor - ou seja, o que se quer é vender.

Mesmo assim, por todo o corpo do texto, o que é exigido é a total objetividade, sem enrolação, sem "firulas" nem ambiguidades... A recursividade se dá pelas orações adjetivas (restritivas ou explicativas), enfim...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Nas faculdades de jornalismo, o estudante aprende a "pirâmide invertida", uma "regra" em que as informações mais importantes são privilegiadas.

Em um jornal diário ou revista semanal (que são veículos mais factoides, jamais diria imparciais), o primeira parágrafo da notícia é o lead, ou seja, ele tem que responder às perguntas: O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?

Nos parágrafos seguintes, a notícia ganha mais detalhamento e aspas (lembrando que notícia sem aspas é nota, não reportagem). Dessa forma, se o texto vier com informações importantes no pé da matéria, ele está com problemas.

Como disse um colega em uma resposta anterior, sim, esta técnica é usada para facilitar a vida do leitor, ou seja, se ele tiver pouco tempo de leitura, o primeiro parágrafo daria conta do recado. Mas também ajuda um editor menos zeloso em seu trabalho, porque se o texto tiver que ser cortado, ele pode limar o último parágrafo sem dó, porque, a rigor, pouco se perde.

Renata Guerra Machado – Turma 131

É exatamente isso que quis dizer, Renata! O topo da pirâmide invertida é o lide! (o quê, onde, por quê)

Raquel, não quis negar o que já havia sido colocado, mas sim trazer algo que achei interessante para se observar quando se fala em recursividade. Tipo... como os jornalistas fazem para "dividi-la"

Diana Szylit – Turma 131

Raquel,

Eu não quis dizer que há três léxicos diferentes, quando disse "alfabeto", mas sim as três maneiras, ou como você mencionou, FORMAS. Na verdade, eu só queria saber se pra cada forma de escrever a sintaxe seria mto diferente... o pouquíssimo que sei é por informações de amigos, então, talvez, eu esteja viajando aqui; mas, de qualquer forma, obrigada por me explicar!!

Larissa Lino Barbosa – Turma 131

Concordando com a resposta da Renata e fazendo meu comentario acerca da pirâmide invertida, Nos textos jornalísticos a história não se estrutura de forma cronológica "tradicional" dos acontecimentos, ou seja, a noticia é formata através da pirâmide invertida. Isso significa começar a contar a história indo direto a que consequências algo levou. Precisamos agrupar as informações mais diretas e objetivas relativas aos elementos: o que, quem, como quando, onde e porque. E isto deve ser feito logo no primeiro parágrafo do texto, que é chamado de lide. Ele é um relato importante do que está presente na seqência dos fatos dentro do noticiário. No caso do texto jornalístico noticioso, o sintagma nominal é o quem, o sintagma verbal é o que e os sintagmas circunstanciais são o como, o quando, o onde e o porque.

Priscila Alves de Andrade – Turma 131

"dividir" no sentido de tornar o texto quase infatil. Em vez de dizer, vai, "João Silva, policial militar de 50 anos, com três filhos, foi encontrado morto ontem em sua casa em Moema após ter brigado com a ex-namorada", eles acabam escrevendo, para simplificar a leitura, respeitar a pirâmide invertida, o lide etc "João Silva, policial militar, foi encontrado morto. Ele tinha 50 anos. O corpo de João Silva foi encontrado em sua casa, em Moema. Encontraram o corpo depois que João Siva brigou com a ex-namorada".

Lóooogico que nenhum texto é assim, mas, se cortarmos umas frases no meio, vamos ter exatamente isso.

Não estou criticando o texto jornalístico, mas, como entraram nesta questão, e o tópico é recursividade, achei que cabia apontar como a recursividade neste gênero parece ser pouco usada, mas ela acaba sendo "dividida" entre partes. É como se ela existisse, mas tivesse sido cortada.

Ai.. fui clara? fez sentido? foi só uma viagem?

Diana Szylit – Turma 131

Tema 4: Questões iniciais sobre a teoria X-Barra.

4.1 A posição do especificador na árvore e seu papel como argumento externo

Já que na última aula começamos a ver a teoria X~Barra gostaria de propor um início de discussão sobre ela. E para começar gostaria de expor uma dúvida que me ficou da última aula, que é: onde o especificador se encaixa na árvore sintática? Me lembro que foi dito que ele ocupava uma posição de "irmã de X' " e " filha de XP ", mas não entendi bem o que isso significa. Ele fica também em uma posição intermediária, como o X'? e separado deste, com uma ligação direta com XP?

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

A teoria X-Barra é uma tentativa de representar graficamente as relações de interdependência dos constituintes dentro de uma sentença.

Conforme vimos, há outras formas de representar, como é o caso dos colchetes. A representação X-Barra, no entanto, deixa mais clara e mais visível a qualidade dessas relações de "parentesco" (direto ou indireto) entre os constituintes.

Na sentença "Joaquim limpou a parede com um esfregão", a relação estabelecida entre "Joaquim" e "limpou" não é da mesma natureza da que se dá entre "Joaquim" e "com um esfregão", por exemplo. Dentro da teoria X-Barra é possível visualizar melhor relações como estas, as quais ainda estudaremos com mais afinco no decorrer do curso.

Na minha opinião, entretanto, já prevejo que a teoria X-Barra apresenta certas limitações em fazer certas diferenciações com clareza, como é o caso do exemplo apresentado sobre os substantivos oriundos de verbo, em comparação a estruturas consideradas similares.

De qualquer modo, talvez a expectativa de alcance da teoria não alcance de fato este nível.

William Raphael – Turma 111

Felipe, encontrei esta explicação em um texto de um estudante universitário da UFMG, espero que ajude:

"2.1. ESPECIFICADOR E COMPLEMENTO

Para atingir a projeção máxima, o núcleo seleciona complemento e especificador e relaciona-se assimetricamente com ambos. Não se pode dizer que o núcleo subcategoriza o especificador, uma vez que a relação entre os dois não é de irmandade, estando o especificador mais alto na estrutura. O irmão do Spec é X'. Assim a relação entre o especificador e o núcleo, embora também de seleção, é indireta, X' fazendo a mediação entre eles.

Um constituinte se completa quando sua projeção máxima contém os complementos e o especificador que o núcleo seleciona. Assim, se um núcleo é um verbo V o, a projeção máxima VP se completa quando contém todos os argumentos internos e externos que o verbo seleciona. Uma diferença entre os núcleos lexicais e os núcleos funcionais é que os núcleos funcionais devem obrigatoriamente ter um complemento. Este complemento é selecionado pelo núcleo funcional, ou seja, o núcleo funcional, sem olhar para a semântica, olha para a categoria do XP selecionado."

Para conferir o texto na íntegra:
<http://www.letras.ufmg.br/fbonfim/biblioteca/material/DEFINICAO%20DE%20CONSTITUINTE%20SEGUNDO%20X%20BARRA.pdf>

Sandra de Cassia Costa Ferreira – Turma 111

Olá Felipe,

De fato, parece que o especificador ocupa a posição de irmã de X' e filha de XP. Para mim isso significa que a relação do sujeito com o núcleo não é a mesma do núcleo com seus complementos. A impressão que tenho é que o sujeito não especifica diretamente o verbo, mas sim uma projeção do núcleo e de seus complementos. Sei que tanto sujeito como complementos são argumentos do verbo, mas a estrutura em árvore me faz pensar que elas não se dão da mesma forma. Respondendo a sua segunda pergunta, acho que não é uma posição intermediária, pois não é uma projeção direta do núcleo e dos argumentos.

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Bom,

Pelo que compreendi os constituintes da oração se organizam a partir do núcleo, ou seja, há uma relação tanto do especificados quanto do complemento com ele. Mas, como a relação com esse núcleo se dá hierarquicamente primeiramente há temos o núcleo se relacionando com o complemento formando X', para depois esse todo se relacionar com o especificador. É isso?

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Felipe, gostei desse tópico, creio que seja interessante retirar essas dúvidas e a sua dúvida atingia a mim também.

"O esquema X-barra capta uma propriedade importante dos sintagmas que é o fato de eles serem endocêntricos. Isto significa que uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X: as propriedades do núcleo são preservadas em cada projeção. Em nenhuma das projeções podem ser mudadas as propriedades verbais, inerentes ao núcleo [V amar]."

Retirei esse trecho do texto indicado pelo link de Sandra de Cássia (obrigada). Gostaria que alguém me respondesse, se possível:

no caso do exemplo oferecido pelo texto [V amar], quais seriam as propriedades verbais que não podem ser modificadas? Quer dizer, creio que não tenha conseguido visualizar isso.

Mayara Farias de Carvalho – Turma 111

Acredito que não foi por acaso que discutimos sobre Argumento Interno e Externo no início do curso. Um dos pontos tratados aqui no fórum foi também qual dos argumentos do verbo seria "mais importante", basicamente se algum dos argumentos seria indispensável (como em casos de sujeito nulo/oculto ou mesmo objetos que podem ser descartados sem prejuízo). A minha conclusão (talvez compartilhada) foi a de que o argumento externo(sujeito) possui uma proeminência maior quanto ao argumento interno. Como se ele fosse mais determinante do que determinado pelo verbo. Lembram que é ele que define algumas características do verbo (tempo, modo, pessoa, etc.)? Então o especificador jamais poderia ser menos do que irmão do "predicado" (X').

Lembrando que o sujeito não seleciona o argumento interno (e quase não se relaciona com ele) não poderia estar no mesmo nível que ele. Daí o auxílio do nível intermediário X', que eu entendo como o predicado completo (núcleo + complementos), com o qual relaciona-se o especificador. Faz sentido?

Daniela Souza de Urquidi – Turma 111

Suellen

Eu também estou tendo sério problemas na compreensão da teoria toda, mas nessa sua afirmação " tudo aquilo que for projeção direta do núcleo e dos argumentos assume uma posição intermediária?" [grifo meu] o perigo maior está nesse "tudo"; quanto mais eu tento aplicar um princípio a uma generalidade de ocorrências eu vejo que a todo momento certas especificações me forçam a começar tudo de novo, diferenciando diversos itens que antes pareciam semelhantes.

Como esclareceu o Daniel na última contribuição, "Os argumentos organizam-se hierarquicamente para compor a sentença"; acredito que o meu maior problema (talvez o nosso?) é entender exatamente como ocorre essa hierarquia... a última aula me soou bastante esclarecedora, mas essas paternidades e fraternidades ainda me confundem bastante...

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Vamos ver se consigo esclarecer a dúvida de vocês, em todas as categorias lexicais (nome, determinante, verbo, preposição) temos a projeção XP, X' e X, esse é princípio básico. Assim, o Spec e Compl também terão essas projeções, esses nomes são apenas termos para denominar os argumentos, o Spec geralmente será um DP e o Compl pode ser DP, PP, CP, os quais terão essa projeção XP, X' e X.

Com isso, podemos dizer que o spec em uma representação arbórea assumirá, provavelmente, a forma de um DP ou de uma categoria nula (me refiro a uma posição vazia, caso não seja necessário atribuir um especificador ao núcleo), que possui projeções.

Acho que ajuda pensar que o Spec também possui essas projeções...

Aline de Lima Benevides – Turma 111

O exemplo demonstrado pelo William na frase "Joaquim limpou a parede com um esfregão" e suas considerações finais sobre possíveis limitações práticas da teoria X-Barra podem representar um ponto de partida interessante para discutirmos como a teoria "se comportaria" em sentenças mais complexas.

Parece a mim mais eficiente discutirmos o assunto diretamente na frase. Entendi a citação do William sobre "substantivos oriundos de verbos" de outra forma, ou seja, não o substantivo como projeção do verbo, mas como derivação do verbo. Exemplo: correr (verbo) > correria (substantivo). A partir daí, tentei imaginar como explicaríamos, na teria, a seguinte sentença:

"A correria dos torcedores foi o estopim para a confusão"

Aguardo comentários.

Marco Aurélio – Turma 111

Olá Suellen,

Demorei para responder porque não tive como postar nos últimos dias. Acho que com a aula de ontem (09/05) as coisas ficaram mais claras, mas como você e o Daniel Q. Nunes me pediram para postar mesmo assim, então aí vai, rs.

O que eu queria dizer é que a relação do núcleo com o argumento interno é diferente da relação do núcleo com o argumento externo (especificador). Isso foi confirmado ontem pela Maria Clara na classe. Pelo que entendi o especificador não é uma projeção intermediária, mas serve de argumento para essa projeção. Em outras palavras, o núcleo estabelece uma relação mais íntima e mais dependente com o argumento interno e é dessa projeção de núcleo+argumento interno que o especificador vai ser complemento. A árvore mostra justamente essa relação.

Pela semântica de um verbo, por exemplo, é possível prever o papel temático de seu complemento mais íntimo (argumento interno). Usando um exemplo similar ao usado em classe, vemos que o complemento de comer vai, necessariamente, ser comido. É uma relação direta. Já o especificador não tem uma relação tão direta, já que não há uma determinação direta do núcleo sobre ele. O especificador será determinado, então, pela projeção núcleo +argumentos internos.

Bem, isso foi o que compreendi.

Abraços

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Acho que todo texto que detalhe a teoria X-Barra é válido e serve para aumentar nosso conhecimento. Com as últimas aulas a teoria está ficando mais clara para mim, mas ainda tenho dúvidas sobre a montagem da árvore. Consigo entender a relação do núcleo com o complemento, o por que tem alguns que selecionam argumentos, mas a árvore é estranha, sem ordem (pelo menos para mim). Espero que com o texto da Inês Duarte consiga montar esse quebra-cabeça.

Eliana Aparecida Valadao Mancilha – Turma 111

Mari, deixe-me ver se entendi.

O argumento interno junta-se primeiro ao verbo, ocupando a posição de complemento, formando um sub-constituente e, então, o verbo junta-se ao segundo argumento que é o externo. Esse argumento externo é o especificador. Obtemos assim um constituinte verbal, no caso de A Maria comprou verduras, em que comprar é o núcleo, verduras é o complemento (argumento interno) e A Maria é o meu especificador (argumento externo). Então, as relações básicas da sintaxe dentro desse diagrama arbóreo são: a relação estabelecida entre o núcleo e seu complemento; e a relação existente entre o sub-constituente formado por núcleo + complemento e especificador.

Certo?

Dayana Cristina Domingos da Silva - Turma 111

Pelo que eu entendi é isso mesmo, e é nessas relações que são distribuídos os papéis temáticos.

Eu não entendi muito bem, no entanto, o caso daquelas frases "a tempestade destruiu tal coisa" e "o inimigo destruiu tal coisa". Nesses casos, como o papel temático de tempestade e inimigo é diferente, embora o conjunto verbo + argumento interno seja igual, não seria o próprio especificador que está atribuindo (ou contribuindo para atribuir) seu papel temático?

Mauricio Yasuyuki Katayama - Turma 111

Olá,

Dayana, foi exatamente assim que eu entendi. O seu exemplo foi ótimo, acho que dá para perceber bem as relações. Mais para frente, acho que vamos entender melhor como adjuntos se encaixam nessa estrutura arbórea, porque ainda não está tão claro para mim.

Maurício, acho que é exatamente isso. Quando dizemos que o especificador é um argumento do verbo, só que mais independente do que os argumentos internos, estamos dizendo que o especificador não é determinado diretamente pelo verbo. Os exemplos "a tempestade destruiu a casa" e "o inimigo destruiu a casa", mostram exatamente isso. O argumento interno de destruir vai, necessariamente, ficar destruído. Já o argumento externo ou especificador não terá o papel temático determinado diretamente pelo verbo, há uma possibilidade maior de variação.

Abraços

Mariana Araujo Braga - Turma 111

4.2. Os sintagmas flexionais

Na representação que a Maria Clara nos mostrou em nossa última aula apareceu em um nível da árvore "IP" (que se não me engano no livro do Carlos Miotto está como Inflexional phrase ou algo do tipo...) já em outros livros e na aula da sintaxe da linguística vemos isso como "TP" (tense phrase)... Alguém sabe a diferença? Se estamos diante de alguma mudança ou se é só uma terminologia diferente?

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

O que tirei da leitura do primeiro capítulo do livro do Miotto e das aulas do Prof. Modesto (de Sintaxe da Linguística) é que IP e TP podem ser considerados, na prática representativa da Teoria Sintática, a mesma coisa: seria a projeção responsável por atribuir as funções gramaticais ao verbo e onde se dá a concordância do DP (sintagma determinante) sujeito com o verbo - na forma realizada a partir do componente acústico-articulatório do nosso módulo da linguagem, para o português, teríamos como correspondentes às relações atribuídas nessa projeção da estrutura os morfemas modo-temporais e número-pessoais.

No entanto, há uma distinção, de maior apelo detalhístico (que pode ser até estendida e o é por um microcampo a que o Prof. Modesto chamou, nas nossas aulas, de nanosintaxe), entre o TP e o IP:

O IP, como seu nome inflectional phrase (sintagma flexional) sugere, agrupa em si os traços que serão atribuídos ao verbo e com os quais o sujeito deverá estabelecer concordância. Subordinados ao IP estariam sempre (mas não necessariamente, isso dependendo da preocupação/extensão da análise, manifestados na representação formal das estruturas) um TP e um AgrP, sendo o primeiro o tense phrase (responsável pelas características modo-temporais) e o agreement phrase (responsável pelos traços número-pessoais, que desencadeiam a concordância com o sujeito). Isso pode ser melhor visualizado pela explicação e pelos diagramas que a acompanham, na página 59 do Manual.

Alexandre de Oliveira Sobreiro – Turma 111

Alexandre, acreditava que o TP e o IP eram considerados a mesma coisa, apenas termos distintos para denominar a mesma forma de atribuir as relações gramaticais de concordância. Mas me surgiu uma dúvida quando diz que o TP é subordinado ao IP, pelo que entendi o TP e o AgrP seriam formas de dividir o IP para atribuir concordância em duas projeções distintas? Qual o IP projeta primeiro? (desculpe-me não estou com o livro para poder visualizar).

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Pelo que ouvi em uma conversa com um amigo meu (Fábio Ara) o IP é uma junção do TP com algum outro elemento, é como se em nossa aula de sintaxe estivessemos estudando somente as propriedades do TP e que um outro elemento (que eu não me lembro, desculpe) seja incluído a esse TP e dê o que o Mioto chama de IP. Sei que não está nada claro mas foi mais ou menos isso que entendi de minha conversa rápida com esse meu amigo.

Thiago Chaves Alexandre – Turma 111

Caros,

Ainda não entramos neste ponto no curso, mas é ótimo que vocês já apareçam com essas questões. Falaremos disso em breve - na aula depois da páscoa mais detidamente, na aula que vem resumidamente.

Agora, "resumidíssimamente", lembro:

IP representa "Inflectional Phrase"; TP representa "Tense Phrase" (como vocês mesmo disseram). "Tense" - "Tempo" é uma das propriedades codificadas na flexão verbal, ou seja, em princípio, Tense seria subordinado a Inflection.

A proposta de uma "Inflectional Phrase" veio primeiro na teoria; mais tarde, surgiu a hipótese de que seria interessante "desmembrar" IP em diferentes projeções, segundo as diferentes propriedades codificadas na flexão: Tempo e Concordância, basicamente - daí as propostas de TP e AgrP (Agr para Agreement). Houve em seguida muito debate sobre a relevância desta divisão; e ainda, sobre a ordem relativa entre TP e AgrP na estrutura.

A tendência mais recente, do modelo minimalista (ou seja: o que vocês estão estudando com o Marcelo) é a de considerar apenas um núcleo de flexão, T(ense), projetando portanto somente TP na estrutura. Mas isso não é apenas uma questão de nomenclatura; pode indicar que T(ense) é a codificação relevante quando o assunto é flexão verbal.

Bem... disse que ia resumir, e já falei demais.

O importante é vocês lembrarem o seguinte neste momento: "IP" costuma ser usado nas representações mais antigas, TP "exclusivo" costuma ser usado nas representações mais recentes, minimalistas.

Espero ter ajudado um pouco; nas próximas semanas falaremos mais nisso, como disse.

Abs

MC

Maria Clara Paixao de Sousa

Gente, isso não vai ajudar em nada na discussão, mas achei um infográfico sobre como a linguagem funciona no nosso cérebro e achei interessante.

Olha só: <http://voxy.com/blog/2011/04/language-and-your-brain-infographic/>

Larissa Soriano – Turma 111

4.3 Noções de constituência e sintagma

Olá colegas, como estão? Cabeças em ordem?

Prosseguindo em nossas investigações, exponho uma dúvida que talvez os colegas saibam esclarecer. Para mim ainda não ficou clara a diferença entre os conceitos de "sintagma" e "constituente", por suas definições. Tomando "sintagma" pelo recorte básico que determina o estudo da sintaxe, seja esse recorte constituído por um ou mais elementos dentro da sentença, seria então o "constituente" uma mera designação formal, utilizada para uma melhor visualização dos termos dentro de uma representação sintática?

Com angústias teóricas,
William Raphael
William Raphael – Turma 111

Olá, William!
Aqui vai a definição do constituinte e da sintagma que tinha visto no Novo Manual de Sintaxe.

Constituinte:
Um constituinte é uma unidade sintática hierarquicamente, embora se apresente aos olhos como uma sequência de letras ou aos ouvidos como uma consequência de sons.

Em princípio, não se pode determinar sua extensão, uma vez que não é fácil prever qual o número máximo de itens que podem pretender a ele. Por isso, em vez de procurar estabelecer a extensão de um constituinte, a sintaxe procura delimitá-lo a partir de um núcleo.

Sintagma:
Um contiuinte sintático
O juiz julgou [aquela ré culpada] <"aquela ré culpada" é um sintagma nominal>

O juiz julgou [aquela ré] culpada <"aquela ré" é um sintagma nominal>

Erika Tiemi Hirata – Turma 111

Isso não dá na mesma? Pelo que eu entendi, constituinte e sintagma são a mesma coisa; constituinte seria um termo menos técnico para sintagma, apenas.

Aline de Oliveira Santana – Turma 111

Citando a Érica,

"Sintagma:

Um constiuinte sintático"

Acho que isso é autoexplicativo. Lembro também que nas aulas de EL-II nem se falou em "constituente", mas apenas em sintagma, desde o início.

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Mas se constituinte é "uma unidade sintática" e sintagma é "um constiuinte sintático", poderia-se dizer que o sintagma é "um constiuinte (uma unidade sintática) sintático". Não fez muito sentido pra mim ainda... = (. Alguém saberia me dar uma outra explicação?

Marina Nakai Witt – Turma 111

Desculpem mas meu teclado esta maluco entao nao tenho como colocar acentos nas palavras.

Acredito que o constituinte seja uma mera designacao formal e tambem estou com duvidas de como diferenciar constituintes de sintagmas, por muitas vezes me parece que nao ha distincao entre os dois. Por isso acabei relendo parte do Novo Manual de Sintaxe. Tentei diferencia-los atraves dos niveis de projecao:

Considerando o contexto: "o menino amar a menina", que aparece no novo manual de sintaxe, teremos como projecao maxima do nucleo verbal (especificador + nucleo + complemento = XP) um sintagma verbal e um constituinte concomitantemente. Mas tendo em vista o contexto total, me parece que a projecao intermediaria (nucleo + complemento = X') forma apenas um constituinte de nucleo verbal, sem chegar a ser um sintagma verbal.

Mas no final fiquei com essas questoes na cabeca: realmete estaria nos niveis de projecao a diferenca entre sintagma e constituinte? Um sintagma se forma apenas na projecao maxima de um nucleo? A projecao intermediaria mesmo sendo composta de um sintagma nominal pode ser considerada apenas constituinte de nucleo verbal? Pode um contexto definir o que eh sintagma e o que eh constituinte?

Rodrigo Cine – Turma 111

Sausações, Rodrigo Cine!

[meu caro, isso de você não conseguir colocar acentos pode ser um tipinho bem chato de vírus chamado bugbear, peguei um desses no começo do ano e também postava sem acentos rs; se tiver anti-vírus, tente usá-lo]

Achei sua explicação baseada no Manual de Sintaxe bastante pertinente; junto com as explicações da profª na última aula acho que ficou bem mais fácil de entender.

No entanto, ao final da mesma aula, uma outra dúvida me atingiu (de fato, menor e menos cruel do que outras já apresentadas por aqui, mas para variar, parcialmente referente a nomenclaturas): argumentos sombra são adjetivos ?

A profª citou alguns exemplos:

exemplo por defeito(10)> o arquiteto ... com tijolos de vidro (informação acessória, dispensável)

exemplo sombra: (11) lágrimas de raiva

Tive a impressão de que os argumentos sombra tendem a ser adjetivos (miudinha) ou locuções adjetivas (como "de raiva", que por sua vez não poderia ser eventualmente substituída por "raivosas" sem que a pragmática sofresse uma mudança ou mesmo se tornasse ambígua); no entanto, me ocorreu a possibilidade de substituir os tijolos de vidro por tijolos vítreos, e tudo ficou mais confuso...

Alguém mais foi pego por essa questão ?

Raul Coelho de Oliveira Araujo – Turma 111

Tenho a impressão que devam ser adjetivos, locuções adjetivas ou mesmo orações com valor de adjetivo. É difícil pensar uma sentença em que não se trate de um adjetivo (ou afins). Mas talvez tal nomenclatura tire o foco principal do argumento, que é a relação que ele mantém com os outros elementos.

Alguém tem alguma sentença em que isso não ocorra?

Marian Gabani Gimenez – Turma 111

Olá!

Na constituição sintática da sentença, ou nos níveis de projeção não consigo notar uma diferenciação entre constituinte e sintagma.

Considerando a definição do Novo Manual; que um constituinte sintático é denominado sintagma, como poderíamos por um contexto ou por funções na sentença separar ou diferenciar um constituinte de um sintagma?

Alguém consegue diferenciar exemplificando? Outra dúvida é se o uso de um ou de outro termo compromete a análise da sentença.

Karina Roberta de Camargo – Turma 111

4.3.1 O núcleo do sintagma

Na última aula nos foi passado a seguinte frase:

"A moça de olhos tristes do apartamento do primeiro andar do prédio da minha tia"

Essa frase vinha dentro de alguns retângulos, que substituíam os colchetes. Mas, como não consigo usar os retângulos aqui, irei tentar explicar minha dúvida com os colchetes mesmo.

Usando os colchetes, essa frase ficaria assim:

"[A moça [de olhos tristes [do apartamento [do primeiro andar [do prédio [da minha tia]]]]]]]"

Pergunto: Isso quer dizer que o núcleo dessa frase é "da minha tia"?

Embora não me pareça uma frase completa, acho que o núcleo é "A moça". Ou vocês acham que isso pode variar de acordo com o desenvolvimento dessa frase?

Obrigado

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Rodrigo,

O fato do sintagma "da minha tia" ser o mais "interno" pelo número de colchetes ou retângulos, não quer dizer que ele seja o núcleo deste sintagma "maior".

O núcleo é mesmo "A moça" e acho que ele não pode variar, já que todo o desenvolvimento do sintagma, ou seja, o aparecimento dos outros sintagmas complementares, é feito a partir dele. Todos os sintagmas que aparecem posteriormente complementam aquele que o antecedeu e o "A moça".

Usarei como exemplo um esquema parecido com um usado em aula em relação ao tamanho da fonte dos sintagmas, espero deixar mais claro a hierarquia dos sintagmas "A moça" e "da minha tia" nessa frase.

A moça

de olhos tristes

do apartamento

do primeiro andar

do prédio

da minha tia

Marilisa Fernandes – Turma 113

O núcleo da frase é: A moça, concordo!

Acho que o núcleo deve ser analisado a partir do sintagma, no caso, o núcleo do sintagma, [A moça de olhos tristes] é "A moça", que é hierarquicamente mais importante nesse sintagma.

Quanto a frase completa:

"A moça de olhos tristes do apartamento do primeiro andar do prédio da minha tia"

Acho que se deve pensar em uma hierarquização da frase, somente depois de pensar na hierarquização do sintagma.

Seria possível haver uma outra classe de hierarquia!? Por exemplo: Hierarquia maior (frase); hierarquia menor (sintagma), mas não pensando em maior ou menor no sentido de mais importante ou menos importante, mas sim na questão do que abrangem mais. A frase, que é maior, abarca os sintagmas, que são menores.

Não sei se fui clara, só foi um jeito que organizei as ideias na minha cabeça e também não estou 100% certa de tudo.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Renata, acredito que a sua observação faça sentido sim, pois se utilizarmos por exemplo "A moça do apartamento"; "A moça do primeiro andar"; e "A moça do prédio da minha tia" o núcleo e os complementos funcionam perfeitamente, mas se fizermos isto: "A moça da minha tia" algo estranho ocorre na informação original e perde o sentido. Talvez isto ocorra pelo fato de não ter referência real no mundo, pois ouvir ou ler esta oração causa estranhamento e nos indagamos o seu significado. Eu diria que é possível sim existir uma hierarquização de importância para uma sentido global, pois na fragmentação de relações nem tudo ficou tão passível e coeso com o núcleo.

Eduardo Santos da Silva – Turma 113

Realmente, "a moça da minha tia" soa estranho e não faz referência à mesma moça da frase completa.

Será que então o complemento neste caso não seria "do prédio da minha tia", não podendo separar "do prédio" de "da minha tia"?

Estela Gomes Marinotti – Turma 113

Acho que isso deveria ser representado assim:

[A moça [de olhos tristes] [do apartamento [do primeiro andar [do prédio [da minha tia]]]]]

[de olhos tristes] e [do apartamento [do primeiro andar [do prédio [da minha tia]]]] estão no mesmo nível hierárquico. Dentro de [do apartamento [do primeiro andar [do prédio [da minha tia]]]], por outro lado, há uma série de subordinações. [da minha tia] determina [do prédio] e assim por diante.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Quanto ao núcleo da frase, me surgiu uma dúvida. Caso houvesse duas orações, como as seguintes:

[A moça [de azul]]

[A moça [de vermelho]]

Concordo que hierarquicamente "a moça" seja o núcleo, mas, do ponto de vista comparativo, a importância dos adjuntos "de azul" e "de vermelho" não seria maior, tendo em vista que os núcleos são idênticos?

Não sei se fui clara, mas, parece-me que uma vez que o traço distintivo que separa as orações é o sintagma de hierarquia inferior. Embora "a moça" seja o núcleo, é o outro sintagma que determina sobre qual moça se está falando.

Este parece ser o cerne da questão dos vários sintagmas na frase apresentada em sala de aula.

Carolina Carbonari – Turma 113

Eu acho que não entendi bem como usar os colchetes então. Porque vejo a frase dessa forma:

[[[[[A moça] de olhos tristes] [[do apartamento] [[do primeiro andar]]do prédio]]] da minha tia]]]]

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Eu acho que [de azul] e [de vermelho] não devem ser vistos como sintagmas independentes, mas sim como complementos. Lembra que a professora falou na sala como os complementos dos sintagmas, apesar de serem "meio desprezados" têm muita importância para o entendimento das frases?

Para a gramática normativa são entendidos literalmente como complementos, que por tanto tem importância secundária, mas para os estudos de sintaxe não é tão simples assim, os complementos são excelências para o entendimento da frase.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

várias considerações...

sobre as hierarquias que a renata citou e o eduardo comentou:

realmente "A moça da minha tia" não faz sentido, mas a "moça do prédio" e a "moça do primeiro andar" tem sentidos exatamente iguais?

eu creio que não...por isso eu penso em hierarquização dentro do sintagma mesmo:

neste contexto, "minha tia" só pode estar a baixo de "prédio", que por sua vez só pode estar abaixo de "primeiro andar", etc...como a marilisa falou... e o que vem em cima de todos é "a moça", núcleo e parte hierarquicamente superior.

Oriana Harumi de Lima Tanaka – Turma 113

concordo plenamente...

mas daí fica difícil falar que o núcleo é o mais importante quando os complementos tem papéis tão fortes tb...

voltando à gramática tradicional...os complementos não eram as unidades que se você tirar da frase ela não perde o sentido?

a moça OK

a moça de vermelho OK

a partir do momentos que estamos colocando uma hierarquia entre núcleo e complementos estamos dizendo que um é mais importante que o outro...mas será que um funciona sem o outro? creio que não...

Oriana Harumi de Lima Tanaka – Turma 113

Primeiro queria me corrigir: acima, não queria dizer excelências, mas sim: essenciais, me desculpem pelo erro.

Talvez fosse melhor não colocar o núcleo e o completo em uma relação de hierarquia. Não sei dizer exatamente qual é a relação entre esses dois elementos, mas acredito que não seja de mais importante e menos importante.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Acho que a hierarquia - apesar desse nome - não é pra dizer o quê é mais importante que o quê, mas o quê é estruturado em torno do quê. Apesar de numa frase como "A moça de verde e a moça de vermelho" as locuções adjetivas serem cruciais, é indiscutível que "de vermelho" e "de verde" estão organizadas em torno de moça e não o contrário. Não há dúvida do que é o determinado e o que é o determinante.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Concordo Marciano! Inclusive já havia dito, acima, algo parecido:

“Seria possível haver uma outra classe de hierarquia!? Por exemplo: Hierarquia maior (frase); hierarquia menor (sintagma), mas não pensando em maior ou menor no sentido de mais importante ou menos importante, mas sim na questão do que abrangem mais. A frase, que é maior, abarca os sintagmas, que são menores.”

Acho que é isso mesmo. Pensei isso, só não soube me expressar bem. Na minha ideia, o complemento, que faz parte da frase, seria algo maior que abrange algo menor, que é o sintagma.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Boa noite pessoal,

bom eu não entendi uma coisa...

uma frase, por exemplo, [a moça de olhos tristes] ganhou [um gatinho de rabo amarelo] (de acordo com o resumo da aula), pode ter dois blocos de com hierarquia? Ou tem somente uma expressão que predomina mais?

obrigada

Aline Maya Gramaglio – Turma 113

Não sei se entendi muito bem a sua dúvida, mas pelo que entendi, [a moça de olhos tristes] ganhou [um gatinho de rabo amarelo], são dois sintagmas diferentes, cada um com sua hierarquia. No caso do sintagma: [a moça de olhos tristes], o núcleo, que é escolhido por importância hierárquica é: “a moça” e em [um gatinho de rabo amarelo], o núcleo é “um gatinho”. Acho que uma frase pode ser dividida em vários blocos de sintagmas. Sintagmas esses que podem ser inseparáveis, não fazem sentido um sem o outro, ou independentes, que possuem sentidos mesmo apresentados isolados.

Me corrijam se estiver errada, por favor!

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Eu concordo com a questão de serem sintagmas diferentes, pois se fossem o mesmo seria assim :

[A moça [de olhos tristes[que tem um gatinho de rabo amarelo]]].

Então podemos ler "A moça de olhos tristes" ou "A moça que tem um gatinho de rabo amarelo", e os dois ficam claros, certo ?

E também concordo com a questão do núcleo do outro sintagma.

Interessante o fato de que o verbo a outra "moça" dos olhos triste do prédio da minha tia, não destacar dois sintagmas pois não houve ação ocorrida, são só sintagmas nominais, no entanto, se pensamos nesta moça que ganhou o gato amarelo, já vemos que parecem ser dois sintagmas diferente pelo emprego no verbo "ganhou", que implica em um sintagma nominal e um sintagma verbal.

O que vocês acham ?

Erika Araujo Pereira – Turma 113

São sintagmas diferentes, mas a oração como um todo também é um sintagma. Acho inclusive que em

[A moça [de olhos tristes[que tem um gatinho de rabo amarelo]]]

cada bloco desses é um sintagma que vai se juntando aos outros para formar um sintagma maior. Pelo menos é o que eu entendi do exemplo dos fractais. Triângulos menores se juntando para formar triângulos maiores, sem por isso deixarem de ser triângulos.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

É verdade Marcio, faz sentido, todos são sintagmas, que em conjunto formam um sintagma maior , conforme a teoria dos fractais.

O que eu quis dizer é que no caso da frase com o verbo "ganhou" temos também um sintagma verbal presente na frase e mesmo com a presença de sintagmas de classes diferentes, temos um sintagma maior, composto da união dos sintagmas menores.

Como em :

[A moça [de olhos tristes[que ganhou um gatinho de rabo amarelo]]]

Seria isso ?

Erika Araujo Pereira – Turma 113

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Olá pessoal,

Esta discussão está muito boa. Entre outras coisas ela mostra a limitação das representações mais "superficiais" que vimos com os colchetes.

Eu sugiro que vocês agora tentem representar o que estão discutindo sobre "A moça de olhos tristes..." sob forma de estrutura arbórea. Será que assim é possível capturar melhor a hierarquia de constituintes - em especial, o problema da relação entre [a moça] ... [da minha tia]?

Sugiro que comecem com

"A moça do primeiro andar do prédio da minha tia" e só depois passem para

"A moça de olhos tristes do primeiro andar do prédio da minha tia".

Bom trabalho!

P.S.: Se quiserem, podem usar o seguinte aplicativo:

<http://ironcreek.net/phpsyntaxtree/>?

Maria Clara Paixao de Sousa

Pus os dois sintagmas preposicionais no mesmo nível:

http://www.4shared.com/photo/kxkACowE/moa_triste.html

Moça triste

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Marciano,

É por aí - ou seja: há duas unidades grandes "no mesmo nível", "de olhos tristes" e "do apartamento do primeiro andar do prédio da minha tia".

Mas e se quisermos manter uma estrutura arbórea binária?

Como você faria?

MC

Maria Clara Paixao de Sousa – Turma 113

Talvez uma saída para a inclusão no sistema binário seja o acréscimo do sintagma a partir de "do apartamento" como um complemento do nível intermediário. Eu fui incapaz de elaborar um esquema arbóreo, então continuarei tentando para vir demonstrar o que pensei. Se alguém compreendeu e quiser me ajudar com a elaboração tecnológica, agradeço!

Carolina Carbonari – Turma 113

Eu fiz a distribuição arbórea.

No primeiro caso, "A moça" ficou como núcleo (X) ligado ao complemento, "do primeiro andar" formando o intermediário (X²), que se liga ao complemento, "do prédio da minha tia" e formam outro intermediário (X¹), que por último forma o sintagma frasal (XP).

Na segunda frase não modifiquei muita coisa, pois pensei ser possível um núcleo como "A moça de olhos tristes", é uma forma de manter a estrutura binária, e a segunda parte da distribuição ficou igual ao da primeira frase.

No caso das duas frases, não há um especificador, ou argumento externo, há um núcleo com seus complementos.

Não estou bem certa do que fiz, mas ao menos tentei fazer de acordo com a aula e com o esquema do resumo da aula.

Ainda estou com algumas dúvidas, mas que não sei formular bem ainda.

Uma dúvida é: os complementos que são anexados depois na frase são hierarquicamente superiores ao primeiro complemento do núcleo?

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Olá Pessoal,

Como foi citado por um colega a questão de como abordar a subordinação, gostaria de perguntar, mesmo tardiamente, se o Bloco seria sempre subordinado ao sintagma núcleo??

Paula Ruiz de Souza Bonilha – Turma 113

Olá, Paula! Acho que não entendi direito o que vc quer dizer por "bloco", mas vou tentar explicar mesmo assim. Então, caso eu me engane, vc me corrige! Usando a metalinguagem que vc propos, acho que os complementos são subordinados ao núcleo, e esta relação é que forma um "bloco" (sintagma).

ex: A menina de olhos tristes e cabelos cacheados adora gatos.

-olhos tristes e cabelo cacheado são subordinados à menina, a relação entre eles faz o "bloco". Os termos complementos vão se articulando ao redor do núcleo e assim, formando o sintagma.

Era isso, Paula?? espero ter ajudado!

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

Não diria que o bloco é sempre subordinado ao sintagma núcleo, porque acho que, às vezes, o próprio "núcleo" é, isoladamente, um "bloco". Outras vezes, o bloco é formado pelo "núcleo" e por aquilo que vem atrelado a ele, e não somente pelos termos "subordinados". E, para não perder o costume de usar os termos da gramática tradicional, podemos

ter "blocos" que sejam coordenados a outros blocos, sem que haja relação de dependência. Mais um caso em que não haveria, necessariamente, essa relação de "subordinação".

Será?

Fabia Alvim Leite – Turma 113

O que entendi é que existe uma hierarquia de sentidos então teríamos:

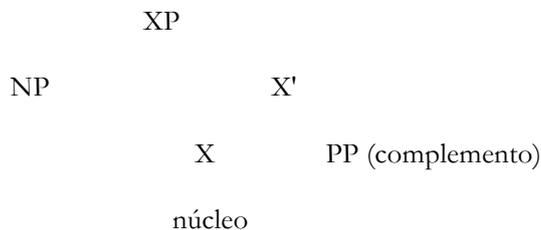
Sintagma X - elemento X + complemento

Esse elemento X podemos entender como o núcleo. hierarquicamente então temos o complemento subordinado ao núcleo (elementoX).

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Olá, colegas.

Ontem surgiu uma dúvida durante a aula, pensando na teoria X-barra. Sendo que a formalização sugere o seguinte:



(Não sei se está claro pela ausência de linhas que conectem a árvore axiológica, mas enfim)

Podemos considerar o núcleo de X um verbo. Numa situação como "viu a velha", "viu" seria o núcleo e "a velha" seu complemento.

Minha dúvida é quanto às locuções verbais. Na gramática tradicional escolar do Bechara encontramos a seguinte definição: "Chama-se locução verbal a combinação de diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: hei de estudar, estou estudando, tenho estudado".

Quando aprendi na escola, a locução era vista como dois verbos que, juntos, indicavam uma ação só.

Nesse caso, como ficaria a árvore axiomática, quem seria o núcleo e o que aconteceria com o verbo auxiliar, na hipótese de que o verbo principal fosse o núcleo, numa oração como:

"Eu estou fazendo a lição de casa"

Ainda estou pensando em possibilidades.

Carolina Carbonari – Turma 113

Carolina, estava lendo o Novo Manual de Sintaxe, do Miotto, e lá fala uma coisa que pode ser uma pista para essa resposta: "Além de poderem ser vazios ou pronunciados, os núcleos podem ser de natureza lexical ou funcional. [...] Os núcleos lexicais se identificam com as categorias lexicais que são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos fundamentais: nominal e verbal."

A palavra fazendo, na frese que você citou, tem traços nominais (de gênero e número) e verbais. E tem justamente esses traços por está combinada com o verbo ser. Dessa forma, como o ser modifica o fazer, não considero, como a gramática normativa faz, que ser seja um "verbo auxiliar" e fazer o núcleo, pois ser carrega características de causa, diferente de quando ele está só (como em Ela é bonita, por exemplo).

Por conta disso, eu creio que "estou fazendo" seja o núcleo.

Laysi Praxedes Nobre – Turma 113

Olá a todos! Bem, eu estava lendo sobre a teoria X', e tudo andava bem, até que surgiu o núcleo funcional!!!

O núcleo funcional é aquele que não é capaz de selecionar seus argumentos, como por exemplo: os morfemas de modo, pessoa, tempo... Enfim, não consigo entender como tais marcas podem ser nucleares, e se são, como identificar em que momento são relevantes??

O texto dá o seguinte exemplo:

Maria viu [eles chegarem]

O núcleo funcional deste sintagma seria o morfema em?

e aí??

bjos

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

Acho que seria eles chegarem, pois eles é fundamental para a flexão e é a resposta para a pergunta O que Maria viu?

O autor diz: " O complemento I só pode ser uma categoria de natureza verbal, isto é, I só pode combinar com verbos, o que equivale dizer que I c-seleciona VP."

O morfema em, sozinho não funciona como uma categoria, daí ele não ser o núcleo funcional.

Mas eu apenas acho, essa parte do livro também me confundiu...

Laysi Praxedes Nobre – Turma 113

Concordo com você Marilisa, a moça, é em questão o núcleo, é o sintagma mais importante para o entediamento da setença, é o sintagma maior eu diria, é aquele que comporta todos os demais. acho que é isso.....

Ednaldo Rodrigues Pereira – Turma 113

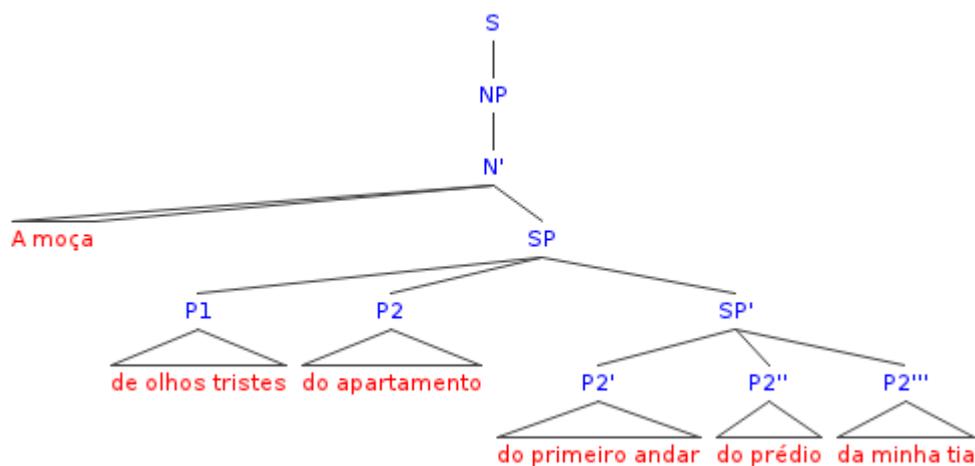
Depois de ler o Míoto, eu vi que minha árvore está errada - entre outros motivos - porque os adjuntos estão partindo de níveis intermediários, sendo que eles devem partir sempre de uma projeção máxima. Ainda não entendo como concatenar os dois adjuntos sem privilegiar um deles em "imediatividade" em relação ao núcleo.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Aí está a minha tentativa de estrutura arbórea.

[S [NP [N' A moça [SP [P1 de olhos tristes] [P2 do apartamento][SP' [P2' do primeiro andar] [P2'' do prédio] [P2''' da minha tia]]]]]]]

Mas não sei se está fazendo sentido a hierarquização. Para mim, "de olhos tristes" e "do apartamento" estão no mesmo nível. "Do primeiro andar", "do prédio" e "da minha tia" estão em um outro nível, subordinados a "do apartamento". Talvez "da minha tia" devesse estar subordinado a "do apartamento", mas não tenho certeza.



Laura

Laura C Fiore Ferreira – Turma 113

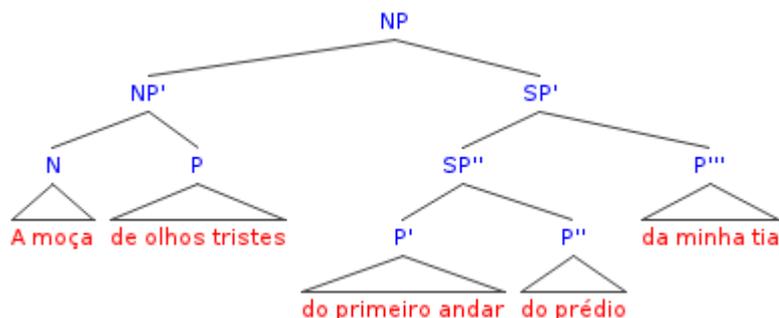
Vou responder a minha própria pergunta agora, já que a professora me explicou na sala. Não é hierarquicamente superior, mas sim, menos imediato. O primeiro argumento que um certo tipo de núcleo (que são os verbos que exprimem ação) pede é o paciente, que é o termo mais imediato para formar o primeiro sintagma da distribuição arbórea. piscando Me corrijam se estiver errada. Please!

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Esse livro do Míoto está requisitado na biblioteca. Não tem nenhum exemplar disponível! Vou refazer minha distribuição arbórea com mais calma quando estiver com as leituras em dia também. Mas a ideia que estou na cabeça agora é que: "A moça de olhos tristes do primeiro andar do prédio da minha tia" tem como núcleo: "tristes" que é termo que olhando a frase, me parece, é o que mais pede argumento, mais do que qualquer outro item da frase.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Aqui vai minha tentativa de árvore. Não olhei as anteriores para não ser influenciado. Espero que não esteja igual a de ninguém.



[NP [NP' [N A moça] [P de olhos tristes]] [SP' [SP'' [P' do primeiro andar] [P'' do prédio]] [P''' da minha tia]] abraços

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Tenho uma questão que acredito que possa se encaixar nesse fórum. Quanto ao conhecimento léxico das palavras, fiquei em dúvida em relação a um exemplo de sala que pode se desdobrar em outro que pensei:

DESTRUIÇÃO (da cidade) - nosso conhecimento do léxico informa que "destruição" pede um complemento imediato até aí, ok. Mas e no caso abaixo:

Tentativa de destruição da cidade

Quanto à "tentativa", precisamos necessariamente de um complemento? Nessa oração superior parece que sim, mas e se usada na forma a seguir:

Você terá direito a mais uma tentativa.

Não me parece ser necessário um complemento, talvez pela existência de um contexto. O que vocês acham?

Carolina Carbonari – Turma 113

Renata, na minha opinião, acho que seria "moça" mesmo o núcleo, o que pede mais argumentos. Veja, a moça é triste, e a moça mora no primeiro andar. Acho que nada mais diz respeito a "tristes", só a moça.

E aí "do prédio" e "da minha tia" seriam menos imediatos. Se é que isso está fazendo algum sentido...

Laura C Fiore Ferreira – Turma 113

Carolina,

Em "Você terá direito a mais uma tentativa" realmente um contexto seria esclarecedor.

Mas, mesmo sem um contexto, essa sensação de não ser obrigatoriamente necessário um complemento deve-se a posição hierárquica de "tentativa" na estrutura arbórea.

Na primeira sentença, "tentativa" é o núcleo. Logo, a relação com o seu complemento é imediata. Já na segunda, "tentativa" complementa "direito".

Natalia Felix Nery Santana – Turma 113

Bom, essa frase é muito complexa para fazer a distribuição arbórea, pois é uma frase sem verbo e muito extensa. Agora vou explicar o porque da minha dúvida quanto achar que somente "A moça" pode ser o núcleo da frase. É que no texto da Maria Eugenia L. Duarte, na parte que aborda "Os predicadores nominais", usando o exemplo acima:

A moça é triste

Vou transcrever o que está no texto, usando esse exemplo, é mais ou menos assim:

"O elemento grifado acima constitui o núcleo do que a tradição chama de predicado nominal, além de serem classificados como "predicativos do sujeito". Por que será ele o núcleo do predicado? Porque é esse nome (substantivo ou adjetivo) o responsável pela projeção da estrutura sentencial. Tal como os verbos, os nome selecionam argumentos, nesse caso: alguém triste."

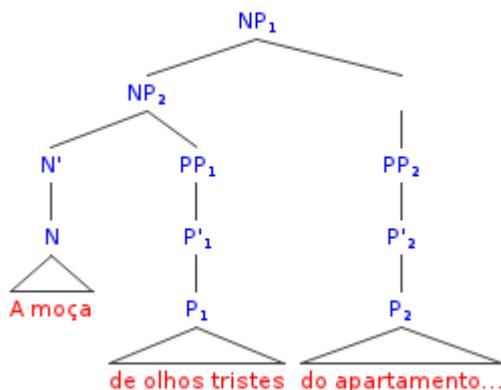
Pegando a frase isolada, "A moça é triste" faz mais sentido, mas a frase: "A moça de olhos tristes do primeiro andar do prédio da minha tia" fica mais complexa.

Só foi uma ideia pensar que "triste" poderia ser o núcleo, mas confesso que ficaria difícil nessa frase, pois onde ficaria "de olhos tristes"? "A moça" poderia ser o constituinte, argumento externo da frase, mas a frase possui elementos que ficariam difíceis de classificar pensando assim.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Rodrigo, acho que na sua árvore [da minha tia] deveria estar se unindo a [do prédio] antes de ambos se unirem a [do primeiro andar].

Eu desenhei essa árvore ignorando por hora as divisões de [do primeiro andar]. Estou preocupado no momento em descobrir como ligar dois adjuntos à projeção máxima do nome. Por hora só consegui fazer isso dobrando NP, o que eu não sei se é válido. Um dos adjuntos continua parecendo privilegiado em relação ao outro. Na falta de critério melhor, eu priorizei a "ordem de aparecimento" ([de olhos] tristes se ligando ao núcleo antes do outro).



(http://www.4shared.com/photo/zhyy2F-0/olhos_tristes.html)

[NP [NP [N' [N A moça]]] [PP [P'[P de olhos tristes]]]] [[PP [P'[P do apartamento...]]]]

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Oi, Carolina! Então, como sempre sugere a professora durante as aulas, eu tentarei usar minha intuição de falante para tentar discutir sua dúvida, ok?

Eu tenho a impressão de que a locução verbal, por mais que seja composta, tem um valor individual! Desta forma, optamos por deixar o verbo condensado ou composto. O que vc acha??? Para mim, então, a locução verbal seria o núcleo da oração.

Mariana Carlos Maria Neto – Turma 113

Pelo que a Professora falou em sala, parece que vários verbos são desdobráveis em uma locução e toda locução é condensável num só verbo, então imagino que as locuções componham um mesmo núcleo.

Tinha roubado = roubara.

Vou ir = irei.

Se bem que em outros casos:

Vou indo = ?

Ainda assim, acho que são um mesmo núcleo.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Marciano,

Também acredito que "vou indo" seja um mesmo núcleo. A princípio, não consegui ver como condensar a locução num só verbo. Mas, pensando um pouco mais, talvez o "indo" seja dispensável, e possamos substituir "vou indo" por "vou" apenas.

Vejam as frases:

"Vou indo para a casa da Maria agora"

"Vou para a casa da Maria agora".

Não me parece que haja diferença de significado entre elas. Assim, seria uma locução condensável em um só verbo e consequentemente constituiria um mesmo núcleo.

Também podemos dizer que "vou indo" é uma única ação, e por isso mesmo é um mesmo núcleo.

Laura C Fiore Ferreira – Turma 113

Concordo que a locução forme um só núcleo. Por representar uma única ação, como a Laura disse acima. E por ser uma única ação, pede um mesmo argumento, pois na frase "Vou indo para a casa da Maria", "vou" e "indo" pede o mesmo argumento na frase, no caso, [para a casa] da Maria. Acho que se fosse para considera-los como dois verbos separados seriam frases diferentes, cada núcleo com seu argumento ou ao menos seriam dois períodos separados, não sei, é só uma ideia.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Laura, acredito que "vou indo" seja condensável em um só verbo facilmente porque se trata de uma locução do mesmo verbo, "ir".

Mas e no caso de:

"vou tentando"

ou

"estou chegando"

são verbos totalmente diferentes, e eu não consigo identificá-los em um só núcleo.

Ontem a professora colocou a questão de um sintagma maior, que abrange todos os demais, e ela citou como exemplo uma locução verbal. Isso aumentou ainda mais a minha dúvida, espero que melhore com as leituras.

Carolina Carbonari – Turma 113

Pois é, Carolina. Mas será que "vou tentando" e "estou chegando" não são ações contínuas? E assim não seriam um só núcleo? Não consigo pensar neles como se separando. Mas ainda falta-me leitura para poder dar suporte ao meu raciocínio.

Laura C Fiore Ferreira – Turma 113

Olá pessoal!

Levando em conta a relação entre sintaxe e semântica, presente nas discussões, gostaria de apontar para outra questão. Nas aulas anteriores, especialmente da última semana, quando a professora começou uma discussão acerca da Teoria X Barra, a recursividade das línguas novamente entrou na pauta, na medida em que termos, dentro de um sintagma, podem se modificar de incontáveis maneiras e infinitamente. Entretanto, a cada relação se estabelece um núcleo, admitindo-se a sua “maior importância” no contexto, podendo ser, por exemplo: Sintagma Verbal, Sintagma Preposicional, Sintagma Nominal, etc.

Desta forma o núcleo estabelece uma relação hierarquicamente superior com os outros termos que a ele estão subordinados. Para voltarmos à discussão que tem como base a comparação com as definições da gramática tradicional, esta coloca três tipos de predicado: Nominal, Verbal e Verbo-Nominal. Nas duas primeiras, as relações hierárquicas se estabelecem como na Teoria X Barra, todavia quando fala do Predicado Verbo Nominal essa relação não se sustenta. Como na definição trazida na “Nossa Gramática: Teoria e Prática”, de Luiz Antônio Sacconi:

Predicado Verbo-Nominal: o núcleo do predicado é verbo e nome ao mesmo tempo.

Ex.:

NOME

1- As crianças chegaram cansadas

VERBO

NOME

2- Zósimo já nasceu rico

VERBO

Isto porque, antes o autor define o núcleo do predicado, a partir de uma noção semântica:

Todo predicado traz no mínimo um termo-chave, ou seja, um termo que contém uma declaração maior sobre o sujeito. Esse termo é o núcleo do predicado.

A questão é, portanto: como entender estas relações hierárquicas, apontadas pela gramática tradicional, do ponto de vista da Teoria X Barra?

David Budeus Franco – Turma 133

4.4 Adjunção e complementação

Pessoal, na aula de hoje a professora passou algumas sentenças e fez observações sobre sintagmas e diferenças entre os "complementos" dos nomes e como são vistos pelo gerativismo.

Bom, não entendi realmente o porquê que os conceitos de Complemento Nominal e Adjunto Adnominal da Gramática Normativa, pra mim foi o mesmo entendimento, só que de uma maneira mais complexa,rs. E ainda a noção normativa de Predicativo do Objeto.

Ex:

O juiz declarou o réu culpado.

na gramática normativa, nessa oração, o verbo declarar pede dois complementos, enfim... Como vocês acham que isso seria de acordo com as noções dadas na aula de hoje?

Pergunto o mesmo para a sentença:

Ele foi fiel aos amigos.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Eduardo:

Vou ver se te ajudo só com a gramática tradicional, que é o que consigo fazer por enquanto, tá?

Em "O juiz declarou o réu culpado" não podemos entender o verbo como tendo dois complementos, porque só "o réu" está diretamente relacionado a "declarou". "Culpado", isoladamente, estaria relacionado ao "bloco" (que nesse caso nem é "bloco") "declarou o réu". Mas resta ainda a confusão - fácil de fazer - entre predicativo do objeto e adjunto adnominal. Mas é bem fácil resolver (numa visão normativa, tradicional):

O juiz declarou o réu culpado.

O rapaz matou a barata feia.

Numa olhada rápida, parece a mesma coisa, né? Tanto "culpado" quanto "feia" são "características" dadas aos complementos diretos "réu" e "barata". Mas veja o que acontece se substituirmos ambos os complementos por pronomes:

O juiz o declarou culpado.

O rapaz a matou.

Assim fica mais fácil perceber que a ligação de "feia" com "barata" é muito mais intensa do que a de "culpado" com "réu". No caso de "ele foi fiel aos amigos", o verbo não pode ter complementos porque ele nem mesmo tem complementos. "Fiel" está muito mais ligado a "ele" do que a "foi". Além disso, veja que a relação de "aos amigos" é com "fiel", que é nome. E não com o verbo.

Pronto, fiz a parte fácil. Agora um colega corajoso pode dar as explicações além da gramática tradicional?

Ajudei, Eduardo?

Fabia Alvim Leite – Turma 113

Nos exemplos citados pela Fabia, me parece que "feia" está muito mais próxima de "barata" do que "culpado" de "réu", e "feia" está bem mais distante de "matou" do que "culpado" de "declarou". Portanto, acho, sim, que o verbo esteja diretamente ligado a "culpado".

Veja:

O juiz declarou culpado o réu

Juliane Pagamice de Sant Anna – Turma 113

Então não sei se entendi muito bem a aula de ontem, mas vamos lá.

Não concordo com a "interpretação" dada para as frases:

O juiz declarou o réu culpado.

O rapaz matou a barata feia.

Na primeira sentença não é possível imaginar uma lógica apenas com "O juiz declarou o réu", isso pede um complemento, a sentença assim fica sem sentido. Imagino então que, "declarou" seja o núcleo e "o réu culpado" o complemento e teríamos "O juiz" como o que denominamos "sujeito".

Já na segunda sentença é plenamente possível a construção "O rapaz matou a barata", a frase não pede um complemento. Ficariamos com "matou" como núcleo, "a barata" como complemento e "feia" sendo um outro complemento. Representando por chaves ficaria "O rapaz matou [a barata [feia]]".

Bom acho que é isso.

Kellen Queiroz Garcez Monteiro – Turma 113

Fabia

o normativismo eu entendo, quando se diz que o réu é objeto direto e culpado predicativo do objeto, formando um predicado verbo-nominal.

e Ele foi fiel aos amigos, seria aos amigos um Complemento Nominal.

O que não fica claro pra mim e como denominar isso e fazer as ligações de acordo com o explicado ontem.

Na primeira sentença por exemplo, eu não consigo tirar a "importância" de nenhum dos dois termos - o réu - culpado - pra mim, os dois tem que estar ali para que faça sentido, pois quando o juiz declara, ele declara alguém e o que.

No outro caso, no exemplo da professora, adaptando...

Ele causou a destruição da cidade.

Na gramática normativa e pra mim, da cidade é um complemento nominal, pq quem causa a destruição, causa a destruição de alguma coisa.

Enfim, espero que entendam minhas angústias, sou um amante da gramática normativa e me confundo demais com os conceitos passados, rs.

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Olá pessoal! Pelo que eu entendi acerca dos conceitos da última aula, a finalidade destes é exatamente tornar a compreensão mais fácil... desse modo teríamos: O juiz = NP ; declarou o réu culpado = VP ; sendo declarou = V e o réu culpado = NP.

Porém, entrando na questão da "maior ou menor" ligação com o verbo, não sei se vocês irão concordar comigo, mas me parece que "culpado" é o termo mais ligado ao verbo, pois se pensarmos em uma frase como: O juiz fez a seguinte declaração a respeito do réu: culpado. Ou simplesmente O juiz fez a seguinte declaração: culpado. nota-se que o termo que o substantivo declaração "pede" é "culpado" e não "o réu". Podemos pensar nisso semanticamente, pois quem declara,

declara uma determinada situação sobre alguém ou sobre alguma coisa ou outra situação... o verbo declarar está definido no dicionário como anunciar, expressar, manifestar etc.

Wanda Maria Ramos de Almeida – Turma 113

Eduardo, entendo sua dúvida porque era a minha também enquanto eu observei a hierarquização dos termos como ordem de importância semântica, e não é assim. Essa hierarquia que observamos nas aulas diz respeito ao nível de organização das sentenças, que é de comum acordo para os falantes. É interessante o que Chomsky diz sobre a intuição dos falantes ao observarem as sentenças e concluírem coisas semelhantes.

No caso da ~"destruição da cidade", a noção de complemento nominal da gramática normativa preenche, nesse caso e na minha opinião, o conceito delimitado em aula. Na classe, foi dito que todo núcleo sintagmático poderá ter um complemento. É justamente o caso:

| | |
|------------|-------------|
| NP | |
| núcleo | complemento |
| destruição | da cidade |

Fica bem diferente se analisarmos um sintagma como "a menina alta". Nesse segundo caso, "alta" é um adjunto adnominal, apenas modifica o núcleo "menina" o que, semanticamente não significa que não seja importante mas sintaticamente é de hierarquia mais baixa. Disso, temos que não se trata de um complemento ligado ao núcleo do sintagma, mas um outro elemento que pode se encaixar ao nível intermediário do sintagma.

Não sei se esclareci ou piorei a situação!

Carolina Carbonari – Turma 113

Olá pessoal,

Está interessante essa discussão! Eduardo, em uma aula próxima podemos debater mais um pouco a questão das propostas da gramática normativa em contraste com as propostas da teoria que estamos estudando.

Por enquanto gostaria de sugerir, quanto ao problema do "predicativo do objeto", que vocês pensassem nas seguintes sentenças:

- a. O juiz julgou aquele réu culpado
- b. O juiz julgou aquele réu culpado inocente
- c. O juiz julgou inocente aquele réu culpado

Perguntas:

- Alguma delas é inaceitável? Caso achem que sim, demonstrem por quê.
- Alguma delas é "ambígua"? Caso achem que sim, demonstrem por quê.

Bom trabalho!

Maria Clara Paixão de Sousa

Que medo de responder prof. rs

Vamos lá

- a. O juiz julgou aquele réu culpado

Creio que essa seja a mais clara e que tenha um sentido único e bem expresso. sendo, nesse caso, culpado, pra mim um predicativo do objeto.

- b. O juiz julgou aquele réu culpado inocente

Aqui, creio que há uma incoerência, pois culpado e inocente, na minha opinião deveriam vir separados por vírgula, e na gramática normativa culpado seria adjunto adnominal e inocente predicativo do objeto, porém dados os conceitos da aula passada, não sei bem qual dos dois seria um núcleo.

- c. O juiz julgou inocente aquele réu culpado

Aqui creio que esteja claro o sentido e classificaria os termos da mesma maneira da frase anterior, se ela estivesse com a vírgula.

E aí pessoal, me ajudem com as árvores, que ainda estou em dúvida nelas. rs

Eduardo Peroli Junior – Turma 113

Eduardo, discordo um pouco da sua resposta.

Não vejo "culpado", na frase a, e "inocente", em b, como predicativos do objeto. Segundo a minha interpretação, eles estariam ligados mais ao verbo que o sujeito, sendo, portanto, complementos verbais.

Maitê Scavasin – Turma 113

Bom, e pensei assim sobre isso:

- a. O juiz julgou aquele réu culpado

Nossa, essa frase é difícil, me parece ambígua, pois posso entender “culpado” como predicativo do objeto, por tanto, que se refere ao objeto: “aquele réu”, que foi declarado culpado pelo juiz. Ou posso entender “culpado” como adjunto adnominal, que por tanto o réu já era culpado e foi apenas julgado pelo juiz, independente da sentença.

b. O juiz julgou aquele réu culpado inocente

Aqui concordo com o Eduardo quanto a incoerência que causa pensar a frase sem vírgula.

c. O juiz julgou inocente aquele réu culpado

Nessa, me parece que “inocente” é o predicativo do objeto: “aquele réu” e “culpado” é adjunto adnominal. Essa frase não parece contraditória, nem ambígua, só penso que o juiz deu a sentença errada, isso acontece muito com políticos que vão para júri no Brasil, mesmo culpados, são declarados inocentes.

Renata da Silva Xavier – Turma 113

Em um tópico, uma colega usou uma tática de usar o pronome.

Fazendo uso dessa tática, podemos pensar que tanto a frase B quanto a C tem o mesmo significado.

Ficando:

b. O juiz o julgou inocente.

c. O juiz o julgou inocente.

Pensando na B como ela nos foi dada (sem vírgulas), "culpado" está mais próximo de "réu", assim podemos substituir por "o".

O mesmo vale para C.

Abraços

Rodrigo Giannini Artioli – Turma 113

Fiz uma nova tentativa. Tentei manter o sistema binário, mas ficou parecendo que [do apartamento...] é núcleo de [de olhos tristes].

http://www.4shared.com/photo/d70YGTzp/moa_triste_2.html

Segunda árvore

Em colchetes:

[S [NP [N' A moça [SP [P' do apartamento [P" do primeiro andar [P''' do prédio [P'''' da minha tia]]]]][P'2 de olhos tristes]]]]]

Talvez os textos mais recentes já tenham abordado coordenação de sintagmas da mesma natureza, mas confesso que a leitura não está em dia.

Marciano Cardoso de Sena – Turma 113

Laysi, mas dentro de um contexto a pergunta O que Maria viu também pode ser respondida por chegarem.

E nesse caso, o eles não seria necessário. Aí o núcleo funcional seria chegarem?

Estela Gomes Marinotti – Turma 113

Bom Mariana, eu não diria que seria o EM que você apresentou retirado do verbo chegarem, mas sim o M somente, que também retirado do verbo CHEGAREM é uma marca de número e pessoa, no caso, plural.

Destrinchando o verbo:

Cheg: Radical

a: vogal temática

re: modo e tempo

m: número e pessoa: 3ª pessoa do plural.

Fazendo esta leitura, o núcleo funcional é neste caso o M, que indica número e pessoa e nos remete de pronto a eles que antecede o verbo.

Confesso que não estou muito interado no assunto e que tentei fazer um argumento acima do conceito que você apresentou para núcleo funcional.

Espero ter ajudado.

Ednaldo Rodrigues Pereira – Turma 113

4.5 Os níveis SS e DS

Oi gente,

Primeiro Érica obrigada pelo resumo !

Confesso que li todo o capítulo 1 do manual de sintaxe e também parte do capítulo 2 em que o autor comenta a teoria x-barra. Infelizmente ainda não entendi a diferença entre DS (estrutura profunda) e SS (estrutura superficial).

Por que nas frases

(10)

a. O João comprou o quê ?

b. O que o João comprou?

o o que no nível SS pode permanecer no lugar do verbo sendo que no nível DS ele está a direita do verbo ?perplexo

Aguardo uma ajuda de todos ! Obrigada e boa semana santa !

Paula de Paula Machado – Turma 111

Olá, Paula.

Pelo que entendi a relação é de nível mesmo, como o nome já sugere. E digamos que esses níveis são acionados em cadeia quando proferimos uma sentença. A primeira ação, ou nível, mental é recorrer ao léxico da língua, ou como é dito no próprio manual, ao nosso 'dicionário mental' (DS). A partir disso é preciso que a ordem das palavras dentro da sentença mantenha o significado dessas palavras que buscamos no DS. E esse já é o segundo nível que, ao meu ver, é o SS, o qual nos permite movimentar constituintes e também compreender sempre de uma mesma maneira modos distintos de configuração. Ou seja, proferindo ou ouvindo a sentença 'joão comprou o que?' minha (SS) vai compreender que o 'o que' sempre está à direita da sentença, mesmo que no nível (LF) da sentença venha 'o que João comprou?'

Resumindo os níveis, do mais profundo até o mais superficial, ficamos assim:

DS

(nosso dicionário mental)

SS

(nossa capacidade de compreender e articular as relações entre as palavras buscada em DS)

PF

(os sons das palavras -

a grosso modo o nosso significante)

LF

(a ordem em que a sentença virá)

Erica Franco Teixeira – Turma 111

Oi Erica!

Pelo que entendi de leituras e releituras que fiz do formato do modelo a LF, segundo Miotto, é responsável pela interpretação semântica da estrutura -SS- e não se limita em a "ordem em que a sentença virá" como na explicação que vc deu pra Paula.

O início da pág. 27 do Manual explica muito bem essa relação:

"O que é SS? SS é uma representação sintática da sentença que vai ser interpretada fonologicamente por PF, isto é, PF vai dizer como aquela estrutura é pronunciada; e vai ser interpretada semanticamente por LF, isto é, LF vai dizer qual é o sentido da estrutura."

Essa parte do modelo me fez pensar quando aprendemos um novo idioma. As vezes quando falamos determinada sentença em inglês, por exemplo, só prestamos atenção na pronúncia e depois repetimos a mesma sentença pra pensar no seu significado.

Sueli Rafael – Turma 111

Bom, pela explicação da Erica do que é LF, eu entendi. Mas eu acho que entendi também o questionamento da Sueli. Dizer que LF é a "ordem como a sentença virá" é mais subjetivo do que a LF é realmente, talvez um: "LF é como a sentença é manifesta logicamente/ estruturalmente" se aplicaria melhor? Talvez só o "virá" pode ter causado um pouco de ambiguidade, mas, eu entendi mesmo assim. Minha DS permitiu essa explicação XD (ou minha SS O.o)

Acredito que PF e LF são mais "concretos" principalmente pelo "form" do nome, algo como "mais claramente manifestos", PF pelo "som" e LF pela "ordem" sintagmática. E DS e SS são mais subjetivos pelo "structure", mais voltados a algo interno.

Concordo que esse texto do Miotto foi um dos mais didáticos que já li! Nossa! Nunca tinha entendido UG tanto assim.

E agradeço também o resumo da Érica, que ainda não peguei, mas li com toda certeza!

Beatriz Marina Agnelli – Turma 111

Olá pessoal,

Bem, eu não peguei o capítulo I do Manual de Sintaxe, apenas o capítulo II, então essa explicação da Erica foi ótima para mim.

Como não peguei o capítulo I ainda, não tive essa explicação mais teórica de DS, SS, PF e LF. O que tenho é uma compreensão mais "na prática" sobre essas estruturas e acho que concordam com o que a Erica resumiu teoricamente em posts anteriores.

No capítulo II, o autor monta duas árvores para uma mesma sentença. Uma representa a sentença na DS e outra na SS. Nos aspectos mais práticos, o que notei é que na DS a árvore não vem na ordem que pronunciamos ou que formulamos a sentença antes de pronunciar. Em DS, a sentença está dividida e organizada em pequenas partes (não tenho certeza se podemos falar em constituinte) para a qual atribuímos significado em nossa estrutura interna. Já na SS a árvore aparece montada numa estrutura mais próxima com aquela que pronunciamos e podemos ver claramente os movimentos que fazemos para articular aquilo que já compreendemos em DS seja para interpretar ou produzir novas sentenças.

Um professor de Fonética e Fonologia do Português disse que apesar de nossa fala produzir sentenças necessariamente lineares (um som vem após outro), nosso processo para entender o significado e para articular novas sentenças não era linear. Acredito que em linhas gerais ele estava tentando dizer o que estamos discutindo aqui.

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Então SS significa as representações possíveis que fazemos ao interpretarmos uma sentença e LF é o que usamos para produzir sentenças?

Me parece muito confusa ainda essa hipótese de duas funções diferentes, uma para a compreensão e outra para a produção. Será que há alguma razão específica para isso?

Aline de Oliveira Santana – Turma 111

É mesmo. Eu fiquei com a mesma dúvida. Por que não podemos falar apenas em SS ou apenas em LF, responsável tanto pela formação das sentenças como pela interpretação? Não entendo bem por que se faz essa separação.

Outra questão que talvez pareça boba é sobre a sentença "João entrou na sala de muletas". Uma terceira interpretação possível para ela seria "João entrou na sala (que estava) de muletas", que é absurda, mas formalmente possível. Como se representaria teoricamente o fato de interpretarmos ser possível João usar muletas, mas não uma sala usar muletas? (Não vale respostas como "ora, porque salas não usam muletas".) Esse tipo de conhecimento que permite ao falante essas inferências não faz parte do objeto da sintaxe, suponho?

Alexander Barutti Azevedo Siqueira – Turma 111

Olá,

Fico feliz que o texto tenha sido útil. Acho que a Heloísa sintetizou muito bem os aspectos principais do texto no seu comentário e me chamou atenção para alguns conceitos da teoria minimalista.

O que mais me surpreendeu, entretanto, foi que ao explicar a teoria X-barra durante a aula do dia 02/05, a Maria Clara não mencionou os níveis DS e SS. Isso me chamou atenção e decidi perguntar onde esses níveis se encaixam. O que entendi da sua explicação (e que achei importante compartilhar) é que os níveis DS e SS parecem ter sido 'enxugados' da teoria e atualmente não se trabalha mais tanto com eles. Entretanto, não sabemos exatamente o motivo do Miotto ter deixado essa representação no Manual de Sintaxe. Achei importante postar essa resposta aqui porque o texto que postei anteriormente fala justamente da "Eliminação de DS e SS" o que me pareceu estranho a princípio, mas que foi confirmado pela Maria Clara.

Acredito que o texto complementar sobre a teoria minimalista que a Maria Clara indicou hoje em sala possa nos ajudar a entender melhor essa questão.

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Pessoal,

Escrevo para reforçar dois aspectos do que a Mariana diz acima:

(1) Recomendo fortemente aos interessados nos desenvolvimentos recentes da teoria gerativa a leitura do texto complementar da última aula:

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, KK (2005). *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press.

Este livro é excelente; é, inclusive, uma ótima introdução ao modelo antigo da teoria. Só não o utilizo como texto básico do curso por ser em inglês, etc. Mas é de boa leitura para quem sabe a língua, e há exemplares na biblioteca. Um dos autores é o professor Jairo Nunes, do DL da Faculdade.

Isso dito...

(2) Como relata a Mariana, não discutimos "DS, SS" e quietais nas aulas até agora, pois precisamos percorrer a teoria num "vão panorâmico", e eu considero que isso é possível sem recorrer aos tais "níveis" logo de início (até porque, como disse a Mariana, isso já não é mais usado). Mas não se preocupem, pois na discussão sobre teoria temática e de caso, vamos debater isso um pouco. Vou me inspirar nesta discussão de vocês para isso.

Abs

MC

Maria Clara Paixao de Sousa

5. Gramaticalidade e agramaticalidade

5.1 O uso dos pronomes no PB

Érica,

Primeiro muito obrigado pelo resumo!!!foi muito útil, ao menos para mim, essa postagem. E ao ler fiquei pensando em uma questão que esta expressa nos exemplos 1 e 2: sobre a gramaticalidade de orações como A) "Cê viu a Maria saindo", que equivale a A') "Você viu a Maria saindo"; e a agramaticalidade de B) "Maria compro um livro pra cê", que não parece possível como B') "Maria comprou o livro pra você". Concordo que, nesse caso, a redução do pronome você em cê é gramatical em A, quando este pronome é sujeito, mas não parece possível em B quando é objeto - o que é diferente do caso do pronome ele, que segundo a gramática normativa só pode aparecer como sujeito, mas do ponto de vista descritivo é perfeitamente possível sua realização como objeto, já que é amplamente usado assim pelos falantes nativos. No entanto, uma oração como "Maria comprou um livro pro cê" me parece possível e gramatical, mesmo com o pronome cê como objeto, e é de fato realizada em diversas regiões do país. Não consigo dar uma boa explicação pra isso, mas me pareceu interessante o fato de um artigo masculino unido a preposição para gerar essa gramaticalidade, e a falta dele gerar uma expressão agramatical - e só pra reforçar, não no sentido normativo, certo e errado, mas descritivo, ou seja, realizada ou não pelos falantes nativos. Só uma curiosidade, mas que talvez valha uma breve discussão.

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

E ainda tenho a dúvida de se esse o é um artigo ou parte do pronome você, que geraria a sentença "Maria comprou um livro pra ocê" - que me parece também gramatical, mas não consigo distinguir bem a quem pertence esse o, pois no ritmo da fala não dá pra saber se esta junto da preposição para ou do pronome cê. Mas talvez seja mais provável, pois parece estranho ter um artigo ante do cê, que equivale ao você, já que seria estranha a oração "Maria comprou um livro pra o você". Mas o mais importante é que "Maria comprou um livro pra ocê" ou "Maria comprou um livro pro cê" me parece que continua sendo gramatical, enquanto "Maria comprou um livro pra cê" parece agramatical.

Felipe Campos de Azevedo – Turma 111

Felipe, boa noite!

Ao ler seu comentário lembrei da frase do autor Marcos Bagno, "O certo é falar assim porque se escreve assim", que está no livro *Preconceito Linguístico* – o que é, como se faz. O autor chama a atenção para a questão da variação, segundo Marcos Bagno: "nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico".

Ainda nesse capítulo ele trás a imagem do quadro do pintor René Magritte – A traição das imagens – e retruca a frase escrita embaixo do cachimbo – “Isto não é um cachimbo” - dizendo: “Isso não é um cachimbo de verdade, mas simplesmente a representação gráfica, pictórica de um cachimbo”. Na sequência fazendo comparação com a língua o autor prossegue: “O mesmo acontece com a escrita alfabética, em sua regulamentação ortográfica oficial. Ela não é a fala: é uma tentativa de representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada (...) digo que a escrita é uma tentativa de representação é porque sabemos que não existe nenhuma ortografia em nenhuma língua do mundo que consiga reproduzir a fala com fidelidade”.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. 51ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Felipe, acho que esse O faz parte do você também pelos mesmos motivos que você apontou, entretanto, eu entendo que o pronome você tenha essa especialidade: só possa ser reduzido a cê na posição de sujeito, nunca na posição de objeto. É como se houvesse uma forma cê para sujeito e uma forma variante que admitisse ocê na posição de sujeito ou objeto. Por exemplo: Cê vai na festa hoje?(Suj.)/Ocê vai na festa hoje?(suj)/ Ele devolveu o livro pra ocê? (obj.)/ Ele devolveu o livro pra cê? (agramatical)

Em geral, tenho certa dificuldade em entender o funcionamento desse pronome. Pensando na classificação da gramática normativa ele é um pronome de tratamento e aparece em várias posições sintáticas: sujeito, objeto, etc. Não sei muito sobre os pronomes de tratamento, por isso pergunto: todos têm essa possibilidade? Eles funcionam da mesma maneira? De qualquer forma, acho que o pronome você é um caso bem especial na língua, entre outros fatores, por sua produtividade. O que vocês acham?

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Mari,

Acho que a questão a respeito do pronome de tratamento é bem interessante. Não imagino qual o processo que ocorre com os demais pronomes. Talvez, o fato de utilizarmos esses apenas em poucas situações e para nos dirigirmos a autoridades inibiu a variação. Não sei! Temos que lembrar que esses demais pronomes de tratamento estão relacionados a organização social. De repente, mas que os fatores acima, esse cooperou para que a utilização deles fossem de acordo com a gramatical tradicional.

Acho que aqui cabe uma boa discursão.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Olá pessoal,

Ao ver as frases: “Maria comprou o livro pra você”, * “Maria comprou o livro pra cê”, “Maria comprou o livro pro cê”, ou ainda, “Maria comprou o livro pra ocê”, e as explicações que sugeriram, pensei em substituir o objeto por outro nome, para que assim pudesse verificar de qual local vem esse o. Teríamos então: “Maria comprou o livro para o Marcos” ou “Maria comprou o livro para a Joana”, sei que modifiquei o pra para para, mas dessa forma acho que é possível olhar essas reduções. Hipotetizei os seguintes processos:

“Maria comprou o livro para o Marcos” > * “Maria comprou o livro pra o Marcos” > “Maria comprou o livro pro Marcos”

Assim, o o seria proveniente do o(determinante) que precede o Marcos (nome). Se esse processo é válido com o nome, será também possível com um pronome, exercendo a função de objeto?

Teríamos:

* “Maria comprou o livro para a ela” > * “Maria comprou o livro pra a ela” > “Maria comprou o livro pra ela”

Ou,

* “Maria comprou o livro para o cê” > “Maria comprou o livro pra o cê” > “Maria comprou o livro pro cê” *

* Aqui, estou considerando a redução cê como pronome.

No entanto, ao que parece a frase “Maria comprou o livro pra o cê” não seria exatamente pronunciada, pois com a rapidez da fala fundiríamos o pra e o o, formando pro.

Essa foi uma forma que pensei para justificar a aceitabilidade de “Maria comprou um livro pro cê”, apesar disso, também acredito ser possível o o ser proveniente de ocê. O que acham?

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Resumindo e concordando com o que já disseram antes, o "o" em "pr'o" vem da forma "ocê", e o argumento contra a hipótese contrária vem justamente da tentativa que você tentou mostrar, Aline, considerando a agramaticalidade na qual você incorreu ao tentar trazer os pronomes no caso reto acompanhados de artigo

(determinante) em "a ela" e "o você". Não há equivalência funcional entre "Marcos", que aceita artigo, e "ela", que não aceita artigo; daí, o erro.

Em suma, a redução coloquial se dá da seguinte forma: "Maria comprou o livro pr' ocê" (< pra ocê < para você), sendo o segundo "a" (fraco) de "pra" elidido.

E também, obrigado pelo fichamento e principalmente pelo vídeo do vovô Ataliba! É legal ouvir ele falando sobre como ele é bom e quão indebatível isso é.

Pedro Barbieri Antunes – Turma 111

O Texto de introdução do Novo Manual de Sintaxe cita o fato da GT não reconhecer a forma pronominal você como pronome de segunda pessoa do singular e no máximo faz uma nota de rodapé sobre esta.

Que diremos então da expressão a gente? Não lembro de ter visto qualquer menção na GT sobre esta forma.

Será que é difícil, para a norma culta, explicar ou aceitar que um pronome de segunda pessoa (você), um de terceira pessoa (ele/ela) – ambos no singular – e uma expressão que representa a primeira pessoa do plural (a gente) concordem com a mesma terminação verbal, já que é comum no português falado no Brasil?

Além disso, lembrei do uso que se faz do pronome você/cê em lugar de expressões como a pessoa.

Por exemplo: Você se mata de trabalhar e no fim... se aposenta com uma mixaria em lugar de A pessoa se mata de trabalhar e no fim...

Aqui o pronome não é usado como pronome de segunda pessoa; Nesse caso ele estaria sendo usado como um pronome indefinido?!

Gostaria de saber se vocês veem esse uso com frequência ou eu estou enganada? Eu costumo usar bastante nas falas do meu dia-a-dia, mas não sei se isso é tão comum como imagino.

Luzitânia da Silva Santos Barbosa – Turma 133

É um assunto muito interessante e polêmico. É um dos melhores exemplos de como a gramática normativa se distancia cada vez mais da gramática descritiva. Se considerarmos os dialetos mais coloquiais, ainda é possível reduzir o esquema verbal a apenas duas conjugações. E o engraçado é que isso, coincidência com a cultura brasileira ou não, reflete bem aquela visão egocêntrica de mundo, "eu e o resto".

Ao meu ver, entretanto, a questão não é que a GT não aceite os novos pronomes. O que observo é que se perdeu, na esquematização das conjugações das GTs, a relevância de se saber para qual indivíduo determinada flexão verbal aponta: se é para quem fala, para quem ouve ou para um não-ouvinte, e se é plural ou não. A relevância atualmente reserva-se apenas nas conjugações por elas mesmas, dentro de um modelo clássico de seis conjugações comum a outras línguas indo-europeias. (Não conheço línguas não-indo-europeias. Alô, pessoal do DLO!) Ou seja, o pronome que as acompanha serve, nas GTs, meramente para nomeá-las. Já os pronomes que de fato encaixam e são usados na prática com cada uma das conjugações ficam sendo de importância quase que unicamente lexical.

Aí entra aquela pergunta: nas escolas do Brasil, deve-se investir tempo tratando de pronomes em desuso, como o vós? E nas escolas de SP, deve-se investir tempo tratando de pronomes reservados a dialetos geograficamente distantes, como o tu?

Apenas como curiosidade, no Espanhol falado na Argentina, em vez do tu, também há uma espécie de você: o vos, uma mutação do vosotros. É um pronome tão mutante que concorda com uma sétima conjugação, diferente das seis tradicionais. Assim como o você em Português, é reconhecido como parte da língua, mas raramente é lembrado nos modelos tradicionais de conjugação. Até mesmo achar algum conjugador online que o reconheça é quase impossível.

Quanto à segunda questão: sim, Luzitânia, é bem comum este outro uso do você. Mas, ainda que ocorra em outras línguas, acho que é uma mania bem típica nossa. Lembro de uma vez em que eu estava conversando com minha professora de Alemão e que eu frequentemente, pensando em Português, fazia uma tradução direta: usava o du nesses casos. Ela, alemã, me recomendou que eu, em Alemão, usasse o man em vez do du, uma espécie de índice de indeterminação do sujeito deles, que é normalmente traduzido como -se:

Man tötet Entelein.

(Mata-se patinhos.)

Ou seja, não acho que o você esteja substituindo a pessoa. A pessoa já é uma substituição. Acredito que a forma "pura" que está sendo substituída é, na verdade, o -se.

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Eu me lembro que já foi ensinado que a língua escrita aceita mudanças com muito mais dificuldade do que a língua falada. Apesar de hoje em dia ser comum se falar você/ele/a gente como pronomes pessoais que conjugam o verbo da mesma forma, seria ainda estranho um texto mais culto ou científico utilizando-se dessas formas. Porém eu acho que por esse formato aproximar o português do inglês e essa estrutura ser totalmente possível na língua, não vejo o que impediria estas formas de se tornarem padrão num futuro distante, pois como vocês disseram, não usamos mais o tu ou o vós, mesmo num contexto culto, mas ainda fazem parte do léxico do português, sendo inclusive ainda usados em certas cidades brasileiras, ao invés do você e vocês.

Ah, e com relação à frase "Você se mata de trabalhar e no fim..." eu não sei se o você está substituindo o -se, porque o se já está na frase. Ficaria estranho "se mata-se de trabalhar e no fim..." e "mata-se de trabalhar e no fim..." pra mim o você está como um pronome, mas num sentido mais indefinido, geral, mas não como segunda pessoa mesmo.

Ariane Regina Froes – Turma 133

Ariane, mas aquele "se" que já está na frase é só um pronome reflexivo, não? Entendo que a construção "...se mata-se..." só não é desejável por uma questão de cacofonia. Se utilizamos o "se" (índice de indeterminação do sujeito) no lugar do "você" e substituímos a expressão "se matar" por uma equivalente que não seja reflexiva, obtemos um resultado aceitável e com o mesmo valor semântico: "Empenha-se tanto no trabalho e no fim se aposenta com uma mixaria."

Matheus Almeida Coelho – Turma 133

Leandro, pelo que andei lendo, a agramaticidade do pronome oblíquo O que você mencionou: b. * "Eu posso comprar o livro e o Tiago também pode comprar o". É inadequada por uma questão de regra gramatical que diz: Quando o verbo termina em R, S ou Z, essas terminações são retiradas, e os pronomes o, a, os, as mudarão para lo, la, los, las. (minigramática da língua portuguesa, pag 350).

Exemplos:

a) Quando encontrar o culpado, deverá trazê-lo até mim.

b) As matérias mais importantes, tu perde-las toda semana. (Pronuncia-se pérde-las).

As garotas ingênuas, o conquistador sedu-las com facilidade.

Bom acho que é isso. Se me enganei, pesso desculpas.

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Professora! acredito que são sim formas distintas, pois nas sentenças (b) e (d) o comprar o e ver o não se reconhece a elipse de livro e dvd, ou seja, comprar o e ver o pode ser qualquer outra coisa que não necessariamente livro e dvd, ao passo que em comprá-lo e vê-lo a forma pronominal amalgamada lo remete a livro e dvd e não a outra coisa qualquer. A elipse nesta situação é reconhecida. Já em comprar o e ver o a elipse não é reconhecida.

Essa distinção se dá pelo fato de existir uma regra, da qual já respondi ao Leandro em que verbos terminados em R, S OU Z tem estas terminações retiradas e acrescenta-se um L aos pronomes oblíquos átonos o , a , os , as e então se tem as formas lo, la, los , las.

Por isso aparecem amalgamados nestes verbos.

Não sei se ficou muito confuso, mas foi o que conseguir entender.

Leandro Ferraz de Souza – Turma 131

Leandro, obrigado por sua resposta!

- Você teve outra interpretação do exemplo que dei:

b. * Eu posso comprar o livro e o Tiago também pode comprar o.

Esse "o" final ao qual me refiro não seria uma forma pronominal, mas o próprio "artigo". O que questiono é:

- por que existe agramaticalidade quando o "artigo definido" finaliza a frase?

- mas por que a sentença "Eu posso comprar um livro e o Tiago também pode comprar um" é gramatical? Por que isso ocorre com o "artigo indefinido" e não com o "definido"?

Não seriam ambos, para o gerativismo, determinantes?

- No entanto, gostei muito de sua interpretação. Quando a professora havia acrescentado outros exemplos aos que citei, e questionou a diferença entre o "o" e o "lo", pensei sobre a hipótese desse "lo" ser um determinante - o que não quer dizer que ele seja um "artigo", mas porque, sintaticamente, ele ocupa o lugar que era ocupado na sentença anterior, por um sintagma determinante. Além disso, a elisão é compreendida tanto com esse "lo" quanto com o "um":

"Eu posso comprar um livro e o Tiago também pode comprar um"

"Eu posso comprar o livro e o Tiago também pode comprá-lo"

e ambas as sentenças são gramaticais.

No entanto, o "lo" também pode substituir o "um" "final" citado na primeira sentença - "Eu posso comprar um livro e o Tiago também pode comprá-lo".

Neste caso, ele seria um determinante ou um pronome (proforma), devido a essa capacidade de "lo" retomar um termo/sintagma já referido? Ou "um" é que se comporta como uma proforma?

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

É, mesmo porque, se a regra não existisse, o seu exemplo seria "comprar-o", com o hifem, certo?

Mas o exemplo do "um" realmente deixou mais clara a sua dúvida.

Acredito que o estranhamento na 1a frase e não na 2a deva-se exatamente ao fato da indeterminação. Como "um" já é meio que.. "qualquer coisa", a gente não se pergunta "o quê?".

Até mesmo o fato de o Leandro ter entendido que você se referia ao pronome mostra que temos essa necessidade de se perguntar "o quê?" quando tem o artigo "o".

Mas, como nem eu to achando minha explicação muito convincente, vou tentar um outro chute!

Será que não tem a ver com o numeral? Talvez não seja estranho terminar com o "comprar um" porque assim se especifica que se trata de "um", realmente, e não de dois ou três... Como às vezes a especificação pode ser necessária, a sentença é gramatical. Faz sentido?

E, respondendo a 2a pergunta, acho que se comporta como pronome mesmo...

Diana Szylit – Turma 131

Mas, seguindo esse raciocínio do numeral, "comprar um" é ambíguo pra mim. Você pode estar querendo dizer que vai comprar maconha ou "um" que remete ao termo anterior, meio que uma elipse.

Taaaaaaalvez, o "o" no final não possa ser usado porque é um determinante que necessita de um núcleo para completar o sintagma nominal e que não pode agir sozinho no final da sentença por, sozinho, não poder remeter ao termo anterior.

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Raquel e Diana, muito obrigado pelas considerações de vocês!

Raquel, acompanhei seu raciocínio (e gostei bastante dos exemplos que você citou e comentou!), no tópico de Recursividade, sobre esse fenômeno no japonês. Há sintagma determinante no japonês, "englobando" um sintagma nominal (como no português)? A possibilidade que apontei para "o" ser ou não um determinante existe para o japonês, por exemplo?

Além disso, gostei muito da proposta que você apresentou para o "o" em relação ao "um". No entanto, seguindo seu raciocínio, não poderíamos dizer que, para o fato de "o" isolado, no final das sentenças que apresentei e a professora também, não poder fazer elipse e "um" conseguir realizar a elipse, significaria que ambos são determinantes? Aliás, à qual classe lexical pertencem, linguisticamente, os determinantes? São nomes? Haveria a possibilidade de uma classificação que distinguiria o "o" do "um"?

Esse critério (possibilidade de fazer ou não a elipse com relação a uma sentença anterior) não é possível para definir que "o" ou "um" representam, por si sós, um sintagma determinante (e não um sintagma nominal)? E o "um", se tiver comportamento de uma proforma - isso interfere no fato de poder formar um sintagma determinante?

Ou estaríamos tratando de duas palavras diferentes, em que:

"Eu comprei um livro e o João também comprou um".

- o primeiro "um" seria um determinante;

- o segundo "um" seria uma proforma.

Leandro Caian Janizelli Ricetto – Turma 131

"Há sintagma determinante no japonês, "englobando" um sintagma nominal (como no português)? A possibilidade que apontei para "o" ser ou não um determinante existe para o japonês, por exemplo?"

Leandro, não há artigo definido no japonês, só numeral (um, dois, três etc.). Portanto, não existe essa possibilidade...

Eles são determinantes, acho, porque um especifica que é tal coisa, e o outro não (mas pode fazer elipse de um termo anterior)...

Eles precisam de um sintagma nominal porque não funcionam sozinhos... Só quando o "um" vira uma espécie de sintagma nominal (o artigo "vira" substantivo)...

Raquel Akemi Nakano – Turma 131

Matheus, não sei até onde isso chega em relação às línguas orientais, mas no mandarim, o verbo não possui conjugações, então não importa qual o pronome, se eu, nós, ele, etc., o verbo não é alterado, por exemplo:

Wo chi pingguo (eu como maçã) e Ta(men) chi pingguo (Ele(s) come(m) maçã), sendo "chi" o verbo comer e "Ta"/"Tamen" os pronomes ele/eles.

Henrique Mariano Nascimento Bento – Turma 133

6. Dúvidas e questionamentos iniciais sobre a Gramática Gerativa e a Teoria Minimalista

Olá pessoal, quero propor uma nova discussão para fugirmos um pouco dos ingredientes do bolo. Lendo a bibliografia deste tópico, deparei-me com a seguinte afirmação de Mioto (pag. 21): "Estudando só a performance, nossa teoria seria deficiente, pois jamais alcançaria o nível de predição que uma teoria deve alcançar". Pois bem, o contexto desta afirmação era situar a linguística no conjunto das ciências. Para isso ele compara a atividade do linguista com a do físico, como todos que leram o texto perceberam. Minha questão é a seguinte: colocando a preocupação principal da gramática gerativa na explicação da competência, para com isso dar conta das sentenças possíveis e não possíveis (evidência negativa), a predição teórica é alcançada. As teorias linguísticas que se ocupam dos usos da língua, como a Sociolinguística, por exemplo, não podem, portanto, alcançar esta predição teórica?

Na primeira leitura que fiz deste trecho que citei de Mioto, minha impressão foi que a resposta afirmativa a esta questão era exatamente o que o autor pretendia expressar. Isso me fez discordar imediatamente desta posição, já que a sociolinguística, a partir da metodologia quantitativa, pode sim predizer os usos e inclusive apontar se uma determinada variação é estável ou um processo de mudança. Há um conceito proposto por Hymes (1979) que abarca o social no conceito de Competência. O autor defende que além do conhecimento internalizado da gramática de uma determinada língua que o falante possui, este deve saber também as peculiaridades características da comunidade de fala na qual está inserido, ou seja, " indivíduo demonstra possuir competência se sabe quando falar, quando não falar, e a quem falar, com quem, onde e de que maneira"(Vera Lúcia Teixeira da Silva, in: <http://www.filologia.org.br/soletras/8sup/1.htm>). Isso daria conta da variação observada no desempenho real dos falantes de uma língua e não somente de um falante ideal. Hymes, então, estende o conceito de competência ao acrescentar esse conceito de competência comunicativa ao conceito de competência proposto por Chomsky.

Esta proposta me parece bastante produtiva e complementa o conceito de gramática e competência; talvez a intenção de Mioto no trecho que citei fosse simplesmente incluir a linguística como ciência explicando o conceito de competência e performance, mas essa discussão que propus pode ser válida para nós, já que estudamos linguística e agora estamos trabalhando com a teoria gerativa, e como percebemos, a convivência destas teorias distintas dentro da linguística não é tão amigável quanto parece.

Qual a opinião de vocês sobre isso?

Abraços.

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Lucas,

Muito interessante sua observação. Na minha primeira leitura da Introdução de Mioto, nem observei esta digamos, contradição(?). Realmente a forma que é colocada a questão, talvez até sem intenção(?), mas acaba por priorizar a competência, mais ainda, alega-la como aspecto onde a Linguística pode realmente justificar-se como ciência. Com isso atribui indiretamente uma papel secundário à performance. A Sociolinguística, por sua vez trabalha, de forma quantitativa, estatística com esta mesma performance, sendo fundamental, pois ela acaba grosso modo, por corroborar o conceito tão importante, de que as línguas são vivas e sofrem constantes mudanças.

De uma maneira geral, as ciências apresentam seus conflitos, assim entendo, como mencionado no último parágrafo de seu comentário. Na Física, por exemplo a Astronomia, que tem como objeto os movimentos mais amplos e gerais no Universo, enquanto a Física Quântica trabalha nas chamadas partículas sub-atômicas, para ficar só neste exemplo. É preciso lembrar também que a Física enquanto estatuto de Ciência, tem alguns séculos, enquanto nossa linguística, talvez esteja, sistematicamente científica, perto de completar seu primeiro.

Mas voltando a observação de Miotto, se ele conscientemente propôs uma maior importância à competência em detrimento da performance, prontamente discordaria de tal afirmação. A competência é importante, sem dúvida que sim, no entanto a performance é que dá um caráter de realidade, dinâmica ao conceito de competência. Tenderia eu a ver ambas como lados de uma mesma moeda que se complementam: a performance sem competência seria um caos, uma espécie de Torre de Babel; já competência sem a performance, seria um belo quadro pintado na parede, abstrato e totalmente desvinculado da realidade, de onde deve ser extraída e sistematizada qualquer hipótese, que um dia venha a se tornar teoria.

A discordância entre os diferentes segmentos, podemos dizer assim, de uma ciência faz parte de seu estatuto. Há questões, que não vem aqui ao caso, onde a Astronomia e a Física Quântica entram em desacordo, num processo dialético, na busca de uma síntese futura, fazendo com que esta ciência não fique estacionária. A própria Filosofia, que trabalha com procedimentos racionais, mas se distancia das Ciências na medida que não confere um caráter empírico às suas teorizações, apresenta grandes conflitos. Assim também a Linguística apresenta suas divergências e entendo ser exatamente estas "frentes", que beiram o desacordo, que assegurem sua perspectiva científica.

Abraços.

Luiz Henrique Vieira Lins – Turma 133

Podemos atribuir as seguintes relações:

- XP é o pai do Spec e X', que são irmãos;
- X' é pai de X e do Complemento, que também são irmãos;
- XP domina todos os outros (Spec, X', X e o Complemento);
- o Spec c-comanda todo o X';

Como o Daniel mencionou, primeiro o núcleo se junta com seu complemento formando um constituinte X', que se juntará ao spec e formará a projeção XP.

Mayara, acredito que deveria voltar um pouquinho, no trecho "Isto significa que uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X: as propriedades do núcleo são preservadas em cada projeção. Em nenhuma das projeções podem ser mudadas as propriedades verbais, inerentes ao núcleo [V amar]." Pelo que entendi, as propriedades de [v amar] é ser verbo e em nenhuma das projeções V' ou VP poderá ser outra categoria se não V, ou seja, o V não poderia ser substituído por outra categoria como N, P, D.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

O fato de o especificador ser "filho de xp" indica que ele não precisa de projeção para chegar ao nível da oração. E ser irmão do X' mostra que o especificador é irmão da projeção do núcleo com seu objetos e adjuntos. Demonstrando, dessa forma, que apesar de ser argumento do núcleo (quando este não é um verbo de ligação), possui uma relação diferente que a dos outros argumentos.

Hugo Santos de Godoy – Turma 111

Olá pessoal!

Segundo Miotto diz: "A Teoria X-barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença." (Miotto- Manual de Sintaxe).

Com essa definição, lendo sobre a essa teoria e com algumas anotações feitas na última aula entendi que X (núcleo do constituinte) corresponde a uma categoria mínima às vezes representadas como Xo.

Já X' corresponde ao nível intermediário ou projeção intermediária de X.

Ao passo que XP (núcleo da "phrase") corresponde ao nível sintagmático ou à projeção máxima de X.

O nome X-barra seria no lugar de X', porque entre os norte-americanos convencionou-se a nomenclatura "-barra" no lugar de "linha", sendo que a teoria provem de um americano chamado Noam Chomsky.

Esse nível intermediário de X' seria para resolver certas particularidades da sintaxe que pelo sistema arboreo simples não seria possível, como o caso dos "adjuntos adverbiais" ou "complementos relativos".

Sueli Rafael – Turma 111

Hugo, discordo quando diz “O fato de o especificador ser "filho de xp" indica que ele não precisa de projeção para chegar ao nível da oração.”, não acho que o Spec não precisa de uma projeção para chegar no nível da oração, podemos sim dizer que o Spec não projeta, quem projeta é X', mas devido ao fato de estar em uma representação arbórea é obrigatório que haja uma projeção, os únicos que não necessitam de projeções são os XP, uma vez que eles já representam seu nível máximo.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Pessoal, achei esta apostila sobre sintaxe da UERJ, parece ser bem interessante, fica a dica pra quem quiser mais alguma opção de leitura:

http://www.professores.uff.br/eduardo/alunos_arquivos/sintaxe_apostilabasica.pdf

José Eduardo da Silva – Turma 111

Assim como o Felipe, também não me "desceu" muito claramente isso.

Mariana, você diz aqui que o especificador não está em uma posição intermediária por não ser uma projeção direta do núcleo e dos argumentos, então eu poderia supor que tudo aquilo que for projeção direta do núcleo e dos argumentos assume uma posição intermediária?

a minha pergunta parece meio boba, mas é que eu realmente ainda não consegui entender essas relações, estou precisando de ajuda gente!

Suellen Martins de Oliveira Barbosa – Turma 111

Suellen Martins de Oliveira Barbosa, boa noite!

Vamos ver se consigo ajuda-lá.

Os constituintes da oração organizam-se a partir do núcleo, ou seja, há uma relação tanto do especificados quanto do complemento com ele. Mas, como a relação com esse núcleo se dá hierarquicamente, primeiramente, temos o núcleo se relacionando com o complemento formando X' para depois esse todo (núcleo e complemento) relacionar-se com o especificador. Pelo que entendi, nossa colega Mariana Araujo Braga, está querendo dizer que a “relação do sujeito com o núcleo não é a mesma do núcleo com seus complementos”. Os argumentos organizam-se hierarquicamente para compor a sentença, mas a relação do complemento com o núcleo não é mesma do núcleo com o especificador, já que essa dar-se na posição intermediária.

Daniel de Queiroz Nunes – Turma 111

Estou viajando ou Chomsky desenvolve a questão da linguagem em sintonia ao princípio muito usado em Física de que "a natureza é econômica em todas as suas ações"? E, como a linguagem é algo que está inserido também na natureza (físicamente e geneticamente falando), ela também seguiria esse princípio. É por aí?

Heloisa Schiavo – Turma 111

Olá Heloísa,

Confesso para você que não entendi nada daquele diagrama do Chomsky, mas achei um texto na internet que fala um pouco sobre a questão da economia linguística na teoria do Chomsky e como essa teoria foi alterada para se tornar justamente mais econômica. Não sei se o texto é confiável, acredito ser prudente falarmos a respeito disso com a professora Maria Clara.

O texto fala, entre outras coisas, que em 1993 Chomsky lança o texto inaugural do programa minimalista, que propõe pressupostos diferentes do panorama teórico anterior (Teoria dos Princípios e Parâmetros) e que tornam a GU muito mais simples e mínima. Ao que tudo indica, Chomsky busca uma teoria mais econômica sobre a linguagem.

O texto pode ser encontrado no link: <http://moscasmortas.wordpress.com/2011/04/12/a-eliminacao-de-ds-e-ss-no-programa-minimalista/>

Já a ideia de que a linguagem humana é econômica, ou seja, se utiliza de um número finito de elementos, por exemplo, mas pode produzir um número infinito de sentenças já aparece em Martinet, naquele texto: "A linguística, a linguagem e a língua" (In: Elementos de Linguística Geral). Não sei se Chomsky volta a abordar diretamente esse ponto em sua teoria, mas não me lembro dele ter negado isso. É perfeitamente possível que ele tenha pressuposto isso em sua teoria.

Heloísa, não sei se ajudei em alguma coisa, mas foi o que consegui entender.

sorriso

Mariana Araujo Braga – Turma 111

Olá meninas,

Pelo que entendo da Teoria Minimalista, há um princípio de economia sim, uma vez que temos uma única teoria que pode abranger todas as línguas com poucas operações. Se considerarmos o número de categorias lexicais (nomes, verbos, preposições, adjetivos, advérbios), de categorias funcionais (pronomes, determinantes, quantificadores) ou de uma categoria de "concordância" (não sei como é denominada esta categoria que engloba o Tempo, aspecto, força ilocucional), que são detalhadas em uma árvore estrutural, talvez ela não seja econômica, mas considerando que consegue englobar todas as línguas, há uma grande economia.

Aline de Lima Benevides – Turma 111

Marina,

o texto que você indicou foi muito elucidativo. Obrigada! Eu não sabia que o Chomsky havia caminhado para uma teoria minimalista dentro desta que nós estamos estudando, de princípios e parâmetros (P&P). Quando a professora Maria Clara explicou sobre IP (Inflexional Phrase) e TP (Tense Phrase) neste fórum, tópico "IP" ou "TP" – fórum que não tinha entendido absolutamente nada quando ainda não havia lido o início do capítulo 2 da gramática indicada do Miotto –, ela comenta sobre o modelo minimalista e que "IP" costuma ser usado nas representações mais antigas, TP 'exclusivo' costuma ser usado nas representações mais recentes, minimalistas". Com parte do texto do blog + leitura do começo do cap. 2 do Miotto, essa história toda começou a ficar um pouquinho mais clara.

Segundo os autores do blog, parece que o modelo minimalista da lingüística tenta seguir um princípio econômico, *ma non troppo* (o minimalismo ontológico).

"(...)

"O minimalismo fraco é uma busca pela melhor teoria possível de explicar a faculdade da linguagem (FL), o que foi chamado pelos autores de minimalismo metodológico. Ele pressupõe a afirmação do Princípio de Occam, de que se duas teorias dão conta de uma mesma quantidade de dados empíricos, aquela que tiver a menor quantidade de axiomas é a melhor. Assim a busca por regras mais gerais que atuariam na GU é estimulada ao invés da postulação de diversos axiomas e princípios.

"Já o minimalismo forte, toma o fraco como posição inicial e se pergunta o quanto a FL, por si, é ótima (minimalismo ontológico). Chomsky dá uma contribuição para esse livro de Martin e Uriagereka explicando o porquê da tese forte ser mais importante para os estudos linguísticos:

"O Programa [Minimalista] pressupõe o objetivo comum de qualquer investigação linguística – descobrir a teoria certa – e se pergunta por que a linguagem é dessa forma. Mais especificamente, busca descobrir de que forma as condições mínimas de adequação são suficientes para determinar a natureza da teoria correta (CHOMSKY, 2000, p. 92).

"Em outras palavras, uma teoria que tem poucos axiomas, porém não dá conta de explicar adequadamente o melhor formato para a FL não é adequada. Então o que preocupa o PM {Programa Minimalista} não é a quantidade pequena de axiomas que a teoria tem, mas se a teoria é consistente com um formato de linguagem que satisfaça algumas condições mínimas" (MARTIN & URIAGEREKA, 2000, p. 11)."

Enfim, com esse texto você respondeu minha pergunta inicial: Chomsky, em parte, está "em sintonia" com o princípio de que a natureza é econômica em todas as suas ações, já que esse princípio foi usado no pensamento do próprio William de Ockham, no séc. XIV, que defendia que "a natureza é por si mesma econômica, optando invariavelmente pelo caminho mais simples" (citado em http://pt.wikipedia.org/wiki/Navalha_de_Occam). Assim, quando Chomsky parte para um minimalismo ontológico, a partir do minimalismo metodológico (que usa o princípio de Occam), a questão da natureza econômica está "embutida" no modelo minimalista proposto por ele.

Sobre Martinet: é verdade! Tem a histórica da economia da linguagem com a dupla articulação...

Agora um cutucão em na grade curricular da Letras : por que não há matérias que tratam especificamente de Filosofia da Linguagem e de Lógica? Esses assuntos não são considerados essenciais para o nosso objeto de estudo? Duvido...

Heloisa Schiavo – Turma 111

Eu acho que a questão de economia não é exatamente essa. Não se trata de teorias ou formalizações, mas da própria natureza da linguagem, biarticulada, como já disseram. É interessante ver como as línguas diversas podem partilhar dessa coisa de economia, cada uma a seu modo e seguindo seu sistema de organização particular...

Marian Gabani Gimenez – Turma 111

Oi, Mariana. Muito bacana você ter tocado nessa questão da teoria minimalista e a Maria Clara ter dado uma biografia para a gente poder entender mais essa teoria e, pelo que vi, talvez entender mais o visto no Mioto. Confesso que comecei a ficar meio desesperada com o Mioto, esse negócio de misturar inúmeras siglas em inglês com explicações em português em um conteúdo que, para mim, já é bem complicado estava me deixando meio doida...

Heloisa Schiavo – Turma 111

Eu também tinha sentido falta de comentar DS (Estrutura Superficial). Sabemos que a teoria gerativista se baseia em Princípios e Parâmetros. Uma sentença não pode violar um Princípio. Já uma sentença que não atende a um Parâmetro pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra. Conforme os Parâmetros vão sendo fixados vão se formando as gramáticas. Sabemos que uma sentença é uma sequência de sons (PF) que é interpretada pela semântica (LF) através da representação sintática (SS) e acima de tudo isso temos a estrutura profunda (DS) que é a representação postulada. Fiquei pensando que, se DS é a representação postulada, para dar conta de um fenômeno é nela que sanaremos o problema da ambiguidade. Porque se a ambiguidade se forma quando PF (som) interpreta duas estruturas da mesma maneira será necessário que a criação de um parâmetro que nos oriente gramaticalmente para sairmos desse impasse.

DS deve orientar SS (representação) que enviará para PF para ser pronunciada e também enviada LF para ser interpretada.

DS (representação postulada)

l

SS (represenatação sintática)

PF(como é pronunciada) LF(como interpretada semanticamente)

O DS (Estrutura Profunda - nível de representação postulada) nos mostra que apesar de haver níveis distintos de representação de uma sentença eles continuam sujeitos a determinados princípios.

O João comprou o quê?

O que o João comprou?

Como no exemplo acima que apesar de mover de sua posição original o constituinte o que, não houve alteração sintática ou semântica, no caso continua sendo objeto direto. Movimentamos constituintes, a representação SS é enviada para PF para ser pronunciada e também enviada para LF para ser interpretada semanticamente.

Nessa altura me lembrei de uma frase na qual isso não acontece (envolvendo aposto)

Ninguém - deputados, vereadores, ministros - é confiável.

sujeito aposto

Deputados, vereadores, ministro, ninguém é confiável.

sujeito composto aposto

Só lembrando que aposto refere-se a um nome antecedente e traduz idéia de igualdade.

Achei muito interessante que a mudança de posição levou nesse caso a uma alteração sintática sem modificar a interpretação semântica.

Debora Valery Ruiz – Turma 111

7. Relações entre a teoria gramatical tradicional e gerativa

7.1 O uso da vírgula

Em algum lugar de algum tópico (que não consegui encontrar), havia uma discussão sobre o uso da vírgula, que começava com um questionamento sobre a vírgula para separar adjuntos adverbiais. Então surgiu a questão sobre a vírgula separando sujeito e predicado, que é rejeitada pela gramática tradicional mas que, se existe, deve ser por algum motivo.

Depois da aula de 25 de abril, sobre sintagmas, acho que tenho uma hipótese. Será que essa vírgula que separa sujeito e predicado não tem alguma relação com o próprio conceito intuitivo que os falantes da língua têm de "sintagma". De certa forma, existe a intuição de que os chamados "sujeito" e "predicado" são dois polos de

força, dois "blocos principais" de estruturação da oração. Talvez por isso os falantes tenham esse impulso de separá-los por vírgula. É como se, intuitivamente, o falante da língua usasse aqueles colchetes que nós, na aula de sintaxe, quebramos a cabeça para conseguir usar...

Faz sentido? Alguém tem outra teoria?

Fabia Alvim Leite – Turma 113

A vírgula depois do sujeito é algo que sempre dá uma ânsia de se ver. Dói, é sério.

Mas é, realmente, uma forma bastante comum de se escrever, e não sei bem o motivo. Afinal, não é um recurso tão usado na fala a ponto de ser naturalmente transferido para a escrita.

Interessante a ideia da possibilidade de separação por sintagmas até mesmo por quem sequer uma vez na vida ouviu falar em tal estrutura. A virgulação desenfreada nos textos mal redigidos segue padrão semelhante. As vírgulas não são totalmente aleatoriamente posicionadas, mas separam sintagmas, na maioria das vezes. Então acho que a dúvida tem sentido, sim.

Thiago Surkus Forni - Turma 113

Em mim parou de dar ânsia, sabia?

Quando começo a ver as coisas todas que a gramática normativa chama de aberrações como usos intuitivos da língua, começo até a achar bonito. É claro que há contextos e contextos. Não defendo um trabalho científico entregue com mil vírgulas separando sujeito de predicado, não! Mas o falante despreocupado das regras, aquele sem grandes pretensões, é o que mais descreve a língua para um observador atento. Ele, na verdade, é quem constrói a língua da forma mais real, mais pura. Talvez devêssemos valorizar mais isso, eu acho.

Hoje em dia eu vejo tudo como uma espécie de trampolim para a descrição, antes de ver como desvio. Parece modernoso demais, mas eu juro que não é. Eu, inclusive, adoro a gramática tradicional, estudá-la, saber seus caminhos, suas exceções e seus detalhes. Mas descobrir a gramática do não-estudioso é uma delícia. Eu, ao menos, estou gostando.

Fabia Alvim Leite – Turma 113

A vírgula empregada dessa maneira pra mim, corretora de redação, ainda me dá ânsia.

Eu acredito na possibilidade, sim, do uso da vírgula separando sujeito e predicado pela existência da noção de separação de sintagmas ser algo intrínseco do ser, mas que é rompida com o que aprendemos na gramática normativa. Porém, vejo que isso ocorre, normalmente, com quem tem também bom contato com a língua. Percebo, por exemplo, que os alunos que usam a vírgula para separar sujeito e predicado têm conhecimento sobre a gramática normativa, pois usam, e bem, regras básicas e outras nem tão básicas, mas se prendem e repetem diversas vezes a problemática da vírgula.

Ai penso que será talvez a construção sintática que esse aluno tem que é diferente da dos outros, ou ele se atém à visão da vírgula como pausa na fala?

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

Acho interessante a leitura proposta pela Fabia, de que a vírgula entre o "sujeito" e o "predicado" deve-se a uma separação sintagmática feita inconscientemente pelo falante. Mas, assim como a Ariane observou, eu me pergunto: até que ponto esse "erro" refere-se a essa separação e não a uma concepção errônea ou falha do que representa uma vírgula.

Juliane Pagamice de Sant Anna – Turma 113

Na experiência que tive com alunos pude notar que eles, na educação formal, não distinguem escrita de fala e talvez daí venha o emprego da vírgula em locais rejeitados pela gramática normativa. Meus alunos geralmente interrompem os sintagmas com vírgula, como quem fecha uma pequena gavetinha de pensamento. O texto ficava todo recortado, com cada unidade separada, e acabava sem construir na leitura os significados desejados por quem escreveu.

Mas fico pensando na velha ideia de que a vírgula é um sinal gráfico da pausa de respiração... A gramática então consideraria a fisiologia dos falantes??? (se acharem a pergunta uma bobagem desconsiderem, mas encuquei com isso)

Felipe Pimenta dos Santos – Turma 113

Uma vez, em uma aula de leitura na escola, uma professora sugeriu que ao ler em voz alta, usássemos a pontuação de forma específica. "Na vírgula, pare, conte até dois (em silêncio), e depois continue. No ponto final, conte até quatro e continue."

Acho que ela acreditava que a pontuação respeita a fisiologia!

Não sei se a fisiologia,

eu constumo "ensinar" o uso da vírgula como um recurso sintático mesmo, como separar o aposto, enfim...

Não creio que esse uso fisiológico seja levado muito em consideração, se não pela fonética, mas não creio que pela Sintaxe não.

Usando exemplos da prof.:

O fazendeiro matou o patinho.

O patinho, o fazendo matou.

O que teríamos com essa vírgula?

Eduardo Perioli Junior – Turma 113

Acredito que no caso de "o patinho, o fazendeiro matou" a pausa seja tanto prosódica quanto sintática.

No caso da sintaxe, a pausa parece indicar uma inversão que ocorre na ordem linear formal de encaixamento de sintagmas: sujeito + predicado. A vírgula, como também nos casos do aposto e vocativo, por exemplo, indica a quebra e o deslocamento de uma partícula.

Do ponto de vista da prosódia, e digo como uma falante que literalmente ficou repetindo a oração "O patinho, o fazendeiro matou", a inversão também parece ser representada pela pausa na enunciação. Essa pausa, a mesma por analogia com a sintaxe, ocorre também na fala.

Fico me perguntando, diante disso, se o colega não teria razão ao pensar na fisiologia. Penso, no entanto, que é possível criar períodos extremamente longos sem o uso necessário de vírgula, mas uma necessidade fisiológica urgente de pausas para respirar, por exemplo:

O menino que eu te falei que mora na rua que alagou na última enchente do dia trinta que estava calor porque já começara o verão chegou mais cedo na aula de gramática que era logo após do intervalo que começou atrasado pelo fato da diretora querer dar um recado sobre a falta de interesse dos alunos na preservação das carteiras que encontravam-se quebradas no andar de cima (etc).

Enfim, não acho que a fisiologia esteja envolvida na pontuação, mas sim pausas necessárias não só para indicar organização de ideias (o que claramente faltou no período que escrevi acima), mas também para mostrar inversões e deslocamentos sintáticos, que são sentidos na prosódia igualmente.

Carolina Carbonari – Turma 113

Boa noite, caros colegas. Essa questão da vírgula é realmente imbricada. Vejam vocês o seguinte exemplo:

"Quem nunca sua a camisa, nesse hábito se escraviza." A princípio a vírgula parece fora de lugar, separando o sujeito do predicado, mas como o período é composto por subordinação e a oração subordinada vem antes da principal, não teríamos então a obrigatoriedade dessa vírgula? Ou seja, há uma hierarquia das regras que se faz prevalecer? Me faça entender?

Thiago Ferreira de Andrade – Turma 113

Pensando melhor, se há subordinação da oração, não há a relação sujeito / predicado; a vírgula torna-se, portanto, indispensável. Me desculpem o equívoco.

Aproveito para concordar com a colega quanto à íntima relação do uso da vírgula com a pausa respiratória. Mas me parece haver também uma relação ainda mais discreta: com o tempo exigido pela própria fluência do discurso.

Thiago Ferreira de Andrade – Turma 113

Eu acho que a vírgula é sim usada como pausa para respiração, mas na separação de sujeito e predicado, não é comum a necessidade dessa pausa, por isso acho que a ideia de usar a vírgula para separar sintagmas tem muito sentido e parece ser algo muito natural, parecendo ter mais sentido o motivo desse uso ser uma separação intuitiva de sintagmas.

Estela Gomes Marinotti – Turma 113

Com relação à respiração, acho que acabamos naturalmente criando pausas entre sintagmas diferentes, não?

Mesmo não havendo uma vírgula, se temos uma longa lista de sintagmas, acabamos pausando entre eles para respirar! Será que a pausa não é fisiológica e a vírgula é unicamente sintática?

Mark Damian Ament – Turma 113

É muito pertinente seu comentário Fabia e é complicado esta situação que a gramática tradicional traz de não usar vírgula entre sujeito e verbo, quando intuitivamente como você mesma disse fazemos o uso. Acho muito

"preciosismo" tantas regras para se usar a vírgula. Uma das técnicas para se aprender a dar pausa no texto escrito, é fazer a leitura oral, as pausas aparecem na fala, no entanto, nem sempre são aceitas no texto escrito e então há esta confusão imensa de se colocar vírgula de forma desenfreada, começa a inventar pausa onde não existe, e tudo, por causa destas regras não tão fáceis de serem decoradas. É engraçado, pois tem momentos em que lemos um parágrafo inteiro sem vírgula e intuitivamente vamos dando pausa neste parágrafo e é complicado entender porque não teve nenhuma pausa. É como se a gramática lesse por nós.

Ednaldo Rodrigues Pereira – Turma 113

É verdade Mark, a respiração nos leva a dar estas pausas entre os sintagmas de forma natural. Não acredito muito que a vírgula seja unicamente sintática, embora o uso errado da mesma possa comprometer todo o sentido de uma sentença.

Ednaldo Rodrigues Pereira – Turma 113

Preciso esclarecer algumas coisas.

Não acho que a vírgula entre sujeito e predicado deva ser considerada correta só por se tratar de um conhecimento instintivo sobre sintagmas. Nem acho bonito quando meus alunos fazem isso. E marco o equívoco quando estou fazendo revisão.

O que eu defendo é que essas ocorrências devem ser vistas como o potencial para a descrição, não como equívocos hermeticamente condenados. Ou condenáveis. É necessário, acho, que se entenda isso para ajudar a língua a evoluir. Sem esquecer o contexto. Ele também deve aparecer aqui, como no outro tópico. Estava nas minhas entrelinhas.

Fabia Alvim Leite – Turma 113

Bom, relatando a experiência, não costumo CORRIGIR o aluno no ato da fala de algo que foge à norma padrão. Procuo orientar, mostrar que em certos momentos o entendimento pode vir a ser prejudicado pelo uso de expressões tidas como incorretas, mas, apesar disso, não coloco a pecha de ERRO, mas mostro que existem outras maneiras de se comunicar a mesma informação.

Interessante, no entanto, é notar que alguns alunos, quando se trata dos maiores, já estão impregnados pelo espírito da GT e corrigem ou riem dos alunos que emitem algum enunciado com "problemas" de concordância. Outros, por sua vez, já desenvolveram a idéia de que o importante de um enunciado é estabelecer comunicação (nas minhas palavras pobres e superficiais, me perdoem) e, questionam os colegas que os corrigem.

Eu questiono o ensino da gramática na escola. Não de TODA a gramática, mas de certos pontos dela. Eu gostava muito de aprender gramática, ok, escolhi cursar letras. Mas os alunos, no geral, não vêem sentido em aprendê-la e, pior, muitos alunos e defensores do não-ensino apresentam argumentos suficientemente bons, para derrubá-las.

Leciono para uma turma de oitava série, numa escola particular. O conteúdo deles deveria ser Orações Coordenadas, o que pressupõe que eles estudaram, no ano anterior, os períodos simples e subordinados, respectivamente.

No entanto, lancei-lhes um exercício: dê a função sintática dos substantivos sublinhados [no caso, o substantivo de 5 frases era guarda-chuva]. Vários alunos assinalaram como Verbo Transitivo Direto - ou seja, eles não sabem o que é um verbo. Existe, portanto, uma defasagem, mas existe algo além disso...

Penso que saber o que é verbo pode ser necessário/interessante, porque essa classe de palavras pode ser tomada como eixo da língua. No entanto, o mais grave é pensar nos tais "termos essenciais e acessórios" e ainda em como eles aparecem nos períodos compostos por subordinação.

Uma professora, ao meu relato de estar ensinando Aposto, Adjuntos adverbiais e nominais, Complementos nominais e afins e de como eles não estavam entendendo nem estavam NEM UM POUCO interessados nisso, questionou a necessidade desse ensino, ela falou que não faz sentido no uso da língua, mesmo em sua aplicação escrita; segundo ela:

"O cara não vai olhar para a frase e pensar: 'nossa, aqui tá faltando um aposto' ou 'nossa, acho que um adjunto adverbial tornaria muito melhor essa situação'"

E ela está errada? Eu penso que não, e talvez, a idéia de "corrigir" somente no momento da escrita, possa ser mais interessante, porque ali pode-se encontrar grandes problemas na transmissão da mensagem.

Por fim, eu sempre tento, nas aulas, mostrar como o que eu estou ensinando é apenas uma teoria do que eles fazem [ou quase que] perfeitamente. Pensando que é muito mais fácil ensinar gramática, pois lida com a língua, algo que se usa a todo momento; do que se ensinar matemática em certos pontos, pois, como diz uma amiga

minha "você não vê um polinômio virando a esquina"... pra piorar, você também não vê um aposto virando a esquina...

O que sei, realmente, é que a forma atual de lidar com a gramática na escola não parece estar atingindo seus objetivos. E só pra botar lenha na fogueira, grandes métodos de ensino como o Anglo, criam fórmulas, sim, fórmulas - como física - para o ensino da matéria, propondo testes a serem feitos para saber se deve-se usar uma forma ou outra em determinada situação. Culpa deles? Penso que não; culpa talvez da rigidez da GT.

Abraços.

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

Outra questão são os possíveis usos da vírgula enquanto recurso literário; como, por exemplo, quando deliberadamente omitida para acentuar sensações de movimento, excitação, falta de fôlego...

Thiago Ferreira de Andrade – Turma 113

Pra mim, a questão da vírgula, inicialmente, é a pausa e a gramática intrínseca que cada um usa para a construção da fala, depois, quando se aprende as regras da gramática normativa sobre ela, há uma modificação do uso. Porém, como há dois pontos intrínsecos do ser, com a adição da gramática normativa começa a existir no falante uma dualidade entre o que é correto e o que é dele. Ainda mais que há usos da vírgula de não tão grande conhecimento como a separação do sujeito do verbo, como o caso do uso das vírgulas que não ocorrem em orações adjetivas restritivas, que deixa dúvidas no falante e este parte para o uso do que é de domínio dele, a pausa na fala e a tua gramática.

Ariane Alexandrina Nogueira – Turma 113

primeiramente, queria dizer que concordo completamente com a Fabia na discussão da gramática tradicional e se a vírgula entre sujeito e predicado "dói" ou não...

mas tentando voltar um pouco...

achei muito interessante a questão da divisão dos sintagmas pelos falantes e se isto teria alguma relação com o uso incorreto da vírgula.

na verdade eu acho que o uso da vírgula se baseia na fala...

e sim, muita gente faz uma pausa entre sujeito e predicado.

mas não seria essa pausa uma intuição do falante de separar os sintagmas? que, depois, acaba se manifestando na escrita?

e como o mark falou: fazemos pausas para respirar quando estamos falando.

ok, isso é fisiológico.

Mas escolher quando vamos pausar...pra mim isso é uma relação sintática intuitiva que fazemos.

Já o uso da vírgula como recurso literário é outra história...

claro que ele é usado por uma razão...mas a gente só reconhece essa razão porque tem conhecimento da gramática tradicional e sabe que lá está faltando uma vírgula. MAs, por exemplo, o texto que a Carol colocou (sem nenhuma vírgula), a gente consegue fazer as pausas sem elas estarem marcadas.

Alguém que soubesse ler e que NUNCA tivesse ouvido falar sobre vírgulas (supondo que esse alguém pudesse existir), não iria ver nada de errado no texto da Carol...

Oriana Harumi de Lima Tanaka – Turma 113

A gramática aborda assuntos muito amplos e, ao meu ver, muitos deles precisam ser realmente tratados em sala de aula, de forma didática e dinâmica, onde é apresentado e discutido regras, enquanto outros, parecem serem melhores ensinados, como também prendem mais a atenção do aluno quando trabalhados na prática da escrita e da leitura. A gramática se torna maçante quando o aluno só vê regras e não sabe a real função do que é ensinado, ou então quando não percebe que a matéria que a primeira vista não faz muito sentido pode refletir na comunicação escrita ou oral.

Mariana Molinari de Oliveira – Turma 133

Algo me ocorreu ao ler a proposição da Oriana. Repensei a questão da vírgula entre sujeito e predicado, e lembrei do recurso/vício de linguagem do anacoluto, que, se não me falha a memória, consiste no isolamento de um termo na oração, sem nenhuma função sintática, e que é retomado posteriormente por um pronome que acaba exercendo sua função.

Ex: O menino, ele chegou mais cedo.

Percebo que esse recurso tem aumentado muito na fala corriqueira, inclusive na minha própria. Às vezes me flagro falando assim, e penso se isso não é a origem da vírgula entre sujeito e predicado.

Carolina Carbonari - Turma 113

7.2. O ensino de Gramática na escola

Como o último tópico caiu de rendimento com a abertura desse fórum e a professora já havia alertado da importância do tema, eu acredito que aqui poderemos melhor discutir com já havíamos iniciado no anterior em paralelo com os demais temas que vemos atualmente.

Enfim, será mesmo necessário realmente o ensino da gramática da escola? O que podemos fazer (concretamente) com a gramática que produza bons frutos numa sala de aula?

Eu, como muitos no tópico anterior, concordei com a ideia e iniciativa do Lucas em utilizar de uma metalinguística intuitiva da criança para poder reconhecer como funciona a língua. Particularmente, eu mesmo utilizo desse método para lembrar desses conceitos 'tão bem claros' das nossas gramáticas.

E como já havia dito no tópico anterior - que no fim, eu estou retornando lá para dá continuidade aqui -, que há uma necessidade sim do ensino da gramática. Não pela concepção etimológica, do grego *grammatiké*, mas sim de conhecer a língua, o seu dinamismo, suas características.

Se a língua é um elemento fundamental de uma cultura, o estudo do seu funcionamento e suas características é um conhecimento da própria cultura, do modo que vivemos e dialogamos. Com uma licença poética para usar como referência, acho que Fernando Pessoa percebe isso quando ele fala "Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma". Quem não conhece a própria língua, pode se dizer que conhece a si mesmo?

Claro, o ideal era que pudessemos ter uma estrutura para ensinar com os subsídios mínimos para a boa compreensão da gramática, o que às vezes não é algo que encontramos nas gramáticas normativas. Sim, seria necessário que houvesse uma reformulação das gramáticas, o que, talvez, seja improvável. Mas então, diante do ideal e do real, por onde podemos caminhar com a nossa querida gramática na escola?

Mosiah Jose da Silva Matos – Turma 133

Olá Mosiah e pessoal, vamos continuar nossa discussão sobre o ensino de gramática no ensino regular, acho isso extremamente válido para nós estudantes de letras que almejam a docência. Vamos em frente!

Primeiro, queria deixar claro dois pontos que acredito foram interpretados equivocadamente nos meus comentários no último tópico sobre este assunto. Em nenhum momento eu quis dizer que a metalinguagem não deve ser usada em sala de aula, seria um absurdo se eu afirmasse isso. Eu proponho apenas que os termos metalinguísticos sejam introduzidos aos poucos, o que facilita a compreensão do aluno. Outra coisa é: não estou declarando guerra à gramática normativa, ele deve existir, sociolinguisticamente ela é importante, o ensino de língua materna, ao meu ver, é o ensino do padrão, a língua materna em si o falante aprende sem necessidade da escola. O que deve ser feito, e este é o meu ponto de vista, é uma reformulação desta gramática normativa, uma reformulação do ensino da norma-padrão; o que encontramos nas gramáticas normativas atuais é um ideal abstrato muito longe da realidade, como diz Miotto é algo "quase estético", mas uma estética irreal.

Mosiah, você levantou um questão interessante quando citou o termo *grammatiké*; Lendo um livro de Marcos Bagno, *Dramática da Língua Portuguesa*, ele faz uma distinção interessante entre a Gramática Tradicional e a Gramática Normativa. A GT teria raízes na reflexão filosófica sobre a linguagem feita pelos gregos, por exemplo, e que o herdeiro desta filosofia é a linguística e não a tradição gramatical normativa, que consiste na apropriação inadequada desta GT enquanto reflexão filosófica sobre a linguagem. Quando usamos o termo Gramática Tradicional, devemos ter em mente que estamos nos referindo a este uso inapropriado da reflexão filosófica primeira sobre a linguagem, não podemos culpar a GT pelo mal uso que é feito dela, assim como não podemos, por exemplo, culpar as ideias de Marx pelas atrocidades cometidas pelos que se denominavam socialistas ou comunistas. Vale lembrar também que há certas vezes a apropriação inadequada da linguística para defender determinados pontos ou mesmo acusar a própria linguística como, por exemplo, o "lugar do tudo pode" ou como disciplina não seria, como fazem os gramáticos presentes na mídia.

Uma proposta pra discussão: distinguir os conceitos de gramática utilizados pela linguística e pela tradição gramatical na sala de aula é importante? como fazer isso sem tornar complexa e teórica demais a discussão afastando o interesse da maioria dos alunos?

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Pessoal,

Realmente é muito importante essa discussão do ensino da gramática no ensino regular. Há realmente fatores diria até "políticos" em não se propor uma revisão desta metodologia, que digo por minha própria experiência, mais assusta os alunos, que ensina. Quando digo político, digo que a gramática como continua sendo ensinada, acaba que facilitando a exclusão social de muitos, calando a boca destes. Ela deve ser ensinada, sim, mas seu método revolucionado, ao menos no

sentido de estimular a criança, o estudante. Entendo que com estímulo de leituras, inclusão de métodos descritivos, sem o rigor "das normas do certo e errado", pode estimular a criança no universo do funcionamento de nossa língua materna. O dedo apontado na cara, corrigindo nossa performance faz parte de uma tradição que exclui o aluno, não só da sala de aula, como do interesse do aprendizado.

Importante a referência feita pelo Lucas de que esta que hoje chamamos de GT apropriou-se, atendendo os interesses de uma minoria dita culta, da gramática baseada em reflexões filosóficas da linguagem, que nos remetem aos gregos. A GT de nossos dias jogou toda as reflexões acima numa espécie de camisa de força, um conjunto de regras e prescrições e definiu-se a si própria como o portal da sabedoria da comunicação entre os seres, alegando saberem o que é certo e o que é errado. É esta que deve ser eliminada do ensino básico. Que a chamada normal culta deve ser ensinada, sim, deve. No entanto sem esta arrogância, que lhe é tão peculiar.

Luiz Henrique Vieira Lins – Turma 133

A consciência de que o ensino de gramática deve sofrer mudanças, todos nós, estudantes de letras já temos. Além de termos conhecimento da lingüística como ciência para tanto, temos nossa própria experiência na escola da sofrível tarefa de decorar e “cantar” os verbos e memorizar aqueles morfemas horrorosos da 2ª pessoa do plural que a gente nunca usa na língua falada e está cada vez mais escassa na linguagem escrita.

O problema é: como fazer isso? Uma reformulação das GTs é bem difícil de acontecer, como já comentado antes no fórum. Já ouvi várias vezes pessoas (professores e não professores) dizendo que ninguém fala português corretamente. Tentar explicar que existe uma diferença entre a língua falada e a norma culta, principalmente para os menos letrados, não é tarefa fácil. Digo isso por experiência própria.

Acredito que o ensino da gramática é essencial, mas de maneira a fazer o aluno entender que vamos apenas dar “nomes aos bois” fazendo uso da metalinguagem, já que ele tem a competência lingüística. Fazê-lo entender que o que estamos mostrando é o funcionamento da língua, e que há uma norma padrão a ser seguida na hora de escrever – para que outros leitores, que não fazem parte do mesmo grupo lingüístico que o escritor – consiga entender o que foi escrito, mas que não é obrigatória ao falar. Isso não é uma solução, mas creio que seja um dos caminhos, já utilizado por professores, para o ensino da gramática sem traumas.

Eu me sinto incomodada com o fato de pessoas ficarem corrigindo ou criticando outras no seu modo de falar. Para explicar melhor: no uso do pronome ela depois do verbo ver na 1ª pessoa do singular do perfeito do indicativo é comum ouvirmos alguém falar logo em seguida “viela é um beco sem saída” ou “viela é uma rua estreita”. Em geral as pessoas que fazem esse tipo de observação foram alvo dessas críticas e levam isso adiante sem um conhecimento mais aprofundado.

Se formos usar o verbo ver seguindo a norma padrão é perfeitamente aceitável a seguinte sentença: Eu o vi ontem. Alguém que desconhece a norma padrão não poderia então perguntar: “você ovuiu o que, ontem?”

Luzitânia da Silva Santos Barbosa – Turma 133

Eu acredito que o ensino da gramática nas escolas é realmente muito importante, pois quanto mais a gente a estuda e a analisa mais eficiente se torna a comunicação e não apenas o outro nos entende com maior facilidade como nós podemos nos expressar com maior abrangência.

Concordo com o que o Lucas falou de ser a favor do ensino da gramática normativa na escola, porém, para mim algumas regras gramaticais não fazem sentido, pois não têm relação com o português falado no Brasil, mas sim com o português de Portugal. Para mim, neste sentido deveria haver alguma reformulação na gramática normativa.

Sobre a distinção de conceitos gramaticais utilizados pela lingüística e na tradição serem discutidos em sala, eu acredito que seja válido este método e importante que seja feito de forma dinâmica, ajudando os alunos a pensarem por si próprios o porquê disso e a relação do nome com as características do que é nomeado para não transformar o aprendizado em uma simples “decoreba”.

Mariana Molinari de Oliveira – Turma 133

Devemos partir do ponto que a função da escola é ensinar a língua padrão e que os falantes naturalmente refletem sobre a língua, sendo assim, conhecendo a importância da gramática em uniformizar e estruturar a língua, não devemos propor sua extinção nas escolas, mas repensar como se dá esse ensino.

Sabemos que a gramática é ensinada de forma ineficaz, o que traz a insatisfação dos alunos, como foi mencionado pela Luzitânia, isso porque não se contextualiza o uso que o falante realmente faz dela, além de se superestimar a importância no seu estudo escolar. Erramos ao ensinarmos uma língua que os alunos conhecem fazendo de conta que eles não a conhecem, por ensinar por exercícios repetitivos sendo que se aprende por práticas contextualizadas. Devemos criar espaço para a gramática dentro das aulas de literatura e interpretação de textos, ou seja, trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades.

E há, também, um motivo que faz com que as escolas persistam no ensino da gramática na escola: o vestibular. E concordando ou não com esse processo de seleção, dar acesso à norma é permitir que se domine, ou subverta, a ideologia de outro grupo, ou seja, ser ‘poliglota’ do próprio idioma é aumentar o acesso às oportunidades do mundo e não uma privação aos valores culturais de um grupo.

Lais Maria Nobile – Turma 133

Lais, concordo com quase tudo o que você disse, principalmente sobre contextualizar o estudo da gramática, isso é fundamental. O que discordo é sobre ser "poliglota" do próprio idioma. Eu parto do pressuposto de que falar uma língua não é vestir uma roupa, não é como trabalhar de sapato e vestir chinelo em casa, ou seja, estabelecer que um sujeito letrado deve dominar o dialeto A, B e C para usar nas situações D, E e F é, ao meu ver, uma afirmação falsa. A fronteira entre estes dialetos não é nítida, a alternância se dá mais como uma gradação. Ninguém aciona um determinado dialeto em determinadas situações e outro em outras. A partir do momento que um sujeito passa a dominar uma norma-padrão, a variação em sua fala se dá mais entre uma maior ou menor monitoração e não entre uma alternância de dialetos dominados. Digo isso porque determinadas marcas dialetais são estigmatizadas socialmente. Este sujeito que dominou uma norma-padrão e que antes, em seu dialeto anterior, por exemplo, usava o termo "menos" como adjetivo, fazendo concordância de gênero como em "menas pessoas", muito provavelmente não vai mais utilizar desta regra, independente se ele está conversando com o dono da empresa ou com o amigo no bar que ainda utiliza desta regra em seu dialeto. As trocas linguísticas são relações de poder, independente da situação de comunicação. A pressão da Norma é tão grande sobre nós que a monitoração sempre vai existir. Vejo que somente com regras que marcam a identidade do falante com seu grupo social pode ocorrer essa alternância clara entre dialetos, mas mesmo assim as situações de comunicação são bem delimitadas, fugindo um pouco deste continuum de monitoramento padrão não-padrão.

Acho que o grande desafio do professor é deixar claro para o aluno a importância do domínio da norma-padrão. Fazer isso sem estigmatizar os dialetos dos alunos é quase uma utopia, mas faz parte do desafio. O ensino da gramática normativa é o instrumento para isso, cabe a nós fazermos um uso adequado dela.

Um livro interessante sobre o assunto é o da professora Magda Soares, chama-se Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social, foi lançado pela editora Ática naquela série Fundamentos. Vale a pena ler.

Seria maravilhoso se o ensino do padrão desmistificasse o preconceito linguístico presente na sociedade, mas a realidade é mais dura do que isso. Somos um enxame atacando um gigante, mas estamos caminhando, isso que importa.

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Lucas, eu concordo quando você diz que a língua não é algo que simplesmente se veste, ou seja, não é uma roupa, isso fica claro ao tomarmos como uma questão de identidade – se é identidade não pode ser tão mutável.

No entanto, uma mudança não significa uma perda. Ao pensarmos em poliglota como “aquele que fala quatro ao mais idioma”, não há se desaprende uma língua ao ter contato, ou fluência, com outra.

Ao aprender a nova língua não esquecemos a materna, mesmo que passássemos dez anos morando na Inglaterra falando, apenas, inglês ainda sim não perderíamos o vínculo com o português (para aqueles que já moraram fora, ou que já tiveram alguma experiência em ter que se expressar em outra língua, sabe-se como em ocasiões informais é diferente de se expressar na língua materna). Agora, se voltássemos a morar no Brasil poderíamos produzir enunciados diferentes às gírias atuais, mas ainda sim nos expressaríamos e seríamos entendidos e bastaria pouco tempo para que nossa 'fluência' voltasse e nos integrássemos às novas expressões e mesmo assim não esqueceríamos o inglês.

O mesmo é válido para o português e seus dialetos. Eu posso ser do interior e produzir um [ɹ] (r retroflexo) e não o tepe (variante paulistana) [r] e ser estigmatizada por isso. Em virtude do contato com essa variante, em um momento de transição, ocasionalmente, possam coexistir as duas variantes no meu dialeto, mas ao voltar para casa, no contato familiar, provavelmente eu voltaria a utilizar apenas o retroflexo.

A língua é dinâmica e a adequação a determinado dialeto não é superficial, ela decorre das trocas sociais. Assim como Labov em Padrões sociolinguísticos apresenta uma pesquisa e análise de como uma motivação social é responsável por uma mudança sonora (nesta, ele analisa a variante de vogais médias em uma ilha que é muito frequentada por turistas e como, por razão ideológicas, isso despertou nos falantes mais novos uma intensificação na produção desses fonemas na presença de turistas), a influência da escola pode motivar no aluno mudanças linguísticas.

Este aluno pode tanto apreender a norma e adequá-la ao ambiente escolar ou tomar aquilo como verdade é condenar o “menas pessoas” que você citou. Mas isso também é ideologia. Em Por que (não) ensinar gramática na escola, de Sírio Possenti, é citado como alguns ‘erros’, considerando a norma, tem menos prestígio e que por isso esses alunos deixariam de cometer. Ele, então, deixaria o “menas pessoas”, mas continuaria com “terminô tudo, vamu pra casa?”.

Lais Maria Nobile – Turma 133

Olá Lais, eu não quis dizer que o sujeito se apropria da norma-padrão em detrimento da sua norma anterior que seria abandonada. As normas coexistem no indivíduo, isso é fato; o falante passa a monitorar a sua fala em determinadas situações e não a utilizar uma norma ou outra. O que não acredito é na alternância consciente destes dialetos, isso pressupõe fronteiras bem delimitadas, o que não acontece na realidade. Não há perda neste processo, mas alguns usos deixam de fazer parte da gramática do falante, principalmente quando a variante é estigmatizada socialmente. No caso do retroflexo que você citou, ele serve para marcar identidade para determinados falantes, é distinto do "menas" neste sentido. Um falante do interior que em SP se monitora para não realizar o retroflexo, em casa com seus familiares utilizará o retroflexo, sem dúvida, é sua identidade que está em jogo e se sobressai à estigmatização que pode existir em SP; com usos como "menas" não há aparentemente marcação de identidade, portanto, ele deixaria de fazer parte da gramática deste falante, justamente pelo estigma que acompanha o seu uso. Este estudo de Labov sobre marthas vineyard é um grande

exemplo de como a identidade do sujeito influi em uma mudança linguística, os pescadores da ilha marcam na realização dos ditongos uma identidade e uma posição política e social.

No exemplos que você tirou do livro do prof. Sirio, acredito que o uso de "terminô tudo" e "vamu pra casa" não é estigmatizado como o "menas gente", isso pode explicar a permanência deles na gramática de um falante que se utiliza de um dialeto padrão, o que acredito ser muito comum, eu mesmo utilizo estas formas até mesmo em situações monitoradas.

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Pegando o gancho desta discussão e puxando um pouco pra sintaxe. Como vocês, professores de língua portuguesa, agiriam frente a realização na oralidade pelo aluno de um estrutura não-padrão em sala de aula? Casos de falta de concordância ou marcação de gênero como em "menas"; uma transitividade direta para um verbo ditado com indireto pela norma-padrão; uso de pronome reto como objeto direto.

Vocês corrigiriam imediatamente ou esperariam que um maior contato com o texto escrito mudaria esta situação? Variações de pronuncia seriam corrigidas?

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Gostaria de entrar no debate, que está muito interessante e fazer alguns questionamentos:

O ensino da Gramática tem por objetivo o ensino da Norma Padrão? Me parece este aprendizado um lado da moeda. E o outro? O "domínio" da Norma Padrão, assim entendo, se completaria por outros meios, como criação de atividades que visassem o incentivo e posterior hábito de leitura. Não vejo outro caminho. Admito poder estar enganado. A criança deve aprender a Gramática, pois ela deve conhecer os processos estruturais da língua. O que a criança não deveria é aprender a Gramática de sua língua nativa, com exemplos de séculos distantes, totalmente em desuso, ou ainda ser constantemente acusada de não sabe falar, que sempre falou errado. A questão ideológica citada no debate, aqui ganha peso, pois não há melhor forma de "matar" um ser que calá-lo. As ideologias atendem interesses maiores.

Não vejo muito claramente a questão da monitoração do falante de uma norma não padrão, quando se está num processo de aprendizado da Norma Padrão. O ser humano pode até se policiar em algumas circunstâncias, mas sua naturalidade tende a vir à tona na maior parte do tempo. Esta ideia me parece meio mecânica, um tanto determinista. Acredito ser o monitoramento a forma mais resistente de mudarmos nossa fala. Neste quesito, não seria válido dizer que quanto mais nos monitoramos, mais resistimos inconscientemente a qualquer mudança? Saímos assim do natural e caímos no policiamento ostensivo. Entendo, que uma criança que adquiriu o hábito da leitura, vai caminhar rumo à Norma Padrão de forma mais rápida que outra que não tenha este hábito. O estudo da Gramática teria efeito relativizado neste caso. Este grande leitor, se nascido numa comunidade com dialeto estigmatizado, tenderá a alterar naturalmente o "menas", por "menos", de forma natural e progressiva. Deixo claro, não uso aqui o termo progressiva, de forma valorada.

É interessante ainda separar o que é estigmatizado na pronuncia, caso do "r" retroflexo no falante do interior paulista, do que é estigmatizado nas construções ou concordâncias, como no exemplo "menas". A segunda me parece ter um peso maior que a primeira.

Achei interessante a colocação do Lucas sobre o grande desafio do professor, para a importância do domínio da Norma Padrão. Como se daria este domínio da Norma Padrão? Isto me fez pensar que ocorreria uma tendência à certa padronização, ao menos nas construções estruturais, dos alunos frente a fala ou escritas destes?

Encerro com perguntas dentro do debate sobre o aprendizado da Gramática: este aprendizado age mais sobre a fala ou a escrita? Ou ambos os casos? Seu ensino, tem força para uniformizar e estruturar a língua?

Em vista do que exponho acima, responderia a última pergunta, que se fosse professor, não corrigiria imediatamente e esperaria maior contato com o texto escrito. Ou em caso de correção necessária, que ela ao menos acontecesse de forma sutil e até bem humorada, visando não inibir a criança.

Luiz Henrique Vieira Lins – Turma 133

Essa questão do ensino da gramática é uma coisa que me acompanha desde que entrei na universidade, visto que, chegando aqui, encontrei abordagens totalmente diferentes daqueles que eu julgava conhecer. Digo, "julgava conhecer" pois muitos ensinamentos escolares simplesmente se desfizeram quando eu entrei na faculdade, um exemplo disso é a questão do sujeito, que para mim sempre foi muito bem dividido (no colégio/cursinho), mas que depois de um tempo (como estudante de Letras) percebi que tal divisão não era tão perfeita como era mostrada na escola, não só com o exemplo do sujeito, mas também com tantos outros.

Enfim, cheguei a conclusão de que o ensino de gramática que eu tive no colégio foi cheio de lacunas. E é nessas lacunas que nós, como futuros professores, precisamos repensar um pouco a maneira de como abordar a gramática na escola. Achei interessante a colocação do Lucas, quando diz que acredita em "uma reformulação desta gramática normativa, uma reformulação do ensino da norma-padrão", pois eu também acho que esse poderia ser um possível caminho, visto que, como também já foi dito, a língua é dinâmica e por isso tende a mudar e a proporcionar exceções das mais variadas. E são exatamente nessas exceções que se encontram os problemas, pois o que é passado aos alunos são as regras 'bonitinhas' e feitas somente para o fim de possíveis 'decobertas', ou seja, para que os alunos façam uma boa prova.

Raramente os professores mostram as exceções e variações que a língua pode ter, ou melhor, a gramática. Acredito que para se ter um ensino de gramática de qualidade em uma escola, essa tal 'reformulação' é necessária. 'Reformulação'

pautada em textos, em discussões... Afinal de contas, não adianta simplesmente corrigir um aluno, que falou ou escreveu algo errado, somente dizendo que tal coisa está errada porque não é aceita de acordo com a norma culta. Não! Deve-se corrigir sim esse aluno, mas explicando o porquê está errado. Mostrando as tais regras vigentes, mas não esquecendo das flexibilidades daquelas regras. Desprendendo-se um pouco do geral.

Não há como fugir do ensino da norma padrão na escola e nem se deve, o aluno tem que aprender todas essas regras, mas acho que estas deveriam ser ensinadas de forma mais ampla, mostrando os "mas", "poréns" e "e's" possíveis da gramática. Acho também que esses alunos deveriam ter contato com outros dialetos, registros, enfim... Não como parâmetro, mas sim para que o estudante saiba da existência de tantas outras 'línguas' faladas dentro da sua própria língua. E, principalmente, que não tenha aquela noção de superioridade. Que não ache o seu dialeto/registro melhor que outros. Enfim, que pelo mesmo conheça a dinâmica que a sua língua tem.

Aline Moreno de Oliveira – Turma 133

Henrique, concordo que a naturalidade tende a prevalecer, mas a monitoração existe no uso da língua, e não há determinismo nisso. Quanto me refiro a uma fala monitorada não quero dizer que há um policiamento ostensivo do falante sobre sua fala, muito menos que isso é totalmente consciente. Um bom exemplo foi um estudo sociolinguístico sobre a realização do R por paulistanos, do qual participei como aluno do curso de sociolinguística da nossa faculdade; uma das variáveis utilizadas foi o "estilo", em que as variantes eram "narrativo" e "descritivo". Classificou-se como "narrativo" os momentos em que o falante contava algo que aconteceu com ele ou com amigos; por "descritivo" os momentos em que ele comentava sobre um fato distante, em terceira pessoa e tal. Quando o estilo era "narrativo" a fala era mais espontânea do que no estilo "descritivo". O mesmo informante apresentava mais realizações de retroflexo na variante narrativa do que na descritiva. Isso pode ser explicado por uma maior proximidade do assunto e, por consequência, um menor monitoramento, ou seja, a realização é mais espontânea. Quando usamos o termo monitoração na discussão nos referimos a isto. Se isso pode dificultar uma mudança na língua? ao meu ver pode, pelo contrário, facilitar, como no caso dos pescadores de martha's vineyard, como demonstrado no estudo feito por Labov.

Lucas Lutero Lopes Marques – Turma 133

Eu acho necessário o ensino da norma culta na escola, porque é o que vai ser utilizado no nível acadêmico e o que as crianças acabam tendo menos contato pela falta de hábito de leitura ou outros fatores socioculturais.

Mas também acho que essa norma culta deve ser ensinado em paralelo com outras possibilidades de utilização da língua, sem uma rigidez ou arrogância desnecessária, ou até mesmo preconceito - como se falar um português com mais erros gramaticais indicaria uma pessoa de classe baixa ou menos instruída.

Falar os meninos veio ou eu vi ela é perfeitamente compreensível, então ao invés de marcar estas construções como erradas, por que não ensinar na escola porque podemos entender o que está sendo dito, apesar de não estar de acordo com a gramática normativa, comparando as estruturas os meninos veio e os meninos vieram ou eu vi ela e eu a vi, e propor uma discussão sobre em quais situações uma forma é mais aceitável do que a outra?

Ariane Regina Froes – Turma 133

Também entendo importante o ensino da norma culta na escola, afinal é ela que será utilizada em ambientes mais formais, para os quais o aluno precisa estar preparado. Embora não seja predominante, a norma culta tem seu lugar. Seria difícil imaginar uma sociedade em que ninguém utilizasse a norma culta.

Na escola aprendemos a ler, escrever, contar, e adquirimos um certo nível de letramento. Assim, a escola vai sempre fazer com que o aluno conheça outras coisas, o conhecimento que é ensinado não fica no âmbito só do que o aluno conhece. A escola só não pode discriminar aquele aluno que não é ainda letrado, ou discriminar as diversas maneiras de colocar a língua em uso.

Não sei se seria necessário o ensino das outras possibilidades de utilização da língua, pois o aluno já está familiarizado com essas outras possibilidades em sua vida extra escolar (ao menos com algumas delas), mas acredito que a discussão proposta pela colega Ariane de ser debatida a razão de entendermos um enunciado mesmo que em desconformidade com a norma padrão é muito interessante e seria muito útil ensinar os alunos a distinguirem as situações adequadas para utilizar cada língua.

Camila Danielle de Jesus Benincasa – Turma 133

Terei que concordar novamente com a Ariane e com a colega que fez o último post.

Inclusive, ontem mesmo discuti com meus alunos a importância do domínio da norma culta, e qual o papel do ensino das normas para a formação da sociedade.

Chegamos à conclusão de que a linguagem seria uma segmentação de níveis, partindo da informalidade¹ até a formalidade. Consideramos, portanto, que a escola deve trabalhar focando em um resultado no qual os alunos consigam dominar tais níveis, adequando-os ao cotidiano.

É importante abandonar a dicotomia certo/errado, substituindo-a para formal/informal.

Abs

¹Mesmo a língua informal possui certos padrões, que, a grosso modo, podem ser considerados regras.

Cesar Ceneme – Turma 133

8. Proximidade entre núcleo verbal e argumento interno: o caso das expressões idiomáticas

Maria Clara desfoiu hoje, 11/05/11, a sala a encontrar uma expressão que tivesse apenas o argumento externo e o núcleo como constituintes. Disse que quem achar ganharia o Nobel da Lingüística, o OLB (outstanding Linguistic Breakthrough). A Débora lançou-se à conquista com a expressão "A inveja mata". Genial, né não? Pois eu queria tentar analisá-la (a expressão, não a Débora, pelamordiDeus!).
Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Vamos lá então:

Eu posso substituir os dois constituintes da expressão "A inveja mata":

- o argumento externo, [A inveja]
- e o núcleo do sintagma verbal [mata]

Ficaria algo assim:

A invejamata

O cigarro destrói

A poluição aleja

Essa vida é fogo

Ter câncer acaba com a gente

O que parece que ocorre aqui é que o verbo matar sozinho já me dá o sentido de "pôr fim à vida de alguém", tanto que não é só a inveja quem mata.

E um correlato de "A inveja mata" com sentido muito semelhante é "A inveja destrói".

Que 'cês acham?

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Mas eu não entendi porque "a inveja mata" não se classificaria como ditado popular assim como "a vaca foi pro brejo". Alguém pode me explicar? =/

Raquel Lima Catalani – Turma 133

Eu fui além na não-compreensão: qual é a diferença [prática e teórica] entre o ditado popular e a expressão idiomática?

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

Essa expressão "A inveja mata" ao meu ver é utilizada no mesmo plano em que se usa: "O fazendeiro matou a aula" e "O fazendeiro tomou vergonha na cara". Tudo bem que a professora disse que a composicionalidade só ocorre entre argumentos interno, mas pelo fato desses verbos, em particular, serem dinâmicos, expressam processos e que acarretam causa permitem assim que haja essa relação "especial" com o argumento externo?

Alexandre quando você afirma que: "o verbo matar sozinho já me dá o sentido de 'pôr fim à vida de alguém'", você refere somente a esse contexto? Pois assim não poderei dizer: "O fazendeiro matou a aula".

Ariane Regina Froes – Turma 133

Umberto, respondendo à sua pergunta, a meu ver, ditado popular são frases imbutidas no conhecimento coletivo regional e que foram passados de pai pra filho, através da linguagem oral e que representam "verdades universais" do nosso dia-a-dia. Como por exemplo: "Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido" ou "Quem não tem cão caça com gato".

Já as expressões idiomáticas não tem por objetivo expressar essa sabedoria, mas sim, intensificar algo que queremos expressar, como por exemplo "vá plantar batata!", ou suavizar, como por exemplo: "ele bateu as botas".

Bom, acho que é isso.

Mariana Santos Bozza – Turma 133

Umberto, respondendo à sua pergunta, a meu ver, ditado popular são frases imbutidas no conhecimento coletivo regional e que foram passados de pai pra filho, através da linguagem oral e que representam "verdades universais" do nosso dia-a-dia. Como por exemplo: "Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido" ou "Quem não tem cão caça com gato".

Já as expressões idiomáticas não tem por objetivo expressar essa sabedoria, mas sim, intensificar algo que queremos expressar, como por exemplo "vá plantar batata!", ou suavizar, como por exemplo: "ele bateu as botas".

Bom, acho que é isso.

Mariana Santos Bozza – Turma 133

Sim, Ariane, quando eu disse acima que o verbo matar sozinho já me dá o sentido de 'pôr fim à vida de alguém' é no sentido do verbo matar nesta expressão em particular. O que ocorre aqui, assim me parece, é que, ainda que este seja o sentido mais geral do verbo matar, na expressão "A INVEJA MATA" o verbo matar aqui só pede um argumento, o argumento externo. É o mesmo que dizermos "Algo põe fim à vida", podendo este algo ser a inveja / o cigarro / a poluição / a bebida.

Neste sentido de pôe fim à vida, não se faz necessário especificar à vida de quem; assim, matar aqui não necessita argumento interno.

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Exmo. colega Umberto,

Creio que um ditado popular é, no mais das vezes, uma sentença completa, com sujeito, predicado e complemento, como dizemos na GT (Gramática Tradicional), ou, no nosso caso aqui, uma (ou mais) sentença(s) completa(s), com mais de um sintagma, com seus núcleos, complementos e especificadores.

É o caso de "os cães ladram e a caravana passa", que nos coloca a questão de que, por mais que haja alarme, tumulto, as coisas ocorrem como era esperado que ocorressem. Temos aqui duas orações coordenadas por conjunção aditiva.

Uma expressão idiomática é um sintagma completo, mas geralmente não é uma sentença inteira. Exemplos:

pé de meia = economias feitas por alguém

pé no saco = chato, desagradável

mão na roda = útil, de grande auxílio

mão de vaca = pão-duro = sovina

nó cego = transtorno, revés, situação problemática; ou pessoa inútil, incapaz

plantar batata (apenas esta parte da sentença é o idiomatismo, e não o todo) = fazer outra coisa e deixar de amolar, incomodar alguém

bater as botas = morrer (interessante que em inglês, uma possibilidade para este idiom é to kick the bucket, lit. chutar o balde, cujo sentido em português é o mesmo de rodar a baiana, i.e., armar uma confusão).

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Na aula de hoje, Maria Clara disse que não havia expressões idiomáticas englobando o que conhecemos como argumento externo agora, e antes chamávamos de sujeito.

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

"nem que a vaca tussa" se encaixa neste contexto de expressões idiomáticas que a professora explicou?

Juliana Santos Oliveira – Turma 133

Voltando:

Na aula de hoje, Maria Clara disse que não havia expressões idiomáticas englobando o que conhecemos como argumento externo agora, e antes chamávamos de sujeito. E eu me lembrei da expressão acima, "A vaca foi pro brejo".

Mas no caminho de casa eu pensei que a expressão só tem sentido completo se envolvemos os três constituintes dela, a saber:

[A vaca] => argumento externo (especificador)

[ir] => núcleo do sintagma verbal (VP)

[para o brejo] => argumento interno (compl)

Prova disso é que posso substituir a expressão toda por outra (e me perdoem as almas mais sensíveis, mas é pelo bem da Linguística):

"Fudeu!"

Outro teste que me pareceu válido foi que a única alteração que eu consigo fazer nessa expressão é no tempo e aspecto verbais, dizendo, por exemplo:

A vaca vai pro brejo

foi

está indo

vai ir

Eu não consigo mudar nem:

[A vaca] para o patinho, o porco, o Zé, meu vizinho

nem:

[pro brejo] para pra lama, pro esgoto, à merda,

sem perder completamente o sentido da expressão original.

Concordam?

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Concordo, Juliana. Também acho que "nem que a vaca tussa" entra no mesmo raciocínio, pois não posso dizer "nem que o ornitonco/cavalo/calango/Mané espirre/cante/peide/mie sem perder o sentido da expressão original.

Quié cocês acha?

Alexandre,

O que a Maria Clara disse é que não há expressões idiomáticas, em qualquer língua, sem o argumento interno, isto é, apenas argumentos externo + sintagma verbal. Você pode ter uma expressão idiomática formada pelo argumento interno, sintagma verbal e arg. externo, como em "a vaca foi pro brejo".

Mas, quando se altera "ir" por "comer" comprova-se a tese de que é o verbo que atribui papel temático ao argumento que ocupa o lugar do complemento fica percebida e, então, confirma-se a unidade formada entre o sintagma verbal e o arg. externo.

A vaca ir pro brejo
estar no brejo
comer capim

Lais Maria Nobile – Turma 133

Dúvida: pra constituir uma expressão idiomática o verbo teria de estar no infinitivo? Dessa forma, não se diz "A vaca ir pro brejo"; diz-se "A vaca FOI pro brejo". Lembro da professora dizer que não cabia dizer "A morena rodar a baiana". Ai, não sei....

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133

Não, a expressão estará geralmente no tempo e aspecto que seu sentido (sua semântica) pede.

Então a vaca foi (passado perfectivo: acabou, danou-se!) pro brejo. Mas há a possibilidade de criar novo aspecto/tempo/modo para o núcleo verbal: irá, tá indo, vai acabar indo).

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Já falamos no tópico "A inveja mata" sobre a candidatura ao prêmio "Línguinha de Ouro".

Bom, outra colega (desculpe-me, não sei seu nome, metafórica colega) propôs a expressão "Benza Deus".

Queria falar dela também.

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Eu me lembrei da expressão "Valha-me Deus!", que pra mim é bem parecida.

Bom, nós temos uma variante de "Valha-me Deus!", que inclusive é o primeiro verso da música "Flor de Lis" do Djavan: Valei-me, Deus!

Isso é um vocativo.

"Benzadeus!" também é, na minha opinião.

Ela talvez derive de "Que Deus me bendiga/abençoe!", que vai se reduzindo com o tempo para outro vocativo, "Abençoe-me, Deus" e daí pra "Benção, Deus" (como a gente vê em algumas famílias em que o(a)s filho(a)s pedem a benção dos pais: "(Peço) (Sua) Benção, meu pai/minha mãe!) e depois "Benza, Deus", por acomodação fonética, e por fim "Benzadeus".

Eu não sei fazer a estrutura (a "árvore") de um vocativo, mas creio que este raciocínio tenha algum cabimento. Pode ser?

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

Um vocativo expressa para mim um papel imperativo discursivo, ao que se associa um nome.

Pode ser?

Alexandre Funcia de Azeredo Silva – Turma 133

9. Os Papéis Temáticos

Ontem, na aula, a professora fez uma espécie (expressão péssima) de classificação de verbos que estão mais próximos de indicar processos ou mais próximos de indicar estados. Os verbos que indicam processo, vimos, tender a causar uma mudança no paciente desse verbo.

Aí uma dúvida me veio: no caso do verbo MATAR, temos o agente e o paciente, ok, ele indica um processo; mas quando pegamos um verbo como MORRER, temos um agente, que na realidade não é agente - está mais próximo de ser paciente - e ele é quem sofre uma mudança... dessa forma, os verbos classificamos de - por assim dizer - intransitivos (não sei se todos) caberiam na idéia de que um verbo que indica processo desencadeia uma mudança no agente, ou melhor, precisa de um agente? Acontece com NASCER, por exemplo.

E aí?

Umberto de Souza Cunha Neto – Turma 133
